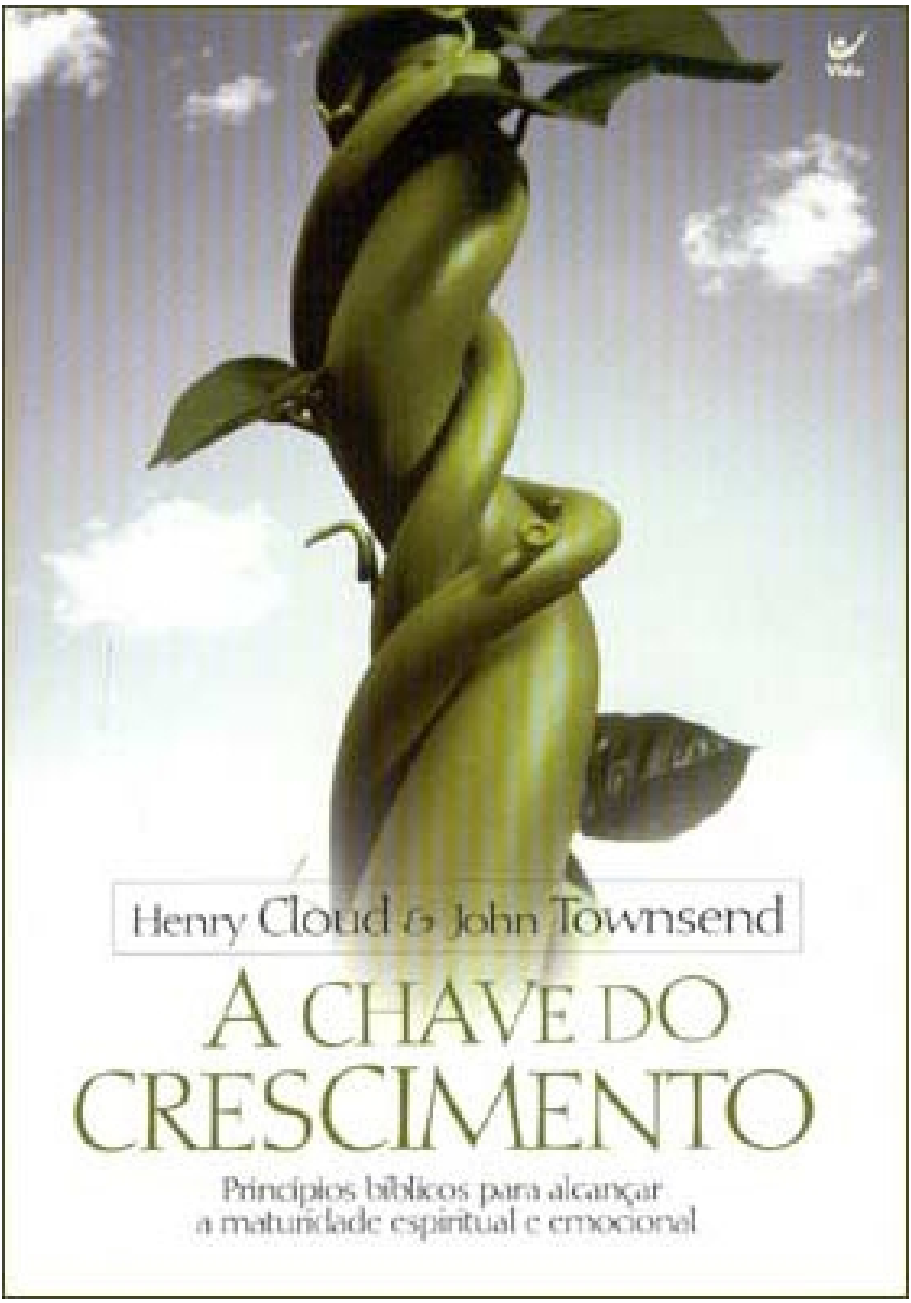

Henry Cloud & John Townsend
A CHAVE DO CRESCIMENTO
Princípios bíblicos para alcançar a maturidade espiritual e emocional

Henry Cloud & Dr. John Townsend

A chave do crescimento

princípios bíblicos para alcançar a maturidade espiritual e emocional

Editora Vida
Tradução Denise Avalone
2ª impressão

Digitalizado por karmitta

LANÇAMENTO
SEMEADORES DA PALAVRA
www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Sumário

Prefácio 4

Primeira Parte: Paraíso perdido 7

1. É mais difícil do que eu pensava 7
2. O grande plano 20
3. Como o grande plano afeta o pequeno 39

Segunda Parte: O agricultor supremo! O Deus do crescimento 65

4. O Deus da graça 65
5. Jesus: nosso exemplo de vida 86
6. O Espírito Santo 106

Terceira Parte: Encontrando o melhor clima 134

7. O "plano A" de Deus: as pessoas 134
8. Área de cultivo: o poder da aceitação 173
9. O calor do perdão 191

Quarta Parte: O caminho do crescimento 220

10. O guia do agricultor: a Bíblia 220
11. Sem esforço, nada se ganha: o papel do sofrimento e do pesar 242
12. Cultivando bons frutos: como se tornar uma pessoa justa 280
13. A importância da poda! Disciplina 299
14. Águas de um poço mais profundo: pobreza espiritual 318
15. Seguindo o agricultor: obediência 337
16. Extraindo as ervas daninhas: o problema do pecado e da tentação 357
17. Encarando a realidade: como a verdade contribui para o crescimento 387
18. Preparando-se para a luta: a importância da atividade 407
19. Esperando a época de colheita: tempo 425

PREFÁCIO

Se você escolheu este livro, provavelmente tem algum interesse no processo de crescimento. Pode ser apenas curiosidade ou um profundo envolvimento no ato de ajudar seus semelhantes a crescer. Seja o que for, bem-vindo!

Gostaríamos de explicar rapidamente os motivos que nos levaram a escrever esta obra.

Primeiro, mostraremos que todo crescimento é espiritual. A maioria dos cristãos sabe que precisa crescer. Alguns conseguem porque têm sede e desejam conhecer melhor a Deus e seus caminhos. Outros ficam interessados diante de um problema ou crise que os leva a buscar os caminhos do Pai. Para nós, conhecer melhor a Deus, crescer emocionalmente e ter relacionamentos melhores, é tudo uma questão de crescimento espiritual. Deus traçou um caminho de crescimento espiritual para nos levar a ele. Quando conhecemos e experimentamos esse caminho, entramos na vida dele. Isso muda toda a nossa existência, inclusive emoções, comportamento, relacionamentos, carreira e tudo o que faz parte da nossa vida. Queremos que as pessoas, por si só, descubram esse caminho.

Em segundo lugar, queremos mostrar que os princípios do crescimento estão na Bíblia e em seus ensinamentos. Muitas pessoas não entendem qual a importância das Escrituras para o seu crescimento. Às vezes, procuram aprender sobre religião e teologia com a Bíblia e sobre crescimento e orientação com a psicologia. Acreditamos que a Bíblia e suas grandes doutrinas ensinam as verdades e os princípios necessários para que as pessoas cresçam. Para muitas pessoas, o problema não é que as verdades não estejam nas páginas da Bíblia, mas sim, que não compreendem o que ela realmente ensina a respeito do crescimento. Este livro toma a Bíblia como fonte de conhecimento para o crescimento e a cura.

Em terceiro lugar, queremos traçar uma abordagem global sobre o crescimento. Com freqüência, as pessoas ligam-se a igrejas voltadas para o crescimento ou começam a ler livros sobre o assunto. No entanto, há poucas fontes que fornecem uma abordagem ampla sobre o processo de crescimento. Como base, desenvolvemos essa abordagem depois de muitos anos de estudo bíblico e teológico, com pessoas em diversos contextos, como por exemplo em:

- ambiente terapêutico;
- igrejas;
- denominações;
- organizações relacionadas à igreja;
- empresas;
- hospitais psiquiátricos;
- situações de liderança.

Nosso aconselhamento, consultoria, literatura e palestra, se baseiam nesse sistema de crescimento bíblico. Cada livro nosso, por exemplo, trata de um aspecto da vida ou do crescimento que se baseia nessa abordagem. E um tijolo na construção, por assim dizer. Depois de alguns anos de doutrina sobre esses assuntos, as pessoas começaram a nos pedir para escrever sobre o sistema de crescimento como um todo. Queriam conhecer a arquitetura completa da casa. Entendemos seu interesse e este livro é a prova disso.

Por último, queremos ajudar aqueles que ajudam seus semelhantes a crescer. Além de querermos que as pessoas aprendam sobre o crescimento espiritual, também queremos fornecer-lhes uma ferramenta para ajudar no crescimento de outros. Isso inclui:

- líderes de pequenos grupos;
- professores de estudo bíblico;
- discipuladores e líderes;

- líderes de crescimento e reabilitação da igreja;
- conselheiros;
- pastores.

Em resumo, qualquer pessoa determinada a ajudar seu semelhante a seguir o caminho de Deus. Por isso, no fim de cada capítulo, há dicas criadas para esses condutores do crescimento.

Gostaríamos de agradecer a algumas pessoas pela ajuda que prestaram para a realização deste livro: nossa editora, Sandy Vander Zicht, nossa agente, Scaly Yates, nosso editor da Zondervan, Scott Bolinder, e todos aqueles que nos ajudaram a pensar nessas questões em todos esses anos.

Seja qual for a sua área de interesse, oramos para que Deus o abençoe nessa busca por ele: “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, agora e para sempre! Amém” (2Pe 3.18).

Dr. Henry Cloud

Dr. John Townsend

Primeira parte

PARAÍSO PERDIDO

1. É MAIS DIFÍCIL DO QUE EU PENSAVA

Percebi que tudo o que eu estava aprendendo sobre ajudar as pessoas a crescer estava bem ali, na Bíblia, o tempo todo

Era o meu primeiro dia de trabalho em um hospital psiquiátrico cristão. Eu (Henry) me sentia como uma criança no dia de Natal. Fiz faculdade e seminário e li tudo o que podia sobre aconselhamento cristão durante quatro anos e, agora, estava pronto para colocar meu conhecimento em prática. Cheguei no hospital, em Dallas, naquela manhã, preparado para ensinar os pacientes a descobrir a vida que lhes aguardava, por meio da verdade que eu tinha aprendido.

Fui à central das enfermeiras e esperei a enfermeira-chefe terminar de preencher uma ficha antes de me apresentar. A unidade estava agitada com as atividades do início do dia. Vi os pacientes conversarem com os médicos e visitarem uns aos outros. As enfermeiras estavam checando os sinais vitais dos pacientes, enquanto as pessoas terminavam suas lições de casa, tomavam medicamentos e faziam sessões de terapia, todas as atividades típicas de uma unidade psiquiátrica ativa.

Olhei para o corredor e vi uma mulher vestida com um roupão de banho cor-de-rosa sair do quarto. Ela ergueu os braços e gritou: “Sou Maria, mãe de Deus]”.

Pense nisso. Lá estava eu, um terapeuta cristão inexperiente, que achava que tudo o que tinha de fazer era dizer às pessoas que Deus as amava e que, se entendessem melhor o que ele dizia, ficariam bem. Era isso o que eu achava. Mas quando vi aquela mulher, o que me veio à mente foi: "Isso vai ser mais difícil do que eu pensava". Essas palavras ecoariam em mim muitas vezes durante aquele ano.

QUATRO MODELOS DE CRESCIMENTO

Na época em que comecei meu estágio, havia basicamente quatro maneiras de pensar sobre o crescimento espiritual no círculo cristão: o modelo do pecado, o modelo da verdade, o modelo experimental e o modelo sobrenatural.

O modelo do pecado dizia que todos os problemas de uma pessoa são causados por seus pecados. Se o seu casamento não estivesse bem ou se você tivesse problemas emocionais como depressão, o papel do auxiliador era encontrar seu pecado e confrontá-lo, exortando-o a confessar, a se arrepender e a não pecar mais. Era como os sermões de três mensagens que vi em igrejas fortemente baseadas na Bíblia:

1. Deus é bom.
2. Você é mau.
3. Pare com isso.

O modelo da verdade pregava que a verdade o libertaria. Se você não fosse "livre", se alguma área de sua vida não estivesse bem, talvez fosse porque você carecia de "verdade". Por isso, o papel do auxiliador era exortá-lo a aprender mais versículos, memorizar melhor a Bíblia e aprender mais doutrinas (especialmente a sua "posição em Cristo"}. Então, toda essa verdade guardada em sua mente passaria para o seu coração e, finalmente, para o seu comportamento e emoções. As passagens que enfatizam o conhecimento da verdade, a renovação da mente e a maneira de "pensar com o

coração" tornaram-se a nova teologia de "pensar na verdade para ser emocionalmente saudável".

O modelo experimental pregava que você tinha de descobrir o problema da sua vida, o abuso ou a mágoa, e, de alguma forma, extirpá-lo". Os proponentes de versões mais espirituais desse modelo levavam a angústia a Jesus ou Jesus à angústia. Numa espécie de arqueologia emocional, eles desenterravam as mágoas do passado e buscavam a cura pela oração ou pela imaginação, ou simplesmente se livravam da dor. Eles ressaltavam a capacidade de Jesus de transcender o tempo; ele podia estar "junto" com você em sua dor ou abuso e mudá-lo.

O modelo sobrenatural tinha muitas variações. Os renovados buscavam a cura instantânea e a libertação; outros dependiam do Espírito Santo para fazer a mudança acontecer, o deixando viver por meio deles. As pessoas com vida permutada (aquelas que defendem que devemos apenas sair do caminho para que Cristo possa reproduzir sua vida em nós), assim como outros versados estudiosos da vida espiritual, acreditavam que Deus as conduziria e as mudaria.

Embora os quatro modelos fossem válidos, e eu praticasse os quatro até certo ponto, não foi difícil descobrir qual fazia mais sentido. Afinal, eu estava totalmente envolvido na teologia e no estudo da Bíblia, aprendendo a doutrina e conhecendo tudo o que podia sobre Deus e a fé. Sempre fui um grande defensor da autoridade da Bíblia. Por isso, encontrei mais legitimidade no modelo da verdade. Senti-me muito seguro ao aprender sobre o plano de Deus para a vida, sua soberania e meu lugar nele, sobre as doutrinas do perdão, da justificação e da salvação do crente. Acreditava no poder da Bíblia e sabia que a verdade de Deus podia mudar a minha vida. E sabia que se conseguisse ensinar aos outros as mesmas coisas e encorajá-los a conhecer a verdade conforme eu tinha aprendido, eles teriam o mesmo tipo de crescimento que tive.

Entretanto, no hospital conheci pessoas que tinham caminhado com Deus durante anos e muitas que conheciam melhor do que eu a verdade divina. Essas pessoas, tanto leigas como pastores, tinham sido muito diligentes na oração, no estudo da Bíblia e em outras disciplinas espirituais. Porém, estavam sofrendo e, por algum motivo, foram incapazes de atravessar o vale.

A mulher do roupão cor-de-rosa era uma missionária que tinha sido afastada do cargo por perder o contato com a realidade. Ela não sabia mais quem realmente era e onde estava. Embora o discernimento que essa mulher, em especial, me proporcionou tenha ocorrido em uma situação extrema, tive o mesmo discernimento, muitas outras vezes, com centenas de pacientes mais normais. Para lidar com problemas conjugais, familiares, emocionais e profissionais, essas pessoas usaram o que haviam aprendido e ficaram decepcionadas com essas respostas espirituais. E eu comecei a me sentir da mesma forma. Novamente, me dei conta da situação: isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

A FALHA NO MODELO DA VERDADE

Eu ensinava as pessoas sobre o amor de Deus, mas a depressão não ia embora. Eu ensinava sobre a vida crucificada, mas os vícios não desapareciam. Elas se apoiavam na "segurança em Cristo", mas os ataques de pânico não cessavam. Fiquei desanimado com o poder das "intervenções espirituais" e com a profissão que tinha escolhido. Não estava encontrando nada em que valesse a pena dedicar os próximos quarenta anos de minha vida.

Não me entenda mal. Não é que as pessoas não estavam melhorando e conseguindo algum alívio com esses métodos, porque estavam. Não raro, elas melhoravam, e a oração, o estudo da Bíblia e o arrependimento eram elementos poderosos na cura de muitas condições clínicas. Mas alguma coisa estava faltando. A sensação de que "havia algo mais"

me atormentava. Havia quatro coisas que sempre me incomodavam:

1. Os métodos espirituais não resolviam alguns problemas.
2. Os problemas da vida, muitas vezes, "melhoravam" mas não eram "curados"; as intervenções espirituais ajudavam as pessoas apenas a lidar melhor com eles.
3. Cristãos sinceros, corretos, diligentes e maduros perdiam a paciência em algumas áreas do crescimento de vida.
4. O crescimento espiritual fundamentado em uma boa teologia deveria ajudar a resolver esses problemas muito mais do que estava ajudando.

Por isso, fiquei desiludido. Até pensei em mudar de profissão. Não sabia o que me esperava quando escolhi ser terapeuta cristão, a saber, transformar a vida das pessoas. Mas Deus estava me dizendo para continuar, e foi o que fiz. Continuei o estágio.

Permanecer na ativa e trabalhar em um ambiente cristão deu-me a oportunidade de estudar como as pessoas crescem. O que eu tinha visto *dentro* do hospital se repetia no mundo *fora* dele. Cristãos sinceros e diligentes em relação ao crescimento espiritual invariavelmente encontravam uma área da vida na qual seus esforços espirituais não valiam nada, fosse na oração, no estudo da Bíblia, no serviço cristão ou apenas em "ser bom". E, em geral, eram pessoas muito ativas; pastores e pessoas envolvidas no ministério ou nos negócios que tinham seguido os métodos cristãos de crescimento da melhor maneira possível, mas sem sucesso.

Eu sabia que havia algo mais.

Continuei a dedicar-me ao aconselhamento cristão e, nos quatro ou cinco anos seguintes, aconteceram coisas que viraram o meu mundo de cabeça para baixo. *Vi as pessoas conseguirem superar seus pontos fracos.* Vi as coisas que esperava ver no campo que tinha escolhido. Vi uma mudança real. Em vez de ver as pessoas deprimidas lidarem melhor com a depressão, as vi se livrarem da depressão. Em vez de ver as pessoas com distúrbios alimentares lidarem melhor com a alimentação, as vi superarem o problema. Em vez de ver as pessoas com problemas de relacionamento lidarem melhor com suas dificuldades, as vi desenvolverem a capacidade de ter intimidade e fazer os relacionamentos darem certo. Vi progressos que realmente mudaram a vida das pessoas; encontrei o "algo mais" que estava procurando. As pessoas estavam superando suas antigas limitações.

Parece a fórmula da felicidade, não é? Afinal, seria ótimo descobrir que a sua vocação realmente dá certo. E, de certa forma, dava. Eu estava feliz por aprender coisas que ajudavam as pessoas a crescer. Mas havia um grande problema: o que ajudava as pessoas a crescer não era a maneira "cristã" de crescer que tinham me ensinado. O que ajudava as pessoas a crescer eram caminhos que eu nunca tinha aprendido em todo o meu estágio de crescimento cristão ou em minha própria vida espiritual. Eram profundas transformações da alma que eu nunca tinha visto. Assim, fui forçado a encarar um dilema.

Percebi que havia a vida espiritual, na qual aprendíamos sobre Deus e crescíamos em nosso relacionamento com ele, e havia a vida emocional e relacional, na qual aprendíamos a resolver os problemas da vida real.

Mas o que eu não conseguia entender era que havia respostas que não eram espirituais. Minha teologia havia me ensinado que Deus responde todos os problemas da vida. Nós sofremos porque vivemos em um mundo caído. Deus redimiu o mundo e, como diz a Bíblia, ele nos deu tudo de que

necessitamos para a vida (2Pe 1.3]. Como era possível existir o crescimento espiritual e também outro tipo de crescimento? Pensava que tudo na vida era espiritual e que Deus estava em todas as áreas da nossa existência. Não era de esperar que o crescimento espiritual influenciasse essas áreas funcionais da vida da mesma forma que as espirituais?

Fiz a única coisa que sabia fazer. Recorri à Bíblia. Tinha de encontrar a resposta para esse problema. Não conseguiria viver dividido. Não dava para ser um terapeuta de pessoas com problema e, ao mesmo tempo, um cristão, com uma vida espiritual que tinha valor, mas não resolvia os problemas que eram a razão de meus pacientes me procurarem. Portanto, estudei a Bíblia de novo para encontrar uma resposta para a grande dúvida da minha vida: como o crescimento espiritual tratava e resolvia os problemas da vida?

A única maneira de descrever o que aconteceu naquela época é dizer que eu renasci de novo. Aconteceu o seguinte: percebi que tudo o que eu tinha aprendido sobre ajudar as pessoas a crescer estava bem ali, na Bíblia, o tempo todo. Tudo sobre os processos que tinham mudado a vida das pessoas estavam nas páginas das Escrituras. A Bíblia falava de todas as coisas que ajudavam as pessoas a crescer nas áreas interpessoais e emocionais, além das espirituais. Era a glória para mim. Não apenas a Bíblia era verdade, mas também a verdade estava na Bíblia!

Pela primeira vez em anos, as coisas eram do jeito que deveriam ser. Deus tinha dito que tinha as respostas para os nossos problemas, e era verdade. Minha missão agora era transmitir o que eu estava aprendendo, por isso, comecei a dar *workshops* em empresas cristãs.

Mais ou menos na mesma época, John Townsend e eu começamos a conversar por causa de algumas dessas questões. Nos conhecemos no curso de pós-graduação, quando me ofereci como voluntário para ajudar os novos alunos a se instalarem. Por mais estranho que pareça, tornamo-nos amigos porque gostávamos de *rock-and-roll.*

Naquela época, gostar de *rock* era realmente anticristão, por isso ambos ficamos felizes por encontrar um amigo que não via o outro como pagão. Descobri que John estava tão entusiasmado quanto eu por causa do mesmo motivo (e, como eu, estava descobrindo que isso era mais difícil do que ele pensava). Ele estava numa busca semelhante à minha. Queríamos juntar todas as questões que levam as pessoas a fazer terapia no leque do crescimento espiritual, que era o seu lugar. Não tínhamos nada contra a terapia. As pessoas precisam de espaço para poder resolver seus problemas de maneira significativa com um profissional experiente. Mas havia dois pontos que fazíamos questão de ressaltar.

Em primeiro lugar, quando as pessoas procuravam a nossa ajuda, queríamos que soubessem que os problemas que estavam tratando não eram uma questão de *crescimento* ou de *aconselhamento,* mas de *crescimento espiritual.* O crescimento espiritual, em nosso entender, era a resposta para tudo.

Em segundo lugar, sem dúvida, a coisa mais importante a se ressaltar e que também é a essência deste livro: queríamos que a idéia de tratar de questões interpessoais e emocionais fosse novamente incluída no processo de crescimento espiritual. O crescimento espiritual deveria influenciar os problemas de relacionamento, os problemas emocionais e todos os outros problemas da vida. Não existe separação entre "vida espiritual" e "vida real". É tudo uma coisa só.

Começamos a desenvolver um material que mostrasse como a Bíblia e a vida espiritual têm relação com o crescimento das pessoas.

Escrevemos livros sobre como aplicar o processo de crescimento espiritual em problemas específicos.

Quando John e eu conversamos sobre as nossas descobertas, vimos um padrão no mundo cristão que queríamos resolver. Em mais de trinta anos, a igreja tinha tornado-se cada vez mais interessada no crescimento

pessoal, na solução de problemas emocionais e interpessoais e na integração deles na vida da igreja. Em muitos lugares, no entanto, essas questões eram trabalhadas separadamente, em disciplinas espirituais, como a oração, o estudo da Bíblia e o arrependimento *ou* em *workshops* que se concentravam nos aspectos práticos da solução desses problemas. Tanto o lado espiritual como o prático eram tratados, mas não estavam inseridos numa compreensão bíblica. Decidimos tratar desses assuntos de três maneiras.

Em primeiro lugar, John e eu queríamos que as pessoas que ajudavam os outros a crescer soubessem *como* o lado espiritual e o prático estavam interligados. Queríamos que os pastores soubessem, por exemplo, como um ministério de grupos pequenos que tratava dos problemas emocionais das pessoas era uma aplicação importante da doutrina da igreja, e não apenas uma boa idéia do humanismo secular. E queríamos que aqueles que davam *workshops* sobre a recuperação depois do divórcio conhecessem, por exemplo, a teologia que havia por trás dessas práticas, e não apenas para que pudessem defendê-la, mas também para que soubessem que o que estavam fazendo era verdadeiramente bíblico.

Em segundo lugar, queríamos que aqueles que estavam trabalhando com as pessoas conhecessem as coisas que mudam profundamente a vida delas. Queríamos que conhecessem os processos envolvidos e fossem capazes de se aprimorar em todos eles, e não apenas em alguns. Muitos fazem um ótimo trabalho quando lidam com coisas pelas quais já passaram, mas, como nós, anseiam por saber o que mais a Bíblia ensina sobre aquilo que faz as pessoas crescer.

Finalmente, não queríamos apenas que as pessoas que estavam aprendendo a crescer soubessem como crescer, mas que o seu crescimento fosse bíblico. Queríamos que compreendessem que "se você melhora, é porque está crescendo espiritualmente; está fazendo o que a Bíblia diz para fazer". As pessoas não precisam apenas crescer, mas

também entender como esse crescimento está inserido no grande plano, no propósito de Deus para elas e no plano da redenção. E bom saber que o crescimento é obra dele.

TODO CRESCIMENTO É ESPIRITUAL

Portanto, neste livro, gostaríamos de relacionar da melhor forma possível as grandes doutrinas da Bíblia com o modo como as pessoas crescem interpessoal, emocional e espiritualmente. Todo aquele que é responsável pelo crescimento de outros — pastores, líderes leigos, líderes de pequenos grupos, professores, conselheiros — está realizando um trabalho que, além de espiritual, também é bastante prático. A maioria gostaria de fazer isso de uma forma bíblica e acreditamos que muitos estão fazendo. Mas eles adorariam conhecer a relação entre as grandes doutrinas da fé e a realidade do crescimento. Por isso, duas questões que este livro responderá são:

1. O que ajuda as pessoas a crescer?
2. Como esses processos estão inseridos em nossa compreensão ortodoxa do crescimento espiritual e da teologia?

Achávamos que, se pudéssemos responder a essas duas perguntas, estaríamos fazendo uma coisa boa. Então, mais uma coisa importante nos ocorreu. Se aqueles que desejam crescer, assim como os que ajudam as pessoas as crescer, lessem este livro, seria bom que soubessem quais são as suas responsabilidades. Assim, também responderemos uma outra questão:

Quais são as responsabilidades daquele que ajuda os outros a crescer (pastor, conselheiro, líder de grupo etc) e daquele que está crescendo?

Esperamos que este livro seja prático, que o ajude a compreender como você pode ajudar as pessoas a crescer. E,

além de prático, queremos que o ajude a entender *como o processo de crescimento, em essência, é teológico.*

DE VOLTA AO SEMINÁRIO

Pensando na melhor maneira de escrever um livro sobre o processo de crescimento das pessoas sob a perspectiva bíblica, lembramos que os princípios básicos de teologia e doutrina sistemática foram de grande ajuda para nós. Em teologia, como muitos leitores se lembrarão, a Bíblia e dividia em categorias que ensinam as grandes doutrinas da fé. Aprende-se sobre Deus, Cristo, o Espírito Santo, o pecado, a salvação e a igreja, entre outros tópicos.

Essa também nos pareceu a melhor forma de abordar o crescimento pessoal. Falaremos das principais categorias da doutrina cristã, mas as trataremos de uma forma um pouco diferente. Não pretendemos fazer um estudo exaustivo de todas as doutrinas e, sim, falar sobre *como cada doutrina se aplica ao crescimento pessoal.* Nem sempre as chamaremos de doutrinas, por exemplo, mas pode ter certeza de que as principais doutrinas da fé são a base deste livro, assim como de tudo o que fazemos. Vejamos alguns exemplos de grandes doutrinas, disciplinas e temas que empregaremos no crescimento:

- a Bíblia;
- a teologia de Deus;
- a pessoa de Cristo;
- o Espírito Santo;
- o papel da verdade;
- o papel da graça;
- o papel do pecado e da tentação;
- a ordem criada;

- o papel do Corpo de Cristo (a igreja);
- pobreza de espírito e consternação;
- culpa e perdão;
- confissão;
- disciplina e correção;
- obediência e arrependimento;
- sofrimento e pesar;
- o papel do tempo.

No fim do livro, esperamos que você e aqueles a quem ajuda fiquem encorajados não apenas porque o crescimento pode ocorrer de uma forma profunda e significativa, mas também porque essa forma é o caminho do crescimento espiritual que a Bíblia propõe para nós. Para nós, essa é uma jornada estimulante, que nos alegra todos os dias. Então, junte-se a nós enquanto lhe mostramos o que a Bíblia revela sobre o crescimento pessoal.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Analise suas idéias preconcebidas sobre crescimento e seu próprio modelo de crescimento pessoal. Examine o que você aprendeu e veja se isso inclui tudo o que a Bíblia diz ou o que você deseja da vida.
- Analise sua visão sobre a relação entre o crescimento espiritual e a vida real. Há alguma diferença entre a vida de Deus e a sua vida "real"? Existem áreas da vida em que você acha que o "crescimento espiritual" não influenciará? Assuma um compromisso com Deus de se abrir para tudo o mais que ele puder lhe dar.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Crie um ambiente seguro para que as pessoas possam examinar seus conceitos prévios em relação à forma como as realidades da vida estão relacionadas ao crescimento espiritual. Descubra de onde elas vêm e o que aprenderam, inclusive suas decepções. Prepare-se para a divisão que mencionamos neste capítulo e crie uma expectativa para a descoberta de que o crescimento espiritual pode influenciar profundamente tudo na vida.
- Descubra especificamente quais *são* os problemas e as realidades da vida que as pessoas gostariam que o crescimento espiritual influenciasse. Concentre-se neles e relacione-os com as descobertas dos próximos capítulos.
- Faça um inventário detalhado, quando apropriado, do ponto em que elas se encontram nos modelos de crescimento e também da familiaridade que elas têm com a lista de doutrinas e tópicos. Isso o ajudará a saber qual a experiência e o conhecimento delas e servirá como um bom ponto de referência, para que você possa mostrar o quanto elas cresceram.

2. O GRANDE PLANO

Se você quer realmente ajudar as pessoas no caminho do crescimento espiritual, precisa saber de onde elas vieram, por onde passaram e para onde vão.

Muito bem, quem aqui fez seminário? — eu (Henry) perguntei ao grupo de profissionais e leigos que eu estava treinando numa conferência ministerial. Menos de um terço das pessoas daquela platéia enorme levantou a mão. Queria saber se o meu público tinha alguma formação teológica, pois não gostaria que tivessem uma idéia muito simplista da minha apresentação. Mas, pensando bem, vi que era exatamente por isso que eu estava ali. Queria lembrar a todos, formados ou não, que o Evangelho é muito simples e que promove o crescimento humano. Sempre tive de fazer força para me lembrar disso também.

Não raro, no processo de ajudar as pessoas a crescer, nos esquecemos de olhar para o grande plano, para o que Deus está fazendo na raça humana. Nos atemos às partes, ajudando uma pessoa a recuperar a saúde emocional e espiritual, a salvar um casamento que agoniza ou a colocar a vida em ordem e perdemos a idéia do grande plano.

Mas o grande plano *realmente* existe. E a história de Deus, de sua Criação que se perdeu e de sua obra em recuperá-la. É muito importante enxergarmos esse plano maior quando pensamos em entrar nos particulares da vida de alguém; não podemos perder de vista o que Deus está fazendo no mundo. Como diz o apóstolo Paulo:

> Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não

> levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação (2Co 5.18,19).

Essa "mensagem de reconciliação" está na essência do Evangelho. Na salvação e no processo de crescimento, Deus reconcilia as coisas e faz com que elas voltem a ser como deveriam.

Sempre nos esquecemos de como as coisas deveriam ser e do que estamos tentando realizar quando ajudamos as pessoas a crescer. Costumamos dar atenção ao que não deveríamos. Nos concentramos no "problema" da pessoa que precisa de ajuda, como depressão ou intimidade, como se ele fosse a grande questão. Ou atacamos um padrão de comportamento que elegemos como o pecado por trás do conflito e supomos que, se fizermos a pessoa ser boa o bastante (para nós), é porque conseguimos ajudá-la.

Esse raciocínio acontece não apenas quando ajudamos as pessoas com problemas pessoais no campo da psicologia, mas também quando oramos, ministramos, evangelizamos ou encorajamos alguém a praticar as disciplinas espirituais. Tratamos dos problemas, ou "sintomas", ou tentamos várias fórmulas religiosas, mas nos esquecemos da verdadeira dinâmica transformadora desse "ministério da reconciliação". Afinal, é muito mais fácil pensar em um problema em particular da vida de alguém, ou tratar da maneira como ela "erra o alvo", do que descobrir de que maneira a Queda ainda afeta a vida da pessoa, encontrando um caminho redentor que "reconcilie" sua vida. Nós olhamos para o sintoma e nos esquecemos da causa do problema.

Mas tratar da causa do problema é exatamente o nosso chamado. Não devemos apenas ajudar as pessoas a se "sentirem melhor", se relacionarem melhor ou viverem melhor. E, principalmente, não devemos apenas tentar ajudá-las a "vencer". Essa é a essência da vida farisaica. Mas, como diz Paulo, nos foi confiado o "ministério da reconciliação" e devemos trabalhar com Deus para que ele reconcilie todas as coisas "com ele".

A questão então, é: o que estamos tentando reconciliar? Primeiro, é óbvio que estamos tentando fazer as pessoas voltarem a se relacionar com Deus. Qualquer um que queria crescer como cristão procura fazer isso. Mas, além disso, vemos apenas mais duas tarefas importantes. Uma é reconciliar as pessoas consigo mesmas e outra é reconciliá-las com a idéia da santidade e da vida pura. Para muitos, essas tarefas constituem o ministério da reconciliação. E, sem dúvida, uma grande mudança de vida, além da cura, acontecem quando essas coisas ocorrem.

E há mais a ser feito. O crescimento espiritual não significa apenas voltar a ter um relacionamento com Deus e com as pessoas ou buscar uma vida pura, mas também *voltar à vida,* a vida que Deus pretendia que as pessoas tivessem. Essa vida de profundo relacionamento, de celebração, obra recompensadora, e outras coisas mais, nos dá o que desejamos e resolve nossos problemas. Como Paulo diz, estamos "separados da vida de Deus" (Ef 4.18). Precisamos nos reconciliar com a vida da forma que foi criada para ser.

Em todo o livro, veremos como, em nossa opinião, esse processo se dá. Mas, para começar, veremos como a vida era no início, quando Deus a criou, o que aconteceu depois e o que Deus disse sobre a sua recuperação.

Neste capítulo, apresentaremos os três grandes atos do drama cósmico: a Criação, a Queda e a Redenção. Para realmente ajudarmos as pessoas no caminho do crescimento espiritual, precisamos saber de onde viemos, por onde passamos e para onde vamos. Precisamos encontrar as respostas para três grandes questões:

1. Como a vida foi criada para ser vivida? Como deve ser?
2. O que aconteceu na Queda para mudar a forma como a vida foi criada? Que problema estamos tentando resolver?

3. O que é a redenção e o que faz? Como a alcançamos?

PRIMEIRO ATO: A CRIAÇÃO

PRIMEIRA GRANDE IDÉIA: DEUS É A ORIGEM

No início havia Deus, e Deus criou o céu e a terra. *Tudo parte de Deus na origem.* Esse é o principal conceito da Bíblia e da teologia do crescimento também. Nada existia na Criação antes de Deus, e tudo o que existe vem dele. Isso inclui todas as "coisas" da vida, os recursos, os princípios, os propósitos, o significado, tudo. Ele é a origem e o ponto final.

Depois de fazer as "coisas", Deus fez a raça humana; ele criou Adão e Eva. E soprou o fôlego da vida neles (Gn 2.7}. Assim, quando você pensar sobre a restauração da vida, lembre-se de que ela vem de Deus. Aparentemente, todo mundo sabe disso, mas na verdade costumamos pensar que isso significa apenas que Deus criou a vida do nada. Compreendemos que as coisas vivas vêm dele. Mas, quando procurarmos ajudar alguém a crescer, precisamos entender isso como algo que vai além da criação. Precisamos entender que isso também significa que ele dá vida às situações mortas de nossa existência. Deus não é apenas o Criador, mas também o recriador da vida. Ajudar as pessoas passa a ser um aspecto fundamental da vida que elas estão tentando criar para si mesmas, e também da vida que Deus está tentando criar nelas. Passa a ser também a própria teologia de como vencer a depressão, salvar o casamento ou reconstruir uma carreira profissional em decadência. Ou seja: "O que devo fazer para dar nova vida a este casamento ou a este emprego?".

A resposta da Bíblia para todas essas questões é Deus. Existe uma Pessoa por trás de tudo que foi criado, e que nos dará vida e crescimento. Falaremos disso mais tarde, mas sabemos que muitos sistemas cristãos de crescimento têm muitos princípios sobre Deus, inclusive vários bíblicos, mas

nada ou quase nada de Deus. Lembre-se, Deus é a origem da vida. Ele é a origem do crescimento também.

SEGUNDA GRANDE IDÉIA: RELACIONAMENTO

A segunda grande idéia é que, quando Deus criou o ser humano, colocou-o no estado de dependência do relacionamento em primeiro lugar com ele, e depois com outros seres humanos. Deus fez as pessoas para si e também para seus semelhantes. Sabemos que Adão dependia do relacionamento com Deus para viver. Mas, apesar disso, ele precisava do contato humano também. Como Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18). O homem estava incompleto somente com Deus. Então, vemos desde o princípio que o relacionamento estava no cerne da forma como as coisas foram criadas.

Um aspecto importante desse relacionamento é que não havia "pecado" no relacionamento entre Adão e Eva nem no relacionamento deles com Deus. Como diz a Bíblia: "O homem e sua mulher viviam nus, e não sentiam vergonha" (Gn 2.25). Eles foram colocados nus, um diante do outro, e não havia vergonha nem encobrimento. Não havia brigas nem discussões. Havia harmonia e abertura entre o homem e a mulher. Especialistas em relacionamento chamam esse estado de "intimidade", no qual as pessoas "se conhecem" profundamente. Falaremos mais sobre encobrimento e vergonha posteriormente, mas um dos aspectos do ato de se relacionar é que as pessoas não escondem suas fragilidades umas das outras e também não têm vergonha de ser elas mesmas. Mas, por enquanto, basta saber que o relacionamento, da forma como foi criado, deveria ser franco e aberto. Sem duplicidade e sem pecado ou transgressão.

TERCEIRA GRANDE IDÉIA: DEUS É O CHEFE

Os relacionamentos não foram apenas jogados em uma tigela como se fossem uma salada. Havia uma ordem. Em primeiro lugar, no relacionamento entre Deus e o homem, Deus era o chefe, o Senhor, a autoridade. Além de ser a origem, pois ele colocou o casal na terra, Deus também estava no comando. Ele deu instruções afirmativas e negativas. Disse o que podiam fazer e desfrutar e o que não podiam fazer, e, caso fizessem, o que perderiam o direito de desfrutar. Queria que eles cuidassem do jardim e tivessem uma vida boa. Mas fez uma advertência, caso abusassem do papel que tinha lhes conferido:

> O SENHOR Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo. E o SENHOR Deus ordenou ao homem: "Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá" (Gn 2.15-17).

A ordem e a ocupação de Adão e Eva na Criação era cuidar do Jardim e obedecer a Deus. Era uma ocupação importante, mas também tinha seus limites. Eles deveriam trabalhar na terra que Deus havia lhes dado, deveriam desfrutá-la e deveriam submeter-se a Deus e a seus limites. Desde o início, a Criação tinha uma "vida correta" e uma "vida proibida" (o que é um oximoro, já que a vida proibida, na verdade, não era vida, mas resultaria na falta de vida, ou seja, na morte). Devíamos viver a vida, mas viver em submissão a Deus, caso contrário, não teríamos vida alguma. A vida e a submissão a Deus são uma coisa só.

Por isso, a Bíblia começa com as idéias de Deus como origem, o relacionamento como básico e Deus como a autoridade. Como veremos em todo o livro, as implicações dessa teologia sobre como as pessoas crescem são enormes.

QUARTA GRANDE IDÉIA: OS PAPÉIS DE DEUS E OS PAPÉIS DO HOMEM

Deus é o chefe, e nós devemos obedecê-lo. Mas essa estrutura não se resume em "quem está por cima". Nós tínhamos papéis bastante diferentes nessa ordem da Criação.

Vejamos quais eram.

1. O PAPEL DE DEUS ERA SER A ORIGEM OU O PROVEDOR, E O NOSSO ERA DEPENDER DA ORIGEM. Deus originou a vida, e nós recebemos a vida. Portanto, dependemos de Deus para viver e ter tudo de que precisamos. O papel de Deus era prover, e o nosso receber. Deus soprou e nós respiramos. Deus nos deu o jardim; vivíamos nele e sobrevivíamos dele. Deus nos deu o relacionamento; recebemos a intimidade e a ligação afetiva. O nosso papel é assumir a condição de dependentes na qual fomos criados. A ele cabe prover, e a nós depender e confiar.

Se Deus é o Criador e nós somos a Criação, temos de depender dele para ter vida e provisão. A independência não é uma opção. Deus existia sem nós, e não o contrário. Então, o papel que devemos assumir na vida não é apenas *a favor* da dependência, mas também *contra* a auto-suficiência. Nosso papel é reconhecer nossos limites e transcendê-los, buscando a vida *fora de nós.* Somos criaturas limitadas, e não o Criador, portanto, não somos auto-suficientes como Deus. Somos limitados na capacidade de vivermos sozinhos, sem Deus.

A mesma limitação se aplica ao nosso relacionamento com nossos semelhantes. Somos limitados na capacidade de prover o que precisamos, sem nos relacionarmos com os outros. Assim, a auto-suficiência em relação a Deus não é o único limite de relacionamento que temos. Precisamos de outras pessoas e também não podemos viver sem elas. A tentativa de se viver sem levar em conta a nossa necessidade

em relação aos outros é desastrosa e nunca dá certo. *Dependemos do que está fora para obtermos amor.*

2. O PAPEL DE DEUS ERA ESTAR NO CONTROLE, E O NOSSO ERA SUCUMBIR AO CONTROLE DE DEUS SOBRE O MUNDO E CONTROLAR A NÓS MESMOS. Deus fez a Criação; Adão e Eva não podiam controlá-la. Deus colocou-os no jardim; eles não podiam controlar o ambiente no qual se encontravam. Deus criou os animais e as várias árvores e frutas; o homem não. Em outras palavras, Deus tinha o controle do universo e do que acontecia. Ele estava no comando do grande plano. Então, muitos problemas que as pessoas têm vêm da tentativa de controlar as coisas que estão além do seu controle e, quando elas tentam, perdem o controle de si mesmas. Não é de admirar que a "oração da serenidade" [1] (saber a diferença entre o que podemos mudar e o que não podemos) ajuda as pessoas a recuperar o controle de suas vidas.

Portanto, além de sermos dependentes de Deus nessas coisas, não estávamos em condições de governar o universo. Como Deus disse a Jó posteriormente: "Onde você estava quando lancei os alicerces da terra? Responda-me, se é que você sabe tanto" (Jó 38.4). O nosso controle do grande plano era limitado. De fato, não tínhamos nenhum.

Mas tínhamos controle sobre o nosso próprio comportamento e devíamos exercer essa responsabilidade. O papel de Deus é controlar o grande plano e o nosso é controlar a nós mesmos e às nossas responsabilidades. Em resumo, manter o "autocontrole".

[1] A "oração da serenidade" não tem uma origem conhecida, embora seja atribuída a várias pessoas, inclusive a um teólogo do século XVIII chamado Friederich Oetinger e ao famoso teólogo do século XX Reinhold Niebuhr. A oração diz: "Deus conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as coisas que puder e sabedoria para reconhecer ambas".

3. DEUS ERA O JUIZ DA VIDA E NÓS DEVÍAMOS DESFRUTAR A VIDA. Outro papel que pertencia a Deus era diferenciar o bem do mal. Ele tinha essa função e não queria passá-la para a humanidade. Ele ocupava a cadeira do juiz e não queria que o ser humano "soubesse" o que ele sabia sobre o mal. O cargo de juiz do universo já estava ocupado. Assim, Deus ordenou que Adão e Eva não se aproximassem da árvore do conhecimento do bem e do mal e que deixassem que ele fosse Deus. Não devíamos julgar, mas ter uma vida correta sem julgá-la. Imagine isso, fazer o bem, desfrutar do bem e nem mesmo pensar que éramos "bons". Em vez de ficarmos preocupados, que rendo saber: "Sou bom o bastante?", nós simplesmente vivíamos e desfrutávamos a vida.

Devíamos desfrutar tudo o que Deus tinha nos dado, no prazer, no trabalho e no relacionamento. Aproveitar tudo ao máximo, mas não tentar ser Deus e julgar. Devíamos permanecer inocentes e nem mesmo saber que éramos inocentes. Somente Deus podia julgar e, basicamente, ele nos disse: "Não assumam esse papel".

4. DEUS FEZ AS REGRAS E NÓS DEVÍAMOS OBEDECER. Os papéis eram claros. Deus determinou como a vida deveria ser e sob que regras deveria ser vivida. Nosso papel era obedecê-las. Deus não nos consultou ao impor as regras e o desígnio da vida. Ele não nos perguntou se era uma boa idéia que governássemos os animais. Não nos perguntou se tinha escolhido as árvores certas para comermos. Não nos perguntou se a idéia do homem e da mulher era boa. Não nos perguntou se ter de trabalhar era uma boa idéia. Ele simplesmente criou a realidade e depois nos mandou obedecê-la.

O PACOTE COMPLETO

Se você parar para pensar, verá que é essa vida que todo mundo gostaria de ter: um ótimo lugar para viver, o par perfeito, várias coisas com que se ocupar e um trabalho de acordo com as suas capacidades.

Se essas coisas tivessem continuado, não haveria necessidade de escrever este livro. Não precisaríamos pensar sobre como as pessoas crescem ou superam os problemas da vida. Ainda estaríamos no jardim, desfrutando a vida como foi planejada e nem teríamos consciência de que poderia ser diferente. Mas isso não aconteceu. Em vez de continuarmos os soberanos inocentes da Criação, levamos um grande tombo, o que nos leva ao segundo ato, no qual tentamos ganhar a independência, assumir o controle, tornarmo-nos juízes e criarmos nossas próprias regras.

SEGUNDO ATO: A QUEDA

SUBVERTENDO A ORDEM

O ato seguinte do drama cósmico aconteceu depois da Criação. Adão e Eva não seguiram o desígnio que acabamos de ver. Eles decidiram que o desígnio de Deus não era bom para eles e que fariam as coisas a seu modo. Para ser mais específico, numa única tacada malfadada eles subverteram completamente a ordem criada.

O Tentador apareceu e fez com que eles arruinassem toda a ordem criada, revoltando-se contra o que Deus tinha dito. Ele questionou a verdade do que Deus lhes havia dito e disse que, na verdade, não morreriam se comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Disse que, de fato, seria bom que se revoltassem contra Deus, pois se tornariam como ele. Em resumo, eles poderiam subir ao trono, poderiam viver sem Deus, ter controle sobre a própria

vida e viver como bem entendessem. Poderiam ser para si mesmos tudo o que Deus era para eles.

Mas, como se sabe, isso era mentira. O homem e a mulher não se igualaram a Deus. *Em vez disso, na tentativa de se igualarem a Deus, eles deixaram de ser como eram.* E é por isso que precisamos do crescimento espiritual. Deixamos de ser da forma como fomos criados para ser.

Embora ainda fossem humanos, Adão e Eva "caíram" do estado perfeito no qual foram criados e tornaram-se "menos perfeitos". Assumiram um novo estado que, segundo a Bíblia, era de "pecado" ou "morte" (Ef 2.1). Pecar significa "errar o alvo", e morte significa ser separado da vida, especialmente "... separados da vida de Deus..." (Ef. 4.18). Na Queda, Adão e Eva ficaram separados da Vida e erraram em tudo o que a vida tinha sido criada para ser.

Em resumo, perderam tudo. Eles se perderam, perderam um ao outro e perderam a vida que tinham sido criados para ter. Eles subverteram toda a Criação. E veja o que aconteceu:

1. TORNARAM-SE INDEPENDENTES DA ORIGEM. Quando Adão e Eva comeram da árvore, eles se afastaram de Deus e tentaram ganhar vida sem ele. Eles queriam ser como ele, apropriar-se da divindade e ganhar vida fora do relacionamento com Deus. Achavam que poderiam ganhar conhecimento e sabedoria sem a origem. Não precisavam mais dela e tinham tomado uma medida para escapar de seu papel de dependência.

2. PERDERAM OS RELACIONAMENTOS. Além de se tornarem independentes de Deus, eles perderam o relacionamento que tinham com ele e entre si. Essa é a morte. Quando Deus disse que eles morreriam, queria dizer que seriam separados dele, que é a vida. Eles perderam o relacionamento e entraram num estado que a Bíblia chama de "alienação", tornando-se, de fato, "inimigos" de Deus. Como Paulo explica: "Antes vocês estavam separados de Deus e, na mente de vocês, eram inimigos por causa do mau

procedimento de vocês" (Cl 1.21). Eles perderam o relacionamento e a intimidade que tinham com o Criador; separaram-se dele.

Também perderam outro relacionamento indispensável, aquele que tinham entre si. Imediatamente, ficaram "nus e envergonhados" e cobriram-se com folhas de figueira. Perderam a intimidade e a fragilidade que tinham e também a capacidade de confiar um no outro e de ter um bom relacionamento. A partir de então, o ser humano começou a trocar a confiança, a justiça, o amor e a honestidade pela alienação, pela injustiça, pela rivalidade e pela desonestidade. Ficou muito mais difícil de se encontrar amor e de conservá-lo.

3. SUBVERTERAM A ESTRUTURA E A ORDEM. Na Criação, Deus era a autoridade e Adão e Eva respeitavam isso. Ele era o Senhor, o Soberano. Mas na Queda, o ser humano tentou usurpar essa estrutura para tornar-se senhor de si mesmo. Tentou tornar-se "igual a Deus". O objetivo de Adão e Eva era assumir o lugar de Deus em suas próprias vidas. Eles queriam estar no trono, por isso, revoltaram-se contra a autoridade dele. Em resumo, eles se tornaram auto-suficientes, pessoas controladoras e julgadoras que vivem sob suas próprias regras.

4. ELES REVERTERAM OS PAPÉIS

Vejamos quais eram os papéis que Deus criou para eles:

Deus	Seres humanos
Deus é a origem	Dependemos de Deus
Deus é o Criador	Somos a criação e não podemos existir por nós mesmos
Deus tem o controle	Temos o controle sobre nós mesmos
Deus era o juiz da vida	Devemos desfrutar a vida
Deus planejou a vida e suas regras	Obedecemos às regras e vivemos a vida que Deus planejou

Na Queda, o ser humano tentou subverter a ordem criada numa tentativa de ser como Deus. Nós, os descendentes de Adão e Eva, deixamos de depender de Deus e tentamos tornar-nos a origem da vida para nós mesmos. Deixamos de nos ver como criaturas e agimos como se pudéssemos viver separados do nosso Criador, independentes dele. Queríamos controlar as coisas que não podíamos controlar, inclusive uns aos outros e perdemos o controle de nós mesmos. Queríamos ser os juízes, mas acabamos nos tornando julgadores; perdemos a capacidade de desfrutar a vida e as pessoas ao exercermos o próprio julgamento que desejávamos. Deixamos de obedecer aos desígnios e regras de Deus e criamos os nossos próprios.

Em outras palavras, Adão e Eva tentaram tornar-se deuses e acabaram se perdendo no processo. Ao tentarem se tornar o que nunca poderiam ser, ou seja, Deus, perderam a capacidade de ser a única coisa que podiam, eles mesmos. E, desde então, estamos em busca de nós mesmos.

Esse quadro dá uma idéia de como os papéis mudaram depois da Queda:

O desejo	A conseqüência
Somos a origem	Dependemos de nós mesmos
Somos o criador	Existimos por nós mesmos
Temos controle do mundo	Tentamos controlar o nosso mundo e uns aos outros e perdemos o controle de nós mesmos
Tornamo-nos os juízes da vida	Julgamos a nós mesmos e aos outros e deixamos de ser capazes de apreciar a nós mesmos e aos outros
Planejamos a vida e as regras	Vivemos do jeito que bem entendemos

A vida começou com um plano determinado e esse plano foi usurpado pela revolta contra Deus. E perdemos a vida.

Mas Deus não permitiu que as coisas ficassem dessa forma. Ele tinha um outro plano.

TERCEIRO ATO: REDENÇÃO

DEUS em CRISTO está "reconciliando" todas as coisas. Ele estava e ainda está fazendo tudo voltar a ser como deveria ser. Ele redimiu ou resgatou sua Criação e a está colocando de volta no lugar. Como fez isso?

Deus pagou um preço para ter tudo de volta. O Deus santo exigia a pena de morte pelo pecado da humanidade. E, como a Bíblia conta, ele colocou todo esse pecado sobre Jesus (Is 53.5,6). O caminho estava pronto para que Deus resgatasse a Criação e colocasse tudo em ordem de novo. E é isso o que a Redenção faz com cada ser humano que a aplica em sua vida. A aplicação da Redenção é o próprio processo de crescimento: é o retorno de tudo ao seu verdadeiro e "legítimo" lugar diante de Deus. *E por isso que, no nosso modo de entender, resolver os problemas da vida e crescer espiritualmente é a mesma coisa.* Vejamos como é a volta ao seu legítimo lugar e como fica o caminho do crescimento das pessoas.

RETORNO À ORIGEM

Na Redenção, retornamos a Deus como a origem da vida. Abandonamos nossa independência em relação a ele e nossa tentativa de sermos "autônomos". Entendemos que para fazer a vida acontecer, precisamos nos voltar para Aquele que faz a vida acontecer. Quando buscamos "em primeiro lugar o Reino de Deus", vemos que todas as coisas da vida nos são "acrescentadas" (v. Mt 6.33). Deus é aquele que acrescenta vida.

Além disso, descobrimos que Deus é a origem da cura e do crescimento. Quantos caminhos de auto-ajuda não levam ao desespero, sem que a pessoa encontre a Deus? Na Redenção, descobrimos que Deus será a origem da cura e do crescimento se nos voltarmos para ele. E o verdadeiro crescimento começa quando reconhecemos que somos

“pobres em espírito” e, a partir dessa condição humilde, com a busca por Deus e a aceitação de tudo o que ele tem para nós (Mt. 5.3). Quando reconhecemos que Deus é a origem, percebemos que ficamos mais pobres e isso nos coloca numa posição de quem recebe dele.

Assim, a Redenção nos ajuda a colocar um fim na nossa tentativa de prover a nós mesmos. Retornamos a Deus em busca de força, verdade, cura, proteção, correção e muitas outras coisas que veremos depois. Mas nenhuma delas se encontram à disposição daqueles que ainda estão tentando prover a si próprios.

RETORNO AO RELACIONAMENTO

Retornar à ordem criada significa voltar a ter um relacionamento com Deus e com as pessoas. Como disse Jesus, todos os mandamentos podem ser resumidos nos seguintes: amar a Deus e o próximo (Mt 22.37-40). Tudo na vida depende desses dois relacionamentos.

A Redenção nos leva de volta a esses relacionamentos. Primeiro, nos reconcilia com Deus pela fé e pelo perdão, e restabelece a ligação. Depois, nos leva de volta para a restauração legítima da ligação com as pessoas, pois reforça o amor, a identificação com nosso semelhante pela Lei Áurea, a preocupação com o outro, o perdão, a cura, a instrução, a correção e assim por diante. Sem a restauração do relacionamento humano, ainda estaríamos no estado de alienação e não seríamos capazes de ter as ligações que provêem as coisas de que precisamos para viver e crescer. A Redenção revoga nossa alienação e isolamento dos outros e restabelece apropriadamente a nossa ligação.

RETORNO À ORDEM

A Redenção também é uma submissão a Deus como Senhor. Como disse Jesus, o maior mandamento é amar a Deus em primeiro lugar. E o mandamento que faz todos os outros funcionarem, pois é o único que garante que faremos isso à sua maneira. E se eu fizer, a vida será bem melhor. Revogar a Queda significa viver em submissão a ele e anular a revolta contra suas regras para a nossa vida. Assim, quando quisermos fazer coisas destrutivas, ele nos dirá para não fazermos. Redimidos, ouviremos e obedeceremos. E como fica difícil depender do nosso próprio poder, a Redenção nos dá outras duas fontes de poder para nos ajudar nessa nova obediência. Temos a Deus como fonte de poder e as outras pessoas para nos dar apoio. Não estamos mais sós, com nossa natureza pecadora e rebelde. Temos uma nova natureza que é fornecida por Deus para que o sigamos e nos submetamos a ele e temos um Corpo de pessoas para nos ajudar a fazer isso também. Pela primeira vez desde a Queda, estamos em condições de obedecer a Deus e nos submeter a ele.

Isso nos dá o poder de parar de estragar as nossas vidas. Desobedecer e, basicamente, estragar a vida, pois essa desobediência, por definição, significa que estamos fazendo alguma coisa destrutiva. Se ele diz para sermos honestos e responsáveis, e formos mentirosos e traiçoeiros destruiremos tudo que tentarmos construir. Por isso, na Redenção, não precisamos mais destruir nossa vida fazendo coisas que não estão de acordo com os caminhos de Deus. No crescimento espiritual, deixamos de fazer as "obras da morte" e começamos a fazer as coisas que levam à vida.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Procure entender de que forma você e os assuntos da sua vida se inserem na história geral da Bíblia e o que Deus está fazendo no mundo. Vá além dos conflitos de

hoje e relacione-os com o drama maior no qual todos participamos de alguma forma. Peça a Deus para ajudá-lo a ver essas questões da sua vida.

- Crie uma perspectiva da sua responsabilidade "teológica". Descubra o quanto é importante para você entender toda a Bíblia e o que Deus está fazendo.
- Faça um inventário de como você lida com as questões específicas discutidas, como Deus ser a origem, relacionamento, Deus ser o chefe e os vários papéis. Veja como essas idéias gerais se relacionam com o seu conjunto de crenças e com a sua vida.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Determine qual a sua definição para crescimento espiritual. Veja se essa visão combina ou se inclui no que Deus está fazendo em toda a história cósmica. Descubra se você se perdeu em um dos pontos e está deixando escapar o "grande plano".
- Descubra como você comunicará o "grande plano" e como implementará esse conhecimento no seu ambiente de crescimento.
- Pense nos detalhes do que você está fazendo e veja se todos os elementos foram incluídos nas suas aulas, nos pequenos grupos ou em outras experiências de crescimento. Todos os elementos mencionados — ver e experimentar a Deus como a origem, o relacionamento como algo básico, Deus como o chefe e os papéis — têm hora e lugar para acontecer? Determine o que fará para garantir que toda a ordem criada de Deus seja incluída nas experiências de crescimento que você está proporcionando.

RETORNO AOS PAPÉIS

Na Queda, subvertemos os papéis da humanidade e de Deus. Tentamos cumprir os papéis dele e, assim, perdemos a capacidade de cumprir aqueles para os quais fomos criados. Na Redenção, reconciliamos as coisas da forma que elas deveriam ser.

- Tornamo-nos dependentes e desistimos da nossa condição de independentes diante de Deus e dos outros.
- Desistimos de tentar controlar as coisas que não podemos controlar e nos rendemos e confiamos no controle de Deus. Além disso, recuperamos o controle daquilo que fomos criados para controlar, ou seja, nós mesmos. Recuperamos o fruto do "autocontrole".
- Desistimos do papel de bancar o juiz de nós mesmos e dos outros, deixando de lado o julgamento, a condenação, a ira, a vergonha e assim por diante, para ficarmos livres para apreciar a nós mesmos e aos outros como realmente somos. Portanto, como não somos Deus, temos liberdade para ser como realmente somos e permitir que os outros sejam como realmente são.
- Deixamos de refazer a vida e de criar novas regras para vivermos a vida que Deus planejou para nós. Por exemplo, Deus criou o casamento, mas o ser humano refez as regras e criou o novo plano da coabitação ou monogamia em série, o que trouxe conseqüências desastrosas. Na Redenção, começamos a obedecer à vontade de Deus.

COMO É ISSO?

Essa era a minha versão da matéria de Teologia. O que Deus faz na Redenção e no nosso crescimento é muito

simples. Ao mesmo tempo, é complicado e profundo. E, não raro, nem chegamos a reconhecer essas simples questões em nossa vida e relacionamentos. Como é, na vida real, tentar ser a própria origem? Como é estar no controle ou ser o juiz, ou fazer as regras e mudar os papéis? Como isso pode destruir uma vida ou um casamento? Acima de tudo, como o efeito da Queda muda as coisas?

É essa pergunta que queremos responder. Como a Queda da raça humana causa os nossos problemas e como o processo de Redenção que Deus criou nos faz crescer e resolver os problemas da vida? No próximo capítulo, veremos uma situação da vida real que ilustrará isso para nós.

3. COMO O GRANDE PLANO AFETA O PEQUENO

Embora se dedicassem ativamente à obra de Deus,
Rich e Stephanie desligaram-se de Deus
como a fonte para se viver cada dia e não
buscaram sua ajuda para resolver seu maior
problema: a deterioração do casamento.

Rich era pastor de uma das maiores igrejas de sua denominação em uma grande região metropolitana. Por dez anos, ele pastoreou um enorme crescimento em sua igreja. Foi para uma cidade na qual diziam que "não se podia fazer nada", enfrentou o desafio e transformou uma pequena igreja em um Corpo de milhares de pessoas. Todo o seu ministério era um "sucesso" e muitos o estudavam para ver como isso era possível. Aparentemente, tudo andava bem. Por isso, fiquei chocado quando recebi um telefonema da direção da denominação de Rich. Queriam que eu fizesse aconselhamento matrimonial com Rich e sua esposa, Stephanie. Fiquei surpreso quando soube que eles tinham problemas de relacionamento.

E o problema não era pequeno. Embora cumprisse todos os seus compromissos como pastor e outros deveres, Rich tinha conseguido encontrar tempo para desenvolver uma compulsão sexual cada vez maior. Além disso, a distância entre ele e a esposa também aumentava. A única coisa que mantinha o casal unido eram os três filhos, pois ambos eram muito ligados aos filhos.

Mas esse compromisso acabou não sendo forte o suficiente para Stephanie. Por causa de seus desentendimentos, havia muitas acusações. Mas a gota d'água foi quando Stephanie descobriu que Rich estava extrapolando no campo sexual. Ela podia ser uma "chata"

(corno ele a chamava), mas a infidelidade ia muito além dos limites. Então, ela decidiu se separar.

Concordei em vê-los para fazer uma avaliação e ajudá-los a traçar um plano. Não tinha tempo para pegar mais um casal, por isso, a princípio, faríamos apenas algumas sessões. Além disso, já tinha esgotado minha cota tratando de líderes que por fora eram um sucesso, mas que tinham pouca ou nenhuma habilidade para fazer um casamento dar certo, e não estava disposto a lidar com eles naquele momento. Dava muito trabalho. Mas podia, pelo menos, fazer um bom contato.

Entretanto, tudo mudou depois de algumas sessões. Não encontrei o que esperava encontrar. Fiquei muito sensibilizado com eles, com sua infelicidade e com o esforço de cada um para tentar fazer sua vida em comum dar certo. O casal, que por sua vez, tinha conduzido muitas pessoas no caminho do discipulado e do crescimento pessoal, era incapaz de ajudar a si próprio e dava para ver que não era por falta de vontade.

Converteram-se aos vinte e poucos anos, conheceram-se na igreja, comprometeram-se com o ministério, casaram-se e seguiram um caminho pelo qual eram apaixonados. No início, as descobertas sobre Deus e o crescimento espiritual eram tão revigorantes que ansiavam por dedicar sua vida a conduzir os outros pelo mesmo caminho. O futuro seria brilhante.

Então, quando mergulharam no ministério, o castelo ruiu. Eles se esforçaram durante anos. Criaram programas que ajudaram muitas pessoas. Mas o tempo passava e não encontravam a vida que eles mesmos ensinavam aos outros. Começaram a ficar desiludidos, a se distanciar um do outro e não eram nem uni pouco felizes. Sentiam-se hipócritas.

Sua vida espiritual consistia da obrigação evangélica padrão: oração, estudo da Bíblia, guerra espiritual e adoração. Conversavam sobre a fé, como evitar o pecado e sobre a importância da Bíblia.

Seguiram diligentemente os caminhos do crescimento espiritual por vinte anos. Se fizessem um exame sobre a vida cristã básica, passariam com louvor.

O que me entristecia sobre tudo isso era que, apesar de terem crescido espiritualmente durante alguns anos e ajudado outras pessoas a crescer, tinham chegado a esse estado deplorável. Demonstravam muito pouco amor e afeto verdadeiro um pelo outro. Seu relacionamento estava longe de ser um paraíso seguro; passou de campo de batalha para uma coexistência distante. Além disso, ainda havia a óbvia falta de autocontrole sexual de Rich.

Conforme os conheci melhor, vi crescer sua desilusão em relação à fé que administravam profissionalmente. Tinham poucos sentimentos positivos em relação a Deus e pouca fé de que os caminhos dele eram a resposta para os problemas do casal. Vi que eles esperavam que o aconselhamento psicológico fizesse o que sua vida "espiritual" não tinha feito. Era triste ver duas pessoas tão comprometidas com Deus acharem que os caminhos dele não tinham influenciado suas vidas de maneira mais profunda. Eles o tinham seguido e encontraram um destino triste.

Na verdade, naquela altura, quase não tinham nenhuma ligação pessoal com Deus. Rich o evitava porque a culpa em relação ao seu comportamento fazia com que se sentisse inaceitável. Stephanie estava tão mergulhada na dor e tão decepcionada que Deus parecia estar a quilômetros de distância e, embora orasse, parecia que ele não a estava ajudando muito.

Nas primeiras sessões de aconselhamento, perguntei: "Onde Deus se encontra em meio a tudo isso?". Rich balançou a cabeça e disse que não sabia. Stephanie concordou.

— Como assim? — perguntei.

— Bem, não sei onde Deus se encontra — ela respondeu — Quer dizer, continuamos a fazer tudo que fazemos

normalmente, ou seja, freqüentar a igreja e tudo o mais. Somos crentes fervorosos, mas não sei exatamente onde ele se encontra nessa nossa confusão. Acho que só sei onde ele se encontra na oração.

Disse que só podia ser obra de Deus eles terem procurado aconselhamento.

— Acho que vocês verão que ele, de fato, tem algo a dizer sobre o que deve acontecer.

— Para ser franco, estou um pouco cético em relação a toda a ladainha cristã — disse Rich — já vi e ouvi tudo que tinha para ser visto e ouvido.

Isso aconteceu há muitos anos. E, embora seja uma história muito longa para ser contada em detalhes, a boa notícia é que Rich e Stephanie estão juntos e agora vivem o casamento que sempre quiseram ter. Eles também se sentem muito realizados com seu trabalho, e o ministério de Rich está florescendo.

O que a história deles revelará, entretanto, é que a cura acontece quando fazemos aquilo que dissemos no capítulo anterior: reconciliar a vida com a forma como Deus a criou, com a ordem criada. Isso também mostra um pouco que as pessoas podem se dedicar durante anos ao "crescimento espiritual" sem mudar sua vida em áreas importantes.

O RETORNO À ORDEM CRIADA

Quando conheci Rich e Stephanie, eles representavam tudo que falamos no segundo ato do capítulo anterior. A Queda reinava em suas vidas. Eles não eram pecadores declaradamente revoltados, muito pelo contrário. Mas o processo de crescimento r.o qual estavam envolvidos, ou seja, estudo da Bíblia, oração e tudo o mais, não estava ajudando a reverter os problemas da Queda em suas vidas. Eles não estavam se "reconciliando" com o jeito como as coisas deveriam ser. Faltava muito crescimento bíblico. Para en-

tendermos o que faz a reconciliação acontecer, vejamos o que exatamente faltava em suas vidas.

DEUS COMO ORIGEM

No início de sua jornada espiritual, Rich e Stephanie certamente enxergavam a Deus como a origem de toda a vida. No começo, eles viviam a fé a cada minuto e voltavam-se para Deus em tudo. Eram discípulos humildes e dependiam dele em tudo. Mas, lentamente, algo aconteceu. Sem perceber, eles deixaram de depender de Deus como a origem de tudo que eles precisavam e, em vez disso, passaram a depender de si mesmos. Sutil e lentamente, o Espírito foi excluído.

No ministério, tinham enfatizado os aspectos sobrenaturais da obra de Deus e orado por muitas pessoas. Mas, aos poucos, deixaram de procurar a Deus e de depender dele em tudo o que precisavam. Por exemplo, eles não paravam de discutir para pedir a Deus que lhes mostrasse o que estava acontecendo e o que podia fazer a respeito.

Rich e Stephanie desligaram-se de Deus de outras maneiras também. Rich, por exemplo, não extrapolava sexualmente por acaso. Sofria grande pressão de sua denominação para ser um líder e receava não poder ser tão bom quanto queria. Ele era um visionário, mas algumas fraquezas de liderança colocavam-no em situações difíceis. Ele sempre contava com sua sagacidade, mas não com Deus. Ele orava a Deus por sua obra como um todo, mas não pelos problemas do dia-a-dia que enfrentava. Por causa de toda essa pressão, buscou alívio na indulgência sexual, quando podia ter encontrado força, consolo e respostas com Deus.

Na área sexual, Rich também não contava com Deus. Ele sabia que estava fazendo uma coisa errada, mas não pensava em Deus como um amigo que poderia ajudá-lo a se livrar daquele comportamento. Nunca lhe ocorreu que poderia pedir a Deus que lhe mostrasse a *origem* de seu

comportamento e o curasse. Isso só aconteceria muito mais tarde.

Então, embora se dedicassem ativamente à obra de Deus, Rich e Stephanie desligaram-se de Deus como a fonte para se viver cada dia e não buscaram sua ajuda para resolver seu maior problema: a deterioração do casamento. A única coisa que contava a seu favor era que Stephanie orava por seu relacionamento. Ela sabia que eles estavam com problemas e, embora não estivesse atenta a tudo o que Deus tinha a lhe dizer diariamente, ela lhe pedia que curasse seu casamento. Mas, enquanto casal, Rich e Stephanie nunca usaram a oração como principal estratégia para pedir a Deus que curasse seu relacionamento, nem acreditavam que ele realmente era capaz de fazê-lo e que o faria.

RELACIONAMENTO COMO BÁSICO

Comecei a ver em Rich e Stephanie uma coisa que acontece o tempo todo nos círculos cristãos. Eles se relacionavam com muitas pessoas, mas esses relacionamentos não mudavam em nada a sua pessoa nem os ajudava a crescer. Passavam a maior parte do tempo com as pessoas no estudo da Bíblia ou em oração. Embora isso fosse importante, não tinham outros ingredientes interpessoais que precisavam para crescer. Não consideravam que a amizade das pessoas fosse um ingrediente importante no processo de crescimento, mas um contexto do ministério.

O modelo de crescimento que governava suas vidas era o de aprender mais verdades e dedicar-se bastante ao ministério. Quando uma pessoa se envolvia em algum tipo de serviço cristão, freqüentava as aulas de estudo da Bíblia ou as conferências bíblicas, ou lecionava para um grupo, supunha-se que estava crescendo. O volume de serviço que ela prestava equivalia ao seu nível de maturidade.

Porém, esse modelo de crescimento deixava de fora uma coisa fundamental: Rich e Stephanie precisavam que as pessoas em suas vidas se relacionassem com eles não apenas para a comunhão e as atividades espirituais, mas também para o crescimento e a cura. Veremos isso com mais detalhes no capítulo 7, que trata do papel do Corpo de Cristo, mas por enquanto basta dizer que o casal não estava buscando as coisas que o Novo Testamento diz que devemos buscar nos outros.

Grande parte dos desentendimentos deles era conseqüência das inseguranças que cada um trazia da infância. Rich tinha um passado particularmente difícil e tinha muito receio de críticas. Sempre que Stephanie o criticava, ele assumia uma atitude tão defensiva que nada de bom poderia resultar disso. Se recebesse o amor do Corpo de Cristo de uma forma mais profunda, essas inseguranças seriam curadas. Além disso, ele não teria sentido tanta vergonha de suas fraquezas de liderança e de suas tentações sexuais. Se ele tivesse outras pessoas com as quais pudesse compartilhar esses aspectos de sua vida, teria se curado (Tg 5.16) e provavelmente a crise do seu casamento nunca teria acontecido.

Stephanie cresceu num ambiente caótico e tinha medo de perder o controle sobre as coisas. Quando sentia que as coisas estavam fugindo do seu alcance, tornava-se extremamente controladora com as pessoas à sua volta, especialmente com Rich. Se tivesse se relacionado profundamente com as pessoas e estivesse numa comunidade na qual pudesse compartilhar esses receios, não teria sido tão controladora com o marido. Mas suas inseguranças a impediam de ser amorosa com ele, que buscou consolo com outras mulheres. Para Rich, ela era uma fonte de aflição, e não de companheirismo.

Um relacionamento profundo, forte e restaurador não fazia parte do seu modelo de crescimento. Seu relacionamento se restringia ao estudo da Bíblia e ao

ministério. Eles precisavam de um tratamento intenso no relacionamento, da cura proporcionada pelo poder do amor das outras pessoas que administram a graça de Deus (1 Pe 4.10). Esse tipo de comunidade curativa poderia tê-los salvado como indivíduos e salvado também seu relacionamento.

DEUS COMO CHEFE

No grande plano, tanto Rich corno Stephanie estavam comprometidos com Deus como o Senhor de suas vidas. Tinham entregado suas vidas a ele e estavam fazendo o melhor que podiam para obedecer a seu chamado. Não restava muita dúvida a quem deveriam obedecer.

O problema era que *eles se submetiam muito pouco a Deus em suas vidas internas no dia-a-dia.* Em meio ao seu desligamento ou nas atitudes um para com o outro, eles só obedeciam a si mesmos. Assumiam atitudes e padrões de comportamento que sabiam que estavam errados, como que por desespero.

Entretanto, foi a submissão ao "Deus como chefe" que salvou seu casamento.

Em um de nossos primeiros encontros, depois de lhes mostrar como as coisas realmente eram, eu disse: "Devo ser franco com vocês: Não acho que vocês se amem o bastante para fazer o relacionamento dar certo. O que vocês acham?".

Os dois ficaram atônitos. Mas acabaram concordando. Acho que eles pensaram que estavam admitindo que o casamento tinha terminado e que o próximo passo seria ligar para os advogados.

Então eu disse:

— Vocês não se amam o bastante para dar certo, mas acho que os dois amam a Deus. Querem se separar, mas acho que não querem abandonar a Deus. Estou certo? Vocês

ainda estão comprometidos com ele, mesmo que não estejam um com o outro?

— Claro — disseram em uníssono.

— Também acho. E é por acreditar nisso, que acho que amar a Deus de todo o coração, entendimento e espírito é obedecê-lo e realizar as mudanças que ele deseja que vocês realizem em si mesmos. Prometo uma coisa: embora acredite que vocês não possam realizar essas mudanças um pelo outro, pois não se amam o bastante, acredito que possam realizá-las por Deus. Se vocês fizerem o que Deus quer que façam por ele, voltarão a se entender e o seu casamento será bom. Mas é preciso que seja um ato obediente de fé. Vocês terão de deixar que Deus seja chefe e fazer o que ele disser.

O que eu estava pedindo para eles fazerem não era muito diferente do que Deus tinha pedido a Adão e a Eva no Jardim do Éden. Deus tinha pedido para eles obedecerem sem saber por que ou como sua obediência seria importante em suas vidas. Rich e Stephanie não sabiam como obedecer a Deus seria importante para o seu casamento e teriam de fazer isso com fé.

A partir de então, quando eu lhes pedia para fazer uma mudança difícil, eles tinham uma base na qual se apoiar, e a faziam por Deus. Eles permitiam que Deus fosse o chefe de suas vidas e o obedeciam. Por isso, seu casamento foi salvo, e suas vidas também. Deus, na condição de chefe, fez com que todas as outras coisas se tornassem possíveis.

RESTAURANDO OS PAPÉIS

DEUS COMO ORIGEM, AS PESSOAS COMO DEPENDENTES

Rich e Stephanie tinham se afastado de Deus como a origem da vida e seguido o modelo da força de vontade. Eles não dependiam de Deus e, em geral, tentavam resolver as

coisas sozinhos. Mas assumiram um papel independente em outros aspectos da vida também.

Lembre-se de que fomos criados como finitos e não auto-suficientes. Portanto, devemos buscar fora de nós tudo que precisamos. Isso inclui depender de Deus para tudo e depender das pessoas para o que não podemos dar a nós mesmos.

No início de sua vida cristã, Rich e Stephanie eram dependentes e estavam crescendo. Pessoas mais velhas e sábias os conduziram no discipulado e foram seus mentores. Talvez por serem crentes recém-convertidos, pensassem estar certo buscar a ajuda dos outros.

Mas pouco depois de alcançarem uma posição de liderança, ocuparam-se mais em dar e servir do que em "depender". Ouviam os problemas dos outros, mas não abriam seu coração para aqueles que sé importavam com eles. Restringiram-se a fazer o que tinham de fazer e, por causa disso, deixaram de reservar algum tempo para contar com os outros e suprir suas próprias necessidades.

E os dois tinham necessidades urgentes. Como sempre acontece no caso de líderes, talento e habilidade podem ser confundidos com maturidade. Rich e Stephanie tinham aspectos realmente incompletos que precisavam urgentemente de cura e de crescimento. Embora cada um tivesse seu próprio "sistema de apoio" com pessoas da liderança, grande parte desse apoio concentrava-se no trabalho que estavam realizando. Eles realmente não tinham pessoas que nutrissem sua alma e sustentassem sua vida. Não tinham ninguém a quem pudessem chamar quando estivessem com medo ou quando se sentissem tentados ou magoados.

Quando chegaram ao ápice da crise, tiveram de mudar. Criamos um sistema que os fez assumir novamente seu devido papel de dependência. Os dois tiveram de se associar a um pequeno grupo de pessoas que os ajudaria a suprir suas necessidades. Tudo foi estruturado de forma que isso

não se tornasse uma espécie de clube social, mas um grupo de responsabilização no qual eles poderiam compartilhar seus mais profundos receios, mágoas e tentações. Eles poderiam mostrar as áreas de sua vida e de sua alma que precisavam ser curadas. Embora ainda pudessem procurar a minha ajuda, encaminhei os dois para terapeutas individuais que os ajudaram nas mudanças espirituais, e Rich entrou para um grupo de apoio a compulsivos.

Entrar para esse grupo foi essencial para que Rich voltasse à condição de dependente em sua vida. Ele descobriu que era impossível manter-se na linha sem assumir uma posição humilde e dependente. E assim que se dá a recuperação de um vício. Ele também descobriu que, quando abandonamos nossa condição humana de dependentes, entramos num estado chamado "negação". E, depois, ele descobriu um novo estilo de vida ao depender do grupo e de seus membros quando se sentisse tentado. Ele não precisava resistir à tentação sozinho, como pensava. Podia buscar ajuda com um telefonema, inclusive no momento exato em que a tentação acontecia, pois os membros de seu grupo de apoio compreenderiam. E os encontros regulares toda semana proporcionaram-lhe a estabilidade e a estrutura que ele não tinha dentro de si.

Da mesma forma, Stephanie contou com seu próprio sistema de apoio e aprendeu a recorrer a ele e a tratar de suas ansiedades, sem afetar seu casamento ao descarregá-las em Rich. A vida que buscavam fora deles estava começando a fornecer-lhes os recursos que precisavam ter dentro de si e no seu casamento.

Em resumo, a dependência salvou o casamento.

No começo, foi difícil aceitarem que tinham de depender não apenas de Deus, mas também desses sistemas de apoio. Eles não entendiam que essa é a teologia da mudança que o Novo Testamento prega. Mas, aos poucos, começaram a ver que o Corpo de Cristo é uma parte importante no sistema

que proporciona a cura e o crescimento que Deus provê para as pessoas.

Falaremos mais sobre isso posteriormente, mas, no momento, vale dizer que o Corpo de Cristo só pode curar se a pessoa assumir seu papel de dependente para o qual foi criada. As pessoas enxergam os outros apenas como indivíduos a quem devem "dar" ou servir. Não percebem que podem "depender" ou receber deles. O Corpo de Cristo é uma entidade de "dar e receber". Nós servimos e damos, mas também precisamos aprender a assumir o papel de dependentes e receber. Para o corpo realmente funcionar em relação à cura, temos de resgatar a dependência, além do serviço. Fomos criados para ser dependentes, de Deus e dos outros.

DEUS NO CONTROLE, AS PESSOAS SUJEITAS AO SEU CONTROLE E DESENVOLVENDO O AUTOCONTROLE

Quando Rich e Stephanie me procuraram, consideravam-se pessoas boas que estavam sofrendo. Ficaram surpresos com o que eu lhes disse um dia:

— Sabe, vocês são controladores demais para alguém que se considera bom.

— Como?

— Vocês são loucos por controle. Vocês realmente estão se controlando.

— O que você quer dizer? — perguntaram, mais intrigados do que na defensiva. Eles nunca tinham se enxergado dessa forma.

— Bem, quando Rich não faz a sua parte, você [Stephanie] não pára de importuná-lo para que ele faça o que você acha que deve ser feito. Isso é ser controlador. E você [Rich] faz de tudo para satisfazê-la e fazê-la sentir-se melhor,

para que ela não fique brava com você. Você está tentando controlar o que ela sente e isso piora tudo.

— Mas — protestou Stephanie — se eu não ficar atrás dele, nada acontece.

— E como você está se saindo, com esse controle sobre ele? Você está feliz com esse sistema? — perguntei. — E, Rich, boa tentativa a sua de controlar a sua esposa para que ela seja feliz. Ela quase o deixou. Parabéns!

Fiquei feliz ao ver que eles tinham senso de humor. Seus sorrisos envergonhados mostraram que tínhamos quebrado uma barreira.

Como mencionei antes, Stephanie teve uma infância caótica com pais que não tinham controle sobre seus vícios e sentia muita falta de estrutura. Rich era do tipo criativo e visionário, e estrutura não era o seu forte. Trata-se de uma dinâmica comum que acontece com casais nos quais a esposa sente muita necessidade de estrutura. Ele fazia o que realmente era importante e deixava as coisas menos importantes de lado até quando achasse que deviam ser feitas. Entretanto, o botão de alarme de Stephanie soava muito antes do de Rich; ela assumia o modo controlador e implicava, ficava brava e o acusava de não gostar dela o bastante para arrumar aquilo que a estava deixando louca.

Rich também tinha sua dinâmica de controle. Ele não suportava que Stephanie o enxergasse de maneira negativa, por isso sentia necessidade de controlar a imagem que ela tinha dele. Ele simplesmente não podia permitir que ela ficasse chateada com ele. Ele tinha de "consertá-la", por isso fazia promessas para acalmá-la, discutia com ela ou inventava desculpas. A princípio, ele não viu que o seu comportamento era controlador. Achava que o problema era ela. Mas, gradualmente, percebeu que era muito controlador tentar fazer que alguém ficasse feliz o tempo todo.

Stephanie precisava chegar a um ponto em que desistiria de sua necessidade de estruturação e deixaria Deus

assumir o controle do caos. Tinha de aceitar o fato de não poder controlar Rich e ver como suas ações eram contrárias à própria ordem criada. O que realmente a acordaria era ver que, ao tentar controlá-lo, ela tinha perdido totalmente o autocontrole.

Um dia, no meu consultório, ela o repreendeu:

— É, pode apostar que fiquei brava com você[1]. Você é tão irresponsável, que é ridículo! Você é muito infantil — disse com maldade

— Você sabia que eu precisa de ajuda com as crianças. Você sabia que... Você sabia que... Você sabia que... — ela fez uma longa lista que mostrava o quanto ele era "mau".

— Acho que se alguém falasse comigo desse jeito — interrompi — eu ligaria para o pronto-socorro de um hospital psiquiátrico. Você parece uma psicótica.

— Como? — ela parecia chocada.

— Ouça a si mesma. Ouça a sua voz. Queria que você pudesse ver a expressão em seu rosto. Parece uma bruxa. E muito feio. Se você visse um vídeo de si mesma, ficaria com vergonha.

Olhei para Rich e ele esboçou um sorriso acanhado, mas cheio de satisfação.

— Tire esse sorriso da cara. Logo chegará a sua vez. Mas, Stephanie, ninguém em sã consciência gostaria de fazer o que você acabou de fazer. Veja o quanto a sua raiva a deixa desequilibrada.

— Hum... — ela disse e ficou em silêncio.

Ninguém disse mais uma palavra. Stephanie ficou ouvindo o eco de seu próprio veneno na sala. Todos nós o sentimos e, pela primeira vez, ela percebeu o quanto ficava descontrolada. Quando chamei sua atenção para o modo como soava, ela ficou surpresa por ter se reduzido a uma maníaca. Ao tentar controlar Rich, ela perdeu o autocontrole.

Quando Stephanie conteve seu comportamento controlador sobre Rich, tratou da ansiedade com um grupo de apoio e confiou em Deus para assumir o controle de tudo, ela se acalmou e parou.

Mas, então, aconteceu outra coisa boa. Ela entrou em contato com a origem daquele impulso controlador e foi curada num nível mais profundo do que imaginava. No fim, ela se tornou menos ansiosa.

Rich também estava se esforçando. Como disse, ele estava sempre tentando fazê-la feliz. Sua tentativa de controlar o que ela pensava dele, de fato, estava ligada ao medo de que ela o deixasse. Então, na verdade, ele estava tentando fazê-la pensar que as coisas estavam bem para que ela ficasse com ele. Trabalhamos nisso e ele começou a entregar a Deus o controle do que acontecia em suas vidas e em seu casamento. Ele percebeu que não podia forçá-la a ficar. Se ela quisesse deixá-lo, o faria e nada que ele fizesse a impediria. Ele tinha de abrir mão do controle. Ele tinha de entregar tudo nas mãos de Deus.

Uma coisa incrível aconteceu, como sempre acontece quando voltamos ao modo como Deus criou as coisas. Quando parou de tentar controlar Stephanie e deixou de sentir que era controlado por ela, Rich recuperou o autocontrole. Quando ele desistiu do que não podia controlar, recuperou o controle do que foi criado para controlar: ele mesmo. O autocontrole foi fruto de ter desistido do papel de Deus e de ter reassumido o papel humano da submissão.

Rich também ficou pasmado de ver que, ao desistir do controle, pela primeira vez, conseguiu controlar seu comportamento sexual e outras áreas importantes de sua vida. Suas explosões contra Stephanie cessaram e ele se tornou mais disciplinado. Sentiu que estava recuperando a liberdade para ordenar sua vida do modo como ele sabia que sempre deveria ter sido. E, por causa do sentimento cada vez maior de autonomia e autocontrole, Stephanie passou a

confiar mais nele e a controlá-lo menos. A crescente liberdade que ambos ganharam, abrindo mão do controle externo e recuperando o controle interno, revolucionou seu relacionamento.

DEUS COMO JUIZ DA VIDA, E AS PESSOAS EXPERIMENTANDO A VIDA

Às vezes, ao avaliarmos a dinâmica da mudança, somos tentados a eleger um problema como mais importante do que qualquer outro na cura de uma pessoa. Quando penso no papel do julgamento na vida de Rich e de Stephanie, sinto essa tentação. Quer dizer, até eu me lembrar do poder de todas as dinâmicas das quais já falamos. Na verdade, a Queda foi completa, e toda essa dinâmica está presente em toda situação.

O livro de Gênesis não explica exatamente o que o "conhecimento do bem e do mal" realmente significa. Sabemos que tem a ver com o discernimento dos efeitos da fonte original do pecado. Porém, também sabemos que tem alguma coisa a ver com usurpar o papel de Deus como o *único juiz.* Jesus disse claramente que não devemos julgar um ao outro. Mas o que isso significa?

O mandamento de Jesus: "Não julguem, para que vocês não sejam julgados" (Mt 7.1), confunde muitos cristãos porque eles confundem isso com a avaliação do comportamento e de outros aspectos da vida. Devemos avaliar e testar a nós mesmos, medir os outros e nós mesmos segundo os padrões de Deus e sempre nos esforçarmos para melhorar. De fato, Paulo disse inclusive que devemos nos julgar enquanto crentes, e Jesus diz para confrontarmos nossos pecados e apontarmos nossos erros (1 Co 5.12; Gl 6.1; Mt 18.15). Então, o que "não julguem" significa e qual a diferença entre isso e uma avaliação?

No final, julgar tem a ver com "bancar o deus". Quando julgamos alguém, fazemos três coisas. Primeiro, colocamo-nos acima do outro, como se fôssemos o seu Deus. Depois, o

condenamos e, por último, criamos o padrão para ele. Quando avaliamos alguém, não fazemos essas três coisas. Primeiro, não nos colocamos acima da outra pessoa e, sim, nos identificamos com ela como semelhante, como pecador e lutador, e nos humilhamos, reconhecendo que nós também estamos sujeitos à tentação (Gl 6.1). Em segundo lugar, não censuramos a outra pessoa e a condenamos com a culpa, a vergonha e a ira da lei. Como pecadores, reconhecemos que também somos culpados e não temos tal privilégio (Rm 2.3). Em terceiro lugar, não cabe a nós criar o padrão. Humildemente, seguimos o padrão de Deus para avaliarmos uns aos outros e nos convocamos ao arrependimento. Portanto, os três elementos de uma avaliação construtiva são a humildade, o perdão e a correção. Nenhum deles implica em bancar o deus.

Quando assumimos o papel de Deus, a nossa capacidade de experimentar e usufruir a vida é seriamente prejudicada pelo julgamento. Por causa do medo da culpa, da vergonha e da condenação, perdemos a liberdade de sermos nós mesmos e de termos nossa experiência. Negamos quem somos e nos escondemos por trás da folha de figueira. Falaremos mais sobre isso nos capítulos sobre aceitação e culpa (capítulos 8 e 9 respectivamente), mas, por enquanto, basta dizer que o julgamento faz com que encubramos a nossa experiência e a verdade do que realmente está acontecendo conosco.

Da mesma forma, não podemos mais experimentar completamente nosso semelhante. Quando julgamos o outro, deixamos de conhecê-lo. Era isso o que estava acontecendo com Rich e Stephanie. No início do relacionamento, eram abertos e honestos um com o outro e sentiam profundamente a aceitação que experimentavam. Compartilhavam abertamente suas feridas e fracassos. A graça e o profundo conhecimento do outro era um dos motivos do amor que os unia.

Mas, depois, eles passaram a se julgar de maneira tão onipotente que não conseguiam mais experimentar a si mesmos nem um ao outro. E Rich, então, passou a julgar seu próprio comportamento e tornou-se incapaz de realmente compartilhar com ela o que se passava dentro dele. O ato de julgar e extravasar transformou-se num círculo vicioso e ele deixou de experimentar seus verdadeiros sentimentos e de compartilhá-los com ela.

Como em qualquer relacionamento, existe uma grande diferença entre aceitar os defeitos de uma pessoa em relação à vida externa e aceitar os defeitos da pessoa que nos afetam. Quer dizer, aceitamos com mais facilidade os defeitos que não afetam o nosso relacionamento do que os que afetam. Stephanie aceitava as fraquezas de Rich antes do casamento, mas, com o passar do tempo, passou a julgar cada vez mais seus defeitos no casamento. Embora a graça fosse abundante no início do relacionamento, no fim, com a decepção, o que passou a imperar foi o julgamento.

Quando Rich, ao estilo "grande plano", esquecia-se de detalhes que eram importantes para Stephanie, ela o julgava com toda a ira de um deus. Ela faria as três coisas que acabamos de mencionar. Falava com ele como se estivesse acima desse tipo de erro, condenava-o e sujeitava-o à ira, vergonha e culpa e criava padrões que não estavam nem mesmo na Bíblia. Suas expectativas se tornaram um padrão para julgar Rich.

Comportando-se dessa forma, foi perdendo cada vez mais o contato com quem ela realmente era e o mesmo aconteceu com ele. Ela enxergava os defeitos dele, mas não seu coração. Enxergava suas imperfeições, mas não seus medos, inseguranças e paixões. E, por ser julgado, ele se encobriu cada vez mais atrás de muitas folhas de figueira. Lentamente, perdeu a capacidade de experimentar a si mesmo com ela. Não sentia mais necessidade dela, do seu amor por ela e de suas próprias fraquezas. Estava tão preocupado em evitar o julgamento e a condenação dela que perdeu a

noção de sua própria experiência e deixou de compartilhá-la com Stephanie, deixando de lado o principal ingrediente da intimidade.

Pessoalmente, ele também estava perdendo cada vez mais a experiência de si mesmo ao julgar a si mesmo por seu pecado sexual e por outros defeitos. A culpa e a condenação eram tão fortes que ele não podia experimentar e saber o que estava acontecendo em seu coração. Não podia se abrir para descobrir o que estava provocando esse comportamento, porque se sentia muito "mau". O principal componente do crescimento é a graça, que deve ser suficiente para você se abrir, esclarecer tudo e encontrar a cura. Por causa da culpa e do fingimento, Rich ocultava seus sentimentos, fraquezas, defeitos e outros problemas, se tornando cada vez mais sujeito a isso. O julgamento o impedia de conhecer a si mesmo e de ser ele mesmo no relacionamento. O julgamento estava assumindo o papel da lei em sua vida e sempre que alguém é subjugado pela lei, o pecado aumenta (Rm 5.20).

Rich também julgava Stephanie — um elemento importante para ele extravasar sexualmente. Ele a via como uma "chata", e não como uma esposa companheira. Quando ela o decepcionava em coisas que ele considerava importantes, em vez de oferecer ajuda e avaliação de um marido, ele se tornava um deus condenador. E, então, ao julgá-la de acordo com seus próprios padrões e condená-la, sentia-se no direito de buscar a satisfação sexual e pessoal em outro lugar. Sentia-se no direito porque ela era uma companheira muito "má". Ele se afastou cada vez mais dela e passou a conhecê-la cada vez menos.

O ato de bancar o deus, o juiz, estava acabando com o relacionamento e destruindo a personalidade deles. A cura surgiu quando o julgamento parou.

Confrontei mais esse aspecto do relacionamento deles do que qualquer outro e os dois voltaram a si.

Um dia, por exemplo, quando Stephanie estava ficando controladora com Rich e ele estava reagindo ao controle dela, eu intervi.

— O que você está fazendo? Você está sendo muito crítico.

— Como assim? Só estou confrontando-a por ela ser sensível demais. Estou sendo justo.

— Seria justo se você fosse um juiz num tribunal e estivesse mandando alguém para a cadeia. Se você quer ajudar, que tal demonstrar um pouco de graça com ela e tentar enxergar o que está por trás do comportamento dela?

— O que você quer dizer?

— Bem, pare de julgá-la como a esposa controladora, mesmo que ela seja, e pense nela como alguém que está com medo. Então, faça o que Deus faz quando ela se comportar dessa forma. Ele não a condena; toca em seu coração.

Rich tinha de parar de julgar Stephanie quando ela não era a esposa amorosa e companheira que ele queria. Na verdade, essas expectativas eram fruto de muita dependência e necessidades infantis. Ele aprendeu a enxergar as reações negativas dela em relação a ele como um sinal de medo e fragilidade. Ele descobriu que ela reagia dessa maneira quando temia o caos. Embora assumisse uma postura autoritária e crítica, na verdade, ela estava insegura e assustada. Quando ele conseguiu enxergar isso, passou a aproximar-se dela em vez de se afastar e de julgá-la.

Quando Stephanie aprendeu a parar de julgar Rich por suas fraquezas, começou a expressar suas inseguranças e medos. Quando fez isso, ele a consolou e realmente tornou-se mais confiável. A dinâmica de se libertar do controle do outro é poderosa. Essa liberdade promove a atitude autônoma e o autocontrole, um ingrediente essencial da responsabilidade.

DEUS COMO LEGISLADOR, E AS PESSOAS OBEDIENTES

Rich e Stephanie não tinham uma vida ímpia, não refizeram radicalmente suas vidas de acordo com suas próprias regras. Não reescreveram a Bíblia de acordo com seus próprios desejos, como fizeram Adão e Eva sob sugestão da serpente. Mas, por outro lado, também não enxergaram que a violação dos princípios de Deus os tinha colocado naquela situação complicada, e que a obediência a esses princípios era a porta de saída. Adão e Eva duvidaram abertamente das regras de Deus e acreditaram na tentação da serpente que disse: "Foi isto mesmo que Deus disse [...]?", e: "Certamente não morrerão!" (v. Gn 3.1,4). Rich e Stephanie não fizeram isso claramente. A dúvida deles, como a nossa, era muito mais sutil e inconsciente. No entanto, era mortal.

Por exemplo, quando Deus disse: "Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo" (Ef 4.32), Rich e Stephanie não alegaram que Deus não tinha dito isso ou que isso não era verdade, mas fizeram duas coisas: ignoraram a realidade de que, se desobedecessem, seu relacionamento morreria. E, quando o relacionamento estava morrendo, eles não recorreram às regras e princípios de Deus para reviver seu casamento. Eles não se perguntaram: "O nosso casamento está sofrendo porque não estamos vivendo em absoluta obediência aos desígnios de Deus?".

Deus planejou a vida para que fosse de uma certa forma e planejou o crescimento e a cura para que acontecesse de uma determinada maneira, segundo preceitos bem definidos. Se a vida não vai bem, em geral, é sinal de que um de seus desígnios foi violado, seja deliberadamente por nós ou pelo pecado cometido contra nós. Normalmente, vemos que, para nos livrar do sofrimento, precisamos descobrir e nos alinhar segundo os desígnios de Deus.

Em relação aos muitos preceitos de Deus para o relacionamento e a cura, Rich e Stephanie viviam como se

dissessem: “Foi isto mesmo que Deus disse?”, e “Certamente não morreremos”. Eles não revelavam suas dores, necessidades e feridas por exemplo, no relacionamento com Deus e com os outros. Não demonstravam bondade, aceitação e empatia um pelo outro. Ignoravam vários preceitos de Deus. Para ficarem bem, precisavam resgatar a idéia de que os desígnios e planos de Deus existiam para se ter êxito na vida. Como disse Moisés:

> O SENHOR nos ordenou que obedecêssemos a todos estes decretos e que temêssemos o SENHOR, o nosso Deus, para que sempre fôssemos bem-sucedidos e que fôssemos preservados em vida, como hoje se pode ver. E, se nós nos aplicarmos a obedecer a toda esta lei perante o SENHOR, o nosso Deus, conforme ele nos ordenou, esta será a nossa justiça (Dt 6.24,25).

Inicialmente, Rich tinha de se alinhar às doutrinas da Bíblia sobre retornar à fraqueza. “Bem-aventurado o pobre em espírito” tornou -se um estilo de vida inteiramente novo para ele. Ele retomou o poder da impotência e da fraqueza e aprendeu o que Paulo quis dizer com enxergar a fraqueza como poder (2Co 12.9,10).

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Compare a história de Rich e Stephanie com a sua vida. Descubra, com a ajuda de outros, onde o “grande plano” falhou e precisa ser restaurado. Examine todas as áreas mencionadas, agora que você tem uma idéia de como elas afetam a dinâmica da vida e dos relacionamentos.
- Veja se você realmente enxerga a Deus como a origem para fazê-lo retornar à vida.
- Veja se no seu sistema e prática de crescimento o

relacionamento é um elemento básico. Verifique se no seu sistema o relacionamento com Deus e com os outros é básico, e não simplesmente um serviço e/ou princípio religioso. Descubra se a comunidade e o relacionamento formam um sistema favorável ao que Deus provê.

- Pergunte a si mesmo e a outros de que forma Deus exerce seu papel de chefe ou mestre em sua vida. Descubra falhas em sua submissão ao papel dele de Senhor.
- Examine cuidadosamente de que maneira você está exercendo os papéis de um ser humano e não de deus: ser dependente, ter autocontrole e não ser controlador com os outros e com a vida, experimentar a vida e os.outros, em vez de julgar a si mesmo e os outros e obedecer às regras, em vez de criar outras.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Pense como você criará uma maneira de entender o grande plano e associá-lo a detalhes específicos das questões do crescimento na vida das pessoas. Ensinar a teologia é importante, mas relacioná-la à vida real é o propósito deste livro e do processo de santificação.
- Dedique tempo e energia para descobrir maneiras de fazer as pessoas pensarem sobre a questão da dependência em relação a Deus e aos outros, do autocontrole, de parar de julgar e de ser obediente à vida de Deus. Faça isso de forma prática e experimental.
- Encontre uma maneira de fazer as pessoas enfrentarem essas questões da vida real e fazerem uma associação com Deus e com o crescimento espiritual.

Quando ele recuperou sua fraqueza e a enxergou como um desígnio de Deus, encarou seu conflito de maneira

totalmente diferente e foi capaz de buscar ajuda. Essa atitude foi essencial para que superasse seus vícios.

Quando descobriu que Deus tinha dito que o julgamento pertence a ele (Mt 7.1) e que ela não devia assumir o papel de juíza na vida de Rich, Stephanie também encontrou uma maneira completamente nova de viver com ele. Pôde conhecê-lo e, inclusive, tornou-se uma fonte de cura para ele. Em troca, ganhou o marido que queria.

Poucos cristãos sinceros dizem abertamente a Deus que seus desígnios não devem ser levados a sério. Mas quando vivemos mais de acordo com nossos próprios desígnios, e não com os dele, sofremos. Lidamos com a vida e suas mágoas à nossa maneira, em vez de buscar os princípios de Deus que nos conduzirão à luz. Quando Rich e Stephanie se esforçaram mais para alcançar os desígnios de Deus para o relacionamento e a cura, encontraram a vida que estavam procurando.

PASSANDO DO INÍCIO

Em Hebreus 6.1-3, está escrito:

> Portanto, deixemos os ensinos elementares a respeito de Cristo e avancemos para a maturidade, sem lançar novamente o fundamento do arrependimento de atos que conduzem à morte, da fé em Deus, da instrução a respeito de batismos, da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno. Assim faremos, se Deus o permitir.

O escritor teve todo o trabalho de explicar os ensinos elementares sobre Cristo e quer que as pessoas usem isso para chegarem à maturidade, ou "completude" (que é o significado de maturidade no texto em grego]. A vida vai bem quando procuramos nos completar, mas isso não acontecerá se não investirmos nas coisas fundamentais.

Esses versículos dizem que as coisas elementares são o arrependimento, a fé, a instrução nos ensinamentos doutrinais, a vida eterna e o julgamento. As "primeiras coisas" das quais falamos são, em parte, esses "princípios elementares" da vida espiritual. É por isso que começamos o nosso tema sobre ter uma vida bem-sucedida com um simples retrato da vida da forma como Deus a planejou e da redenção dessa vida pela fé, pelo arrependimento e pela obediência.

Mas, para que a vida seja bem-sucedida e para ajudarmos as outras pessoas a crescer e a ter uma vida proveitosa, precisamos nos lembrar de duas coisas. Primeiro, que existem princípios fundamentais sem os quais nada funciona. Se não vivermos de acordo com os fundamentos da fé, não teremos nenhuma base na qual nos apoiar. Se não ordenarmos o *nosso* crescimento e o crescimento *daqueles para os quais ministramos* de acordo com essas coisas fundamentais, estaremos edificando em areia movediça.

Em segundo lugar, as coisas fundamentais não compreendem tudo o que há para crescer. Existe um processo que nos faz passar do "fundamento" para a "maturidade" ou completude. Precisamos aprendê-lo e não nos restringir apenas aos princípios elementares da fé. Não raro, aprendemos as coisas elementares e, com o tempo, as esquecemos (como Rich e Stephanie) ou as elegemos como o programa completo do crescimento.

Entendemos que para o "crescimento que faz a vida ser bem-sucedida" realmente acontecer e para as pessoas chegarem à "completude", as duas coisas precisam ocorrer. Precisamos ordenar o crescimento de acordo com um fundamento sólido e também edificar sobre ele com as outras provisões de Deus. Precisamos definir os princípios para podermos ir além deles.

Acreditamos fortemente e sabemos por experiência que Deus atendeu à nossa necessidade de crescimento com um sistema completo. Seus componentes são rudimentares e

seus processos, avançados. Quando tomado por inteiro, quando todos os seus ingredientes são usados, as pessoas crescem. E elas crescem de maneira profunda. Vidas podem ser transformadas, e a Criação pode ser reconciliada.

Nos capítulos seguintes, mostraremos qual é o fundamento de Deus e como usá-lo e "alcançar a maturidade", olhando para o resto da história além do fundamento. Junte-se a nós nessa nova jornada.

Segunda parte

O AGRICULTOR SUPREMO! O DEUS DO CRESCIMENTO

4. O DEUS DA GRAÇA

As pessoas precisam descobrir que Deus
está para elas e não contra elas.

Eu (Henry) estava no começo do segundo ano da Southern Methodist University e lembro-me daquela tarde de domingo com se fosse ontem. Estava no fim de minhas forças. Tinha sido recrutado para jogar golfe na associação atlética universitária nacional NCAA e ia realizar o sonho de competir que tinha. Cheio de esperança e alegria, já imaginava minha vida universitária como jogador de golfe e, depois, como carreira profissional. Como tinha sido relativamente bem-sucedido como amador na adolescência, meu futuro parecia brilhante. Mas, no primeiro ano de faculdade, comecei a sentir uma dor crônica nos tendões de minha mão esquerda. Consultei vários médicos para descobrir a causa, mas eles ficavam perplexos. Nos dois anos seguintes, joguei, apesar da dor, mas meu jogo nunca mais foi o mesmo. Era frustrante jogar com metade de minha habilidade, mas perseverei o máximo que pude, com períodos de alta e de baixa performance. Eu sabia que, se meus tendões não sarassem, eu não poderia continuar. Finalmente, depois passar dois anos jogando com problemas, decidi parar.

Estava passando por uma fase da vida na qual uma porta é fechada, mas não via outra se abrir. Imaginei o que faria da minha vida. Pensei em várias áreas de interesse e

especializações, mas tudo que consegui foi um grande vazio e a sensação de um futuro sombrio.

Tinha muitos amigos, mas alguns namoros fracassados me fizeram duvidar se algum dia eu seria capaz de ter um relacionamento que desse certo. “Como encontrar o relacionamento certo? Como é? Será que sou o tipo de pessoa capaz de alcançá-lo?” Meu futuro sentimental não parecia mais promissor do que o vocacional.

Era nesse estado e nessas condições que eu me encontrava naquela tarde de domingo no meu quarto. Os pensamentos sobre todos os aspectos da vida que não estavam dando certo giravam em minha mente como um rodamoinho. “O que vou fazer? Com quem vou acabar ficando? O que devo fazer para encontrar meu caminho no campo profissional e sentimental? O que devo fazer para me transformar em uma pessoa que não seja tão deprimida e incapaz de descobrir tudo isso?” Não tinha nenhuma resposta.

Sentado em minha cama, pensando, olhei para a minha estante e vi uma Bíblia. Não lia a Bíblia desde que tinha entrado para a faculdade. Embora a tivesse lido muitas vezes antes e sido criado com muita fé, essa fé nunca tinha passado pela provação do desespero. No entanto, alguma coisa me chamou a atenção para o livro e o tirei da prateleira. Abri aleatoriamente e um versículo saltou da página como se estivesse escrito em néon:

> Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas (Mt 6.33].

Esse versículo realmente me atingiu como um raio. “... todas essas coisas” era exatamente o que me preocupava. E, então, um versículo acima daquele me chamou a atenção:

> Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua

> própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com o seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? (v. 25).

E, depois, para encerrar:

> Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal (v. 34).

Bati de frente com uma realidade que naquele momento sequer compreendia, era do tipo que se leva anos para entender. Mas sabia que essas palavras eram dirigidas a mim. Seria verdade que eu receberia todas essas coisas se pedisse a Deus? O que isso significava? Eu nem sabia que Deus provia as coisas para as pessoas; achava que ele era apenas alguém com quem eu devia conversar e tentar agradar o bastante para que não me odiasse. Mas o golpe foi forte o bastante para que eu quisesse arriscar. Afinal, já tinha tentado de tudo que conhecia.

Então, fui dar um passeio. Pensei sobre o que tinha acabado de ler e tomei uma decisão. Buscaria a justiça de Deus e veria se isso funcionava. "Buscaria a Deus". Mas não sabia exatamente como fazer isso, então, fiz a única coisa que me ocorreu: fui a uma igreja. A Highland Park Chapel que ficava no campus estava vazia. Parei em frente e fiz uma pequena oração: "Deus, nem sei ao certo se o Senhor está aí. Mas, se estiver e puder, mostre-me como, e eu farei tudo o que me disser para fazer".

Nada aconteceu. O silêncio era ensurdecedor. No entanto, eu sabia que tinha chegado a uma encruzilhada e que, se Deus não respondesse, não saberia mais para onde ir. Voltei para o meu quarto, imaginando se o meu contato com Deus daria algum resultado.

Mais tarde, o telefone tocou. Era um colega do grêmio estudantil. O que ele disse me deixou pasmado:

Não sei por que pensei em você, mas estamos começando um grupo de estudo da Bíblia em meu apartamento e queria saber se você gostaria de vir.

Pode contar comigo — eu disse simplesmente, sem explicar o por quê.

Mal podia acreditar que meu colega tinha ligado, mas esperava que essa fosse a resposta à minha oração. Era a primeira indicação que eu tinha de que Deus podia atender diretamente a necessidade de uma pessoa. Não quis me convencer totalmente disso naquele momento e ainda demoraria um pouco para que isso acontecesse, mas lembro de ter visto um raio de esperança. Talvez Deus tivesse realmente me ouvido e iria me ajudar.

Fui ao estudo da Bíblia. Demorou um pouco. E lá descobri que realmente existe um Deus ajudador, e ainda, o que eu tinha lido naquele dia na Bíblia era mais verdade do que eu podia imaginar: as respostas da vida e todas as coisas se encontram na busca por Deus *e* na sua justiça. O que eu não sabia era que tanto a busca como a justiça seriam um longo processo. No entanto, ele realmente existia e realmente era a resposta.

Neste capítulo veremos como o relacionamento com Deus "faz a vida crescer". Examinaremos conceitos que podem parecer elementares para alguns, mas que precisam ser constantemente lembrados, e veremos como nos ajudam a crescer. Esperamos que você use essas realidades para fazer um inventário do tipo de crescimento que está buscando para si mesmo e fornecendo aos outros. Se eles estiverem presentes, acreditamos que o crescimento é inevitável.

UMA VISÃO VERDADEIRA DE DEUS

Um dos maiores obstáculos ao crescimento é a nossa visão de Deus. Para crescer em relação a ele, precisamos saber o que e como realmente Deus é. Acho incrível, em minha própria vida, assim como na de outros, que seja tão anormal para nós vermos a Deus como ele realmente é. Na verdade, uma das coisas que Jesus mais queria era mostrar às pessoas como o conceito delas estava errado com relação a Deus. Talvez tenha sido isso que, em parte, levou-o a dizer estas palavras ao pedido de seu discípulo Filipe:

> Disse-lhe Filipe: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta". Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai?" (Jo 14.8,9).

Jesus tinha a missão de mostrar às pessoas o que Deus realmente era. "Emanuel", um dos nomes dados a Jesus, significa "Deus conosco". E quando Jesus caminhou na terra, mostrou-nos um Deus muito diferente do que poderíamos esperar.

As pessoas não crescem enquanto não trocam a visão humana natural de Deus pela visão bíblica real. O primeiro aspecto dessa troca deve ser a substituição de um Deus de leis por um Deus da graça. As pessoas precisam descobrir que Deus está para elas e não contra elas. Esse é o significado do Deus da graça.

Muitos cristãos compreendem mal a graça, inclusive aqueles que ajudam as pessoas a crescer. Em geral, as pessoas pensam que graça significa perdão ou a falta de condenação e que o Deus da graça é aquele que perdoa. Mas, embora o perdão seja uma expressão da graça de Deus, a graça é muito mais do que simplesmente perdão.

Teologicamente, a graça é um favor não merecido. Essa definição tem duas implicações importantes:

1. Como disse, favor significa que Deus está a nosso favor e não contra nós. Ele está do nosso lado e deseja o bem, e não o mal para nós.

2. Seu favor não pode ser conquistado e, mesmo que pudesse, não temos os meios para conquistá-lo. Não o merecemos. Portanto, ele nos dará espontaneamente as coisas que não podemos conseguir sozinhos.

Em termos práticos, essas duas implicações da graça permeiam todo o processo de crescimento. Para crescer, precisamos das coisas que não podemos ter e não podemos conseguir e precisamos ter uma origem dessas coisas que nos considere favoravelmente e faça as coisas por nós para o nosso próprio bem.

A Bíblia ensina que, se tivermos fé em Deus, estaremos numa situação de vida inteiramente de graça. Isso se opõe a estar numa situação de vida de lei. E teologia avançada para aqueles que ajudam as pessoas a crescer de forma prática, como salvar um casamento ou ajudar um universitário deprimido. Siga o meu raciocínio mais um pouco e verá como a teologia da graça interfere na vida.

Paulo contrasta a expressão “debaixo da lei” e “debaixo da graça” (v. Rm 6.14,15; Gl 4.4,5; 5.18). Em vez de ter um Deus que está a nosso favor e que nos dá o que precisamos, a lei é contra nós e diz que temos de merecer, pelo nosso próprio esforço, o que precisamos.

Isso significa que a vida é, basicamente, um lugar onde temos o que merecemos e temos de temer a Deus (Cl 1.21; Rm 6.23). Para conseguirmos qualquer coisa, precisamos conquistá-la sozinhos. A lei significa que Deus está furioso, dizendo: “Faça você mesmo”. A graça significa que Deus está para nós e diz: “Eu o ajudarei a fazer”. A graça é o inverso da lei.

Quando estamos sob a lei, em nosso estado natural, sentimos que Deus é o inimigo e que recebemos o que merecemos. Naturalmente, tentamos "ganhar" a vida. Tentamos fazer tudo que achamos que pode fazer Deus gostar de nós ou tudo o que achamos que pode resolver os nossos problemas do dia-a-dia. Assim, estamos tentando "salvar a nossa vida" (v. Mt 16.25). Tentamos fazer com que Deus não fique bravo e tentamos, às custas de nossos próprios esforços, crescer e resolver nossos problemas. No entanto, Paulo diz que esse estilo de vida é exatamente o oposto de viver de acordo com a fé e a graça e que se escolhermos a lei, acabaremos nos sujeitando à lei na vida real (Gl 3.12). Isso não é só teologia, é exatamente o que as pessoas acabam vivenciando com seus problemas na vida real até entenderem a realidade da graça. E a conseqüência é o fracasso. Tomemos um exemplo real para ver como isso acontece.

Recentemente, conversei com um colega ministro que estava tentando ajudar um amigo a perder peso. Seu amigo, que chamaremos de Dirk, precisava perder uns 45 quilos. Dirk tinha decidido que assumiria um compromisso com Deus e com seu amigo para perder peso e começou a fazer uma dieta com esse fim. Ele deveria prestar contas ao meu amigo depois de alguns meses para ver como estava se saindo com o seu plano. Quando fez isso, seu peso tinha mudado, não para baixo, mas para cima.

Quando meu amigo confrontou-o em relação à seriedade da situação, Dirk respondeu como uma pessoa que vive sob a lei:

— Eu sei. Fracassei. Sei que isso é pecado e tudo o mais. Sei que Deus está decepcionado comigo e sinto-me péssimo. Sou um grande pecador. Isso é mau. Sou um grande pecador. Pedirei perdão a Deus e tentarei esforçar-me mais. Dessa vez vou realmente me comprometer, não apenas com uma dieta, mas também com exercícios. Sei que errei e falhei com Deus e com você e prometo esforçar-me mais.

Eu disse ao meu amigo que eu podia garantir que Dirk estaria fadado a outro fracasso enquanto não revisse todo o seu sistema de crenças. Ele ainda estava sob a lei e não sob a graça. Primeiro, ele achava que Deus estava bravo com ele por seu fracasso e, por isso, mergulhou-se na culpa. A última coisa que ele pensaria era que Deus estaria com ele e pronto a conceder-lhe um favor não merecido. Ele esperava exatamente o oposto. Em segundo lugar, ele achava que podia fazer por merecer uma solução para o seu problema, "tentando esforçar-se mais". Nas palavras de Jesus, ele iria "salvar a própria vida". Ele tentaria perder peso assumindo um compromisso mais sério.

Como seria uma resposta pela graça? Primeiro, Dirk veria que Deus não estava nem um pouco bravo com ele por seu fracasso e, inclusive, estava mais interessado em ajudá-lo a ser mais saudável. Ele não se sentiria condenado e não mergulharia na culpa. Ele veria um Deus para o qual poderia se voltar para pedir ajuda num momento de necessidade. Como diz Hebreus 4.16: "Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade". A graça ensina que Deus está inclinado a nos ajudar em nosso fracasso e que ele vê a nossa incapacidade como parte da realidade e não fica bravo com a nossa fraqueza. De fato, ele chama o fato de não sermos capazes de fazer o que precisamos de estado "bem-aventurado" (Mt 5.3; 2Co 12.9,10).

Além disso, Dirk veria que e incapaz de perder peso por seus próprios esforços e que isso acabaria com suas forças. Então, perceberia que precisava de ajuda de fora.

Descrevi para o meu amigo como seria esse favor não merecido em relação à perda de peso. Dirk teria de buscar ajuda. O apoio, a cura e a estrutura que precisava para perder peso teria de vir de fora, e não ser conseguido com seus próprios esforços. Ele precisava de apoio e encorajamento, por isso teria de concordar em submeter-se a

um grupo ou pessoa que pudesse oferecer todo o apoio de que ele precisava, inclusive diariamente, se necessário. Ele precisava lidar com a dor e o estresse que criava a necessidade de comer compulsivamente, portanto, precisava de um lugar para cuidar de sua dor. Precisava de limites e de controle sobre sua alimentação, assim, precisava de um programa estruturado no qual pudesse ligar para várias pessoas e pedir ajuda no momento da tentação. Ele não perderia peso sozinho. Quando se tenta, pela primeira vez, ter uma visão de Deus que afeta o crescimento, é preciso começar pela graça. Mas a graça precisa ser mais do que "perdão". Essa "graça" é a provisão de Deus de vários recursos e ferramentas para nos ajudar a crescer. Não crescemos pela "força de vontade" ou pelo "esforço próprio", mas pela provisão divina. Deus oferece a ajuda de que precisamos (ou seja, a graça) e a nós cabe aceitar essa provisão.

TEOLOGIA PRÁTICA

Compreender a graça não é um exercício apenas teológico; é essencial para construir um sistema de crescimento. Por exemplo, você lidera um pequeno grupo para a sua igreja e entende a graça erroneamente, apenas como o perdão e a aceitação que seu grupo oferece? Alguns líderes de pequenos grupos fazem isso. Eles criam grupos de vigilância que cuidam de três coisas: perguntam se a pessoa está vivendo segundo o padrão, perdoam-na se não estiver e, então, encorajam-na a voltar e tentar melhorar. Esse modo de agir evangélico bastante comum é um bom exemplo de como a lei funciona. Dar o padrão, conceder o perdão pelo fracasso e pedir um compromisso maior para melhorar e se esforçar mais.

Ou talvez você tenha um ministério de pequenos grupos que entenda que uma pessoa está "firme na graça", que ela não é condenada, mesmo que fracasse, e que sabe que é incapaz de conter o mau comportamento apenas pelo

esforço? Esse tipo de ministério a leva a lugares nos quais ela pode obter o que não é capaz de conseguir sozinha, como apoio, estrutura, cura, ajuda para conter os impulsos que governam seu comportamento, dependência no Espírito de Deus etc.

Então, primeiro, tenha a certeza de que seu ministério permite que as pessoas saibam e se lembrem sempre, de mil maneiras diferentes, que Deus não é seu inimigo, mas alguém que quer ajudar. Isso significa ensinar que "não há condenação" (Rm 8.1), mesmo quando alguém falha (y. o cap. 9 sobre culpa) e ensinar que isso significa "estar firme na graça" (v. Rm 5.2). Isso também significa entender a Deus como fonte da vida, e não de regras.

Não raro, os cristãos que falham pensam que Deus está bravo com eles e o vêem como alguém que precisam evitar, em vez de ser aquele ao qual precisam se voltar. Ainda estão "debaixo da lei" num nível emocional profundo. Os cristãos que falham também evitam outros cristãos, especialmente quando estão se sentindo mal e culpados em meio ao fracasso. E triste ver essa dinâmica da lei acontecer na igreja e, então, ver o oposto acontecer nas associações anônimas com os Doze Passos. Nesses grupos de ajuda, as pessoas aprendem que a primeira coisa a fazer quando se fracassa é ligar para alguém do grupo e comparecer a uma reunião. Elas aprendem a "correr para a graça" por assim dizer, a se voltarem imediatamente para um poder maior e para seu sistema de apoio. O triste é que essa teologia é mais bíblica do que a que é praticada em muitos ambientes cristãos, nos quais as pessoas que fracassam correm *de* Deus, e não *para* Deus e para aqueles de quem precisam.

Além disso, certifique-se de que o favor realmente seja demonstrado de uma forma que ajude as pessoas a verem que elas estão recebendo "favores que não merecem". Certifique-se de que elas não contem com a própria ajuda. Certifique-se de que façam o tipo de coisa que sugerimos anteriormente para Dirk. Ele teve de buscar os favores, a

graça e os recursos fora. Ele não podia conquistá-los nem criá-los. Ele recebeu favores não merecidos.

Duas coisas precisam acontecer em qualquer ministério que seja destinado ao crescimento. Primeiro, a ênfase na lei precisa ser eliminada. A lei tende a piorar as coisas, e não a melhorar (Rm 5.20; 7.10). Precisa estar morta (Rm 7.4; Gl 2.19). Sempre que a vir, faça de tudo para que as pessoas "morram" para ela. Ela destrói qualquer crescimento que Deus tenha iniciado na vida de alguém. A simples tentativa de estar justificado com Deus pela lei aliena as pessoas de Cristo e faz com que elas caiam da graça (Gl 5.4); tentar crescer submetendo-se aos caminhos da lei da ira, da condenação e de tentar se esforçar mais tem o mesmo efeito. Em segundo lugar, precisamos ajudar as pessoas a perceberem que precisam da graça.

PARA CHEGAR À NECESSIDADE DA GRAÇA

A graça só é eficaz quando existe a necessidade dela. Quando contrastamos a lei com a graça acima, não estávamos dizendo que a lei não tem valor. Mas não podemos confundir o valor da lei com o valor da graça. A lei não pode mudar as pessoas ou fazê-las crescer. É "incapaz" disso, como diz Paulo (Rm 8.3). Mas proporciona a consciência da "morte espiritual", que as pessoas precisam ter para encontrar o Deus que as procura. A lei nos torna conscientes de nossa necessidade em relação a Deus (Rm 3.20; Gl 3.24). Mostra-nos que somos incapazes de nos ajudar.

Da mesma forma, tanto no crescimento como na salvação, para alcançarem uma condição de graça, as pessoas precisam experimentar a necessidade. Precisam ter consciência da morte. No exemplo do início do capítulo, eu experimentei a morte de todos os meus sonhos e de minha capacidade de encontrar uma vida que fosse bem-sucedida. Ao reconhecer minha incapacidade de satisfazer as leis da vida, cheguei ao fim das minhas forças. Era um candidato à

graça, ao favor não merecido. Precisava que Deus estivesse para mim e me desse as coisas que eu não podia conseguir sozinho. Percebi que era "pobre em espírito" e que precisava de Deus.

Às vezes, precisamos ajudar as pessoas a alcançarem uma "experiência de morte" para que a graça entre em vigor e o crescimento aconteça. Precisamos permitir (e, às vezes, ajudar) que elas cheguem ao fim de suas forças e descubram que se encontram numa situação realmente ruim. E o oposto do que muitos conselheiros, grupos e professores fazem. Vivemos numa época em que as pessoas querem se sentir bem e evitar a dor e, às vezes, criamos ministérios destinados a fazê-las sentirem-se bem consigo mesmas.

Uma vez, John e eu ficamos muito alegres e satisfeitos de ver que um homem tinha nos compreendido. Ele disse: "Acho que entendi. O ministério que eu costumava freqüentar só falava de vencer e vocês falam de fracassar!". Sabíamos que ele tinha nos entendido. Tínhamos dito a ele que encarasse o fato de que todas as suas tentativas de ser bem-sucedido e desenvolver a "auto-estima" o estavam afastando da resposta para os seus problemas. Ele tinha de encontrar uma forma de reconhecer que as coisas não iam bem, que não iam melhorar enquanto ele não enxergasse a realidade. E isso o que os dependentes químicos chamam de "chegar ao fundo do poço". É reconhecer que você chegou ao fim de suas forças. E o que se chama de "morte do ego".

É a condição que eu estava tentando fazer Rich e Stephanie assumirem quando lhes disse para pararem de se enganar e achar que havia amor o bastante para salvar o casamento. Eles precisavam reconhecer que seu amor tinha morrido e que eles eram incapazes de reviver esse amor. Ele não existia dentro deles. Eu queria que eles passassem por essa experiência de morte para que vissem que a única esperança era se voltarem para Deus. Quando reconheceram isso, estavam prontos para a graça de Deus. Estavam prontos para Deus e para receber as coisas que ele tinha a

lhes oferecer, coisas que eles nunca tinham visto ou ouvido falar antes.

Em nosso trabalho com as pessoas, precisamos ser diretores funerários para mostrar que elas precisam morrer não apenas para a lei, mas também para elas mesmas. Todos os seus esforços não funcionaram e elas precisam parar de tentar. E difícil conseguir fazer as pessoas desistirem, mas isso precisa acontecer para que elas experimentem a Deus.

AJUDANDO OS OUTROS A TER NECESSIDADE DA GRAÇA

CONFRONTAÇÃO

Seguindo mais um pouco no raciocínio teológico, falamos que embora a lei seja inútil enquanto agente de mudança, ela tem seu valor. Seu valor é nos mostrar a necessidade da graça (Rm 3.20; Gl 3.24). Por isso é importante que o processo de ajuda a inclua. Não inclua a lei como uma forma de melhorar, mas *como uma forma de ajudar as pessoas a conhecer sua necessidade.*

Em outras palavras, aqueles que não conhecem a própria necessidade precisam ser confrontados com a sua negação. Dirk estava num processo de negação em relação à sua necessidade da "graça". Ele ainda achava que podia perder peso sozinho. Não tinha sido levado ao fim de suas forças e capacidade. Disse ao meu amigo que ele teria de "impor a lei" para Dirk. Eu não estava sugerindo para ele dizer: "Vá perder peso", mas sim o seguinte: "Você não está tendo sucesso nas suas tentativas de mudar e seria melhor que reconhecesse que não perderá peso se esforçando mais. Você precisa de ajuda". Isso atingiria em cheio a negação de Dirk e o faria dar-se por vencido.

A confrontação é uma ferramenta importante para fazer alguém enxergar sua incapacidade de mudar e sua necessidade de ajuda. As pessoas são muito compassivas; elas *encorajam* aqueles que precisam ser *desencorajados.*

Encorajar uma pessoa incapaz a se esforçar mais é uma das piores coisas que existem. A melhor coisa a fazer é desencorajá-la a acreditar que pode fazer sozinha.

Outro uso da lei é mostrar a uma pessoa que ela não está seguindo um padrão. Falaremos mais sobre o papel da verdade e da confrontação no capítulo 17, mas é importante compreender neste contexto que as pessoas nunca se dão por vencidas enquanto não reconhecem que fracassaram.

Certa noite, num jantar com um grupo de pessoas, uma amiga minha que é solteira estava contando sobre sua vida amorosa e disse que Deus não lhe providenciava um companheiro. Como a conhecia, sabia que a última desculpa que ela poderia dar para a sua condição de solteira era a falta de provisão de Deus. Isso tinha muito mais a ver com a forma como ela interagia com as pessoas. Quando a vi jogar a culpa em Deus, tive de intervir, pelo menos, para defender o nome dele:

Por que você acha que Deus está mantendo você solteira? — perguntei.

— Bem, ele ainda não separou ninguém para mim. E ainda não me fez gostar o bastante para casar-me com aqueles que trouxe para mim.

Esse argumento quase me deixou sem resposta.

— O que você quer dizer com “fez gostar”? De quem são os sentimentos? Seus ou de Deus?

— O que você quer dizer?

— Ora, os sentimentos são seus e não dele. Por que você não diz que “você ainda não gostou de ninguém”, em vez de culpar a Deus por isso? Talvez você não tenha se permitido gostar de alguém ou exista alguma outra coisa em você que a impeça disso. Ou vai ver que os homens que apareceram na sua vida não fizeram o seu “tipo”, ou coisa parecida. Mas não jogue a culpa pelos seus sentimentos em Deus.

— Acredito que Deus tem o controle da minha vida — ela respondeu — se quisesse que eu gostasse deles, faria isso.

— Acho que Deus está tentando ajudá-la a assumir o controle da sua vida, que os seus sentimentos em relação aos homens estão descontrolados e que Deus gostaria muito de ajudá-la a mudá-los, se você parasse de culpá-lo e percebe que você tem algo a ver com o problema.

— O que você está dizendo? — ela perguntou indignada. As outras seis pessoas sentadas à mesa ouviam a nossa conversa com atenção, mas também com constrangimento.

— Estou dizendo que acho que você tem alguns problemas de crescimento para resolver e que eles têm muito mais a ver com o motivo de você não estar namorando ou casada do que com o fato de Deus a estar impedindo. Na verdade, acho que sei que problemas são esses e como ajudá-la a ter um namoro sério em um ano.

Ela me olhou como se eu estivesse louco.

— O que você quer dizer?

— O que eu quero dizer e que se você fizer tudo o que eu disser, em um ano estará namorando. Eu garanto. Mas você tem de fazer o que eu disser. Exijo total obediência. Caso contrário, eu desisto. Não pedirei para você fazer nada ilegal, antiético ou imoral. Mas você tem de seguir à risca o que eu disser.

Como não queria fugir de um desafio na frente dos amigos, ela disse:

— Muito bem, senhor sabe-tudo. Eu topo!

O final da história é que, em seis meses, e não em um ano, ela encontrou um relacionamento significativo, depois de passar três anos sem nenhum namorado.

Para ela crescer, precisavam acontecer três coisas, e as três tinham a ver com a lei. Primeiro, eu tinha de fazer com

que ela admitisse que tinha fracassado. Ela não enxergava que não estava seguindo um padrão e achava que Deus estava falhando com ela. Na sua cabeça, ele não lhe arranjava um relacionamento significativo. Mas, na verdade, ela não estava se relacionamento de uma forma propícia para os relacionamentos significativos. Eu tinha de mostrar a ela os modelos de relacionamento que não estava seguindo. Então, primeiro, para que ela começasse a crescer, eu tinha que fazê-la ver que o problema estava nela, e não em Deus. Ela estava "errando o alvo". Pedi a ela que fizesse um registro de quantas vezes por mês encontrava-se numa situação em que podia conhecer alguém novo e, depois, ver quantas vezes ela se encontrava com as mesmas pessoas de sempre. A primeira resposta foi zero.

Mais tarde, conforme trabalhamos em seus relacionamentos e depois de fazê-la mudar de atitude para conhecer novas pessoas, ela viu que sua situação era bem pior do que imaginava. Ela descobriu que evitava um grande medo de ser dependente, jogando a culpa em Deus. Ao aprofundar o relacionamento com alguns homens, viu que tinha um medo enorme de ser rejeitada e, por isso, fugia do jogo do namoro. Quanto mais avançava, mais encontrava padrões que não tinha alcançado. Essa "lei", ou conjunto de padrões, pela qual eu a estava julgando, servia para mostrar que *ela,* e não Deus, tinha fracassado. Essa "má" notícia foi a melhor notícia que ela poderia ter recebido, pois revelou problemas como passividade no ambiente social, que ela pôde trabalhar para resolver.

Em segundo lugar, tinha de reconhecer que não sabia como resolver a situação. Conversando a respeito, ela percebeu que não adiantava nada jogar a culpa em Deus e também que não fazia a menor idéia de quais eram seus problemas e muito menos de como resolvê-los. Precisava da ajuda de fora. Quando parou de culpar a Deus, viu o estado em que sua vida amorosa se encontrava. E, então, entrou em desespero. Não tinha muita esperança em relação a si mesma e não sabia o que fazer. Percebeu que precisava de ajuda de

fora. Percebeu que precisava de "graça". Essa é uma das coisas mais importantes que a lei pode fazer por nós. Quando reconhecemos nossa situação e nos condenamos à nossa própria realidade, percebemos que precisamos de ajuda.

Em terceiro lugar, precisava descobrir o que fazer a partir de então. O que faltava? Que verdades precisava aprender e seguir? Que princípios de relacionamento a ajudariam a ser "bem-sucedida" (Dt 6.24)? Um papel importante da lei e mostrar a verdade. Ela precisava conhecer as verdades de Deus e saber como colocá-las em prática. Embora a Bíblia tenha alguns versículos específicos sobre namoro, há muitos outros princípios que também a ajudariam a sair daquela estagnação nessa área.

A REALIDADE DAS CONSEQÜÊNCIAS E DA DISCIPLINA

Permitir que as pessoas sofram as conseqüências lógicas é uma outra maneira de fazê-las reconhecer a necessidade da graça. Teoricamente, podemos fazer isso pela confrontação, como eu fiz com minha amiga no exemplo anterior. Quando a confrontei, ela teve de encarar a realidade de sua vida amorosa. Mas, às vezes, as pessoas não conseguem (ou não querem) ouvir a verdade da confrontação e continuam estagnadas. Nesse caso, em geral, o melhor é deixar que a realidade toque suas vidas.

A Bíblia apresenta esse modelo de maneira consistente. Deus procurava ajudar os israelitas, conversar com eles e dar-lhes recursos e promessas na esperança de que eles o buscassem. Quando isso não acontecia, ele enviava profetas com graves advertências. Quando a confrontação dava certo, as coisas melhoravam. Mas, às vezes, os israelitas não ouviam os profetas, então, era a vez das conseqüências. Para disciplinar Israel, Deus enviou o dilúvio, pragas e até mesmo o exército de um país vizinho. Ele usou vários métodos para fazer o povo encarar a realidade de seus próprios caminhos e arcar com as conseqüências.

Com freqüência, na igreja, protegemos as pessoas da difícil realidade de arcar com as conseqüências lógicas, que as forçariam a reconhecer a necessidade da graça e tudo o que ela pode prover. Nos compadecemos delas e as poupamos, ou então, ficamos com medo e nos submetemos a elas. A Bíblia nos adverte em relação às duas coisas: "Não cometam injustiça num julgamento; não favoreçam os pobres, nem procurem agradar os grandes, mas julguem o seu próximo com justiça" (Lv 19.15). Seja qual for a situação da pessoa, precisamos ajudá-la a encarar a verdade. E, às vezes, isso significa deixar que ela enfrente a difícil realidade.

O principal tema deste capítulo não é disciplina e correção, falaremos sobre esses temas com mais detalhes no capítulo 13. Entretanto, neste capítulo sobre o Deus da graça, é importante vermos que, às vezes, a nossa "ajuda" pode acabar impedindo as pessoas de experimentarem a difícil realidade que, afinal, pode conduzi-las à graça que tanto precisam. É a velha história de deixar a pessoa "chegar no fundo do poço". Isso pode significar deixar que ela perca o emprego, um relacionamento ou a oportunidade de entrar para um grupo ou associação. Deus usa as conseqüências da realidade em nossa vida para que reconheçamos a necessidade que temos dele e vejamos o que ele tem a nos oferecer. As pessoas em condições de ajudar as outras a crescer, precisam ter a coragem de permitir que elas experimentem essas conseqüências, caso contrário, estarão impedindo a graça (v. cap. 11).

A história do filho pródigo em Lucas 15 é um exemplo. O filho pediu ao pai a sua parte na propriedade. Sem dúvida, o pai podia tê-lo censurado, feito alguma oferta ou ficado bravo até persuadir o filho caçula a mudar de idéia. Quem sabe? Talvez ele tenha mesmo feito isso, mas não é essa a informação que nos é dada. Tudo que sabemos é que o pai permitiu que o filho escolhesse o que fazer e, então, experimentasse as conseqüências. Depois de receber a sua parte da propriedade, o filho foi para uma terra distante, onde desperdiçou sua fortuna numa vida devassa. Quando o

dinheiro acabou, ele foi forçado a cuidar de porcos para sobreviver.

As conseqüências da escolha do próprio filho fizeram-no mudar, ajudaram-no a reconhecer a própria necessidade e colocaram-no em uma situação na qual ele precisava das coisas que seu pai tinha a lhe oferecer. Isso mostra que as conseqüências que levam à graça, em si, são um ato de graça (Hb 12.4-11; Tg 1.2-4). O chiqueiro foi uma experiência disciplinadora e, portanto, um dom de graça.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Examine a sua visão de Deus. Você acha que ele está a favor ou contra você? De que maneira você o vê nos dois casos?
- Veja em que situação você está recebendo um "favor não merecido" ou, se não estiver, em que situação irá recebê-lo.
- Determine que favor você precisa que Deus lhe providencie.
- Examine os padrões que o levariam à realidade da sua situação e à sua necessidade em relação a Deus e ao crescimento. Esteja aberto para eles quando os encontrar.
- Descubra que confrontação você precisa e que pessoas lhe darão as conseqüências da realidade. Faça um relação das conseqüências da realidade que você já enfrenta.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Comunique graça em tudo o que faz. Diga que Deus está a favor e não contra seu povo. Ensine que isso significa precisar do favor e não da lei.

- Ensine que é bom chegar ao fim das nossas forças. Assim, Deus tem uma oportunidade de operar em nós. Ensine que ninguém pode conquistar, merecer ou prover sozinho tudo o que é necessário para crescer.
- Descubra qual favor é apropriado para as experiências de crescimento que está proporcionando e certifique-se de que este é uma realidade. Lembre-se de que o papel do pastor ou do condutor não é necessariamente prover o favor, mas cuidar para que ele seja provido. Use o Corpo de Cristo.
- Decida quais padrões, confrontações e realidades são apropriados para as diferentes situações que você está conduzindo, e procure providenciá-los. Comunique-os com graça. Lembre-se de que a comunidade não ajuda quando protege as pessoas das realidades da vida e dos padrões que elas deveriam seguir. O segredo é levar esses padrões para elas de uma forma que as conduza à graça, em vez de afastá-las ainda mais dela.

Assim, ao considerar o crescimento, permita que as pessoas fracassem. Às vezes, você pode até ser o agente do fracasso, como ao excluir uma pessoa de um grupo ou despedir um membro de sua equipe. As conseqüências da realidade não são totalmente más. Elas fazem parte do plano de Deus.

COMBINAR GRAÇA E VERDADE

Em resumo, vimos como um relacionamento com Deus influencia o crescimento. Primeiro, para que o crescimento que faz a vida ser bem-sucedida aconteça, precisamos buscar a Deus. Jesus diz para buscarmos primeiro o Reino de Deus e sua justiça para que a vida possa ser acrescentada a nós. O crescimento espiritual é a base de qualquer tipo de "edificação da vida".

Em segundo lugar, precisamos reconhecer que Deus é o Deus da graça. No anseio de encontrar a Deus, não criamos uma idéia verdadeira dele. Às vezes, o vemos segundo um padrão religioso que precisamos seguir e deixamos de enxergar sua verdadeira aceitação pelo que nós somos. Ou, como é mais comum no meio evangélico, embora vejamos a Deus como o Senhor da graça, a visão de graça que nos guia é basicamente a do perdão. A graça que produz uma verdadeira transformação de vida é a do favor não merecido, a compreensão de que Deus está realmente a nosso favor e que provê tudo o que não podemos prover para nós mesmos. Graça significa que recebemos os dons que precisamos para que o crescimento aconteça. Não podemos consegui-los com "força de vontade".

Em terceiro lugar, a graça não vem facilmente, e nós não a reconhecemos naturalmente. Ela só acontece na sala de aula da lei de Deus. Encontramos a lei de Deus pelo reconhecimento do nosso fracasso em alcançar seu padrão e da nossa necessidade de graça ou ao experimentarmos as conseqüências de não conseguir seguir o padrão. De qualquer forma, morremos para nós mesmos. Precisamos reconhecer que fracassamos e que não temos esperança de alcançar a vida que desejamos por nossa conta. Feito isso, a lei de Deus nos guiará, pela graça, para estruturar a vida como foi criada para ser. Seus princípios são a "lâmpada que ilumina os nossos passos".

5. JESUS: NOSSO EXEMPLO DE VIDA

A vida e a morte de Jesus fornecem respostas importantes para o processo de crescimento espiritual.

Por muito tempo em minha vida, eu (John) não sabia onde colocar Jesus. Quando criança, lembro-me de ver Deus,o Pai, como alguém que podia me ajudar. Pedia sua ajuda em coisas como ter boas notas, não me deixar ter problemas com meus pais e fazer meu time de beisebol vencer. Eu orava "em nome de Jesus", como haviam me ensinado. E Jesus se resumia a isso para mim. Na faculdade, cresci muito em relação à minha fé, especialmente a fé na graça e na providência de Deus para mim. Aprendi sobre o ministério permanente do Espírito Santo em meu coração e estudei o sacrifício de Jesus por meus pecados, que me dava o direito de apresentar-me diante de Deus. Mas embora visse os papéis do Pai e do Espírito em meu contínuo crescimento espiritual, não percebia o que o Filho fazia além da salvação. Aprendi sobre permanecer em Cristo (Jo 14—15), o que me ajudou a perceber que eu precisava de um relacionamento constante com Jesus. Mas isso era tudo.

Algumas pessoas falavam de o quanto sua caminhada com Jesus era significativa, outras falavam de seu poder ou contavam uma grande purificação espiritual que tinha acontecido em suas vidas "em nome de Jesus". Eu queria me aprofundar mais em meu relacionamento com Jesus da mesma forma que essas pessoas, mas teoricamente não havia muita coisa que elas atribuíam a Jesus que eu não pudesse imputar ao Pai e ao Espírito.

O que eu não queria, porém, era inventar coisas. Eu não queria criar alguma coisa sobre a obra de Jesus em minha vida para que pudesse me sentir mais inteiro. Sabia que, se

fizesse isso, nunca o reconheceria quando ele se manifestasse em minha vida. Por isso, Jesus continuou um pouco desconhecido para mim.

Então, durante o meu curso de pós-graduação em teologia e psicologia, voltei-me para o único lugar que Jesus ocupa no processo de crescimento espiritual. Com isso, percebi que não poderia imaginar a verdadeira maturidade espiritual sem as contribuições dele. Esse é o assunto deste capítulo. Veremos várias áreas específicas nas quais Jesus nos ajuda a crescer.

O RELACIONAMENTO CONSTANTE

Em primeiro lugar, Jesus está "conosco". Jesus se foi para estar com o Pai, mas ele também vive no coração de cada crente: "E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.20). Pela fé, ele vive em nós:"... para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé" (Ef 3.17). Isso significa que temos um relacionamento permanente e seguro com ele. De forma misteriosa, Jesus e o Espírito Santo habitam em nós. No próximo capítulo, examinaremos melhor a presença do Espírito em nós.

No Antigo Testamento, Deus habitava no santuário. Agora *as pessoas* são o santuário (1 Co 3.16). Com Jesus temos uma ligação pessoal e ativa com Deus. Essa é uma fonte imensa das coisas boas que as pessoas precisam para o crescimento espiritual. Vejamos uma pequena lista:

- vida (Jo 15.4);
- bons frutos (Jo 15.5);
- orações atendidas (Jo 15.7);
- poder (2Co 12.9);
- paz (Cl 3.15).

As pessoas precisam de dois tipos de relacionamento para crescer: o divino e o humano. Se você ajuda as pessoas as crescer, veja como elas estão ligadas ao Cristo que habita em seu interior. Seja qual for o problema ou conflito, a ligação deve vir em primeiro lugar. É tão importante quanto checar o tanque de gasolina antes de fazer uma viagem de carro.

Grande parte desse processo resume-se em aprender a tornar-se consciente de Jesus. Nossa tendência natural é usar apenas os cinco sentidos para experimentar este mundo e suas realidades. Entretanto, a Bíblia ensina que a realidade espiritual é muito mais do que um conceito ou idéia; é tão real quanto o mundo físico. As pessoas no processo de crescimento precisam saber que estar consciente, aberto e ser dependente de Jesus é um exercício diário da vida. Por exemplo, com o passar do tempo, tornei-me mais enraizado e edificado nele (Cl 2.7), peço mais ajuda ou sabedoria a Jesus em algumas situações. As respostas variam. Às vezes, sinto uma necessidade urgente de fazer ou parar de fazer alguma coisa. Às vezes, uma passagem do evangelho me vem à mente e reflete o ensinamento de Jesus sobre o problema que estou enfrentando naquele momento.

Se você é um condutor do crescimento, verá que pessoas que se machucaram em algum relacionamento têm dificuldade de confiar em Deus ou em qualquer pessoa. Outras se tornam emocionalmente alheias a ponto de se tornarem auto-suficientes e isoladas. Para elas, a Presença que habita dentro de nós pode não ter nenhum significado. Alegram-se por Jesus existir, mas não sabem o que fazer com ele. Ou podem até considerá-lo perigoso, porque enxergam todo relacionamento dessa forma.

Ajude essas pessoas a ver que Deus é bom, que Jesus habita no coração dos crentes e que o relacionamento de confiança produz coisas boas.

IDENTIFICAÇÃO

Vemos que Jesus também é essencial para o crescimento espiritual pela *identificação.* Ele é um modelo que pode nos ensinar e nos consolar nas situações de crescimento. Os princípios bíblicos explicam como as pessoas crescem; Jesus nos mostra. Ele nos dá um exemplo pessoal e humano que podemos ver e infundir em nosso coração. Temos um retrato vívido e pulsante de como Deus quer que vivamos. Este capítulo mostrará esses aspectos da identificação com Jesus que se aplicam ao crescimento das pessoas.

RESPOSTA AO SOFRIMENTO

Uma das tarefas mais importantes do crescimento espiritual é saber como sofrer. Embora seja negativo, o sofrimento faz parte da vida, especialmente para o crescimento. Ninguém alcança a maturidade sem conhecer o sofrimento (falaremos mais sobre isso no cap. 11). Por exemplo, lidar com nossas mágoas, pecados e erros é doloroso tanto para nós, interiormente, quanto em nosso relacionamento com os outros.

As pessoas costumam ver o exemplo de Jesus como uma maneira de evitar o sofrimento. Elas pensam no poder, na glória e majestade do seu papel como o Rei dos reis (Ap 19.16). Identificam-se com sua vitória sobre o pecado e as trevas.

Ao mesmo tempo, embora estejamos “em Cristo” e saibamos que tudo ficará bem no final, hoje, aqui na terra, as coisas ainda não estão bem. Lembre-se de que Israel ganhou a Terra Prometida, mas teve de esperar quarenta anos para possuí-la. Da mesma forma, temos muito trabalho a fazer antes de celebrar a vitória final.

1. ENCARAR O SOFRIMENTO COM NATURALIDADE. Jesus mostra-nos como reagir ao sofrimento. O mais importante é que ele não evitava o sofrimento, mas o considerava uma parte do caminho do crescimento: "Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu" (Hb 5.8).

Naturalmente, queremos evitar a dor e o desconforto. No entanto, se você for um condutor do crescimento, terá de pedir para as pessoas encararem com naturalidade os aspectos do sofrimento que fazem parte do processo. Por exemplo, se uma mulher que nunca examinou mágoas passadas explorar as raízes de seu caráter, encontrará muita dor. Lembrar-se de experiências e de relacionamentos dolorosos e examiná-los levando em conta relacionamentos vulneráveis, traz a dor de volta e, em geral, com mais intensidade. Ela pode querer mudar de assunto ou minimizar o que lhe aconteceu. Pode ser bom para ela ver como Jesus resolutamente seguiu em direção à dor que o aguardava (Lc 9.51).

Jesus coloca as nossas tendências naturais de cabeça para baixo. Na visão do mundo, o caminho da glória é "estar por cima" ou "ter tudo sob controle". No modo de Jesus, o caminho da glória é experimentar a dor e o sofrimento: "Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória" (Rm 8.17).

2. ESCOLHER O SOFRIMENTO SANTO. Às vezes, as pessoas não sabem quando devem sofrer e quando devem evitar a dor. Uma pessoa cora um relacionamento difícil pode suportar maus-tratos por achar que isso faz parte do caminho do sofrimento, quando na verdade tal sofrimento pode ferir sua alma e também ajudar seu opressor a permanecer imaturo. Alguns sofrimentos precisam ser evitados (Pv 22.3; veja também *Fugindo do amor* no cap. 8).

Entretanto, algumas pessoas evitam a dor positiva. A mulher que acabamos de mencionar pode deixar de confrontar a pessoa que prejudica sua vida porque tem medo de conflitos ou do abandono. De certa forma, seus medos podem fazer com que ela prefira a porta larga em vez da estreita (Mt 7.13,14]. Por exemplo, ela pode evitar a pessoa em vez de ligar para ela e perguntar se eles poderiam se encontrar para resolver o problema que possuem. Evitar o conflito ou ser complacente com os outros, às vezes, é mais fácil do que enfrentar os problemas.

Jesus é um exemplo maravilhoso de quem abraça um sofrimento necessário e rejeita o que não é. Ele compreende que a dor precisa ter um propósito. Ele escolheu o caminho da cruz por causa do fruto que este produziria para todos nós. No entanto, recusou passar pelo sofrimento que era impróprio ao seu propósito. Por exemplo, fugiu à compreensão daqueles que se opunham ao seu ensinamento, pois sabia que sua hora ainda não havia chegado (Jo 10.39).

3. SER HUMILDE. Além de aprender com a dor diretamente e aprender a distinguir o sofrimento santo do não santo, as pessoas que estão aprendendo a crescer precisam aprender também a suportar o sofri mento sozinhas. Uma forma de suportar uma dor necessária é ser humilde. Se formos humildes, estaremos dispostos a permitir que alguma coisa desagradável aconteça conosco *caso* isso seja a coisa certa a fazer. Isso porque ser humilde também significa não achar que te mos direitos e privilégios que não possuímos. Sem dúvida, não precisamos fingir que gostamos da dor e devemos compartilhar nossa experiência com os outros para que eles possam nos consolar. Mas humildade é um aspecto do caráter necessário para suportar a dor.

O oposto da humildade é a soberba, um mecanismo de defesa que não permite que soframos da maneira correta. Há vários tipos de soberba. Algumas pessoas negam sua experiência, tentando ser fortes e dizem: “Isso não me afeta”.

Outras insistem que sua retidão deveria evitar o sofrimento: “Por que eu? Não fiz mal a ninguém”. Outras ainda tentam evitar completamente o sofrimento: “Não vou passar por isso porque isso me faz mal”; elas perdem os benefícios do sofrimento para o crescimento.

O exemplo de Jesus também é bastante instrutivo nesse ponto. Ele poderia ter reivindicado legitimamente sua divindade e evitado tudo pelo que passou. No entanto, “embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens” (Fp 2.6,7). No fim, ele se humilhou e suportou a dor que não havia causado. É um exemplo maravilhoso para as pessoas dos seus grupos de crescimento. Isso as ajudará a ver o valor da humildade no sofrimento legítimo.

4. DEPENDER DE DEUS E DAS PESSOAS. Embora tenhamos de suportar o esforço de crescer, não precisamos fazer isso sozinhos. Para recebermos consolo, compreensão e força, precisamos de Deus e das pessoas à nossa volta. Jesus dependia de Deus e das pessoas. Ele nos ensinou a ser como ele e a pedir a Deus o nosso pão de cada dia (Mt 6.11). E ainda também pediu aos amigos mais íntimos que ficassem com ele no momento mais difícil (Mt 26.38). Não podemos suportar a vida sozinhos nem fomos criados para isso. Jesus não foi um modelo de independência, mas de dependência.

Uma mulher que conheço que tinha um problema sério de compulsão alimentar finalmente encontrou uma maneira de lidar com sua incapacidade de parar de comer. Uma das coisas que mais a ajudaram foi o pacto que fez com várias pessoas nas quais confiava; ela pediu permissão para ligar para elas sempre que sentisse o impulso de comer, fosse por causa de um dia ruim no trabalho, de uma briga com o marido ou de um conflito com os filhos. Qualquer que fosse o motivo ou a hora, do dia ou da noite, ela podia entrar em contato com essas pessoas. Durante vários meses, ela

buscou esses fiéis amigos várias vezes por dia, fazendo rápidas ou longas ligações. Eles ficaram ao seu lado, dando-lhe atenção, encorajamento e afeto. Finalmente, ela assimilou bastante proteção e restauração para que suas crises de compulsão se tornassem mais controláveis. Foi uma maneira que ela encontrou de identificar-se com a atitude de Cristo em relação à dependência.

RESPOSTA AO PECADO COMETIDO CONTRA NÓS

Um tipo específico de sofrimento que as pessoas em busca do crescimento precisam suportar é aquele causado pelo pecado que é cometido contra nós. Causamos muita dor em nós com nossas próprias transgressões (pecados que cometemos); ao mesmo tempo, os outros também nos infligem muita dor (pecados cometidos contra nós). Se você procura ajudar as pessoas a crescer espiritualmente, sabe muito bem o quanto os pecados dos outros podem afetar a vida delas. E uma parte importante do processo de crescimento e, também nesse caso, a vida de Jesus é um bom exemplo.

As respostas naturais às injúrias que sofremos fazem parte da nossa condição caída. Nem sempre respondemos corretamente às tensões da vida, assim como Adão, que sucumbiu à tentação e, depois, tentou evitar a responsabilidade por isso (Gn 3.9-12). Essas respostas vêm facilmente, mas não nos ajudam a crescer. Entretanto, Deus provê um caminho melhor em Jesus, o último Adão, cuja vida nos dá vida: "Assim está escrito: 'O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente'; o último Adão, espírito vivificante" (1Co 15.45). Jesus, como o Novo Adão, provê uma maneira melhor de entender a injúria, que nos ajuda a chegar mais perto de Deus e também a crescer em caráter. Vejamos algumas ferramentas para enfrentar o sofrimento causado pelos outros.

1. RECONHECER O FERIMENTO, EM VEZ DE NEGÁ-LO. Quando estamos magoados, costumamos negar que estamos. Por exemplo, uma esposa ríspida pode ferir o coração do marido, mas ele pode não querer parecer fraco ou vulnerável, pode pensar que está sendo sensível demais ou que, ao admitir a sua mágoa, está sendo desleal ou cruel com sua esposa. Então, ele ignora o ferimento. Entretanto, está vivendo numa mentira. Dizer que alguma coisa *não* nos magoa não nos torna imunes à dor, e o coração ferido permanece ferido.

Jesus deu um exemplo diferente. Ele nunca fingiu que as coisas dolorosas não doíam. De fato, ele falou aos seus discípulos sobre seu futuro sofrimento, que tanto o perturbava. Eles ficaram horrorizados por ele ser tão "negativo" (Mt 16.21,22]! No entanto, ele sabia que eles precisavam entender o sofrimento pelo qual ele teria de passar. Se ele tivesse negado sua dor, eles (e nós} não teríamos compreendido o custo do seu sacrifício.

Jesus promete a seus seguidores uma herança com ele se não negarmos o sofrimento, mas o compartilharmos com ele: "Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória" (Rm 8.17). Os condutores do crescimento precisam ajudar as pessoas a se abrir para a realidade de suas mágoas passadas e presentes. Jesus não fingia que tudo estava bem quando não estava.

2. MANTER OS RELACIONAMENTOS, EM VEZ DE SE ISOLAR. Quando estamos magoados, costumamos nos isolar. Algumas pessoas têm medo da própria dependência em relação às outras. Outras se sentem culpadas por aborrecerem os amigos com seus problemas ou tentam ser auto-suficientes. Nenhuma dessas respostas ajuda uma pessoa a se curar e a crescer.

Jesus manteve seus relacionamentos quando ficou magoado. No jardim de Getsêmani, num dos piores momentos de sua vida, quando se preparava para a maior das injúrias, ele pediu o apoio dos amigos: “Disse-lhes então: ‘A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo'" (Mt 26.38). Ensine seu exemplo àqueles que você estiver ajudando a crescer. Mostre que o caminho de Jesus não é o caminho do isolamento, mas da dependência emocional em relação a Deus e aos outros.

3. AMAR E PERDOAR, EM VEZ DE RETALIAR. As pessoas também revidam “naturalmente” quando ficam magoadas e querem vingar-se de quem as magoou. Como criancinhas, alimentam más intenções e tentam retaliar. Por exemplo, uma mulher que foi traída pelo namorado pode querer fazer a mesma coisa com ele. Talvez eles tivessem concordado em se relacionar exclusivamente um com o outro e reforçado o compromisso e a confiança. Então, ela descobre que ele estava saindo com alguém. Ela pode sair com outra pessoa também, pensando: “Agora ele vai saber como a gente se sente”. O problema com esse raciocínio é que, embora ele realmente precise saber que magoa outras pessoas, a retaliação provavelmente servirá apenas para que ele justifique ainda mais o seu mau comportamento.

Por natureza, carregamos a lei da retaliação em nosso coração: olho por olho, dente por dente (Ex 21.24). Mas Jesus ensinou e viveu um grande princípio: “Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra” (Mt 5.39). Sua primeira resposta não foi conseguir a vingança, mas dar à pessoa uma outra chance. Isso é bastante “antinatural”; de fato, não retaliar a alguém que feriu é uma obra de Deus na vida da pessoa.

O ensinamento de Jesus sobre essa questão confunde muito as pessoas. Elas perguntam se ele não estava dizendo que nunca devemos nos proteger de um dano. É uma

questão importante. Entretanto, lembre-se de dois fatos: 1) as palavras de Jesus são verdadeiras. Somos convocados a não nos vingar e a fazer as pazes, que é um chamado muito maior; e 2) a passagem precisa ser compreendida sob a luz de toda a Escritura, e não isoladamente. Outra passagem nos ensina a nos proteger também (Pv 22.3). Por isso, precisamos examinar cada situação individualmente e procurar nos proteger o quanto pudermos sem recorrer à vingança.

4. PRATICAR O AUTOCONTROLE, EM VEZ DE SER CONTROLADO. Nossa primeira resposta quando ficamos magoados é perder o autocontrole. O fato de sermos feridos em um relacionamento, antes de tudo, é uma prova do pouco controle que temos sobre os outros. Muitas vezes, transferimos o poder para a pessoa que nos feriu, o que piora ainda mais as coisas.

Por exemplo, um homem pode perceber que seus pais foram emocionalmente indiferentes com ele durante toda a sua vida. Ele pode ver o quanto essa indiferença dificultou sua vida sentimental, pois ele não se relaciona com o seu ser interior o suficiente para se relacionar com os outros. Quando compreender isso, pode ficar obcecado em tentar conseguir fazer seus pais verem o que fizeram com ele, fazê-los se desculpar ou reassumirem o seu papel como pais e darem o que não lhe deram quando ele era criança.

Os bons relacionamentos consistem de confrontação, perdão e reconciliação. Entretanto, algumas pessoas transformam aquele que as feriu no centro de sua atenção e deixam que ele as controle. Dessa forma, elas submetem seu coração ao poder exatamente de quem as magoou.

Jesus lidava com isso de forma diferente. Quando os outros o feriam, ele não permitia que isso mudasse seus valores ou o rumo de sua vida. Esse aspecto é chamado de autocontrole. Jesus não entregava o controle de sua vida àqueles que o magoavam. Ele cumpria as tarefas que o Pai havia lhe dado, tanto que as últimas palavras que ele

murmurou antes de morrer em seu sofrimento foram: “Está consumado” (Jo 19.30). Ele ficou no controle de sua vida até o fim.

Se você é um condutor do crescimento, ajude as pessoas a desenvolverem o autocontrole mesmo quando estão cuidando das feridas que os outros lhe causaram. Embora elas precisem confessar e processar a dor, também precisam reassumir o controle de suas vidas. Uma das tarefas mais importantes que terão de fazer é reparar os danos que sofreram. Algumas, como o homem que acabamos de mencionar, podem aprender a receber o carinho dos outros. Outras podem ter de aprender a ser independentes ou a deixar de lado a autocrítica e a mania de perfeccionismo. São formas de autocontrole que precisam aprender para não ficarem estagnadas nem se deixarem controlar pelas feridas causadas pelos outros.

AUTORIDADE SOBRE O MAL

As nossas tendência maléficas, as tendências dos outros e a própria influência do Diabo podem ser um grande obstáculo para o crescimento das pessoas. Entretanto, podemos nos identificar com Jesus em sua autoridade sobre o mal. Deus colocou todas as coisas debaixo dos pés de Jesus (Ef 1.22) e isso inclui a autoridade sobre o pecado e o mal. Na verdade, Jesus até delegou autoridade a seus discípulos para expulsar os maus espíritos (Mt 10.1). Da mesma forma, aquele que busca o crescimento pode tomar a autoridade delegada sobre o mal que Jesus concede e aplicá-la em sua própria vida e crescimento. Vejamos alguns aspectos dessa autoridade.

1. TOLERÂNCIA ZERO. Jesus não negava a existência do mal. Ele sabia sobre o pecado. No entanto, não o aprovava, mas lutava contra ele. Aqueles que estão em busca do crescimento podem agir com o mesmo rigor contra o mal:

“Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?” (Rm 6.2). Essa atitude de tolerância zero pode se dar de diversas formas. Por exemplo, conheço um homem que não considerava sua compulsão por bebida um problema. Ele achava que o problema estava na esposa controladora e perfeccionista. Entretanto, quando ele estudou seriamente a vida de Jesus no evangelho, percebeu que tinha cruzado a fronteira do mal com a bebida. Assumiu uma atitude de tolerância zero com seu hábito e entrou num processo de crescimento e cura.

2. GUERRA ESPIRITUAL. O mal existe na forma de um Diabo pessoal. Jesus venceu o poder de Satanás com sua morte e destruiu a obra do Diabo (1Jo 3.8). No entanto, o Diabo continua a atacar as pessoas ainda hoje. De fato, está acontecendo uma batalha espiritual (Ef 6.12). Esta se dá indiretamente com a presença do mal em nossa vida, como vimos nos dois exemplos mencionados ou pode dar-se diretamente pela opressão demoníaca.

Reconheça o poder do Diabo assim como a autoridade de Jesus sobre esse poder. A participação do Diabo no crescimento das pessoas tornou-se uma questão controversa na igreja. Por exemplo, a depressão é causada pela química do cérebro, por experiências dolorosas, pela nossa própria maldade ou pelo Diabo? Tudo é possível. O Diabo certamente está por trás de todo tipo de injúria criada para afastar as pessoas de Deus, das outras pessoas e do crescimento. O melhor a fazer é examinar todas as possibilidades com pessoas que tenham uma boa experiência nessa área, quer dizer, pessoas que conheçam a guerra espiritual e tenham uma boa teologia, compreendam as questões psicológicas e considerem os problemas clínicos também. Entretanto, não coloque um demônio por trás de cada problema antes de examinar exaustivamente todos os outros aspectos da vida de uma pessoa.

LIDANDO COM A TENTAÇÃO

O caminho do crescimento não é fácil. Há muitas tentações nessa jornada. As pessoas que querem mais de Deus e querem amadurecer descobrem que suas tentações não diminuem, mas mudam de acordo com o que elas estão lidando. A atitude de Jesus em relação à tentação é instrutiva, especialmente quando revelada por experiência própria (Mt 4.1-11).

O Diabo usou várias estratégias para tentar Cristo. Primeiro, ele se aproximou de Jesus quando ele estava fisicamente debilitado por ter jejuado muitos dias (v. 2). As pessoas no processo de crescimento compreendem esse dilema, pois costumam ser tentadas, não quando estão fortes e estáveis, mas quando estão fracas. Não somos os únicos a ter esse problema.

Satanás sugeriu a Jesus que mandasse as pedras virarem pão para que ele pudesse comer. Analisando com mais profundidade, era uma tentação para Jesus suprir suas necessidades sem seguir os caminhos de Deus. Um exemplo disso é a pessoa que tenta resolver sua solidão com pecados sexuais. A dependência é uma coisa boa, mas não a forma que ela escolheu para suprir suas necessidades.

A resposta de Jesus foi seguir a Escritura e confrontar Satanás com a realidade de que ele supriria suas necessidades à maneira de Deus. Da mesma forma, o homem no exemplo anterior poderia ter buscado amor e consolo num relacionamento para preencher o vazio em seu coração, em vez de extrapolar.

O Diabo, então, disse a Jesus para testar a Deus e jogar-se de cima de um templo (v. 5,6]. Era a tentação de controlar a Deus, em vez de confiar nele e em seus desígnios. Jesus também confrontou essa estratégia. Para nós, a mesma dinâmica acontece quando tentamos viver à nossa própria maneira, e não à maneira de Deus. Um bom exemplo é a mulher com mania de ajudar homens dependentes e

imaturos com quem se relaciona. Ela encara os homens como projetos, conforta-os, dá-lhes dinheiro e fornece-lhes respostas e conselhos. Em todo esse tempo ela acha que Deus a recompensará e fará um desses homens se apaixonar e se casar com ela. Depois de muitas tentativas fracassadas e dolorosas, ela percebe que está tentando forçar a Deus, ao ajudar esses homens, em vez de querer homens maduros (ou em processo de amadurecimento]. Foi difícil desistir, pois o ato de ajudar lhe dava uma sensação de controle em relação a si mesma e, em última análise, em relação a Deus. Entretanto, quando começou a se relacionar com os homens à maneira de Deus, ele acabou lhe dando um homem maduro e, hoje, ela está casada e feliz.

Finalmente, Satanás ofereceu a Jesus todos os reinos do mundo em troca de sua adoração (v. 8,9). Se Jesus aceitasse, não teria de morrer na cruz. No entanto, ele repreendeu duramente o Diabo. Era uma tentação para evitar o sofrimento. O crescimento consiste de sofrimento, como explicamos no capítulo 11. E a resposta de Jesus a essa tentação foi um convite claro para que víssemos que, ao seguir o seu caminho, ele sofreu, mas esse sofrimento é um preço insignificante a se pagar pela recompensa do crescimento espiritual.

A IDENTIFICAÇÃO DE JESUS COM O NOSSO SOFRIMENTO

Existe outro tipo de identificação que ajuda muito o nosso crescimento. E a identificação na direção oposta. Jesus conhece o nosso sofrimento por experiência própria:

> Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados (Hb 2.18).
>
> ... pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas

> sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado (Hb 4.15).

Jesus colocou-se em uma situação única com seu sofrimento. Se existe alguém que pode dizer "já passei por isso", é Jesus. Há duas palavras-chave nesses versículos: "socorrer" (Hb 2.18) e "compadecer-se" (Hb 4.15). Elas mostram que Jesus nos ajuda e se compadece de nós. Sua natureza amorosa simpatiza e compreende, e sua natureza atuante faz o que é preciso para nos ajudar a crescer. Se você já teve um amigo que queria ajudá-lo mas não o compreendia ou que o compreendia mas não ajudou, entenderá por que é tão bom que Jesus tenha as duas capacidades ao identificar-se conosco. Vejamos como isso pode nos ajudar.

1. CUMPRIR O PAPEL DE SUMO SACERDOTE. A primeira forma tem a ver com o papel de sumo sacerdote que Jesus tinha de cumprir conosco, uma tarefa muito importante que ele assumiu:

> Por essa razão era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus, e fazer propiciação pelos pecados do povo (Hb 2.17).

Por ser o nosso defensor e representante diante de um Deus justo, ele tinha de ser capaz de identificar-se com aqueles que representava.

De uma forma que não compreendemos completamente, Jesus usou sua experiência de estar conosco para conhecer profundamente seu povo. A palavra grega usada no lugar de "compadecer-se" significa "comiserar-se". Isso significa que Jesus "conhece" o nosso sofrimento muito além do plano intelectual, num plano bastante pessoal. A experiência era o único caminho pelo qual ele poderia ganhar esse

conhecimento a nosso respeito, e ele pagou um preço altíssimo por isso. Por isso, cumpriu a tarefa de tornar-se o maior sumo sacerdote de todos os tempos por ser capaz de sentir as nossas fraquezas conosco.

Uma vez, uma grande igreja me pediu para tratar um pastor que tinha caído num pecado sexual que ameaçava destruir seu casamento e ministério. Ele se dedicou muito ao processo por um longo tempo e desenvolveu bons frutos em sua vida. A igreja queria participar de sua restauração e ele também queria que ela se envolvesse. Então, periodicamente, um pequeno grupo de líderes me consultava a respeito desse homem. Eles gostavam muito dele e queriam saber quando ele estaria pronto para retornar ao ministério.

Com o tempo, também passei a gostar desse homem. Examinando sua vida e caráter, vi muitos motivos para que ele tomasse esse rumo desastroso. E, ao mesmo tempo, vi também o quanto ele queria simplesmente amar a Deus e a sua família e servi-lo. Embora soubesse que ele era o único responsável por seus pecados e problemas, acabei me identificando com sua fragilidade. Sabia o que significava ser tentado como ele havia sido.

Em uma reunião com o seu grupo de liderança, um dos homens perguntou-me:

— Você pode garantir que ele nunca mais cometerá esse pecado de novo?

Lembro de ter sentido um instinto protetor despertar dentro de mim. Eu disse:

— Não posso garantir nem que nós jamais faremos isso, com base na Palavra de Deus.

Conversamos sobre o problema do pecado e da fraqueza descrito em Romanos 7 e do quanto todos dependemos da graça de Deus. A discussão terminou bem. Contudo, acho que aquele instinto protetor tinha a ver com a minha identificação com a fraqueza do pastor.

Sem justificar o que ele tinha feito, sabia por experiência própria o que ele estava passando para ter compaixão dele. E isso me ajudou a saber o que dizer para representá-lo adequadamente diante do grupo. Acho que, de certa forma, é por isso que Jesus é capaz de nos representar diante do Pai, porque ele realmente "já passou por isso".

2. RECEBER EMPATIA. Um dos aspectos mais importantes para o crescimento no nosso sofrimento é que precisamos saber que somos compreendidos. E isso o que a empatia oferece. Não podemos crescer se nos isolarmos emocionalmente. Ávida é muito difícil. Mas, se soubermos que alguém realmente nos compreende, saberemos que não estamos sozinhos com nossos sentimentos e pensamentos e receberemos encorajamento para perseverar em nosso crescimento. Precisamos saber que somos "ouvidos", no plano terreno, pelas outras pessoas e, no plano divino, por Deus: "Tu, SENHOR, ouves a súplica dos necessitados; tu os reanimas e atendes ao seu clamor" (Sl 10.17). É isso que a identificação de Jesus fornece. Quando percebemos que ele "entende", por causa de seu próprio sofrimento, nos animamos e continuamos nossa jornada.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Examine suas conclusões sobre o papel de Jesus em seu crescimento. Cuidado com a tendência de vê-lo somente em seu papel de Salvador e achar que não participa do presente.
- Explore o sofrimento que Jesus experimentou com o qual você pode se identificar em sua própria vida. Além disso, observe a atitude que ele tomou em relação a esse sofrimento.
- Esteja atento para encarar o sofrimento como algo normal, ser humilde quando experimentá-lo e não

retaliar quando for ferido.

- Veja de que forma Jesus pode identificar-se com o seu próprio sofrimento para obter o consolo e a perspectiva dele.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Ajude as pessoas em busca do crescimento a reconhecerem a importância de se ter um relacionamento contínuo e duradouro com Jesus. Concentre-se na tendência de segmentar o seu papel como "Salvador somente" e ajude-os a entender todos os benefícios de se identificarem com Jesus, e de Jesus identificar-se com eles.
- Ajude-as a entender a atitude de Jesus em relação ao sofrimento, especialmente no equilíbrio em ser uma pessoa submissa, humilde e ao mesmo tempo justa, que não tolera o mal.
- Investigue as áreas em suas vidas nas quais elas não vêem Jesus como um sumo sacerdote que realmente se compadece de suas fraquezas e as ajude a resolver seus problemas.

Quando me formei na faculdade, estava perdido, não sabia que rumo tomar em relação à minha carreira. Tentei várias coisas, mas nenhuma funcionou. Depois de dois anos, voltei a morar com meus pais por um tempo para tentar descobrir o que faria da minha vida. Eles foram muito compreensivos em relação a isso, mas isso realmente foi uma decepção para mim. Enquanto todos os meus colegas estavam progredindo em suas carreiras ou fazendo curso de pós-graduação, eu estava morando com o papai e a mamãe, trabalhando nos mesmos empregos na cidade que tinha trabalhado na adolescência.

Felizmente, eu tinha bons amigos que eram crentes. Nós nos encontrávamos, conversávamos sobre nossa vida,

estudávamos a Bíblia e orávamos uns pelo outros. Entretanto, eles estavam se dando muito melhor na vida do que eu. Embora eles realmente gostassem de mim, eu me sentia deslocado. Lembro de ter lido uma das passagens que abre esta seção, Hebreus 4.15, que fala sobre a capacidade de Jesus de compadecer-se de nossas fraquezas. Esse versículo foi muito importante para mim, porque eu sabia que Jesus realmente entendia o que eu estava passando, embora eu mesmo não entendesse. Essa idéia me deu muito consolo e força. As coisas finalmente deram certo e eu tomei um rumo que fazia sentido para mim. Mas nunca esqueci da identificação empática de Deus naquela época.

3. CONFRONTAR A DISTÂNCIA DE DEUS. Outro benefício da identificação de Jesus conosco é que ela nos deixa sem motivos para nos afastarmos de Deus quando estamos sofrendo. Temos uma tendência natural de pensar que ninguém compreende a singularidade de nossa situação. Essa tendência se baseia no nosso impulso de culpar e exteriorizar nossos problemas na tentativa de evitar o duro trabalho de reconhecê-los e resolvê-los. Dizer que ninguém realmente pode nos entender é uma forma de nos sentir no direito de fugir do caminho do crescimento. O sofrimento de Jesus atravessa esse obstáculo e faz com que nos arrependamos de fugir dele e de seu caminho para a cura.

Deus, o Pai, e Jesus, o Filho, guiam de forma poderosa a vida das pessoas. No próximo capítulo, veremos como o Espírito Santo também é importante nesse processo.

6. O Espírito Santo

O Espírito começa o processo de crescimento nos atraindo para Jesus e está operando para completar essa tarefa.

E se Jesus aparecesse em sua casa hoje para uma visita, e você lhe dissesse que gostaria de crescer? O que você acha que ele faria? Ele o curaria, o ensinaria, o desafiaria? Ele lhe daria novos talentos? Pense nisso. Posso pensar em muitas coisas que gostaria que ele fizesse e nas coisas que ele realmente faria, mas acho que a última coisa que ele faria é: "Ah, você quer crescer? Bem, se é isso o que quer, vai me desculpar, mas preciso ir. A gente se vê depois". E também jamais esperaria que ele fosse embora. Não acha que seria uma maneira estranha de produzir o crescimento nas pessoas? Eu, com certeza, acho.

Mas foi exatamente isso o que Jesus fez:

> Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei, f...] Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês. Tudo o que pertence ao Pai é meu. Por isso eu disse que o Espírito receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês (Jo 16.7,13-15).

Por motivos que não compreendemos totalmente, Jesus decidiu ir para o céu e cuidar de nós de lá, e enviou o Espírito Santo para que ficasse conosco e produzisse o crescimento e a mudança que buscamos. E ele disse que isso

era melhor do que se ele estivesse aqui em pessoa. Portanto, tudo o que eu posso pensar é que deve ser maravilhoso ter o Espírito Santo em nossa vida.

Então, o que devemos fazer com o Espírito Santo? Obviamente, na vida cristã, não faltam respostas para a vinda do Espírito e tudo o que ela compreende. Mas nossa intenção não é falar sobre tudo o que o Espírito Santo faz na vida do crente, na igreja ou no mundo como um todo. O livro trata do crescimento e de como ele acontece, portanto, veremos como o Espírito Santo está envolvido nesse processo.

O INICIADOR E O REALIZADOR

Quando eu [Henry] comecei a jornada do crescimento, imaginei se um dia Deus ainda ia querer ter alguma coisa a ver comigo. Orei e ele não me dava nenhuma resposta; minhas dores e sofrimentos estavam difíceis de passar. Achei que Deus tinha me abandonado.

Em meio a esses pensamentos, lembrei de um pastor que me disse:

Se Deus estivesse cheio de você, você não estaria preocupado com isso e não ia querer ter nada a ver com ele. O anseio que você sente por ele e pelo seu crescimento só pode vir dele e de seu Espírito. Se você está caminhando na direção de Deus, é porque ele está caminhando em sua direção. Repouse nessa certeza. Se você anseia por ele é porque ele está procurando você.

Depois ele me mostrou um versículo para provar que estava certo: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair" (Jo 6.44). Descobri que é impossível "ansiar por Deus" e não conseguir alcançá-lo. Se ansiamos por ele, é porque ele já está à nossa procura.

Deus não apenas começa um processo dentro de nós, nos atraindo para ele, mas também conduz o nosso

crescimento até a sua completude. Como disse Paulo: "Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). Se sentimos algum desejo de chegar à completude, então Deus não desistiu de nós. Ele ainda está operando em nós, nos atraindo, revelando sua luz e trabalhando para que nos tornemos completos. Saber que o Espírito dele está operando por meio de você e dentro de você é uma boa maneira de começar a resolver qualquer problema de sua vida. Portanto, a primeira idéia de como o Espírito Santo opera em nossa vida é: *o Espírito começa o processo de crescimento nos atraindo para Jesus e está operando para completar essa tarefa.*

Uma das primeiras coisas que você deve ensinar às pessoas é que, não importa o que aconteça, elas podem acreditar no processo de crescimento. Não caberá somente a elas "fazer isso". O Espírito Santo sempre estará a seu lado, conduzindo-as para Deus e para um crescimento cada vez maior. Esse fato me deu muito alento e sei que também deu para muitas outras pessoas também, especialmente quando as coisas não estavam bem.

SEGURANÇA

No capítulo 4, falamos da importância de saber que Deus está a favor de nós e não contra nós. Em qualquer relacionamento, para crescermos e mudarmos, precisamos primeiro saber que estamos seguros. Nosso relacionamento com Deus não é diferente. Como podemos saber que pertencemos a ele? Como podemos ter certeza de que estamos seguros?

O Espírito Santo nos dá essa segurança. Depois de nos atrair para o relacionamento com Deus, ele tranca a porta atrás de nós. Assim como Noé trancou a porta da arca para salvar um resto de vida do dilúvio, o Espírito Santo trancou a porta da nossa "arca" salvadora, o nosso relacionamento com Jesus. Veja o que acontece: "Quando vocês ouviram e creram

na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13). "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção" (Ef 4.30).

Quando colocamos nossa confiança em Jesus, entramos no barco, por assim dizer, e a porta é selada atrás de nós. Pelo trabalho de selar do Espírito Santo, o próprio Deus nos protege para que sejamos sempre dele. Isso traz implicações maravilhosas para o processo de crescimento. Não podemos resolver os grandes problemas de nossa vida se estivermos inseguros em nosso relacionamento com Deus. Por causa da obra do Espírito Santo de nos selar nele, podemos parar de nos preocupar se esse relacionamento é seguro e continuar nossa caminhada e nosso esforço para o crescimento.

Uma forma de fazer uma pessoa saber que isso aconteceu em sua vida é perguntar a ela o que crê sobre Jesus. Se ela crê que ele é Cristo e confia em seu perdão, então isso é uma prova de que ela está selada com o Espírito Santo. A Bíblia diz que só podemos crer se nascermos do Espírito, se ele estiver dentro de nós. Como disse João: "Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus" (1Jo 4.2).

Se a pessoa acredita em Jesus, tem o testemunho do Espírito em seu coração e pertence a Deus (1Jo 5.10). Portanto, se alguém tiver dúvida, esses versículos são muito encorajadores. O crescimento deve começar em um relacionamento seguro, e essa segurança é obra do Espírito Santo. O crescimento precisa apoiar-se nessa fundação.

A PARCERIA

Além da segurança e do encorajamento que o Espírito proporciona, como é a obra do Espírito no dia-a-dia? O que ele faz? Como trabalhamos com ele? Como disse Jesus, uma maneira de pensar no Espírito Santo é como o "Conselheiro".

É ele que anda ao nosso lado e nos ajuda. E ele nos ajuda de várias maneiras. É bom sabermos quais são elas, para que no processo de crescimento, como veremos, possamos pedi-las. Embora fosse preciso um livro inteiro para falar de todas as maneiras que ele nos ajuda, vejamos uma lista parcial do que podemos esperar que aconteça na vida cristã quando clamamos pelo Espírito e trabalhamos com ele:

- Ele sempre estará conosco, não importa onde estejamos ou o que estivermos fazendo. Nunca nos deixará (Sl 139.7).
- Buscará nosso coração e nos mostrará em que precisamos mudar (Sl 7.9; Pv 20.27; Rm 8.27; 1 Co 2.10).
- Nos dará a capacidade de fazer as coisas que precisamos fazer, inclusive dons para o trabalho, sabedoria ou palavras para dizer quando não sabemos o que dizer (Ex 31.3; Dt 34.9; Jz 14.6; 2Sm23.2; Mc 13.11).
- Conduzirá e guiará nossa vida (1 Re 18.12; lCr 28.12; Ne 9.20; Sl 143.10; Jo 16.13; At 13.4; 16.6).
- Mostrará a verdade e nos ensinará (Jo 14.26; 15.26; 16.13; lCo2.13; Uo2.27).
- Nos aconselhará e nos ajudará (Jo 14.26; 15.26; 16.13; 2Co 2.13; 1Jo 2.27).
- Nos ajudará a viver da forma que precisamos (Rm 7.6; 8.2,4-6,9,11,13,26).
- Nos completará e nos controlará (Rm 8.6; Ef 5.18).
- Nos corrigirá e nos convencerá (Sl 139.23,24; Jo 16.8; Rm 9.1; 1Co 4.4; Fp 3.15).
- Nos mudará (2Co 3.18; Gl 3.3; 5.16-25).
- Nos dará os dons para que ajudemos um ao outro e reunirá o Corpo de Cristo (1Co 12.7-12).

É muita coisa para se esperar, mas Deus promete que todas estão à nossa disposição.

O problema é "como". *Como* ele faz isso? O que devemos fazer para que ele cumpra isso?

UM MISTÉRIO

Gostaria de ter uma fórmula para mostrar como o Espírito Santo opera. Sinto como se tivesse lido tudo o que já foi escrito por pessoas que dizem que têm uma fórmula e experimentei quase todas as coisas que li. Só posso dizer, por experiência própria, que as fórmulas não deram certo. O Espírito Santo não pode ser controlado.

Mas se pararmos para pensar, isso faz todo o sentido e também está dentro do que a Bíblia diz, pois o Espírito Santo é uma Pessoa, e não uma coisa. Não podemos reduzir toda a sua obra a uma fórmula. O que podemos fazer é o que a Bíblia nos diz: pedir para ele estar em nossa vida e nos ajudar. Deus promete que se pedirmos para o Espírito, ele virá:

> Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta.
> Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir um peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir! (Lc 11.9-13)

Em resumo, se há uma fórmula pela qual o Espírito opera, é essa. E buscá-lo, pedir por ele e depois segui-lo. A maioria das dificuldades que as pessoas têm para entender o Espírito Santo surge quando elas pedem uma experiência

específica com ele ou um dom específico (ou quando não estão pedindo por ele). Se você se livrar dos preconceitos de como ou o que ele fará, e pedir para ele vir pela necessidade que você tem, boa parte dessa confusão desaparecerá.

A melhor maneira de pensar no Espírito Santo e crescer é pensar sobre um relacionamento de dependência com ele em cada momento. Dependemos dele para nos guiar, nos conduzir, falar conosco, revelar a verdade, permitir que façamos o que não podemos fazer, nos dar dons para sermos capazes de dar aos outros o que eles precisam e muitas outras coisas. Mas tudo isso acontece de forma "permanente". Nos submetemos a ele e o seguimos. Abrimos nosso coração para que ele nos "encha". Pedimos que invada todo o nosso ser e opere dentro de nós. De certa forma, nos entregamos a ele quando seguimos a vida do crescimento.

Portanto, à luz do processo de crescimento pelo qual passamos, a vida pelo Espírito significa que de forma alguma " crescemos" sem ele. Também significa que ele não cresce "sem nós". O milagre da invasão do Espírito Santo em nossa vida e que ele está operando em nós para nos mudar e nos conduzir e guiar, mas continua em "nós". Paulo diz: "Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gl 2.20).

A velha história de tentar "fazer o certo" sozinho tornou-se coisa do passado (v. 16,19). Agora vivemos uma vida de fé com ele dentro de nós. *Mas ainda somos nós que temos de viver esta vida e sermos responsáveis por ela.* Como disse Paulo: "A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé...". Por isso, ao passar pelo processo de crescimento, cada passo que dou é um ato de fé, contando que o Espírito o viverá comigo. Vivo esta vida e ele vive em mim. E um mistério. Vivo esta vida com ele vivendo em mim.

A VIDA CHEIA DO ESPÍRITO NA PRÁTICA

1. O FATO DE QUE A VIDA CHEIA DO ESPÍRITO é um mistério, não significa que não possamos alcançá-la. Nada é mais prático no processo de crescimento do que precisar de ajuda e força para dar os passos mais difíceis do crescimento. Peguemos o caso de Julie, por exemplo.

Julie estava lutando contra a comida há vários meses, depois que sua vida se tornou cada vez mais estressante. Ela orou sobre isso e confessou sua compulsão várias vezes. Sentia-se mal em relação a si mesma e estava ficando desanimada. Então, leu uma obra que mostrava que o Espírito Santo podia permitir que ela conseguisse fazer o que era difícil. Assim, decidiu colocar aquilo em prova.

As duas tarefas mais difíceis que Julie tinha de cumprir eram afastar-se da comida e conseguir o apoio das pessoas. Ela leu que a quebra de padrões de comportamento tem a ver com confessar a Deus e aos outros e também descobrir as causas que levaram àquele comportamento. Numa noite, quando estava sozinha em casa, sentiu vontade de comer um sorvete que sabia que não precisava. Tinha jantado uma refeição saudável não fazia nem uma hora.

Lembrou-se do que os seus parceiros do crescimento tinham lhe dito: "Quando se sentir tentada, peça para Deus permitir que o Espírito faça duas coisas para você: *afaste-a do que é destrutivo* e *aproxime-a do que é bom, das coisas que ele diz para fazer*". Então, no auge de seu desejo, ela parou e orou. Pediu ao Espírito Santo para ajudá-la. Orou para que ele a ajudasse a se abrir com alguém. O nome de uma amiga lhe veio à mente. Ela ligou para a sua amiga, que a ajudou a superar o conflito.

Era um mundo completamente novo para Julie. Pela primeira vez, ela não tinha de lutar sozinha em sua batalha. Aprendeu a depender da força do Espírito para fazer o que precisava fazer e submeteu-se às respostas que ele deu. Antes, lutava sozinha contra a tentação e não dependia dele e

de sua força. Também contou com ele para conseguir o apoio de sua amiga que ele providenciou. *Ela era dependente, mas ativa.* Ele a ajudou, ela se rendeu à sua ajuda e procurou segui-lo, buscando a pessoa que ele lhe proporcionou.

Há pouco tempo, conversei com Ted, que há anos luta contra a compulsão sexual com sua mera força de vontade. Ele tinha chegado no fundo do poço e, pela primeira vez, decidiu chamar a Deus e ao Espírito para auxiliá-lo na batalha. Uma noite, ele e a esposa tiveram uma discussão e ele ficou tentado a extravasar seus sentimentos de traição e desamparo. Sentia-se justificado. Mas, dessa vez, pediu a Deus a ajuda do Espírito.

Por acaso, Ted "esbarrou" em um amigo que não via há anos, mas que conhecia o seu problema. Seu amigo perguntou como estava o seu vício, e ele disse: " Horrível". Ele se abriu com o amigo, que por sua vez lhe contou que estava a caminho de um grupo de apoio a compulsivos sexuais e levou Ted com ele. O Espírito Santo providenciou a ajuda que ele precisava e um sistema de apoio inteiramente novo para o seu problema. Quando falei com Ted, ele estava "limpo" há vários meses.

Vejamos um exemplo mais pessoal. Uma vez, tive um relacionamento profissional com uma mulher de negócios bastante obstinada. Discutíamos inclusive sobre os menores detalhes, e isso estava se tornando extenuante. Às vezes, ficava apreensivo quando tinha de visitá-la na empresa, porque sabia que teria de esclarecer algum assunto com ela e sabia que não seria compreendido nem ouvido.

Um dia, tivemos uma discussão bastante acalorada e não chegávamos a nenhum acordo. Quanto mais eu tentava resolver a situação, pior ficava. Estava perdendo a paciência e tendo atitudes e sentimentos que eu não tinha nem sentia desde os anos pré-espirituais da minha adolescência. Não sabia o que fazer, então, silenciosamente, pedi para o Espírito de Deus operar em mim e na situação. Pedi para ele encontrar uma resposta e uma forma de resolver aquele

impasse. Orei: “Por favor, ajude-me a descobrir o que tenho de fazer. Por favor, faça-me dizer as palavras certas. Por favor, mostre-me como resolver isso”. As palavras que eu disse na oração não eram tão importantes quanto o meu sentimento de absoluta dependência no Espírito.

O que aconteceu foi uma surpresa para mim. A minha sócia acabou não me ouvindo, e eu também não encontrei as palavras certas que fariam com que ela me entendesse. O que aconteceu foi que eu ouvi o Espírito Santo. Ele me mostrou que era eu quem precisava ouvi-la e aceitar o que ela estava dizendo. Tive de ouvi-la e compreender sua posição. Também tive de reconhecer o que estava fazendo de errado na situação e pedir desculpas. A resposta dele foi clara como um sino.

Então, pedi ao Espírito para me ajudar a fazer aquilo. Pedi para ele me ajudar a encontrar as palavras certas. Não me lembro exata-mente de como aconteceu, mas conseguimos resolver o problema. O Espírito mostrou-me o que eu estava fazendo de errado. Quando reconheci, tudo mudou e superamos a crise. Ela não mudou, e não sei se algum dia ela reconhecerá sua parcela de culpa pelo conflito, mas o Espírito deixou claro para mim que a resposta que eu precisava não dependia dela fazer alguma coisa, mas de minha confissão e arrependimento. Precisei da ajuda dele para que ele me mostrasse o que fazer e me ajudasse a fazer. Isso me lembrou das palavras de Jesus: “Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir” (Jo 16.13). O Espírito de Deus prometeu sempre estar presente para nos guiar para a verdade que precisamos conhecer.

Vejamos um último exemplo.

Robbie não gostava de confrontação, especialmente quando a outra pessoa ficava brava ou chateada com ele. Ele se sentia “mal” e, depois, cedia para a pessoa ou então já evitava os assuntos delicados de uma vez. Com o passar dos

anos, seu comportamento começou a afetar significativamente seu trabalho e ele sabia que precisava mudar.

Seus negócios estavam sempre acabando mal e ele estava cansado do baixo desempenho e da injustiça.

Reconhecia isso a seu respeito e queria ser diferente. Mas nada acontecia. Então, Robbie descobriu que Deus podia ajudá-lo em suas confrontações difíceis e deu um passo em direção à fé. Deu um telefonema difícil e contou com o Espírito de Deus para ajudá-lo. Depois de fazer isso uma vez e aprender que andar na fé dava resultado, as novas confrontações se tornaram mais fáceis. Ao descobrir que a mudança de caráter era possível se ele dependesse do Espírito para ajudá-lo, encontrou uma arena inteiramente nova para o crescimento.

Já vi isso acontecer com outras pessoas que também tiveram de dar passos em direção ao crescimento. Confessar a dor, tirar os problemas da escuridão da alma e trazê-los à luz, expressar os sentimentos, assumir riscos no amor e nos relacionamentos e pedir a Deus que conceda dons e talentos para progredir na carreira, tudo está dentro do alcance da vida pelo Espírito. Fomos feitos para crescer, alcançar novos territórios. Mas não fomos feitos para tentar isso sem ajuda. O Espírito nos dará o poder de fazer o que não podíamos fazer antes ou, pelo menos, de tomar as medidas necessárias para aprendermos a fazer.

O importante é lembrar-se do seguinte: a vida cheia do Espírito é sobrenatural e sobrepuja nossa forças e capacidades. Podemos contar com ela. O Espírito prometeu. Mas isso não significa que não precisamos fazer nada. Ainda temos de andar na fé. Temos de arriscar. Temos de amar, nos abrir, confessar, expandir, arrepender, obedecer e fazer todas as coisas que somos ordenados a fazer. Nossa parte é viver a vida. Mas não temos de fazer isso sozinhos ou depender de nossas próprias forças. Somos parceiros do Espírito. Veja o

que Paulo ensinou sobre o que nós e o Espírito fazemos ao mesmo tempo:

> Se vivemos pelo Espírito, *andemos também pelo* Espírito (Gl 5.25; grifo dos autores).
> Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele *os fortaleça* no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé (Ef 3.16,1 7; grifo dos autores).
> Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas *quem semeia para o Espírito,* do Espírito colherá a vida eterna (Gl 6.8; grifo dos autores).
> Aquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo *com o seu poder que atua em nós...* (Ef 3.20; grifo dos autores).

A Bíblia ensina que devemos fazer a nossa parte pela fé, e o Espírito fará a sua por seu poder.

Para Julie, isso significava:

> "A batalha contra a comida preciso lutar com fé para que ele me ajude a conseguir afastar-me da comida, a orar e a ligar para uma pessoa amiga para descobrir o que está me atormentando. Então Deus, ajude-me a fazer o que é certo neste momento em que sinto vontade de beliscar".

Para Ted, isso significava:

> "A batalha contra esse vício, preciso lutar tendo fé. Ajude-me, Deus, a resistir e alcançar".

Para mim, isso significava:

> "O conflito que preciso resolver com essa mulher, tenho de resolver com fé. Ajude-me a saber o que dizer, Deus".

Para Robbie, isso significava:

> "O medo que tenho da confrontação, preciso enfrentar com fé para que ele me ajude a ter a coragem de dizer o que é difícil. Ajude-me, Deus, pelo seu Espírito, a fazer aquele telefonema, e coloque as palavras em minha boca".

E a vida real e a vida na prática. Não é a vida de juntar a força de vontade e o poder que não temos. E uma vida de juntar a fé que nos será dada e, com essa fé, buscar um Deus muito real que nos deu seu Espírito para nos ajudar em todas as situações e em qualquer necessidade.

Se existe uma fórmula, a coisa mais próxima que encontrei é o que diz um antigo hino: "Confie e obedeça, pois a única maneira de ser feliz em Jesus é confiar e obedecer". A vida pelo Espírito é uma vida de fé e de atitude. Acreditamos que ele nos preparará e nos guiará para a verdade, e nós nos renderemos, confiaremos e enfrentaremos. Nós "semeamos para o Espírito" e ele nos promete que colheremos a vida.

RENDIÇÃO

Com freqüência; no processo de crescimento, não sabemos o que fazer ou não queremos fazer o que sabemos que é preciso. E nesse momento que o "controle" do Espírito entra em ação, e precisamos nos render. Precisamos submeter-nos ao que o Espírito está nos dizendo para fazer e permitir que ele tome as rédeas do controle a cada momento. Paulo diz:

> Não se embriaguem com vinho, que leva à

> libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito (Ef 5.18}.
> Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo (Rm 8.9}.

A tarefa de todo momento não é apenas a de pedir, mas a de nos deixar encher pelo seu poder e de nos render ao seu controle. O Espírito Santo fala conosco, coloca em nossa mente o que Deus disse, mostra-nos uma saída, nos dá respostas, coisas para dizer e nos estimula a assumir um risco. Mas quando ele nos cutuca ou nos lembra, *devemos nos render a ele e permitir que ele assuma o controle. Devemos nos submeter e nos render à sua vontade.* Dessa forma, ele nos leva para onde precisamos ir e, assim, damos mais um passo em direção à mudança.

Às vezes, não sabemos sequer que passo será esse. E nesse momento que podemos pedir a Deus para nos mostrar.

"MOSTRE-ME"

— Mas não sei por que me sinto dessa forma. Simplesmente aconteceu. Não vejo motivos para isso — Respondeu David, quando perguntei o que tinha provocado sua depressão.

— Acho que você não sabe por que se sente deprimido ou o que aconteceu que causou esses sentimentos. Mas posso afirmar que *existe* um motivo para isso. Deus o criou de forma a não se sentir tão mal sem motivo.

— Bem, não faço a menor idéia do que seja. Aconteceu. Não sei por quê.

— Vamos pensar sobre isso — eu disse, sabendo que quando conversamos honestamente, mais verdades vêm à tona.

Conversamos, mas nada emergiu. Conversamos mais um pouco, e nada. Então, senti um impulso de orar, no qual, com os passar anos, aprendi que devo confiar porque sei que vem do Espírito. Então eu disse:

— Vamos pedir a Deus para nos mostrar, pelo seu Espírito, o que está acontecendo.

E oramos. Quando voltamos a conversar, a expressão de David havia mudado. Sua testa franziu e ele começou a tremer. Fortes emoções vieram à tona e ele descobriu o que tinha causado a depressão. Um dia antes, ele teve uma conversa com uma pessoa que tinha ido a um enterro. A conversa colocou-o em contato com seus sentimentos em relação à perda de sua mãe quando pequeno. A depressão fazia todo o sentido do mundo. Com nossa percepção e conhecimento limitados, não encontramos o motivo, mas o Espírito Santo encontrou. Como disse Jesus, ele nos guia a toda a verdade.

Um dos principais ministérios do Espírito Santo é nos guiar à verdade, à verdade de Deus e de Jesus, à verdade iluminadora da Palavra de Deus, à verdade sobre as pessoas por meio do conhecimento sobrenatural e à verdade das situações por meio da sabedoria e da profecia. E isso o que ele faz. Na verdade, ele é chamado de "Espírito da verdade" (Jo 14.17; 16.13).

O Espírito também conhece a verdade de nossa própria vida e alma, e sabe o que precisa mudar e ser revelado. Sugiro que você peça ao Espírito Santo para lhe mostrar especificamente o que ele quer lhe revelar sobre o seu crescimento, sua alma, os problemas da sua vida etc.

Peça para o Espírito lhe mostrar a verdade sobre você como pessoa, e também sobre as respostas dele e os desígnios de Deus. A verdade é restauradora e precisamos que ele nos dê toda a verdade que tiver para nos dar. E, normalmente, ele nos dá tanto quanto podemos receber e suportar.

AONDE ELE O LEVAR, VÁ

Já se disse que o crescimento espiritual e emocional é um caminho que chega cada vez mais perto da realidade. Sempre tento lembrar as pessoas que, por mais dolorosa que possa ser, *a verdade é sempre amiga.* Por mais difícil que seja de engolir, a verdade é a realidade e; no fim, é nela que se encontra a segurança, o crescimento e Deus. Precisamos conhecer a verdade.

Às vezes, ela nos mostra o que está nos ferindo, como no caso do meu paciente David que acabei de mencionar. Outras vezes, nos mostra o que precisamos mudar. Em outras ocasiões, mostra o que precisamos fazer em um relacionamento. Também nos mostra nossas fraquezas e limitações, como algo que *não* estamos prontos para enfrentar. Mas, seja qual for, a verdade é nossa amiga. Também é nela que Deus vive.

Portanto, uma das coisas mais importantes que Deus faz no processo de crescimento é nos enviar o Espírito da verdade. Ele está sempre nos mostrando a verdade sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre os relacionamentos, sobre Deus e sua Palavra e sobre o nosso caminho. O Espírito nos convence de quando estamos errados, nos ensina quando precisamos dele, nos guia quando precisamos ver o caminho e nos mostra como chegar lá.

O outro lado da obra do Espírito nessa área é que precisamos seguir o que ele disser e fazer o que ele nos mostrar que devemos fazer. É isso o que Paulo quer dizer com "semear para o Espírito". Ele diz em Gálatas: "Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito" (5.25). Quando o Espírito nos conduz à verdade, precisamos segui-lo.

Às vezes, o chamado do Espírito é interno; por exemplo, ele nos chama a orar. Há alguns dias, não conseguia parar de pensar em meus pais. Pensei neles e orei por eles, mas

eles não saíam da minha cabeça. Deus estava querendo me avisar de alguma necessidade que eles estavam sentindo. Sabia que precisava ligar para eles e pretendia fazê-lo na primeira oportunidade que surgisse. Mas, ontem, aconteceu uma coisa. Minha irmã me ligou do outro lado do país e me disse que meu pai não estava se sentindo muito bem já há alguns dias e, ontem, teve um derrame. Quando eles me ligaram, tudo já estava em ordem e ele estava passando bem. Parece que não houve nenhum dano sério e ele terá alta em alguns dias, por isso fiquei na Califórnia. No entanto, agora sei por que meus pais estavam em minha mente e coração mais do que o normal. Acho que o Espírito estava me levando a uma verdade que eu não conhecia sobre mim mesmo: que meus pais precisavam de oração e apoio. Embora tudo tenha terminado bem, gostaria de ter seguido sua orientação antes.

Isso já me aconteceu no trabalho, quando fui levado a ligar para alguém. Também já aconteceu no ministério, quando fui levado a buscar alguém. Já aconteceu em meu próprio crescimento pessoal, quando fui levado a encarar um problema ou um pecado em meu coração. Aos poucos, estou aprendendo a reconhecer a orientação do Espírito; quando tenho um pressentimento, em geral, é porque ele está me soprando algo que devo fazer. Aos poucos, estou aprendendo a ouvi-lo e a segui-lo.

O Espírito Santo fala conosco de várias maneiras, pois cada um se relaciona com Deus de uma determinada forma. Mas, embora seja diferente para cada pessoa, ele fala com todas. Ele fala sobre nós e sobre coisas que precisamos mudar. Para mim, isso acontece de maneiras específicas. A maneira mais comum é quando alguma coisa vem à minha mente sem eu querer. Aprendi a distinguir a diferença entre minhas preocupações obsessivas sobre as coisas e a “invasão mansa” do Espírito em minha mente. Ele simplesmente fica parado lá com um problema até eu decidir resolvê-lo.

Outra forma é quando o Espírito me apresenta um problema de fora. Vejo o mesmo problema ser abordado em

contextos diferentes, desde um sermão até uma passagem da Bíblia, um amigo que toca no assunto, um livro, um programa de rádio ou da TV etc. Ele encontrará maneiras diferentes de me mostrar a mesma coisa até chegar a um ponto em que eu não possa ignorar o que ele está me falando.

Também existe o estímulo direto e imediato do meu próprio espírito quando ouço, leio ou vejo alguma coisa. Outro dia, estava lendo alguns contratos para um de meus empreendimentos e vi uma coisa que fez o meu espírito saltar por dentro. E, pelo que me dizia respeito, saltava na direção errada! Estava convencido de que não era justa a forma em que esse acordo havia sido estruturado; eu estava levando muita vantagem. Acho que o Espírito devia estar me dizendo para ceder mais para a outra parte. Eu havia errado. Foi algo em que pensei, quando negociei o meu lado. Mas quando li o material por escrito, senti que ele estava falando comigo. Foi instantâneo e forte.

Não sei como você ouve o Espírito. Provavelmente, é de uma forma muito parecida com a minha e de outras formas também. Quem tem filhos, comunica-se de maneira diferente com cada um, porque eles ouvem e aprendem de formas diferentes. Falamos com os nossos amigos de formas diferentes. Mas a nossa mensagem deve sempre falar a verdade. E é assim que eu acho que o Espírito Santo opera. Ele fala conosco de maneira diferente, mas sempre com a verdade que precisamos ouvir naquele momento. Ela pode parecer uma "má notícia" então, mas, no fundo, é sempre boa. Portanto, ouça quando ele falar com você.

Uma coisa é certa: o Espírito Santo não pode nos levar para onde ele quer se não dermos o primeiro passo de ouvir a verdade que ele está nos mostrando. Se ele me mostrar um problema que devo resolver, tenho de tomar as medidas necessárias para isso; se ele me mostrar um pecado, tenho de lidar com ele, e assim por diante. Ele indica o caminho e

nós o seguimos. E isso que significa “andar pelo Espírito”. É um relacionamento que seguimos passo a passo.

O melhor exemplo que conheço de um relacionamento passo a passo é o que contei, outro dia, a um homem que estava pensando em entrar para o ministério. Ele estava sentindo que Deus o estava levando a largar os negócios e entrar para a faculdade de teologia. A indicação de Deus era bastante clara. Mas o homem queria conversar comigo, já que eu estava no ministério, para saber como eu tinha certeza do que precisava fazer. Ele sabia que Deus o estava guiando para a faculdade de teologia, mas não sabia o que queria que ele fizesse depois, pois ele não sabia que cursos devia fazer.

Em poucas palavras eu lhe disse o seguinte: “Seja bem-vindo aos caminhos de Deus”. E assim que ele costuma operar. Deus nos diz apenas qual será o nosso próximo passo. Dê esse passo e o seguinte aparecerá, mas a seu tempo. Eu lhe disse que era como aqueles capacetes de minerador com uma lanterna em cima. Podemos enxergar apenas o suficiente para dar um passo. Depois dele, o próximo se ilumina e assim por diante. Deus raramente nos mostra o caminho inteiro de uma vez.

Isso vale para a nossa carreira, nosso crescimento e para conhecer sobre ele. Ele nos guia um passo de cada vez, mas nós temos de “andar” numa atitude de segui-lo ativamente. Disse ao meu amigo que quando Deus me disse para entrar para o campo do aconselhamento cristão e estudar psicologia e teologia, eu não fazia a menor idéia de que faria as coisas que faço hoje, como escrever e lecionar. Pelo que me dizia respeito, Deus poderia me levar para a área da pesquisa. Ele apenas me disse para entrar nesse ramo. Ele mostra apenas o próximo passo. E cabe a nós obedecê-lo e seguir a fração de verdade que ele nos dá.

Jesus disse que Deus quer que as pessoas o adorem em Espírito e em verdade. Ele quer ter um verdadeiro relacionamento conosco, do fundo do nosso ser. Com nossa

capacidade limitada de nos conhecer e enxergar a realidade externa, precisamos depender do Espírito da verdade para que nos mostre essas realidades. Assim, no caminho da verdade que ele provê, o crescimento acontece. Aproximamo-nos mais do que realmente somos e começamos a fazer o que fomos criados para fazer, com ele também como ele realmente é. O Espírito é a realidade suprema.

ENGANOS

Com o passar dos anos, descobrimos muitos enganos sobre a vida cheia do Espírito na vida cristã do crescimento. Embora não caiba aqui falar a respeito deles com detalhes, citaremos alguns que você deve evitar.

1. SE VOCÊ ESTIVER "CHEIO DO ESPÍRITO", SERÁ SEMPRE FELIZ E NÃO SOFRERÁ NEM SE AFLIGIRÁ. Esse engano comum está bem longe da experiência de qualquer ser humano, inclusive de Jesus. Sabemos que Jesus sempre foi ligado e submisso a Deus. Sabemos que seu poder vinha do Espírito de Deus. No entanto, ele sentiu dor e passou por muitas aflições. No jardim do Getsêmani, passou por uma grande angústia e agonia. Certamente, ninguém diria que ele "não obteve a vitória" ou que "se desviou do caminho". Porém, às vezes, dizem para as pessoas em conflito que, se elas estão sofrendo, é porque não estão deixando o Espírito Santo assumir o controle delas.

A verdade é que render-se ao Espírito e encher-se dele é algo que fazemos *na* dor e *na* aflição, e não *no lugar da* dor e da aflição. Jesus, o apóstolo Paulo e outros, todos conheceram a dor e o sofrimento. Não era isso que importava. O que importava era o que eles faziam na dor e na aflição. Eles entregavam-nas a Deus e apoiavam-se no seu Espírito, o Auxiliador, para ganhar força. Aflição não é sinônimo do fracasso da vida cheia do Espírito.

2. SE VOCÊ ESTIVER CHEIO DO ESPÍRITO, NÃO PECARÁ. Essa idéia é semelhante à primeira, mas tem a ver com o pecado e não com a dor. A verdade é que todo mundo peca c, se alguém disser que não peca, é "um mentiroso" (1Jo 1.8,10). Ninguém está sem pecado, pois mesmo que nos comportarmos bem no momento, o nosso lado inconsciente, obscuro e pecador ainda não está limpo. A vida cheia do Espírito é a de progressivamente "limpar o copo por dentro" e por fora também. Ninguém conseguiu isso completamente. A perfeição impecável é um ideal a se buscar, mas irreal para qualquer ser humano, a não ser Jesus. A Bíblia diz: "... não há um *só justo* na terra, ninguém que pratique o bem e nunca peque" (Ec 7.20; grifo dos autores). Mas todo mundo conhece homens justos que caminham no Espírito. Portanto, caminhar e perfeição não significa a mesma coisa.

3. SE VOCÊ ANDAR NO ESPÍRITO, COLHERÁ OS FRUTOS DO ESPÍRITO INSTANTANEAMENTE. Lembre-se de que a santificação é um processo. Paulo disse que ainda não a tinha alcançado (Fp 3.12,13). Pedro disse que as qualidades do bom caráter são construídas com o tempo e crescem (2Pe 1.8). O fruto é uma conseqüência de se andar no Espírito, quando semeamos para o Espírito (Gl 6.8,9). O crescimento leva tempo e é preciso tempo para semear para o

Espírito e crescer na vida espiritual não é como um botão que podemos apertar e, de pessoas imaturas, nos transformarmos em seres totalmente maduros. Como veremos em outros capítulos, a Bíblia diz que todas as coisas se tornaram "novas", mas não "completas" (2Co 5.17). Diz que devemos avançar para a maturidade (Hb 6.1) e que estamos "sendo santificados" (Hb 10.14). Isso leva tempo.

Portanto, não deixe que ninguém o desanime com o argumento de que, se você não tiver tudo resolvido, não está "no Espírito". Se você esta apoiando-se nele da melhor maneira que puder, pedindo a ele toda a ajuda que é capaz

de pedir, enfrentando tudo o que você e capaz de enfrentar e obedecendo e fazendo tudo o que é capaz de fazer, simplesmente continue crendo. O fruto virá.

UMA ADVERTÊNCIA

De um lado, só porque uma pessoa não é perfeita, isso não significa que o Espírito não esteja em sua vida. De outro lado, se a vida da pessoa não tem nenhum sinal de luz, fé, mudança, arrependimento e amor, então ela deve perguntar-se se o Espírito está em sua vida. Ele pode estar sendo reprimido, em vez de seguido ou pode nem mesmo estar presente. Como disse Pedro:

> Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos. Todavia, se alguém não as tem, está cego, só vê o que está perto, esquecendo-se da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, empenhem-se ainda mais para consolidar o chamado e a eleição de vocês (2Pe 1.8-10).

Ou, como Paulo nos adverte, não andar no Espírito e continuar no pecado produz maus frutos:

> Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus.
> Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas

> não há lei. Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos. Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito (Gl 5.19-25).

Portanto, embora você não precise se afligir por não ter tudo resolvido, deve preocupar-se se não estiver exibindo nenhum fruto da presença do Espírito Santo em sua vida. A boa notícia *6* que, como vimos no início do capítulo, se isso o preocupa e você deseja a ajuda dele, é sinal que ele já está com você. Ninguém deve se preocupar em desejar a ajuda e o perdão dele, pois o próprio desejo é fruto do Espírito. Mas não exibir nenhum fruto e não se importar é uma outra história.

NÃO BASTA "DESISTIR E ENTREGAR TUDO NAS MÃOS DE DEUS"

Quando você pregar a obra do Espírito Santo na vida das pessoas, tome cuidado. Algumas pessoas querem se eximir de sua responsabilidade e "desistir e entregar nas mãos de Deus".

Num *workshop* que dei para pessoas do ministério, falei de todas as coisas que precisamos fazer para crescer, como enfrentar os medos, correr riscos e entrar para um grupo de apoio. Então, um homem perguntou-me: "Não é mais uma forma de dizer que devemos estabelecer nossas metas e cumpri-las? Está parecendo-me mais um esquema de psicologia e auto-ajuda". Eu disse que discordava inteiramente dele e que o que eu estava querendo dizer com tudo isso era exatamente o oposto: *não podemos* fazer as coisas que precisamos fazer por conta própria. *Não somos capazes de tomar as decisões* sozinhos. Temos de encarar a nossa incapacidade e depender de Deus. Temos de depender das pessoas. Temos de buscar e ganhar força. Repeti que não podemos fazer isso sozinhos. Não existe nenhuma "auto-ajuda".

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Busque e entenda a sua segurança em Deus e como ele está buscando você por seu Espírito.
- Entenda como ele pretende operar e o que ele promete, para que você saiba o que esperar e como encontrar. Estude a lista de coisas que o Espírito Santo faz.
- Busque-o como o faria num relacionamento com uma pessoa. Dependa dele como pessoa, a todo momento, para tudo o que você precisa.
- Peça a sua ajuda em cada situação.
- Siga a sua indicação.
- Renda-se a ele.
- Peça para ele lhe mostrar e revelar o que você não sabe sobre qualquer coisa na vida.
- Siga-o em tudo o que ele lhe revelar, passo a passo.
- Não confunda dor e sofrimento com a falta de sua presença. Peça a ele para estar com você na dor e no sofrimento e fazer todas as coisas acima nesses momentos.
- Sempre pare para certificar-se de que você está na fé e de que e a vida dele está em você.
- Ore por sua cura e alívio sobrenaturais sempre que precisar.
- Permaneça no paradoxo de você e Deus, juntos, viverem a sua vida.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Esclareça todos os enganos a respeito do Espírito

Santo.

- Ensine às pessoas como o Espírito opera e o que a Bíblia promete em relação ao que ele fará.
- Certifique-se de se concentrar sempre na dependência e no relacionamento com ele a cada momento.
- Crie maneiras e contextos para se buscar o Espírito e pedir por ele a Deus.
- Encoraje a dependência em relação a ele e não julgue o conflito como a falta da presença dele na vida de uma pessoa.
- Faça as mesmas advertências da Bíblia com relação à falta do fruto do Espírito.
- Apresente ensinamentos, experiências e contextos para a cura e o alívio sobrenaturais que o Espírito oferece.

Pensei que ele tinha virado a página, mas então ele me mostrou que não, quando disse:

— Ali, entendo. Não podemos fazer sozinhos, então simplesmente dependemos do Espírito Santo para fazer. Jogamos tudo para ele.

— Não — eu disse — não jogamos simplesmente tudo para ele. Não podemos fazer sozinhos e não jogamos tudo para ele. Precisamos "nos empenhar na nossa salvação", mas também precisamos pedir a ele que nos ajude a fazer tudo isso. *São as duas coisas, e não uma ou outra.*

O ser humano tem dificuldade de juntar idéias opostas num equilíbrio dinâmico. Mas é um equilíbrio que sempre precisamos fazer: Deus cuida de uma parte e nós cuidamos de outra. Cuidado para não dicotomizar as suas tarefas e as dele.

CURA SOBRENATURAL

Além do trabalho momento a momento e da dependência no Espírito Santo, podemos pedir-lhe a cura. Acredito piamente que podemos pedir a Deus para curar as nossas almas e para romper outros tipos de sujeição nas almas das pessoas, como o alivie da influência demoníaca ou possessão. Não pretendo fazer um tratado sobre como fazer isso, portanto, não nos estenderemos a respeito. Há muitos livros bons sobre cura e libertação. Mas, como este capítulo fala do Espírito Santo, devemos lembrar que ele realmente cura e liberta.

Em toda a Bíblia, Deus é tratado como curador e libertador. E eu mesmo já o vi desempenhar ambos os papéis. Às vezes, ele cura instantânea e milagrosamente. Mas, no terreno sentimental, com problemas como depressão, ansiedade ou compulsão por comida, quando oramos pelas pessoas, vemos que Deus começa a curá-las ajudando-as a resolver seus problemas. A pessoa deprimida, por exemplo, encontra força e coragem para sair do isolamento. Só porque a cura não acontece instantaneamente, não significa que a oração não fez efeito. Deus a respondeu, mas de forma profunda, ajudando a pessoa a mudar. A oração muda as coisas, imediata ou gradualmente, como podemos ver na Bíblia e na vida real.

Também já presenciei vários casos de libertação da opressão demoníaca. As vezes, isso precisa ser feito por uma pessoa experiente, que já tenha feito isso antes e saiba a diferença entre um refúgio espiritual e problemas emocionais e psiquiátricos. Se você está lidando com alguém que tem esse tipo de aflição demoníaca, procure uma pessoa com um bom histórico de diagnóstico. Muita coisa estranha paira em torno da igreja.

Mas o importante é orarmos pela cura das pessoas. Gosto muito quando alguém em quem estou trabalhando freqüenta regularmente um grupo de oração ou participa de

uma equipe de oração, especialmente pela cura dos problemas que estamos lidando.

Peça a Deus para lhe dar os dons que você precisar no momento, quando orar por alguém. Ele pode lhe dar uma sabedoria ou conhecimento sobrenatural, por exemplo. Ele pode visitá-lo com um dom ou manifestação do Espírito para ser usado com aquela pessoa. Ele pode mostrar à pessoa ou a você qual é o problema a ser tratado. Ou ele pode apenas operar um milagre diretamente; nunca se sabe. O que sabemos com certeza é que: "A oração de um justo é poderosa e eficaz" (Tg 5.16). E tão importante para o nosso crescimento quanto qualquer outra coisa.

Portanto, quer você esteja em busca do crescimento ou ajudando outros a crescer, inclua a oração nesse processo. Leve aqueles que buscam o crescimento para um grupo de oração ou crie um. Sugira que encontrem um parceiro de oração que ore com eles pelos problemas que estão enfrentando. Seja como for, a oração é importante para que você tenha uma idéia clara do crescimento que inclui a Deus e o Espírito Santo.

NUNCA É TARDE PARA COMEÇAR

Conheço muitas pessoas que são cristãs há muito tempo e aderiram aos princípios de Deus, os ensinaram aos outros, mas não vivem realmente "no Espírito Santo". Para elas, de muitas formas, o cristianismo não é sobrenatural. Se esse for o seu caso, não se desanime, pois nunca é tarde para começar. E a "fórmula" é simples: peça.

Como disse Paulo:"... assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele" (Cl 2.6). Recebemos Jesus pela fé e caminhamos da mesma forma. Simplesmente peça para o Espírito Santo fazer todas as coisas sobre as quais falamos aqui ou qualquer coisa que você precise que ele faça. Como Jesus prometeu, Deus o dará a você (Lc 11.13). Você o recebeu no início, confiando e

pedindo. Agora, na área do crescimento, seu e dos outros, faça o mesmo. Peça e confie. Ele aparecerá, conforme prometido.

Terceira parte

ENCONTRANDO O MELHOR CLIMA

7. O "PLANO A" DE DEUS: AS PESSOAS

Para ser realmente bíblico e realmente eficaz, o processo de crescimento deve incluir o Corpo de Cristo.

Quando estava passando pela minha própria experiência de "chegar ao fundo do poço", eu (Henry) saí para jantar com um amigo cristão. Contei que estava deprimido e que estava muito decepcionado com Deus. Tinha pedido a ajuda dele e não estava me sentindo melhor. Achava que quando se ora, Deus faz a pessoa sentir-se melhor e eu ainda me sentia péssimo. Tinha chegado à conclusão de que ele não estava me ajudando muito.

Meu amigo ouviu atentamente e disse que realmente não sabia muito sobre isso, mas conhecia alguém que sabia. Ele me deu o telefone de Bill. Foi bom conversar com ele, mas fiquei mal por ver que o único amigo cristão que eu conhecia bem não sabia o que eu devia lazer para que Deus me ajudasse a sentir melhor. Pensei: "será que Deus realmente faz as pessoas se sentirem melhor?".

Liguei para o número que meu amigo me deu. Acontece que Bill estava fazendo seminário. Ele e sua esposa, Julie,

tinham muita experiência em ministrar para estudantes universitários.

Fui conhecê-los e nos entendemos bem. Senti-me diferente ao lado deles. Eles me falaram sobre Deus. Queriam saber tudo a meu respeito e a respeito de minha "fé" recém-descoberta. Contei-lhes sobre o problema da minha mão, minha luta de jogar golfe sentindo dor por dois anos e minha decisão de desistir de tudo. Depois contei que tinha pensado no que queria fazer e realmente não tinha conseguido chegar a nenhuma conclusão. "Mas acho que não deveria estar me sentindo desse jeito. Sinto que alguma coisa está errada", disse.

Não vou contar tudo o que aconteceu porque é uma longa história. A versão resumida é que esse casal realmente me acolheu. Eles decidiram que queriam me "discipular", um conceito do qual eu nunca tinha ouvido falar. Eles acharam que eu precisava aprender mais sobre Deus, e como eu estava sem horizonte algum, pensei: "por que não?". Decidi trancar a matrícula da faculdade por um semestre, pensar sobre a vida, viver com Bill e Julie e "ser discipulado".

Aprendi muito sobre Deus. Bill era um ótimo professor. Ele me deu acesso a todos os seus livros e me levou às suas aulas. Ele me mostrou onde ficava a biblioteca do seminário, e eu me apaixonei pelo estudo da teologia. Ele me ensinou sobre a doutrina e como interpretar a Bíblia e tentava responder a todas as minhas perguntas.

Com o passar do tempo, senti que algo em mim estava mudando. Não sei como colocar isso em palavras, mas era como se Deus estivesse emergindo. Uma estrutura de entendimento sobre Deus começou a se formar conforme eu estudava a Bíblia. A experiência com Deus começou a acontecer quando aprendi a dedicar um tempo à oração (às vezes, horas), tanto sozinho como com Bill e Julie. Algumas vezes, conseguia realmente sentir que Deus estava na sala.

Enquanto Bill me ensinava sobre Deus, Julie conversava comigo sobre a minha vida. Quando me abri, descobri que

havia muita coisa dentro de mim que eu nunca tinha imaginado. O vazio que eu estava sentindo não era vazio, mas tristeza e mágoa. Sabia que estava triste com a perda do meu sonho de jogar golfe profissionalmente, mas descobri outras perdas e feridas também. Julie estava lendo um material sobre aconselhamento que falava sobre um "inventário" da alma e estudamos o material juntos. Com isso, aprendi que eu tinha muita coisa que precisava ser tratada. Descobri que não tinha apenas feridas, mas problemas com perdão, tanto em relação a mim mesmo como em relação a pessoas contra às quais eu guardava rancor. Tirei um grande peso dos ombros quando passei por esse processo.

Ao mesmo tempo, Bill e Julie me encorajaram a entrar para um pequeno grupo que examinou a minha vida. Aprendi coisas sobre mim mesmo e como me relaciono com as pessoas. Os membros do grupo me ensinaram que eu era "emocionalmente desapegado" e não permitia que as pessoas se aproximassem de mim. Eles me mostraram que eu sabia muito pouco sobre amor e baseava grande parte de minha vida no desempenho e nas realizações, e não me "apoiava na intimidade". Eles desafiaram todos os meus padrões de relacionamento.

Quando eu estava errado, eles me confrontavam. No princípio, me sentia mal e cheio de culpa, mas depois descobri a liberdade que vem quando se é confrontado com amor. Descobri que as pessoas podiam me disciplinar e, ao mesmo tempo, ficarem do meu lado, e não contra mim.

Uma outra coisa aconteceu nessa mesma comunidade. Bill, Julie e outros perceberam algo a meu respeito que eu não sabia. Eles disseram que eu tinha um dom especial para compreender a Bíblia quando se relaciona a questões de aconselhamento e eu tinha o dom de entender esses assuntos. No que me dizia respeito, eu estava sentindo um desejo cada vez maior de estudar a Bíblia e aconselhamento. Esses dois caminhos, o externo e o interno, se fundiram e,

em pouco tempo, eu sabia que Deus estava me chamando para entrar no campo do aconselhamento cristão.

DEUS USA AS PESSOAS TAMBÉM

Um dia, algum tempo depois de eu mesmo fazer aconselhamento, descobri que a minha depressão e a sensação de vazio tinham desaparecido. Na verdade, eu me sentia bem em relação à vida e a mim mesmo. Ao examinar meus sentimentos, descobri que estava feliz e desapontado ao mesmo tempo. Deus tinha mudado a minha vida. Minha vida tinha dado uma volta de 180 graus. Mas Deus não tinha me curado quando busquei a cura. Ele não tinha me transformado de maneira sobrenatural. Para mim, a transformação sobrenatural era o Plano A de Deus. Conversei sobre essa decepção com as pessoas e todas me disseram a mesma coisa: "Mas Deus usa as pessoas também".

Odiava ouvir aquela frase. Queria que Deus tocasse em minha depressão instantaneamente e me curasse. Mas ele usou as pessoas para me ajudar. Cheguei a chamar isso de Plano B de Deus. Achava que, quando Deus intervinha de maneira sobrenatural e curava, era o Plano A e que essa era a verdadeira cura espiritual. Quando ele usava as pessoas para curar, era o Plano B, que era "inferior", mas eficaz. Aceitei o fato de ser uma daquelas pessoas que estavam no Plano B. Assim, lá estava eu, agradecido e um pouco desapontado com a minha cura nota B. Era bom, mas senti como se eu tivesse ganhado um lugar nas arquibancadas, e não nas numeradas.

Então, um dia, fiz uma descoberta na Bíblia que mudou a minha visão do Plano B:

> "Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, *cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função"* (Ef 4.16; grifo dos autores).

Mal podia acreditar. Li o versículo de novo. Além de ser verdade que "Deus usa as pessoas também", esse não era o plano B nem um plano inferior! De fato, as pessoas ajudarem outras pessoas era o Plano A! A Bíblia dizia isso. E tinha mais: não eram *apenas as pessoas que estavam fazendo isso, mas o próprio Deus!* Deus estava operando diretamente por meio das pessoas quando elas me ajudaram. Então, o Plano B, afinal, era o Plano A original.

Queria que Deus me curasse, mas pensei que tinha de me "conformar" por ele ter usado as pessoas para isso. Mas *era* Deus que estava fazendo isso por meio das pessoas. Pode parecer simples, mas para mim a idéia era transformadora. Ajudou-me a entender que Deus não estava distante e neutro, apenas delegando coisas às pessoas. Ele não *delegava* o processo às pessoas. *Usava* as pessoas como seus uniformes. Ele veio para viver dentro das pessoas e, então, realizou seus desejos e vontades por meio delas em um mistério chamado o Corpo de Cristo. Jesus estava comigo o tempo todo, pois estava *em* todas aquelas pessoas que me ajudaram. Deus estava usando as pessoas em seu Plano A:

> Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, *administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas.* Se alguém fala, faça-o como quem *transmite a palavra de Deus.* Se alguém serve, faça-o com *a força que Deus provê,* de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém (1 Pe 4.10,11; grifo dos autores).

Esperava que Deus me desse sua graça pela transformação sobrenatural; ele me deu pelo seu povo. Esperava que ele falasse comigo diretamente; ele falou por seu povo. Esperava que ele me desse uma orientação na vida; ele era a força por trás da orientação que as pessoas me

deram. Esperava que ele curasse a minha depressão; ele enviou pessoas especiais para me consolarem.

Percebi que o próprio Deus estava curando a minha depressão por meio de meus amigos Bill, Julie e outros. Não me sentia mais como se fizesse parte do Plano B. Tinha recebido o próprio Deus e a cura que ele sempre tinha planejado me dar por meio de seu povo. Aprendi o que Paulo tinha vivido com sua própria depressão, quando disse: *"Deus, porém, que consola os abatidos,* consolou-nos com a chegada de Tito" (2Co 7.6; grifo dos autores).

Quando entrei para o curso de pós-graduação e estudei teologia, descobri que essa é a doutrina da igreja. Essa doutrina sustenta que a igreja, com seu Espírito imanente, é a verdadeira presença física de Cristo na terra atualmente. É verdade que, quando dois ou mais se reúnem, ele está presente (Mt 18.20). É verdade que ele está dentro de cada crente. E verdade que o corpo é o santuário de Deus (1Co 3.16). No Antigo Testamento, Deus vivia no santuário e no Santo dos Santos. Hoje, ele vive nos templos de carne humana. Ele vive em nós e, onde quer que estejamos, ele está. Que realidade maravilhosa!

Essa descoberta, naquele momento da minha vida, foi extremamente pessoal. Inspirou-me a uma grande ação de graças e a um verdadeiro sentimento de que Deus cuida de mim e atua em minha vida. Mas eu não fazia idéia da importância que esse fato exerceria posteriormente, na minha vida profissional.

O PAPEL QUE O CORPO EXERCE NO CRESCIMENTO

Muitos anos depois, essa realidade se tornou muito mais do que um testemunho pessoal de como Deus cura. Tornou-se uma base para a compreensão de tudo o que fazemos como profissionais. Se você pretende ajudar as pessoas a crescer, *precisa* entender a necessidade do relacionamento para o crescimento. Não raro, as pessoas na igreja que

ensinam outras a crescer eliminam o papel do Corpo. Na verdade, às vezes, ensinam a seus estudantes que eles não precisam das pessoas, que Cristo sozinho é suficiente ou que a Palavra ou oração e suficiente. Orientam as pessoas, de forma ativa e direta, a nunca depender das pessoas, pois acham que isso é errado.

Mas a Bíblia ensina que *todas* essas coisas, inclusive as pessoas, fazem parte do processo. Então, em relação aos diferentes aspectos do crescimento das pessoas, queremos deixar bem claro o papel do Corpo. Anos de pesquisa e de experiência reforçam essa realidade bíblica: *você precisa se relacionar para crescer.*

Como dissemos no capítulo 2, o relacionamento com as pessoas faz parte da ordem criada. A independência do relacionamento e independência do próprio Deus, pois ele está presente no Corpo; também é independência da forma como ele planejou o nosso crescimento. Como Paulo disse em Efésios, "crescer nele" significa que o Corpo realizará a sua função de auxiliar um ao outro (Ef 4.15,16).

Se você ajuda outras pessoas a crescer e descobre uma área da vida na qual uma pessoa precisa de algo de Deus, pense em outras pessoas como parte da solução. Procure os recursos disponíveis no Corpo para suprir as necessidades dessa pessoa e ajudá-la a crescer.

Vejamos o papel que o Corpo de Cristo exerce no crescimento das pessoas. Precisamos deixar claro que nossa intenção não é apresentar uma teologia completa da igreja ou descrever tudo que a igreja faz para os indivíduos. Os livros de doutrina é que fazem isso. O que queremos fazer é ressaltar os processos mais importantes que ocorrem dentro do Corpo quando as pessoas entram no processo de crescimento. É importante saber o seguinte:

O crescimento bíblico foi criado para incluir outras pessoas como instrumentos de Deus. Para ser realmente bíblico e realmente eficaz, o processo de crescimento deve

incluir o Corpo de Cristo. Sem o Corpo, o processo não é nem totalmente bíblico nem ortodoxo.

Então, vejamos rapidamente alguns papéis que o Corpo exerce. Veremos alguns deles com mais detalhes em outros capítulos.

LIGAÇÃO AFETIVA

A necessidade mais básica da vida das pessoas é a ligação afetiva. As pessoas que se apegam a outras prosperam e crescem, e as que não o fazem, murcham e morrem. E um fato clinicamente comprovado, por exemplo, que desde a infância até a idade adulta, a saúde depende dos contatos sociais que uma pessoa tem. Os bebês e as pessoas idosas morrem por falta de afeto, e as pessoas em geral desenvolvem alguma doença e depois não conseguem se recuperar.

No plano emocional, a ligação afetiva é um elemento básico para a psique, o coração e o espírito. Quase todo problema emocional ou psicológico, de uma compulsão à depressão, tem como uma de suas principais causas o isolamento emocional. A recuperação desses problemas sempre implica em ajudar a pessoa a se relacionar com os outros, de uma forma mais profunda e saudável.

Ironicamente, um problema comum na comunidade cristã são as pessoas darem muito mais atenção à religião do que à ligação afetiva que a Bíblia prescreve e, conseqüentemente, seu estado piora. Da mesma forma, as pessoas sentem-se distantes de Deus porque não se ligaram ao seu Corpo. Paulo descreve o problema da seguinte maneira: “Trata-se de alguém que não está unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus” (Cl 2.19).

O claro ensinamento do Novo Testamento é que o Corpo de Cristo deve ser formado por pessoas unidas por uma forte ligação afetiva, que se ajudam e enchem os corações umas das outras. Quase todo dia recebemos telefonemas e cartas de pessoas que contam sobre suas vitórias em alguma área da vida porque se uniram a um grupo de um determinado lugar e resolveram seus problemas. Como lidamos basicamente com cristãos e organizações cristãs, as histórias de sucesso, em geral, são de crentes que há anos tentam superar algum problema "sozinhos com Deus".

A autora de uma dessas cartas, Sandy, disse: "Há anos luto contra a depressão e a incapacidade de ter bons relacionamentos. Orei, li a Bíblia e tentei todas as coisas que achava que deveria fazer. Então, minha igreja criou um grupo que usou o seu livro. Mal pude acreditar no que aconteceu em minha vida quando comecei a conversar abertamente com as pessoas. Senti-me ligada, e agora tudo mudou. Não dá para dizer o quanto o grupo foi importante. Sinto que estou ligada a Deus novamente".

O que ela descobriu foi que, embora buscasse o crescimento espiritual e a cura há algum tempo, nem todos os elementos do crescimento funcionaram até que ela experimentou estar "unida por seus [do corpo] ligamentos e juntas" e, então, alcançou o "o crescimento dado por Deus". Pelo pequeno grupo ao qual ela se juntou, o Corpo realizou sua função na vida dela.

Essa ligação também atua nas pessoas que estão se recuperando de um vício ou de um comportamento compulsivo. Dificilmente, elas se recuperam da dependência sem se unirem a um sistema de apoio. Algumas abandonam seus comportamentos compulsivos, mas os padrões de relacionamento não mudam e, com freqüência, elas têm uma recaída quando não fazem o trabalho em grupo. O motivo é complexo, mas parte dele é que a própria alienação desses indivíduos os leva ao vício. Paulo diz que essa "entrega à

depravação" acontece por estarem "separados da vida de Deus" (Ef 4.18,19).

Quando as pessoas perdem a ligação afetiva com os outros e suas almas ficam carentes de relacionamento, a necessidade de amor se transforma numa fome insaciável, que tentam suprir com outra coisa, que pode ser: uma substância química, sexo, comida, compras ou jogo. Mas nada disso satisfaz, porque a verdadeira necessidade é a ligação com Deus e com as pessoas. Quando a encontram, o poder do vício desaparece. É por isso que muitas pessoas no ministério encontram a solução para os seus vícios somente quando entram para um grupo de apoio. Antes disso, elas vivem isoladas no ministério e acham que precisam se esconder por causa de sua posição.

Portanto, se você está no processo de crescimento ou é responsável pelo crescimento de outros, encare a ligação afetiva como um elemento básico para as pessoas crescerem. Elas crescem, antes de mais nada, por meio da ligação com Deus, mas também por meio da ligação com as pessoas do Corpo. E, como vimos, se não tiverem a última, não terão o que precisam da primeira e perdem alguns aspectos da provisão de Deus.

DISCIPLINA E ESTRUTURA

— Eu só preciso de mais autodisciplina — Jerry me disse — Sei que tenho todo o potencial para alcançar os meus objetivos, mas parece que não consigo me determinar a fazer tudo que tenho de fazer.

— E onde você vai conseguir essa "autodisciplina"? — perguntei.

— O que você quer dizer com "onde eu vou consegui-la"?

— Ora, exatamente o que eu disse. Você não tem nenhuma autodisciplina. Se tivesse, teria feito as coisas que não fez. Portanto, concordo que você precisa de

“autodisciplina”. Apenas gostaria de saber onde você irá consegui-la, porque obviamente não a tem. E já que não a tem para dar a si mesmo, gostaria de saber onde vai consegui-la.

— Vou aprender a ser disciplinado.

— Você não está entendendo. Se pudesse disciplinar a si mesmo, não precisaria de autodisciplina. Você a teria. Mas não tem. Então, mais uma vez, pergunto: onde você irá consegui-la?

Ele olhou para mim com uma expressão de quem acabou de fazer uma descoberta, mas foi pego no pulo. Dava para ver que ele tinha entendido. Suas chances de disciplinar a si mesmo eram nulas. Mais um dia nessa ilusão, apenas o levaria a outro fracasso.

— Acho que não sei. Onde *posso* consegui-la? — ele perguntou timidamente.

— Bem, não é difícil de adivinhar. Todo mundo consegue da mesma forma. A autodisciplina é sempre fruto da “disciplina de outro”. Algumas pessoas são disciplinadas por outras desde criança e, depois, interiorizam a disciplina em seu caráter. Elas passam a possuí-la. Outras não são disciplinadas no início da vida e só ganham autodisciplina quando aprendem com os outros e a interiorizam e assimilam. Não é uma coisa do outro mundo, apenas a maneira que Deus planejou para o nosso crescimento. Os outros nos disciplinam e, então, nós aprendemos a fazer isso sozinhos. É como todas as outras coisas na vida: aprendemos o que recebemos dos outros (como está escrito em 1Co 4.7).

— Como? Como posso ser disciplinado pelos outros?

— Agora você fez a pergunta de um milhão de dólares e se entender a resposta e fizer isso, terá a disciplina que está buscando.

Continuamos a conversar e analisamos como esse processo acontece exatamente. Jerry tinha de encontrar

respaldo com um parceiro responsabilizado, entrar para um grupo que lhe oferecesse tarefas específicas, obter correção e uma análise sobre o cumprimento das tarefas, sofrer as conseqüências quando não agisse corretamente, submeter-se à estrutura das reuniões de grupo a qualquer custo, ligar para o seu amigo quando se sentisse tentado a fraquejar e conseguir o apoio necessário para se sentir motivado, superar seus medos e resistências e curar a dor que o levou à irresponsabilidade entre outras coisas.

Com a estrutura de suas tarefas, as reuniões de grupo, a submissão à estrutura, o respaldo do seu parceiro e uma análise sobre tudo isso, Jerry começou a interiorizar o que sua alma nunca teve: disciplina. Finalmente, ele a adquiriu, mas conseguiu com os outros. Como diz Hebreus 12.11: "Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados". Ele tinha de ser "exercitado por ela", e não fazer isso sozinho. E o Corpo de Cristo foi o agente disciplinar.

Jesus explica, mais tarde, o papel disciplinar do Corpo em Mateus 18, quando diz:

> Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que "qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas". Se ele se recusar a ouvi-los, conte à igreja; e se ele se recusar a ouvir também a igreja, trate-o como pagão ou publicano (v. 15-17).

O Plano A de Deus, "estar presente", opera quando seu Corpo se une para ajudar alguém a assumir o controle de sua vida. Esse é o papel do Corpo na disciplina: ajudar as pessoas a recuperarem a liberdade (ou colher o "fruto de justiça e paz") que se ganha com o autocontrole. A Bíblia diz em vários momentos, como em Mt 18.15,16, Gl 6.1,2 e Tt

3.10, que devemos buscar disciplina, estrutura e correção com as pessoas que Deus nos dá e que teremos problema se não o fizermos: "O zombador não gosta de quem o corrige, nem procura a ajuda do sábio" (Pv 15.12).

Portanto, quando tentar ganhar autocontrole sobre alguma área em sua vida, considere a função persistente da disciplina. E se você estiver ajudando outras pessoas a crescer, inclua o papel da "disciplina do outro" na receita, caso contrário o crescimento estagnará. Seja individualmente ou num grupo, precisamos de disciplina, estrutura e correção que os outros nos proporcionam.

RESPONSABILIDADE

Já mencionamos a responsabilidade, mas precisamos fazer uma ressalva. Nos últimos anos, houve um grande movimento em relação aos grupos e parceiros responsabilizadores, especialmente para quem extrapola ou não tem disciplina em alguma área da vida. Vimos isso, por exemplo, com homens em relação à pureza moral.

A responsabilidade é muito importante, e a Bíblia diz repetidamente que devemos desenvolvê-la em nossa vida. Mas há uma ressalva: *a responsabilidade não é a cura para a falta de autocontrole.* Quando um homem está com um problema, em geral, recomenda-se que procure um grupo de responsabilização. Nele, terá de responder a uma série de perguntas que mostrará como ele está se saindo em várias áreas e se fraquejou. No caso de fraquejar, ele confessa, é perdoado e compromete-se a melhorar. Tudo isso é muito importante.

O problema com a responsabilidade é que tudo o que ela faz é "responsabilizar". É como o termômetro do carro: ele acusa o problema no motor, mas não pode consertá-lo. A responsabilidade acusa o problema, mas não pode consertá-lo. Da mesma forma que o carro precisa de um mecânico para consertá-lo, as pessoas precisam de ajuda além do

diagnóstico do grupo de responsabilização. Uma pessoa com problema precisa entrar num processo de disciplina e estrutura conforme mencionamos, além de encontrar a cura para o que estiver provocando o seu mau comportamento. A responsabilidade é apenas um sistema de monitoramento que lhe diz quando ela precisa de ajuda.

Quando um problema aparece, o papel do grupo responsabilizador muda. Ele deve não apenas ver como a pessoa está se saindo, mas também se ela está fazendo as outras coisas que deveria para resolver o seu problema, como no exemplo de Rich e Jerry.

Já participei do processo disciplinar de vários líderes espirituais e sempre exijo que eles tenham um parceiro responsabilizador ou grupo de responsabilização, *não como agente da mudança,* mas para ter certeza de que eles estão buscando esse agente. No caso de um vício, eles estão indo às reuniões? Estão fazendo terapia? Estão seguindo as disciplinas espirituais? O segredo é que o processo não se resume na responsabilidade. Ela é necessária, mas não basta.

GRAÇA E PERDÃO

Por definição, graça é uma coisa que não podemos dar a nós mesmos. Vem de fora de nós, é um favor não merecido; não podemos fazer nada para merecê-la. E, como vimos neste capítulo, um elemento "de fora" que Deus usa para nos conceder a sua graça são as pessoas. Ao usar seus dons, as pessoas estão "administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas" (1Pe 4.10). Deus nos elegeu mordomos da administração de sua graça.

Muitos ministros ouvem as pessoas dizerem: "Minha mente sabe que Deus me perdoa e me aceita, mas não sinto isso em meu coração". Memorizaram os versículos sobre perdão, amor e aceitação de Deus, sua condição de graça e todas as doutrinas relacionadas. "Sabem" as informações de

cabeça, mas estão longe de “saber” de coração. Costumam achar que esse conhecimento “racional” de alguma forma “penetrará” em seu coração. Não é assim que acontece.

A mente e o coração funcionam de maneiras diferentes. A mente funciona ganhando, assimilando e acomodando novas informações. Reunimos dados, os comparamos com o que já sabemos e formamos um entendimento da nova informação conforme ganharmos “saber”.

Enquanto a mente funciona “reunindo informações”, o coração funciona “reunindo experiências”. E como um médico que aprende a operar. Ele precisa estudar livros, mas também precisa entrar na sala de operação e fazer pessoalmente uma cirurgia para “saber” como operar. Da mesma forma, podemos saber o que os livros dizem sobre a graça de Deus, mas enquanto não a experimentarmos, o nosso “saber” está apenas na mente.

Para experimentar a graça de Deus, no entanto, nosso coração precisa estar ligado a ela. Certamente, podemos nos ligar a Deus “verticalmente” pela oração, mas, para sentirmos a sua graça completamente, precisamos abrir nosso coração para a sua expressão total, “horizontalmente”, por meio de outras pessoas. Para nos ligarmos totalmente à graça de Deus, temos de ir aonde ela está, e ele decidiu colocá-la nas outras pessoas. Então, aqueles que apenas estudam os “fatos” da graça de Deus e não experimentam o amor que as outras pessoas lhes dão, como Pedro nos orienta, não conseguirão compreender a graça.

Mas, para nos ligarmos ao amor de Deus, não precisamos apenas das pessoas, mas também fazer com que nosso coração se abra para elas. Temos de ser abertos e nos expor para que a graça e a aceitação operem. Muitas pessoas “têm comunhão” com outras, mas compartilham tão pouco nessa comunhão que nada acontece em seu coração. Como Paulo disse em Coríntios:

Falamos abertamente a vocês, coríntios, e lhes

> abrimos todo o nosso coração? Não lhes estamos limitando nosso afeto, mas vocês estão limitando o afeto que têm por nós. Numa justa compensação, falo como a meus filhos, *abram também o coração para nós]* (2Co 6.11-13; grifo dos autores)

Portanto, para que o crescimento aconteça, é preciso que haja *experiências* nas quais o coração esteja aberto aos outros. Caso contrário, ele será conhecido somente pela mente e nunca experimentado nos planos que Deus planejou.

Esse é um dos significados do que está por trás de Tiago 5.16, que diz: "Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados". Muitos cristãos fazem a confissão vertical de 1 João 1.9, na qual confessam a Deus, mas não às pessoas. Assim, em sua mente, "sabem" que estão perdoados e são amados, mas não "sabem" em seu coração. Fomos feitos para experimentar ambas as coisas e é também por isso que Jesus ordena que amemos uns aos outros.

Alguns anos atrás, tratamos de um pastor que sofria de compulsão sexual. Durante anos, Joe lutou contra e trabalhou com o medo e a culpa causados por esse problema. Ele confessou e orou muito a Deus, mas não conseguiu quebrar seu círculo vicioso. Finalmente, o sentimento de fracasso e a depressão se tornaram tão grandes que ele se internou em nossa clínica e entrou para um grupo que eu coordenava.

Uma manhã, quando fui fazer uma sessão com o grupo, a enfermeira disse-me que Joe não tinha comparecido. Ele alegou que não estava com vontade. O que realmente estava acontecendo, porém, é que, na noite anterior, Joe tinha dado uma "escorregada". Ele se sentia tão culpado que não queria se reunir com o grupo. Fui ao seu quarto e o convenci a participar.

Quando os membros do grupo começaram a contar suas histórias, alguém perguntou a Joe se ele estava bem. Ele

disse que sim, mas ninguém acreditou. Desde que tinha entrado para o grupo, ele basicamente ajudava os outros, como fazia em sua vida profissional, e não falava de sua dor. Mas, nessa manhã em especial, não permiti que ele se esquivasse. Estimulei-o a compartilhar com o grupo e ele, finalmente, concordou.

Enquanto contava a história, ele ficou olhando para o chão. Ele falou dos anos que passou extravasando no sexo e do medo de que, quando estivesse pregando, alguém da noite anterior o reconhecesse. Sua vida era um pesadelo de duplicidade. Ele contou que ficou deprimido e alienado, principalmente, por não conseguir parar. Pintou um retrato horrível.

Então, algo aconteceu. Enquanto Joe olhava para o chão e contava sua história, olhei em volta da sala e vi que todos os membros do grupo estavam com os olhos marejados. Eles se compadeceram por ele. Dava para sentir que o lugar estava cheio de compaixão e graça. Mas também vi que Joe não tinha se ligado à graça oferecida a ele.

— Joe, quero que levante a cabeça e olhe para o grupo — eu disse.

— Não. Não posso.

— Sim, você pode. Vamos, olhe.

Ele resistiu mais um pouco, mas eu insisti. Finalmente, com certa relutância, ele olhou para as outras pessoas na sala e viu os mesmos olhos marejados e compadecidos que eu tinha visto. Ele viu os sorrisos amáveis. Ele viu a aceitação. Em resumo, pela primeira vez, ele viu graça. E desabou. Foi como uma panela de pressão. Ele se jogou para frente e chorou como um bebê. Naquele momento, ele venceu o vício. Obviamente, havia ainda muito a fazer, mas o poder de seu vício tinha sido vencido quando ele experimentou a graça no fundo de sua alma.

Até então, sua experiência da graça tinha sido apenas teoricamente. Ele não tinha experimentado a graça “em

carne", como diz o Novo Testamento. Mas quando o Corpo fez o seu trabalho, "administrando a graça de Deus em suas múltiplas formas", a cura aconteceu.

O *importante é saber que, às vezes, a graça está à nossa disposição, mas nós não estamos abertos para ela.* Podemos encontrar muita aceitação e graça, mas enquanto a mágoa e a culpa ocuparem nosso coração, não *experimentaremos* a graça, e a distância entre nossa mente e nosso coração continuará.

Portanto, como Paulo, veja se você está ajudando os outros a "abrirem" o coração também. Crie situações em que vocês abram todo o coração um para o outro para que a função do Corpo quanto à graça seja realizada. A graça precisa ser experimentada para ser conhecida. Muitos cristãos vivem experiências com o Corpo aos domingos em um banco de igreja, mas não em particular, quando poderiam compartilhar sua dor e abrir o coração. No entanto, é assim que a cura acontece. A comunhão no domingo, em um jantar ou em um grupo de estudo da Bíblia é ótima, mas a comunhão que vem do fundo do coração é a que cura.

APOIO E FORÇA

No livro *Limites para ensinar aos filhos,* contei uma história sobre minha mãe em um período difícil da vida de nossa família. Quando eu estava com quatro anos de idade, tive um problema na perna que me deixou dois anos de molho, na cama, de cadeira de rodas, com um aparelho na perna e, depois, de muletas. De um dia para o outro, eu, que era uma criança muito ativa, tornei-me um garoto com uma séria incapacidade. O médico disse aos meus pais que era imperativo que eu fizesse as coisas sozinho e que não deviam me mimar, fazendo tudo por mim.

Lembro de um incidente na igreja, em que meus pais estavam me fazendo subir um longo lance de escada de muletas. Eu me esforcei e demorei um bom tempo, mas eles

me estimularam. Eu tropecei, me endireitei e continuei a subir, passo a passo. Tenho certeza de que não foi fácil ter de assistir.

De repente, atrás de nós, ouvi uma mulher dizer ao marido: “Não é um absurdo os pais deixarem a criança fazer isso?”.

Não lembro do que meus pais disseram, mas anos depois quis saber como minha mãe tinha conseguido se controlar. Ela é uma das pessoas mais afetuosas que conheço, além de ser muito atenciosa, do tipo que não consegue pôr o cachorro para fora de casa quando está chovendo. Imagino como foi difícil para ela deixar uma criança deficiente lutar sozinha quando ela poderia ter ajudado. Então, anos mais tarde, perguntei-lhe:

— Você e uma das pessoas mais co-dependentes que conheço. Como você conseguiu me deixar sofrer, lutando contra tudo o que tinha de lutar, sem correr para me ajudar?

— Emmett — ela disse.

— Emmett?

— Sim, Emmett. Todo dia, quando eu tinha de fazer alguma coisa que não conseguia enfrentar, eu chamava Emmett, chorava minhas mágoas e ouvia ela me dizer que eu tinha de fazer. Ela me ajudava toda vez. Era horrível.

Emmett era a melhor amiga de minha mãe, uma cristã maravilhosa. O que minha mãe descobriu foi que, sozinha, ela não conseguiria fazer o que era preciso. Mas com ajuda, conseguiria. Ela estava sendo “edificada” (v. 1 Ts 5.11).

Quando apoiamos alguma coisa, a sustentamos. O apoio é necessário em todo o processo de crescimento. Enfrentamos tarefas e realidades que estão além de nossas forças e possibilidades, por isso, precisamos do apoio dos outros. Como disse Paulo: “Exortamos vocês, irmãos, a que advirtam os ociosos, confortem os desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos” (lTs 5.14). E

também: “Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo” (Gl 6.2). O apoio permite que as pessoas enfrentem o pesar, as provações, o crescimento e os tempos difíceis.

Recentemente, almocei com uma amiga que não via há anos. Ela estava se saindo muito bem em seu trabalho como líder leiga em uma igreja. Perguntei sobre seus filhos e ela orgulhosamente me contou sobre eles e, depois, disse:

— Nós perdemos um.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Bem, com quatro meses de vida ele morreu da síndrome da morte súbita infantil. Um belo dia, ele, simplesmente, não acordou.

Fiquei estupefato e senti um aperto no coração. Tinha uma filha com essa idade na época. Era difícil imaginar os pais conseguirem superar um momento como aquele. Mas ali estava ela, alguns anos depois, passando bem. Minha amiga falou sobre tudo o que Deus estava operando em sua vida e o quanto era abençoada e grata. Realmente fiquei emocionado com o que tinha acontecido e por ela ter superado, então perguntei o óbvio:

— Como? Como você conseguiu superar isso?

A resposta dela foi imediata e cheia de convicção:

— O Corpo — ela disse e depois de um minuto repetiu: — O Corpo.

Ela contou-me dos amigos e da comunidade da igreja que os ajudaram e ficaram ao lado deles durante toda a experiência, apoiando-os quando eles não conseguiram se sustentar e seguir em frente.

Era essa a resposta para o que eu estava buscando. Como os pais conseguem enfrentar a morte de um filho e superá-la daquele jeito? Somente com o Corpo. Pois é isso o que o corpo físico faz quando uma célula sofre. Ele envia a

cura à parte machucada do corpo. Se você feriu o braço, por exemplo, o corpo envia anticorpos, agentes curadores, sangue oxigenado, glóbulos brancos, informações, agentes antiinflamatórios etc. para aquele membro. E eles fazem o trabalho de cura. Foi isso o que aconteceu com minha amiga e seu marido. *Não há como passar por isso sozinho.* Mas, como disse Jesus, o inferno pode jogar muitas coisas em nosso caminho, até a morte, mas a igreja, o Corpo, vence tudo (Mt 16.18). Nada é capaz de sobrepujar a igreja.

Muitas pessoas, entretanto, desligam-se da igreja e da função de cura e proteção que ela oferece. Em seu isolamento, ou pelo menos no plano isolado de crescimento que seguem, elas se tornam presas fáceis para os portões do inferno esmagá-las. É como a história de Jesus sobre o pastor e sua ovelha (Lc 15.3-7). Os lobos não atacam um rebanho inteiro, mas uma única ovelha perdida. É ela que está em perigo. Como Jesus disse, ele deixaria as noventa e nove para encontrá-la e resgatá-la. Quando as pessoas tentam crescer espiritual e emocionalmente sem as funções orgânicas e metabólicas do corpo, em essência, desviam-se do caminho e ficam sujeitas às forças da morte. E o inferno as domina, até que restabeleçam a ligação e obtenham cura com o Corpo. Considere estes versículos sob essa luz:

> Trata-se de alguém que não está unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus (Cl 2.19).
> Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função (Ef 4.16).

O Corpo de Cristo cura a si mesmo, da mesma forma que o corpo físico. Cada parte tem uma função na cura, como acontece também no corpo físico. Os anticorpos contra a infecção surgem na forma da disciplina e da estrutura como

indivíduos que confrontam com amor e ajudam a pessoa a lutar contra as "infecções" do pecado em sua vida. Eles impõem fronteiras e limites contra o mal que tomou conta da pessoa, por dentro e com os outros. Eles a ajudam a lutar.

Os outros, com graça e amor, trazem a cura para a ferida com agentes antiinflamatórios. Eles choram com os que choram (Rm 12.15) e expulsam a doença. Trazem ensinamento e verdade para a ferida e ajudam-na a reconstruir uma estrutura celular mais forte pelo dom do ensinamento e assim por diante. O Corpo tem um ampla gama de dons e, quando uma pessoa fica exposta a todos os ingredientes do crescimento no Corpo, a infecção é curada. Foi assim que Deus planejou. Esse é o Plano A.

E também por isso que vemos pessoas sinceras e espirituais passarem anos lutando contra problemas que tentam superar pelo estudo da Bíblia e pela oração. Embora isso seja necessário, não é só isso o que a Bíblia diz para usarmos nessa situação. Ela diz para usarmos o resto do Corpo com todos os seus agentes de cura. Assim, o membro pode recuperar a saúde. Como disse a minha amiga: "O Corpo". Não sei se ela compreendia totalmente a extensão da teologia que comunicou com aquela resposta de como havia superado sua dor. Mas a Bíblia compreende. Ela ordena.

INSTRUIR A PESSOA POR INTEIRO

Em meados da década de 1980, John e eu abrimos um hospital psiquiátrico que se expandiu em uma série de clínicas em mais de trinta e cinco cidades na região oeste dos Estados Unidos. Como temos convênio com companhias e hospitais públicos, companhias de seguro e outros, tínhamos de conhecer muito, não apenas o nosso campo, mas também sobre os sistemas de assistência de saúde e o mundo dos negócios em geral para que a nossa empreitada desse certo. Com o tempo, as clínicas acabaram causando um impacto no

ministério, mas nunca teríamos feito isso se uma coisa não tivesse acontecido primeiro.

Um mentor cristão que Deus colocou em minha vida ajudou-me no preparo dessa tarefa. Ele me colocou sob sua guarda assim que concluí o curso de pós-graduação e desafiou-me a usar o meu diploma no aconselhamento cristão, além de tratar as pessoas individualmente. Ele me estimulou, me ensinou e me mostrou como consolidar os negócios com hospitais, estações de rádio e empresas de seguro.

Foi então que descobri que Deus quer que desenvolvamos *todos* os nossos dons e talentos, e não apenas os "espirituais". Não raro, o crescimento espiritual afeta somente as áreas da vida que se relacionam com Deus, como a oração, o estudo da Bíblia e a adoração. No entanto, na verdade, tudo na vida pertence a Deus, e a Bíblia fala de todas as coisas.

Muitas passagens falam sobre a importância do trabalho e de usar os dons de maneira proveitosa na vida (Pv 27.23-27, p. ex.). Então, por que não incluímos o descuido espiritual da carreira das pessoas em nosso discipulado com elas? A forma como as pessoas se saem no trabalho e no desenvolvimento de suas carreiras é uma parte importante do seu processo de crescimento espiritual. Questões de caráter como diligência, perseverança, honestidade, responsabilidade, enfrentar o fracasso e correr riscos são traços desenvolvidos espiritualmente que determinam o sucesso na vida. Tudo isso deveria ser incluído nos modelos de crescimento espiritual.

O crescimento profissional normalmente está vinculado ao processo de instrução. Na verdade, ouso dizer que ninguém nunca foi bem-sucedido sem um mentor. Se uma pessoa tem êxito na vida, é porque muitas outras a tomaram "sob suas asas" para ajudá-la a progredir e a se desenvolver no seu campo, quer tenham consciência disso ou não. Mas, em geral, atribuímos nosso sucesso a um chefe ou colega.

Entretanto, a instrução de um mentor, em nossa opinião, é ideal quando se dá no contexto da "igreja", por dois motivos. Primeiro, as questões de caráter, que afetam drasticamente a vida profissional da pessoa, são mais bem trabalhadas em favor dela e, segundo, porque ajuda a integrar a vida da pessoa, eliminando todas as divisões que comumente se faz entre trabalho e vida espiritual. O melhor é que a pessoa seja instruída por um mentor capaz de ver o que está acontecendo em seu caminho de fé e de crescimento em Cristo.

Sou muito grato por meu desenvolvimento ter se dado no contexto da igreja, com pessoas que compartilhavam meus valores e minha visão. Esse papel importante do Corpo ajuda as pessoas a crescer. Achamos que é um ultraje deixar o desenvolvimento profissional de fora da jurisdição do desenvolvimento espiritual e delegá-lo às empresas e outras entidades. E como deixar a criação dos filhos totalmente a cargo do sistema educacional. Sem dúvida, ele tem a sua função. Mas o discipulado não se resume apenas à oração, ao testemunho e ao relacionamento com Deus. Trata-se também de se esforçar "para saber bem como suas ovelhas estão" e dar "cuidadosa atenção aos seus rebanhos" (Pv 27.23). Devemos fornecer instrução em todos os aspectos da vida como parte do crescimento espiritual no Corpo e, depois, devemos não apenas ajudar as pessoas a alcançarem o sucesso, mas também ajudá-las a resolver a divisão entre suas vidas espiritual e profissional.

Recentemente, um amigo que está abrindo um negócio contou-me que tinha decidido comprar uma casa e que estava prestes fazer isso. Um empresário cristão mais velho e sábio, que o instruiu quando ele abriu a empresa, mostrou-lhe um versículo em Provérbios pertinente à sua decisão: "Cuida dos teus negócios lá fora, apronta a lavoura no campo e depois edifica a tua casa" (RA, Pv 24.27). Por causa dessa orientação bíblica, meu amigo disse que decidiu, primeiro, investir o seu dinheiro em seu negócio e crescer.

Foi uma boa decisão de negócios, mas aconteceu no contexto da instrução espiritual e como parte da vida espiritual. Gostaria que o Corpo fizesse mais por seu povo, pois certamente é esse o seu papel. Como consultor de negócios, conheço muitos cursos de negócios que não são apenas fracos, mas antiéticos em relação ao modo como Deus quer que administremos nossos talentos e nossa produtividade.

PESAR

Um dos processos mais importantes da vida é o pesar. Deus criou o pesar para nos ajudar a superar as coisas. Quando acontecem coisas ruins na vida, temos de resolvê-las. Resolver uma coisa ruim é como digerir a comida. Na vida, basicamente digerimos as experiências; passamos por elas, as analisamos, aproveitamos o que e útil e eliminamos o resto.

Quando alguém morre ou acontece um outro tipo de perda ou dor na vida, temos de ser capazes de enfrentar a experiência e seguir em frente, para deixarmos o coração aberto a novas experiências e relacionamentos. Livramo-nos do sofrimento e da dor pelo pesar e, então, guardamos as lições que essas experiências nos proporcionam.

Pela tragédia, aprendemos sobre a fidelidade de Deus e que o amor e o apoio dos outros nos ajudam a superá-la. Aprendemos que, quando as coisas ruins acontecem, podemos enfrentá-las e ter esperança quanto ao futuro. Aprendemos sobre as pessoas não confiáveis para podermos evitá-las na próxima vez. É isso o que acontece em um bom programa da igreja de ajuda aos divorciados, que é um recurso muito melhor do que, logo em seguida, aventurar-se a ter outro relacionamento mal sucedido.

Descrevemos anteriormente como o pesar funciona e como promove o crescimento. Mas agora, com relação ao Corpo, gostaríamos de enfatizar que *o pesar só pode se dar*

no contexto do relacionamento. Precisamos que os outros nos sustentem enquanto passamos pelo processo de desilusão e esquecimento. Além disso, precisamos ter alguma coisa boa em mãos para podermos largar uma coisa ruim. E como o trapezista: ele só larga um trapézio quando avista outro.

Se as pessoas não tiverem um sistema de apoio para se sustentarem, não conseguirão sofrer por um bom relacionamento que estiver perdido ou por um mau relacionamento do qual precisam desistir. As pessoas também precisam da opinião e das observações dos outros para aprender com a experiência e conter todas as suas distorções e emoções. Esse respaldo dos outros e a contenção, conforme veremos, são essenciais para o processo do pesar. Quando as pessoas lamentam, conseguem melhorar. Salomão disse: "Melhor é a tristeza do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração" (Ec 7.3; RC) [2].

O pesar é a maneira de Deus de nos ajudar a enfrentar e superar a perda. E precisamos que os outros nos ajudem a fazer isso. Por isso, a Bíblia diz: 'Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram" (Rm 12.15). Se fizermos isso, as pessoas descobrirão que realmente é verdade o que Jesus disse: "Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados" (Mt 5.4).

Como o pesar é absolutamente necessário para continuarmos a viver bem e é uma parte essencial do processo de crescimento, precisamos nos certificar de que aconteça da melhor forma quando ajudarmos as pessoas a crescer. A única maneira de fazer isso é no relacionamento, o caminho que Deus planejou para que isso acontecesse. E por isso que temos os canais lacrimais no canto dos olhos. O pesar de uma pessoa deve ser evidente quando ela olhar nos olhos de outra. E um processo relacional: quando a pessoa

[2] A tradução da *Bíblia Viva* elucida ainda mais a questão com a sua versão desse versículo: "A tristeza é melhor que a alegria porque ela nos purifica"

sofre o pesar da maneira correta, *com outras pessoas,* consegue tocar a vida..

CURA

Falaremos detalhadamente sobre a cura e o coração quebrantado no capítulo 14, mas agora cabe mencionar que ela ocorre dentro do Corpo. Os relacionamentos fornecem atenção, apoio, estrutura e o bálsamo do amor que cura a ferida.

"Só ele cura os de coração quebrantado e cuida das suas feridas" (Sl 147.33) Sabemos por todos os mandamentos do Novo Testamento que o Corpo de Cristo deve realizar essa função com ele.

A cura faz parte do processo do pesar, mas também é um processo em si. Mágoas como rejeição, maus-tratos e abandono causam feridas profundas na alma das pessoas. Essas feridas precisam ser lancetadas, tratadas, medicadas e protegidas, e outros processos devem ser aplicados, veremos no capítulo 11. Esse processo também acontece no Corpo.

Se essas mágoas forem tratadas profundamente, as pessoas não as repetirão em outros relacionamentos e não tentarão medicar suas feridas de forma pecaminosa, como, por exemplo, com drogas, álcool, jogo, sexo ilícito e outras luxúrias. Se o Corpo oferecer o remédio, aquele que cura e não apenas alivia a dor, o ciclo destrutivo do pecado será interrompido.

CONFRONTAR E CONTER O PECADO E ADMINISTRAR A VERDADE

A conversa seria difícil, mas sabíamos que era inevitável. Michael era filho de um grande amigo, e meus outros amigos e eu o conhecíamos bem. O vimos crescer e agora o víamos afundar cada vez mais nas drogas. Estávamos preocupados com sua saúde.

Também estávamos preocupados com o envolvimento de sua família. Com 24 anos, Michael deveria ser considerado adulto, mas ainda era muito dependente da família e submisso ao seu controle. De fato, achávamos que isso era parte do problema.

Conforme descobrimos mais a respeito do comportamento destrutivo de Michael, achamos que ele precisava de ajuda, mas também achamos que deveríamos ajudá-lo como amigos e deixar seus pais fora disso. Na nossa opinião, eles estavam num processo de negação há algum tempo e ele precisava encarar seu problema diretamente, como adulto, com amigos adultos. Então, preparamos uma intervenção.

Meus amigos e eu chamamos Michael para um jantar. No fim do jantar, dissemos que queríamos conversar com ele. O clima estava tenso e ele sabia que algo estava para acontecer.

Começamos afirmando nosso amor por ele e dizendo que, por amá-lo, queríamos falar com ele. Dissemos que sabíamos de seu vício e achávamos que ele corria perigo. Queríamos saber o que ele pretendia fazer a respeito disso. Dissemos que se ele não fizesse nada, estávamos prontos para fazer o que fosse necessário para ele encarar o problema. Mas queríamos conversar com ele antes de falar com sua família, com seu patrão ou com sua comunidade.

A princípio, Michael refugou. Negou que tivesse um problema. Demos provas de que sabíamos e não arredamos o pé. Fizemos ele enfrentar a verdade.

Também contamos sobre situações em nossas vidas nas quais precisamos de ajuda. Não achávamos que ele era diferente de nós, embora seus problemas fossem outros. Não nos considerávamos nem um pouco superiores a ele; na verdade, nos identificávamos com seu problema de estar estagnado e não saber como melhorar.

Então, Michael cedeu e chorou. Ele contou que era muito difícil para ele, especialmente com relação à sua família. Nós lhe dissemos que compreendíamos e que o ajudaríamos a conseguir ajuda. Indicamos um bom terapeuta e prometemos ajudá-lo a manter-se responsável no processo de recuperação.

Duas coisas aconteceram. Michael começou a fazer terapia e a se recuperar muito bem. Sua vida mudou completamente e ele cresceu em vez de permanecer na negação. Em dois anos, ele terminou uma série de maus relacionamentos, conheceu uma mulher maravilhosa e casou-se com ela. Ela foi a primeira mulher emocionalmente saudável que ele namorou na vida. Dava para ver, por suas escolhas, que ele estava realmente melhorando.

Não obstante, seus pais ficaram muito bravos conosco. Eles acharam que tínhamos agido pelas costas deles e nos metido em um problema da família. Eu compreendia o que eles queriam dizer e achava que estavam certos. Tínhamos agido sem o seu conhecimento. Mas fizemos isso intencionalmente. Expliquei ao pai que achávamos que o problema de seu filho era causado, em parte, pela dependência em relação à família e que esse era um dos motivos que o impedia de enfrentar a vida adulta com responsabilidade. Portanto, levar o problema ao conhecimento dos pais, para nós, seria como continuar a tratá-lo como uma criança. Considerávamos que ele era adulto e achamos que o Corpo de Cristo que o conhecia tinha uma responsabilidade em relação a ele como indivíduo, e não como filho de alguém. Assim, contamos ao pai que estávamos certos de nossa decisão e tristes por ele se sentir traído.

Nossa intervenção causou um certo estremecimento em nossa relação por um tempo, mas também fez os pais encararem os problemas de seu relacionamento com o filho. Isso levantava outra questão. Estávamos agindo com responsabilidade, enquanto Corpo de Cristo, em relação a Michael como irmão. E o mais importante para nós era isso e

não agradar a família. Era importante que o Corpo realizasse sua função.

Então, parte da função do Corpo é agir e conter os efeitos do pecado na vida dos outros. O Corpo, às vezes, funciona como "anticorpo". Seu papel é lutar contra a infecção. Em Mateus 18.18,19, vemos que duas ou mais pessoas juntas podem impedir o processo destrutivo do pecado pela disciplina do Corpo. Como diz Paulo: "Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão" (Gl 6.1). É papel do Corpo intervir e salvar as pessoas da destruição na qual se encontram.

Mas o segredo é saber fazer. Lembre-se de que trata-se do Corpo de Cristo. Jesus faz isso, como diz o versículo, num espírito de mansidão. Ele, um sumo sacerdote que pode se compadecer de nossas fraquezas (Hb 4.15), nunca foi crítico ou condenador em relação aos que estavam em necessidade ou em pecado. Com mansidão, ele os restaurou e nunca os dominou. Ele disse à mulher pega em adultério: "Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado" (Jo 8.11). Para que um ato seja verdadeiramente do Corpo, é preciso que aconteça como se Jesus estivesse presente em carne, pois é isso o que o Corpo é. Portanto, ao confrontar, faça-o dessa forma, falando como quem transmite as palavras de Deus (1Pe 4.11).

UM MODELO

Um dia, num grupo que eu liderava, uma mulher confrontou outra sobre uma coisa que esta tinha feito. Quando ela levantou o problema, falando a verdade com amor, a outra respondeu, reconhecendo seu comportamento, e elas se reconciliaram.

Ao ver isso, notei uma coisa interessante. Uma nova participante do grupo olhava para elas com uma expressão

de incredulidade. Finalmente, interrompi e perguntei a ela o que estava acontecendo.

— Eu só estava observando — ela disse — Nunca vi coisa igual.

— O quê? — perguntei.

— Bem, ela estava brava com aquela mulher e contou para ela. E elas não brigaram. Apenas conversaram a respeito e depois tudo ficou bem. Nunca vi nada parecido.

Ela explicou que era a primeira vez que via alguém levantar um problema com uma outra pessoa e a conclusão não ser grave. Tinha sido diferente de ambos os lados. A forma como a primeira mulher levantou o problema foi diferente de tudo o que ela já tinha visto e a forma como a segunda respondeu, sem ficar na defensiva, também foi diferente. Ela também disse que teve um novo sentimento de esperança, esperança de que seus próprios relacionamentos no futuro não tivessem de ser da forma como foram no passado. Tudo o que ela sabia era o que tinha visto, o que tinha aprendido com o exemplo dos outros durante os anos.

Não podemos fazer o que nunca vimos ninguém fazer. Precisamos de modelos que nos mostrem como agir. Paulo e João falam da dinâmica do exemplo. Paulo diz:

> De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor, pois, apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo. Assim, tornaram-se modelo para todos os crentes que estão na Macedônia e na Acaia (1Ts 1.6,7).

E João diz que devemos andar como Jesus andou, seguindo seu exemplo (1 Jo 2.6). Deus criou os seres humanos com a necessidade de primeiro observar os outros fazerem o que eles precisam aprender para depois interiorizar esse exemplo e ser capaz de repeti-lo.

O exemplo que aprendemos tem um efeito duradouro em nós, seja bom ou mau. Esse é um dos motivos pelos quais a Bíblia enfatiza a confissão não apenas dos pecados das pessoas, mas também dos pecados dos pais (Ne 9.2). Temos de ver o exemplo errado que estamos seguindo para abandoná-lo. O objetivo é substituir o mau exemplo pelo exemplo de pessoas que "imitam a Cristo", pessoas no Corpo que nos mostrem como ele faria; então, poderemos fazer da mesma forma. Como disse Paulo, imitamos aqueles que o imitam. Seu Corpo continua a sua caminhada na terra e os outros imitam-no.

A UNIVERSALIDADE DAS IMPERFEIÇÕES E DO SOFRIMENTO

Fui líder de um retiro de pastores em um lugar afastado durante alguns dias. Oito pastores de todo o país reuniram-se para dar apoio um ao outro e para aprender o que eu estava apresentando. Na primeira noite, pedi que contassem como estavam suas vidas e seus ministérios e quais eram suas expectativas quanto aos dias que passaríamos juntos.

Formamos um círculo e cada um contou uma história diferente. O primeiro pastor tinha passado por uma desagradável divisão da igreja. O segundo estava tendo problemas sérios no casamento. O terceiro estava lidando com a traição de um antigo colega de ministério. O quarto estava bem e queria aprender a lidar com o sucesso. O quinto estava péssimo. E, então, o sexto disse uma coisa que jamais esquecerei.

Ele era o mais jovem do grupo, um destaque em sua denominação. Os outros membros do grupo eram mais velhos e experientes, alguns exerciam ministérios muito importantes. Para ele, eles eram modelos do que ele deveria ser.

Quando chegou a sua vez, perguntei o que ele gostaria de compartilhar.

— Bem — ele disse — quero apenas dizer que já me sinto bem melhor. Parece que vocês estão tão complicados quanto eu!

O grupo caiu na risada, pois todos sabiam exatamente o que ele estava dizendo. Sendo o mais jovem do grupo, ele tinha expectativas irreais sobre como esses sábios deveriam ser. Achava que eles tinham tudo sob controle. Todos eram bem-sucedidos em suas carreiras e nas coisas que desejavam fazer. Ao mesmo tempo, todos tinham problemas sérios. Foi uma surpresa para ele.

Foi muito mais do que isso. Foi confortador. Esse jovem rapaz tinha descoberto que não era tão diferente afinal de contas. Ele achava o que a maioria das pessoas pensa até reunir-se com outras que são honestas o suficiente para dizer como estão realmente. Ele achava que era o único que tinha problemas. Descobrir que os outros, inclusive os bem-sucedidos, também tinham, foi de grande ajuda. Sua vergonha, medo e culpa diminuíram e ele ganhou esperança e exemplos de como lutar. Ele descobriu que você não precisa ter tudo sob controle para ser um seguidor de Cristo. Veja o que o apóstolo Paulo disse ao seu "grupo":

> Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o premio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.12-14).

> Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, ao ponto de perdermos a esperança da própria vida (2Co 1.8).

Paulo foi sincero ao deixar os outros verem que ele também podia sofrer, ficar desesperado com a vida e não ter tudo sob controle. E uma arte que se perdeu em muitos círculos cristãos. Quando as pessoas descobrem que os outros também têm problemas, acontecem coisas maravilhosas.

Em primeiro lugar, elas se sentem menos culpadas, envergonhadas e com menos receio de que alguma coisa esteja errada com elas.

Em segundo lugar, ganham uma visão mais precisa do padrão pelo qual estão tentando viver. Com freqüência, esse padrão é sobre-humano. Ao ver os outros, o padrão muda para uma pessoa real que cresce, sofre, não tem tudo sob controle, mas enfrenta tudo isso.

Em terceiro lugar, ganham esperança e habilidade para resolver problemas. Descobrem pelo sofrimento e pelos testemunhos dos outros que as pessoas realmente melhoram e resolvem problemas muito sérios de vida. Vêem como esses batalhadores imperfeitos realizam tudo isso e ganham um modelo para superar o que estão enfrentando naquele momento.

Em resumo, descobrem que estamos todos no mesmo barco. Embora nossos problemas sejam diferentes, uma coisa é certa: todos nós sofremos. E essa é uma das melhores coisas que um membro do Corpo pode dar ao outro: o conhecimento de que não estamos sós nesse sofrimento. Ninguém escapa. Portanto, ninguém precisa ter vergonha de não ter tudo sob controle. O sofrimento é universal.

DISCIPULADO

Em minha história de cura no início deste capítulo, falei do processo de discipulado. Muitas pessoas conhecem a importância de trazer alguém para debaixo de sua asa e transmitir os princípios da fé para ele.

A Bíblia tem muitos exemplos de pessoas que investiram seu tempo com outras; seu valor não pode ser subestimado. Uma coisa é sentar numa igreja e receber os ensinamentos sobre a fé. Mas outra, muito diferente, é aprender os desígnios de Deus numa relação direta com um diretor espiritual ou discipulador. Nesse contexto, a doutrina pode ser transmitida de uma forma pessoal e pertinente à vida real. Perguntas podem ser feitas. O pecado pode ser confessado e a responsabilidade, oferecida. O encorajamento pode estar integrado ao processo de aprendizagem espiritual. Em resumo, o desenvolvimento da fé torna-se um processo relacional no qual o desenvolvimento pessoal e a fé misturam-se naturalmente.

Em muitos círculos de espiritualidade de auto-ajuda, o discipulado é uma arte esquecida. E considerado muito rigoroso, rígido ou religioso. Essa visão pode surgir em parte pela forma como o discipulado foi realizado nas últimas décadas em alguns meios evangélicos, o que deixou um gosto amargo na boca de alguns dos atuais líderes cristãos. De certa forma, esses líderes estão tentando poupar os outros das más experiências que eles tiveram. Mas, em geral, eles também acabam impedindo as boas.

Veja se o processo de discipulado, seja como discípulo ou discipulador, poderia ter um papel maior em sua vida. Encorajamos esse exercício como uma função do Corpo para todas as pessoas, com dois objetivos. O primeiro é colocar-se "sob" os cuidados de um diretor ou mentor espiritual e prestar contas desse processo. O segundo é oferecer o mesmo a alguém mais novo ou menos maduro na fé. Ambos são importantes e exercem um papel no desenvolvimento das pessoas que o Corpo deveria assumir. Seria maravilhoso se todos pudessem experimentar o que Paulo disse sobre o seu trabalho com as pessoas e, depois, também passar isso para os outros:

> Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata seus filhos, exortando, consolando e

dando testemunho, para que vocês vivam de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória (1Ts 2.11,12).

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Analise seus sentimentos em relação ao Plano A. Descubra se você concorda com Deus usar as pessoas para cumprir a vontade dele em sua vida ou o que você gostaria que ele fizesse. Descubra se você tem alguma coisa contra o plano dele quanto ao envolvimento das pessoas em sua vida.
- Verifique se você está desligado do Plano A. Descubra se você se desvinculou da provisão de Deus para você.
- Faça uma relação de sua vida sobre os elementos fornecidos pelo Corpo: ligação afetiva, disciplina e estrutura, responsabilidade, graça e perdão, apoio e força, instrução, pesar, modelos, cura e confrontação.
- Descubra se você experimenta a universalidade do sofrimento, e da imperfeição pela relação íntima com as pessoas.
- Descubra se você foi pessoalmente discipulado ou se precisa ser.
- Procure uma orientação para encarar o crescimento espiritual como uma renovação total e um crescimento em uma nova família, a família de Deus. Encontre uma comunidade que ofereça esses elementos.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Analise sua própria teologia para descobrir que função o Corpo exerce em seu ensinamento ou na transmissão das coisas boas que Deus tem a oferecer para as pessoas. Corrija e arrependa-se de qualquer visão sua

que não atribua ao Corpo de Cristo a importância que a Bíblia lhe confere.

- Ajude as pessoas a entender a importância de se estar ligado ao corpo.
- Crie experiências e contextos para ver se todos os elementos estão presentes em seu ministério ou grupo: ligação afetiva, disciplina e estrutura, responsabilidade, graça e perdão, apoio e força, instrução, pesar, modelos, cura e confrontação. Inclua os que não estiverem presentes.
- Inclua o sofrimento e a imperfeição como parte da cultura e da experiência de vida do Corpo que você está promovendo. Encare o perfeccionismo e a "vitória total e constante" como obstáculos que impedem que a pessoa seja honesta e verdadeira com Deus e com os outros. Confronte-a da mesma forma que a Bíblia.
- Crie contextos para o discipulado, quando necessário.
- Ofereça orientação em relação: 1) ao renascimento como um começo; e 2) ao processo de santificação como o crescimento em uma nova família.

UMA RENOVAÇÃO COMPLETA

Vários capítulos deste livro explicam como esses processos se dão. Na verdade, em todo o livro, você verá o papel do Corpo permeando cada tarefa. A Bíblia ensina que o crescimento acontece no Corpo de Cristo quando ele transmite os seus dons a cada membro.

O desenvolvimento infantil é uma boa metáfora (que o Novo Testamento usa com freqüência] para lembrarmos do conceito como um todo. A teologia da redenção não trata da reabilitação. Deus nunca disse: "Você me parece um bom candidato a 'solucionador-chefe'. Vamos pegá-lo do jeito que você está. Você só precisa de uma pequena limpeza aqui,

uma melhorada ali e estará pronto para o meu Reino e para a vida". Não é isso o que a Bíblia ensina.

A teologia da redenção trata da total destruição, de começar tudo de novo, desde o *nascimento.* Não devemos ser "melhorados"; devemos ser crucificados e *renascer.* Como disse Paulo, o antigo foi crucificado e todas as coisas se tornaram novas (2Co 5.17; Gl 2.20). (Repare que ele usa a palavra "nova", e não "completa", como alguns ensinam.) Então, precisamos passar por um processo inteiro de desenvolvimento. João nos chama de "filhos" e fala conosco como se estivéssemos aprendendo (1Jo 2.12-14). Pedro usa o termo *"crianças recém-nascidas"* (1 Pe 2.2) e Hebreus usa a palavra "criança" (Hb 5.13). O caminho do desenvolvimento espiritual e o de reconciliar a Criação com a forma como deveria ser.

Deveríamos nascer para nos tornarmos seres perfeitos ou "completos". Mas a raça humana caiu e ninguém chega à maturidade "completa", pois viemos todos de uma família desestruturada: *a raça humana.* Todo mundo "errou o alvo" ou, segundo a Bíblia, pecou. Por isso, Deus descartou o antigo e começou tudo de novo. Temos de passar por um renascimento e crescer de novo, só que dessa vez em uma nova família, que é a sua, o Corpo de Cristo. Nela, devemos buscar todas as coisas que perdemos na primeira vez. O alimento, o exemplo, a verdade, o amor, a responsabilidade, os talentos e outras coisas, tudo deve estar presente para que essa família dê aos seus filhos o que eles precisam para crescer e alcançar a maturidade e a completude. Tudo diz respeito ao desenvolvimento do caráter, ao processo de santificação. E a santificação sempre acontece dentro da família.

Portanto, nessa nova família, a família de Deus, seu Corpo, o processo de desenvolvimento acontece da mesma forma que a Bíblia descreve o processo físico. Provérbios 13.20 diz: "Aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio, mas o companheiro dos tolos acabará mal".

Aqueles que andam e ficam com pessoas boas, tornam-se bons. O modelo de Deus sempre foi vida que gera vida. Assim como na vida que ele deu à raça humana e que uma pessoa passa para outra, o crescimento espiritual e pessoal também devem ser passados. Ele se dá em uma e é passado para outra. Isso acontece no Corpo.

Hebreus 10.24 diz: “E consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras”. Procure fazer parte de um Corpo que incentive o seu crescimento e, por sua vez, criar essas experiências para aqueles que você pastoreia. Se agir assim, fará as pessoas crescerem da forma como Deus planejou. Estará agindo de acordo com o Plano A.

8. ÁREA DE CULTIVO: O PODER DA ACEITAÇÃO

Quando finalmente compreendemos que
Deus não está mais irado conosco, ficamos livres para
nos concentrar no amor e no crescimento,
em vez de tentar agradá-lo.

Numa reunião de pequeno grupo que eu (John) lidero, na qual tínhamos planejado falar de uma passagem da Bíblia e de nossas vidas, Gary pediu para falar primeiro.

— Não sei por onde começar — ele disse e depois começou a chorar incontrolavelmente.

Ninguém sabia o que estava acontecendo, por isso ficamos do seu lado, consolando-o, até ele conseguir falar de novo.

— Preciso confessar uma coisa a vocês. Mas depois que eu contar, quero pedir um favor. Gostaria que vocês me dissessem o que sentem em relação a mim. Gostaria de saber, mesmo que não seja positivo.

Todo mundo concordou e ele começou a falar. Ele nos contou que era solteiro e que recentemente tinha terminado um caso com uma mulher casada. O caso já existia desde que tinha entrado para o nosso grupo, mas ele tinha medo de contar. E terminou o caso por dois motivos: o tormento espiritual e as barreiras que teve de enfrentar por não ser capaz de se abrir conosco, com sua família espiritual.

Gary terminou sua confissão. Permanecemos em silêncio por alguns minutos, mergulhados em nossos próprios pensamentos e sentimentos. Então, um a um, dissemos o que sentíamos em relação a ele.

Sinto-me mais próximo de você do que antes.

Sei que deve ter sido difícil para você. Não precisa se preocupar comigo.

Diga como podemos ajudá-lo.

Já passei por uma situação semelhante.

O que poderíamos ter feito para você se sentir mais à vontade e falar a respeito?

Gary ficou comovido com a aceitação. Ele tinha certeza de que a melhor coisa que ia ouvir era: “Estou muito sentido por você não ter nos procurado antes”, e a pior era: “Não quero mais ficar no grupo com você”.

A conversa não terminou naquela noite. Com o tempo, Gary enfrentou os fatores que o levaram a ter o caso, como a história de sua própria família e seu isolamento e perfeccionismo. Falamos dos medos que o impediram de falar conosco antes. O grupo o ajudou a ser responsável no processo de restauração e cura pelo qual precisava passar.

Vários anos se passaram, mas Gary e cu mantivemos contato. Ele está casado, com filhos e tem um próspero ministério na sua igreja. Ele ainda se lembra daquela noite como um marco na sua jornada espiritual.

Porém, aquele episódio não mexeu apenas com Gary. Ele mudou completamente a natureza do nosso grupo. As pessoas se envolveram mais e passamos a falar da vida e de Deus de uma forma mais aberta e sincera. A confissão de Gary ajudou a criar um ambiente seguro para todos se abrirem mais para o grupo. Não que, antes, o grupo fosse ruim. Era formado por pessoas sinceras e espirituais que queriam estudar a Palavra e crescer juntas. Mas todo mundo tomava o maior cuidado com o que revelava a respeito de seus problemas e conflitos, até aquela noite.

Às vezes, penso no que a Bíblia fala sobre haver uma hora divinamente reservada para tudo: “tempo de calar e tempo de falar” (Ec 3.7J. Era a hora certa para nós. A abertura de Gary calou o medo de nos expor e falou direto ao nosso coração. Ser membro daquele grupo foi uma das experiências mais enriquecedoras para o meu crescimento.

Aprendi muito sobre as coisas boas que acontecem em nosso coração quando nos sentimos aceitos.

COMEÇA COM DEUS

O que é aceitação e por que ela e necessária para que as pessoas possam crescer? A Bíblia ensina que a aceitação começa com Deus: "Portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus" (Rm 15.7). A aceitação de Cristo em relação a nós é o modelo que devemos seguir para aceitarmos um ao outro.

Aceitar significa "chamar a si". É um convite. Aceitação é consentir em receber alguém no relacionamento. Ser aceito é ser recebido por inteiro, com o lado bom e o mau, por alguém, sem condenação. Isso se aplica a todos os relacionamentos: com Deus, com os outros e com nós mesmos. A aceitação está intimamente ligada à graça. Por causa da graça de Deus, somos aceitos no relacionamento. Alem de ser um fato é algo que devemos considerar em nossa experiência subjetiva, em nosso coração.

Deus, originariamente, criou a aceitação como um estilo de vida. Como seres humanos, deveríamos nos relacionar com ele e uns com os outros sem condenação, julgamento ou crítica. Estávamos ligados uns aos outros. No princípio, Adão e Eva "viviam nus, e não sentiam vergonha" (Gn 2.25). Eles eram abertos e não eram separados.

Entretanto, quando pecamos e caímos em desgraça, a aceitação tornou-se um problema para Deus. Sua natureza santa não podia aceitar nossa natureza pecadora; entretanto, por causa de seu amor, ele ainda se importava conosco. Assim, Deus criou uma solução custosa: seu Filho Jesus, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, morreu para expiar os nossos pecados (1Pe 3.18). Esse sacrifício satisfez as exigências da santidade de Deus e nos devolveu a aceitação.

A aceitação de Deus em relação a nós não nega nem diminui nem um pouco a nossa maldade. Na verdade, ele é capaz de nos receber agora, não porque somos inocentes, mas porque a nossa dívida de culpa foi paga integralmente e para sempre. Então, quando ficamos com medo de que ele não nos aceite por causa de alguma coisa que fizemos de errado, de certa forma, somos nós que estamos negando e subestimando o que ele fez por nós. Agora já não há condenação para os que estão em Jesus (Rm 8.1].

COMO A ACEITAÇÃO INFLUENCIA O CRESCIMENTO

A aceitação exerce várias funções no crescimento das pessoas. E essencial para o processo.

1. A ACEITAÇÃO NOS TIRA DO JUGO DA LEI.

Primeiro, a aceitação nos liberta das exigências impossíveis da Lei. A Lei não foi anulada; pelo contrário, com Jesus, foi cumprida (Mt 5.1 7). Por isso, quando a infringimos agora, não perdemos o nosso relacionamento. Estamos para sempre num estado de aceitação.

Essa verdade é muito importante para o crescimento espiritual. Procuramos fazer de tudo para nos tornarmos bons para Deus. Isso acontece quando a lei está operando em nós. Ela ajuda as partes mais fracas de nosso ser, como o merecimento, o orgulho ou o medo de ser dependente, a se sentirem seguras, sob controle, e menos vulneráveis e necessitadas. A aceitação elimina a necessidade de provar a nós mesmos que somos dignos e apela para que vivamos com base nos relacionamentos, e não no desempenho e nas boas ações.

Quando vivemos sob a lei, tentamos sempre agradar a Deus para que ele não levante sua ira contra nós. Não conseguimos fazer isso por muito tempo sem levantar nossa própria ira, seja em relação a Deus por ser tão rigoroso, seja

com relação a nós mesmos por fracassarmos (Rm 4.15). Quando finalmente compreendemos que *Deus não está mais irado conosco,* ficamos livres para nos concentrar no amor e no crescimento, em vez de tentar agradá-lo. É uma das verdades mais libertadoras da Bíblia.

A lei opera nos ciclos do crescimento espiritual, por exemplo, quando alguém encontra um problema, como um filho adolescente que se entregou à bebida. A mãe desesperada, com medo de ser julgada, pode esconder dos outros o sofrimento que isso lhe causa.

Pode tentar convencer o filho, implicar com ele, forçá-lo a não beber ou esperar que essa fase passe e manter um relacionamento amigável com ele. Ela está tentando resolver o problema sozinha, sem a graça e sem a aceitação que precisa.

2. A ACEITAÇÃO PROMOVE A CONFIANÇA E O RELACIONAMENTO.

A aceitação é uma ponte para se criar relacionamentos seguros, que promovam o crescimento, tanto com Deus como com as pessoas. Não é possível crescer enquanto não temos certeza de que os outros nos conhecem e nos amam. Algumas pessoas gostam de nós porque não nos conhecem; outras nos conhecem e, por isso, não gostam de nós. O relacionamento só acontece quando há entendimento e amor.

A aceitação preenche a distância entre ser conhecido e ser amado. De fato, é um alívio saber que o fato de sermos conhecidos não estraga, mas fortalece o relacionamento. Quando se encontram num ambiente de aceitação, as pessoas param de fingir ser o que não são. Podem ficar à vontade no relacionamento. É disso que trata a confiança. Uma das definições do Antigo Testamento para *confiança* é "ser descuidado". De certa forma, os relacionamentos nos quais há aceitação permitem o "descuido". Você não precisa filtrar nenhuma palavra nem pisar em ovos para manter a

relação. Você pode ser descuidado quando falar sobre si mesmo; pode ser você mesmo.

3. A ACEITAÇÃO PROVÊ A CURA E O CRESCIMENTO POR NATUREZA.

Os relacionamentos nos quais somos aceitos são de grade ajuda para o crescimento. O afeto e a liberdade para sermos nós mesmos nos permitem ser mais sinceros e abertos e expor partes de nós que precisam estar ligadas ao relacionamento. Essa ligação ao relacionamento em si promove o nosso crescimento.

Quando penso nos meus relacionamentos mais próximos, lembro da aprendizagem e conselhos que recebi. Mas a lembrança mais forte é da aceitação que recebi. Saber que eu podia mostrar o meu poço interior para algumas pessoas sensatas que não me abandonariam, mudou-me para sempre e para melhor.

Esse princípio é o motivo pelo qual você ouve tanto nos círculos do crescimento que é mais importante "estar presente", em vez de dar conselhos. Não há nada de errado com os conselhos no momento propício; entretanto, muitas pessoas simplesmente precisam ser aceitas para ganhar segurança, estabilidade e força para resolver seus problemas. Mostre aceitação e terá uma fila enorme de pessoas à sua porta!

4. A ACEITAÇÃO PROPORCIONA A SEGURANÇA PAR/V SERMOS NÓS MESMOS E EXPERIMENTARMOS NOSSOS SENTIMENTOS.

Muitas pessoas ficam estagnadas no crescimento espiritual porque não conseguem ser totalmente elas mesmas. Conseguem ser verdadeiras em suas opiniões, alegrias, humor ou afeto por alguém; mas acham que a depressão, as tristezas, os vícios e a carência são inaceitáveis

para Deus e para as pessoas e, por isso, vivem como se essas partes não existissem. Precisamos experimentar nossa alma por completo, seja boa, má ou imperfeita; caso contrário, o que não for revelado à luz do amor e do relacionamento de Deus não conseguirá amadurecer, ser curado e integrado ao resto de nosso caráter.

Uma mulher que sempre tinha sido o lado "doador" nos relacionamentos descobriu que tinha pavor de que as pessoas a deixassem caso mostrasse alguma necessidade, porque elas a achariam muito egoísta e um fardo. Por isso, ela vivia como se não precisasse de nada. Se você perguntasse como ela estava, automaticamente ela diria: "Bem e você?". Ou se estivesse melancólica, pensaria a respeito e não diria nada. Ela não era capaz, de experimentar a sua própria dependência e carência. E, conseqüentemente, também não podia experimentar a alegria de ter alguém que gostasse dela profundamente.

Quando experimentou a aceitação em seu grupo de estudo da Bíblia, sentiu bastante segurança para experimentar sentimentos como solidão, necessidade de consolo e dependência. Essas novas emoções, a princípio, não foram agradáveis. Entretanto, conforme ela, Deus e seu grupo perseveraram, pôde experimentar sua necessidade de relacionamento como uma coisa boa que a aproximava das pessoas de quem gostava. A aceitação criou bastante segurança para ela ser e experimentar a si mesma, especialmente as partes que permaneciam na escuridão há muito tempo.

Vejamos algumas partes da nossa alma que a aceitação pode trazer à tona:

- **Necessidades**. Como o exemplo da "doadora" acima, precisamos ter necessidades (Ec 4.9-12). A aceitação nos deixa livres para sentirmos nossas limitações e nossa pobreza espiritual, sem vergonha nem culpa.

- **Pecados**. Por natureza, escondemos os pecados até de nós mesmos. A lei faz com que tenhamos medo de incorrer na ira caso nossos pecados fiquem expostos. Mas quando experimentamos a aceitação, não apenas conseguimos olhar para nossas transgressões, mas sondamos dentro de nós mesmos a procura do lugar sombrio onde mora o pecado (Sl 139.23,24).

- **Partes julgadas.** Alguns sentimentos e aspectos de nossa alma podem não ser intrinsecamente pecaminosos; entretanto, podem ser partes que não gostamos nem aceitamos. Com freqüência, julgamos a nós mesmos da forma que temos sido julgados. Por exemplo, uma pessoa que enfrenta muita crítica na vida por ser irada, pode agredir a si mesma quando fica descontrolada, quer a sua ira seja legítima ou não (Ef 4.26). Pode achar que é uma pessoa má ou que é errado ser colérico, colocar-se em situações perigosas e não ser capaz de usar a raiva para se proteger. Por exemplo, o homem que acha que a raiva que sente pela irresponsabilidade financeira da esposa é má pode esperar até ficar atolado em dívidas para não ter de enfrentar o problema.

- **Estilos de fuga.** Nós também usamos "folhas de figueira" sobre algumas partes nossas para evitarmos as experiências negativas. Por exemplo, algumas pessoas procuram ser racionais para evitarem sentimentos que as afligem ou assustam. O livro *Hiding from love: how to change the with drawal patterns that isolate and imprison you* [Fugindo do amor: como mudar os padrões de fuga que nos isolam e aprisionam] trata com detalhes desses estilos de fuga, também chamados de defesas. Às vezes, as pessoas se condenam pelo próprio estilo que adotam para evitar outros aspectos condenáveis de si mesmas. Por exemplo, a pessoa racional pode odiar-se por parecer fria ou distante diante dos amigos.

- **Imperfeição** e **fraqueza.** Todas as pessoas têm fraquezas que precisam ser aceitas por Deus e pelos outros para serem restauradas. Em geral, essas fragilidades não são pecados, mas apenas incapacidades. Por exemplo, a pessoa pode ser emocionalmente incapaz de confiar e se envolver, pode não conseguir lutar contra um indivíduo controlador, deixar-se magoar facilmente pela crítica por causa de uma necessidade de aprovação não suprida. A cura começa quando a aceitação proporciona um sentimento seguro o bastante para ela admitir essas realidades para si mesma.

Recentemente, li a notícia de um grande atleta profissional que tinha sérios problemas de dependência química. Mais de uma vez, ele tentou inutilmente abandonar seus vícios. Entretanto, nessa última tentativa ele obteve melhores resultados e atribuiu isso, em grande parte, ao fato de ter admitido que tinha um problema sério, em vez de pensar que não havia nada de errado dentro dele.

5. A ACEITAÇÃO PROPORCIONA SEGURANÇA PARA CONFESSARMOS E OBTERMOS A CURA.

Entretanto, experimentar e "ser" pecador e imperfeito é apenas um passo do caminho espiritual. Outro passo necessário é expor esses sentimentos e elementos no relacionamento com Deus e com os outros (Tg 5.16). A Bíblia chama esse passo de "confissão", no sentido de "consentir com a verdade". A confissão implica em assumir o risco de deixar que uma outra pessoa conheça uma parte negativa de nós mesmos. Quando experimentamos o consolo, a identificação e a verdade sem julgamento, começamos a ser curados. Deus nos criou como confessores. Não fomos feitos para esconder dos outros nenhuma parte de nossa vida, mas para compartilhá-las em nossa ligação. É isso o que significa viver na luz (v. Ef 5.8-14).

6. A ACEITAÇÃO AUMENTA A INICIATIVA E O RISCO NO CRESCIMENTO.

A aceitação costuma iniciar o “avanço” no crescimento espiritual. Em um ambiente sem condenações, as pessoas são honestas em relação a problemas que, antes, não se sentiam seguras para revelar. Quando descobrem que podem confessar, ligam a escavadora e cavam nas partes mais profundas de suas almas. Quanto maior a aceitação, maior também a confissão e, conseqüentemente, a intimidade e o crescimento.

Por exemplo, Judy, que fazia parte de um grupo que eu liderava, nunca tinha discordado de ninguém que tivesse uma personalidade forte. Sempre foi submissa, dócil e temerosa. Movida pelo medo da reprovação, procurava agradar os outros, em vez de a Deus (Gl 1.10) e odiava isso. Então, entrou para o grupo.

Judy precisava de muita aceitação. Achava que dar sua opinião era egoísmo. Sabia que era passiva e que tinha demorado para tratar disso. Não tinha recebido muito amor e estrutura para enfrentar as pessoas com a verdade. No grupo, todas essas necessidades legítimas ganharam aceitação.

Finalmente, um dia, Judy aproximou-se de Linda, a pessoa mais controladora e dominadora do grupo e disse:

— Gostaria de ter uma amizade com você, mas sempre que você interrompe e nega os sentimentos das pessoas, tentando controlar as coisas, fico assustada. Seria bom se resolvêssemos isso juntas.

Os membros mais tímidos do grupo quase desmaiaram, esperando que Linda fosse explodir. Mas, em vez disso, ela disse:

— Obrigada! Você está certa. Faço todas as coisas que você disse e estou estragando o meu casamento e o meu relacionamento com os meus filhos. Adoraria tratar disso com você.

Elas começaram a se tratar e ambas cresceram um bocado.

Pela primeira vez na vida, Judy arriscou e foi sincera. Ela exercitou um "músculo" espiritual que nunca tinha desenvolvido. Boa parte do crédito deve-se à aceitação e ao encorajamento que ela recebeu dos membros do grupo.

Quando você vê que o risco não trará julgamento, sente-se capaz de experimentar coisas novas. Essa segurança é a cura para o medo do fracasso. A Bíblia ensina que "o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal" (Hb 5.14). Conforme amadurecemos, crescemos praticando e experimentando coisas novas. A única pena, quando somos aceitos, é fracassar e aprender. Não existe condenação.

Quanto maior a aceitação, maior a consciência de outras partes imperfeitas de nós mesmos. E o oposto do raciocínio bastante emocional do crescimento que diz que a resposta para a vida é descobrir o quanto somos bons. Esse pensamento defende que o nosso problema é nos sentirmos melhores em relação a nós mesmos. A verdade é que realmente somos amados, mas descobrir a nossa bondade em si nunca foi a solução. De fato, a busca da bondade pode levar ao erro de não reconhecermos nossa necessidade e de ignorarmos a graça de Deus. As pessoas realmente saudáveis sabem que têm partes boas, mas também ruins. Entretanto, elas têm a aceitação e a graça para ajudá-las a lidar com isso no processo de crescimento de Deus.

COMO ACEITAR A ACEITAÇÃO: PARA OS QUE ESTÃO CRESCENDO

Se você está no processo de crescimento, muitas coisas podem ajudá-lo a encontrar muita aceitação de Deus e dos outros. Muitas vezes, não sabemos o que fazer com a aceitação ou ficamos com medo dela. Os passos a seguir o ajudarão a avançar no caminho da maturidade.

1. RECONHEÇA SUA NECESSIDADE.

Quer você esteja buscando o crescimento espiritual por causa do desejo de conhecer melhor a Deus ou de lidar com um problema que está atrapalhando a sua vida, é importante identificar a necessidade ou necessidades que forçam o crescimento. A aceitação não tem sentido se não houver nada que precise ser aceito. Dê o passo humilde de confessar suas carências e necessidades a Deus e às pessoas. Admita a sua pobreza espiritual (v. cap. 14).

2. ABANDONE A LEI COMO MEIO DE OBTER ACEITAÇÃO.

Por natureza, somos legalistas. Em outras palavras, queremos conquistar o amor e a aceitação, que é menos arriscado do que recebê-los de graça, pois assim achamos que estamos no controle e podemos nos manter afastados do relacionamento. Peça a Deus para revelar com sua luz a sua tendência de querer conquistar a aceitação dele e dos outros. Questione as motivações que o fazem se esforçar na vida: é porque já é aceito ou porque quer ganhar aceitação?

3. COMBATA A TENDÊNCIA DE NEGAR A ACEITAÇÃO.

Em geral, as pessoas têm medo da aceitação porque querem conquistá-la mas não podem, ou porque não querem se expor ou depender dos outros.

Explore as formas pelas quais você pode estar rejeitando a aceitação de Deus ou das pessoas. Talvez você rejeite o amor de alguém por causa de seus medos ou tem uma consciência muito crítica que faz a sua maldade parecer muito grande para ser aceita. Reconheça que o problema não é a maldade, mas a voz severa dentro de você e troque-a pela opinião de pessoas amorosas e equilibradas.

4. USE A ACEITAÇÃO PARA CRESCER.

Ser recebido por Deus e pelos outros não é uma finalidade em si. É o começo da segurança e da graça que você precisa para crescer na área pessoal, relacional e emocional. Você ganha coragem para aceitar quem e o que você é e fazer o que for necessário para melhorar.

Algumas pessoas, especialmente as que sofreram duras críticas e rejeição, concentrarão seu crescimento apenas na aceitação, seguindo a linha de raciocínio de "desistir e entregar tudo nas mãos de Deus". Elas avaliarão seus amigos e parceiros no crescimento espiritual pela aceitação que recebem ou não recebem deles. Se lhes perguntarem por que não cuidaram de um determinado problema de suas vidas, elas responderão: "Tudo vai se acertar quando eu tiver mais graça e aceitação". Essa atitude não leva em consideração um dos principais propósitos da aceitação, que é criar um ambiente no qual, de maneira ativa, possamos encarar, assumir e transformar as realidades sobre nós mesmos.

5. PEÇA, NÃO EXIJA.

Às vezes, as pessoas pensam que podem exigir que as outras as aceitem como são e acham que têm o direito de ficar ressentidas caso aconteça o contrário. Nunca se esqueça de que a aceitação é puramente um dom de Deus e dos outros. Não podemos exigi-la porque não a merecemos. Na verdade, o que merecemos é terrível: "Aquele que pecar é que morrerá" (Ez 18.4). É uma dura verdade. Nunca peça pelo que você merece, pode acreditar, você não ia querer isso. Em vez disso, siga o exemplo de Gary na história do começo do capítulo: peça humildemente a aceitação a Deus e a pessoas confiáveis, para que você possa aceitar a si mesmo, confessar e crescer.

6. NÃO CONFUNDA ACEITAÇÃO COM CONCORDÂNCIA.

Quando uma pessoa no processo de crescimento se abre e fica exposta e outra lhe dá uma opinião honesta, em geral, ela se sente perseguida e injustamente condenada. Ela pensa: "Essa crítica prova que ela não me aceita de verdade". Muitas pessoas até terminam relacionamentos porque não se sentem aceitas. Elas pensam: "Aquela igreja/grupo/conselheiro não demonstra muita aceitação para as pessoas. Preciso encontrar um lugar onde exista graça". O que elas estão querendo, na verdade, é licenciosidade, que Deus proíbe (Rm 6.15; Gl 5.13).

Embora algumas críticas sejam condenadoras, a crítica direta com amor é uma parte necessária do crescimento espiritual. De fato, onde não há confrontação, o crescimento fica seriamente prejudicado (Ef 4.15). Concordância e aceitação não são a mesma coisa. Você pode e deve encontrar um ambiente no qual exista total aceitação e sinceridade. Use o exemplo de Jesus em relação às igrejas em Apocalipse 3, que é um bom modelo para a confrontação no contexto do apoio. Além disso, a Bíblia ensina que qualquer relacionamento que impeça que se diga uma verdade necessária deve arcar com a responsabilidade pelos resultados (Ez 3.18-21).

COMO CRIAR UM CONTEXTO PARA A ACEITAÇÃO: PARA OS QUE PROMOVEM O CRESCIMENTO

Se você é um condutor do crescimento, por exemplo, um pastor, líder, conselheiro ou professor, provavelmente, sabe que é difícil criar um ambiente de aceitação no qual as pessoas se abram, desistam da lei e confessem. Vejamos algumas maneiras de promover a aceitação no seu ambiente de crescimento.

1. MOSTRE ÀS PESSOAS QUE A ACEITAÇÃO É A NORMA.

Fale com seu grupo sobre a importância da aceitação. Muitas pessoas acham que você tem um padrão perfeccionista em relação a elas, por isso, dificilmente elas se abrirão. Mostre a elas que a aceitação é a maneira como Deus nos trata e, portanto, é a maneira que devemos tratar os outros. Mostre que a condenação e o julgamento não serão permitidos.

Recentemente, aceitei um convite para falar em uma igreja à qual nunca tinha ido antes. Perguntei às pessoas que estavam patrocinando minha conferência sobre a cultura espiritual na igreja. Uma delas disse: "Você enfrentará um desafio. As pessoas aqui aprenderam que não têm problemas, por isso ninguém fala deles". Felizmente, aquelas que tinham essa visão estavam abertas ao ensinamento bíblico da aceitação e tivemos um diálogo bastante frutífero. Portanto, peça a aceitação e, depois, dentro desse ambiente seguro encoraje a confissão.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Procure entender o significado bíblico da aceitação. Cuidado com a tendência de achar que a aceitação é negar nossa maldade ou baseá-la em nossa bondade; nenhuma das duas visões é sinônimo da verdadeira aceitação.
- Faça uma relação de como a aceitação ou a falta dela influenciou sua vida. Por exemplo, como a convivência com pessoas que não demonstram aceitação impediu que você se abrisse para a graça? Como a resistência à aceitação de Deus e dos outros o manteve afastado do crescimento? Como o envolvimento em um relacionamento com aceitação ajudou-o a crescer?
- Investigue quais partes específicas de sua alma não

encontram aceitação e descubra por que isso acontece e o que você pode fazer para que elas sejam aceitas.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Ajude as pessoas a ver que receber a aceitação de Deus é o primeiro passo necessário para o crescimento pessoal. Lembre-se de que algumas pessoas ainda não conhecem a própria necessidade da aceitação e outras têm medo desse aspecto de si mesmas. Proporcione bastante segurança para que a realidade venha à tona.
- Ajude-as a entender a diferença entre aceitação e aprovação, para que elas possam assumir com segurança os próprios pecados, maldade e imaturidade sem perderem a aceitação.
- Confronte as tendências de evitar a necessidade de aceitação ou fugir da confissão necessária que coexiste com a aceitação.
- Trate a tendência das pessoas terem uma atitude condenadora e reprovadora com aqueles que precisam de aceitação e ajude-as a reconhecer a própria necessidade.

2. EXPONHA-SE.

Se sua posição permitir, seja aberto sobre suas próprias falhas e mostre o quanto a aceitação é importante em sua vida. As pessoas identificam-se com lutadores, e não com super-homens e super-mulheres. Entretanto, você precisa considerar caso a caso, porque algumas posições, como a de um terapeuta, não combinam bem com essa abertura.

3. TRATE DOS PROBLEMAS DE ACEITAÇÃO COMO UMA QUESTÃO INTERNA.

Se você descobrir que alguém não consegue aceitar a fraqueza dos outros e vive criticando e julgando, essa pessoa pode ter um aspecto crítico em sua própria alma que não consegue aceitar. Por isso, descarrega nos outros. Como disse Jesus, ele olha no cisco do olho do seu irmão, mas não na trave de seu próprio olho (Mt 7.1-5). Por exemplo, uma pessoa que fica aborrecida com a necessidade de outra, na realidade, pode ser bastante crítica com sua própria dependência, encarando-a como irresponsabilidade ou preguiça. Sua incapacidade de aceitar sua própria dependência a deixa ressentida com aqueles que não escondem esse aspecto. Se você perceber isso, trate e ajude essa pessoa que julga a investigar contra o que ela está reagindo por dentro.

4. DISTINGA O PECADO DO PECADOR.

Embora você queira criar um ambiente de aceitação, também é preciso ajudar as pessoas a confrontarem as atitudes, os comportamentos e os valores errados. Como diz um velho ditado: “Ame o pecador mas odeie o pecado”. Existe uma ordem básica para isso também. O pecador provavelmente não admitirá e falará de seus problemas até saber que sua alma é aceita. A graça deve preceder a verdade. Mas não cometa o erro no lado oposto: evitar a confrontação numa tentativa de não ser crítico, de não ferir a alma de alguém por não aceitá-lo do jeito que é.

5. MANTENHA UMA ATITUDE HUMILDE EM RELAÇÃO AO CRESCIMENTO.

Não existe nada pior do que a pessoa que está “crescendo espiritualmente”, achar que não pode se relacionar com os outros porque agora eles pertencem a outro mundo. E uma atitude condenadora. Ajude-a a ver que todo crescimento é um dom de Deus e que quando somos cada vez mais aceitos, somos levados a aceitar mais ainda os

outros. Use isso como uma medida para os que estão crescendo: eles estão demonstrando mais ou menos aceitação em relação às pessoas imperfeitas à sua volta? Confronte, direta e imediatamente, a falta de aceitação espiritual, antes que tenha a chance de florescer.

6. TOME A ACEITAÇÃO COMO UM PROCESSO.

Tenha em mente que o ato da aceitação e de ser aceito não são fáceis. São processos que levam tempo para desenvolver e amadurecer. Seja paciente com as pessoas quando elas relutarem em aceitar alguém e em serem aceitas por Deus e pelos outros. Ajude-as a tolerar o que não podem suportar naquele exato momento e impulsione-as para uma maior aceitação.

No grupo que eu estava com Gary, vi o processo aprofundar-se com o tempo. No começo, todo mundo ficou nervoso em relação ao que era ou não seguro falar. Depois de um tempo lidando com isso, porém, além de admitirmos problemas reais, até fazíamos brincadeiras a respeito quando podíamos. Eu jamais havia pensado que poderia dizer o que uma mulher disse, por exemplo: “Eu quero realmente matar o meu marido hoje. Então vamos falar sobre isso para que eu não tenha de chegar às vias de fato”. Fico feliz em dizer que ela falou e que ele ainda está vivo]

A segurança da aceitação promove o crescimento espiritual. No próximo capítulo, trataremos do obstáculo à aceitação: a condenação.

9. O CALOR DO PERDÃO

Um "cristão culpado" é um paradoxo.
Mas Stephen ainda se sente culpado.
Qual é o problema dele?

Não importa quantas vezes eu leia que estou perdoado. Simplesmente não sinto isso — disse Stephen. — Sei que a Bíblia diz que Deus me aceita. Sei disso com minha mente, mas não sinto isso em meu coração.

— O que você já tentou fazer para mudar isso? — eu (Henry) perguntei.

— Bem, tentei memorizar os versículos e lembrar-me que Deus me ama e me aceita. Acho que simplesmente preciso acreditar mais nisso.

— Então, você acha que não sente isso porque não acredita?

— É, acho que é isso. E isso o que meus amigos me dizem. Eles dizem que se eu não sinto o perdão de Deus é porque não acredito na sua Palavra. Acho que o problema está na falta de fé. Preciso acreditar mais nele.

— Você não acredita nele?

— O que você quer dizer?

— Você tem algum motivo para duvidar que Deus o perdoa? Você *não acredita* nisso?

— Não, é claro que acredito. É o que ele disse. Mas eu não consigo sentir isso.

— Bem, então, por que você diz que precisa acreditar mais nisso? Por que você acha que o problema está na "crença", se você já acredita?

— Porque meus amigos me falam que a Bíblia diz que a verdade nos libertará e, se você não se sente livre da culpa, então não conhece a verdade. Por isso acho que preciso acreditar mais na verdade.

Stephen estava extravasando na área sexual. De vez em quando, ele dava uma "escorregada", como ele dizia, e navegava em sites de pornografia na Internet. Em outras ocasiões, tinha uma relação sexual casual com alguém e, depois, sentia-se terrivelmente mal. Mesmo depois de confessar e pedir a Deus para perdoá-lo, a culpa durava dias e ele não conseguia livrar-se dela. O que ele *sabia com a mente* sobre o perdão era diferente do que ele *sentia em sua alma.*

Ele não é o único. Conhecemos várias pessoas que pedem perdão a Deus, recebem e depois descobrem que não conseguem senti-lo. Elas tentam sentir-se perdoadas, mas descobrem que, apesar de a Bíblia dizer que estão perdoadas, a culpa as aflige por um bom tempo. Infelizmente, não sabem mais o que fazer alem do que já fizeram, ou seja, pedir a Deus novamente e ler o que ele disse. Então, oram e não se cansam de ler 1 João 1.9, que diz: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça". Isso as ajuda no momento, mas quando a culpa reaparece, não sabem o que fazer.

Stephen estava preso num círculo vicioso. Quando não conseguia se livrar da culpa, extravasava sexualmente de novo para buscar alívio. Mas, em vez do alívio, sentia mais culpa e o ciclo começava de novo. Vemos o mesmo ciclo em outros comportamentos, como na compulsão por comida. As pessoas comem, sentem-se culpadas e, então, para se sentirem melhor, comem de novo. Depois, a culpa volta, porque estão andando num círculo sem fim.

Então, como vamos ajudar Stephen? E o que fazer quando *nós* formos como Stephen, pois muitos de nós se identificarão com a sensação de não ser perdoado apesar de

ser? Que passos ele quis conhecer e o que fazer para tomá-los? E esse o assunto deste capítulo. Veremos as causas da culpa e como o processo de crescimento espiritual pode resolvê-las. Veremos qual é a origem do sentimento de culpa, noções erradas a respeito de como lidar com ele e o que funciona.

A ORIGEM E A SOLUÇÃO DA CULPA

Para entender completamente como resolver nossa culpa, vejamos rapidamente a teologia. Lembra-se da nossa conversa sobre a Queda no capítulo 2? Quando caímos, entramos num estado de morte ou separação, que a Bíblia chama de pecado. No início, Deus nos criou para termos um relacionamento com ele e, naquele estado, não sentíamos nem um pouco de culpa. Nem tínhamos consciência do bem e do mal. Estávamos ligados a Deus e éramos autênticos, totalmente vulneráveis. A dúvida com relação a sermos bons ou maus nunca havia passado por nossa mente. Em vez do julgamento, tínhamos o amor e a ligação com Deus.

Mas, então, nos voltamos contra ele e, por causa disso, nos separamos dele. O relacionamento foi rompido e perdemos seu amor. Pela primeira vez, conhecíamos a culpa e a vergonha..[3] Como está em Gênesis, Adão e Eva esconderam-me de medo porque estavam nus. Esse foi o início da culpa e da vergonha (Gn 3.10). Eles perderam a ligação com Deus. Em outras palavras, a culpa e a separação são a mesma coisa.

Posteriormente na Bíblia, Paulo explica que essa separação de Deus era um estado chamado *morte* (Rm 5.12). Porém, não era a cessação da vida, como normalmente se

[3] Historicamente, há um grande debate sobre as diferenças e nuances entre culpa e vergonha. Em geral, a discussão associa a vergonha com o ser e a culpa com o fazer. Embora essa visão tenha sua verdade, num sentido geral a distinção não se resume a isso. Portanto, não é o propósito deste livro tratar das diferenças e nuances tanto da perspectiva teológica como da perspectiva técnico-psicológica. O nosso propósito, no caso, é analisar a experiência geral da "maldade" para as pessoas que estão no processo de crescimento ou para as que as ajudam.

entende a morte, mas a separação da vida. Estávamos vivos, mas mortos, porque estávamos separados da própria Vida. Conseqüentemente, estávamos sob a ira e a condenação de Deus e de sua lei; fomos condenados pelo tribunal cósmico de Deus. E, como diz a Bíblia, a lei produz duas coisas: culpa e ira (Rm 4.15). Sentimo-nos culpados e, além de estarmos sob a ira de Deus, nós mesmos temos raiva da nossa imperfeição.

Mas Deus encontrou uma resposta para o problema. Como o salário do pecado contra Deus é a morte (Rm 6.23), alguém tinha de pagar a multa por ela. Foi isso o que Jesus fez. Pagou a multa pelo nosso pecado contra Deus e, assim, resolveu o problema da nossa morte, da nossa separação. Éramos culpados e separados e, em vez de pagarmos o preço derradeiro, Jesus pagou-o por nós. Fomos "justificados" perante Deus; fomos julgados "inocentes". Como Paulo explica: essa justiça de Deus vem da "fé em Jesus Cristo para todos os que crêem" (Rm 3.22).

A solução da nossa culpa não aconteceu por "sermos bons", mas porque Jesus morreu e pagou a pena da morte. Graças a isso, recuperamos nossa ligação com Deus. Agora, temos um relacionamento intacto e vivo com ele. Não há mais separação e morte. Como o apóstolo Paulo diz, nada jamais poderá se interpor de novo entre o amor de Deus e nós:

> Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito:
>
> Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro.

> Mas, em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.33-39).

Observe os pontos importantes da passagem. Nada pode ser cobrado daqueles que estão justificados por crerem em Jesus *e nada pode separá-los de seu amor*. É por isso que Paulo diz no início desse mesmo capítulo, e em meio a um conflito muito parecido com o de Stephen (Rm 8): "Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (v. 1).

Não há condenação. O veredicto é "inocente". Não há separação. Não há raiva ou ira. Em outras palavras, aqueles que têm um relacionamento com Jesus, não têm motivo para temer a condenação ou a culpa. O Novo Testamento repete isso várias vezes (v. Jo 3.18; Hb 10.13,14,17-23}.

O que estamos querendo provar com isso é que a culpa veio da separação de Deus e pode ser resolvida com a volta de nossa ligação com Deus e com Jesus. A culpa foi total e legal e a solução é igual. Deixamos de ser culpados e nos tornamos inocentes pela crença. A separação é igual à culpa e a reconciliação é igual à inocência. Essa é a teologia da culpa na fé cristã. Um "cristão culpado" é um paradoxo.

Mas Stephen ainda *se sente* culpado. Qual é o problema dele?

DOIS LADOS, DUAS EXPERIÊNCIAS

A Bíblia fala sobre nossa condição legítima diante de Deus, sobre como ele se sente em relação a nós. Não fala muito sobre como nos sentimos por dentro. O outro lado da questão é como *nós* nos sentimos em relação ao modo que Deus nos vê. Dessa forma, nosso relacionamento com Deus é como qualquer outro. Um homem, por exemplo, pode amar profundamente a esposa, mas isso não e garantia de que ela se *sentirá* amada. Pode sentir-se bastante segura e aceita e, no entanto, ser incapaz de experimentar o amor que o marido sente por ela.

Já teve um relacionamento com alguém que precisava que você constantemente reafirmasse seu amor? Essa pessoa sempre perguntava se você gostava dela e tudo o que você fazia para demonstrar seu amor não adiantava. Depois de algum tempo, você percebeu que não era da sua reafirmação que a pessoa precisava. O problema estava dentro do coração dela havia um bloqueio impedindo que ela sentisse o seu amor. Você podia reafirmá-lo mil vezes, que não adiantava nada. Para sentir o seu amor, ela precisava olhar para dentro de si para ver o que a estava impedindo.

O mesmo acontece no nosso relacionamento com Deus. Nosso coração pode nos condenar mesmo que Deus não nos condene (1 Jo 3.20; 4.18). Por isso, precisamos perguntar: "O que está errado com o nosso lado da questão? Quais são as condições dentro de nós que nos impedem de sentir o perdão, apesar de estarmos completamente perdoados?". Essa era a pergunta que Stephen tinha de fazer e responder. E é a pergunta que todos nós temos de fazer se estivermos lutando contra a culpa. Vejamos algumas respostas.

DOUTRINA ERRADA

Uma doutrina errada pode nos impedir de sentir o perdão. A primeira pergunta que sempre fazemos para

alguém que está sofrendo com a culpa é: “O que você sabe sobre o que a Bíblia ensina?”. Depois de tratar de muitos cristãos durante anos, fico surpreso ao ver quantos não sabem o que acabamos de dizer. Muitos aprenderam que somos perdoados até cometermos um novo pecado e, então, temos de ser perdoados por tudo de novo. Então, acham que sua confissão não foi boa o suficiente. A Bíblia não diz que entramos em um estado de culpa legítimo quando pecamos. Na verdade, ela menospreza o antigo sistema sacrificai que nunca aliviaria nosso sentimento de culpa.

> A Lei [...] nunca consegue, mediante os mesmos sacrifícios repetidos ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam para adorar. Se pudesse fazê-lo, não deixariam de ser oferecidos? Pois os adoradores, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais se sentiriam culpados de seus pecados (Hb 10.1,2).

Algumas pessoas nunca aprenderam que estão totalmente perdoadas se acreditarem em Jesus. Elas realmente foram perdoadas de “uma vez por todas” e realmente “não há condenação”. Então, a primeira coisa que precisamos nos certificar é se a pessoa compreende que não é culpada se tiver restabelecido a ligação com Deus. Talvez o problema não seja suas emoções não seguirem seu conhecimento, mas o fato de que ela simplesmente não sabe.

Em casos assim, é crucial que as pessoas aprendam o que a Bíblia realmente diz sobre o perdão e a graça de Deus. Meditar e memorizar os versículos das Escrituras sobre perdão e graça devem fazer parte de seu dia-a-dia até que compreendam o que Deus diz sobre “não haver condenação”. Elas precisam ser capazes de responder com a verdade de Deus às suas acusações internas.

Mas tudo isso pressupõe que a pessoa confesse seu pecado a Deus e peça o perdão (1Jo 1.9). Em alguns círculos, a confissão do pecado é uma arte perdida. Só recebemos o

perdão de Deus à medida que confessamos. Portanto, veja se a confissão está acontecendo. Se confessarmos, Deus perdoará nossos pecados e nos purificará (1 Jo 1.9).

DESLIGAMENTO DA GRAÇA

Jake sofria com um sentimento insuportável de culpa por causa de sua depressão. Ele tratou da depressão durante algum tempo, mas não estava melhorando tão rápido quanto esperava. Achava que não deveria mais estar sofrendo. Conversei com ele sobre dar algum tempo e um pouco de graça a si mesmo, mas ele continuou a se sentir culpado por não ter tudo sob controle. Simplesmente não conseguia "se dar um desconto".

Depois de vê-lo sofrer com isso por algum tempo, vi que sua depressão não ia melhorar enquanto ele não tivesse a graça de permitir que ficasse deprimido. Não se pode resolver nada sob o ataque da culpa. Ele precisava de graça para que sua depressão pudesse ser resolvida. Então, como ele orava e recebia toda a graça que podia diretamente de Deus, provavelmente, deve ter se desligado da graça das outras pessoas. Como vimos no capítulo 7 sobre o Corpo, Deus concede sua graça diretamente, mas também por meio das pessoas. Elas fazem parte de seu sistema de distribuição de graça. Pedro diz que as pessoas administram a graça de Deus (v. 1Pe 4.10). Concluí que Jake precisava de mais graça do povo de Deus, então o levei para um grupo.

A diferença foi drástica. Ele descobriu que não era o único que sofria para se livrar da depressão. Ganhou a aceitação das outras pessoas do grupo. A graça delas o tocou. Ele a interiorizou ao experimentar seu amor. O Corpo estava cumprindo sua função na alma dele. Mostrou a aceitação que ele não tinha consigo mesmo, e isso estava "entrando" nele. Ele descobriu que, com a graça dos outros, podia aceitar melhor a situação em que se encontrava.

Deus misteriosamente nos uniu para que, o que antes estava fora de nós, fosse interiorizado. Com base em nossos relacionamentos passados, aprendemos a aceitar ou rejeitar a nós mesmos. Nossos relacionamentos e suas mensagens são assimilados pela nossa mente. Se a pessoa se rejeita ou rejeita algo de si, uma solução é encorajá-la a encontrar uma comunidade compreensiva e acolhedora, para que ela possa assimilar uma nova maneira de se sentir em relação a si mesma. Foi isso o que Jake descobriu. Quando ele encontrou pessoas que o aceitavam, substituiu a crítica interior pela aceitação. Como vemos em Tiago: "Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz" (Tg 5.16]. Assim, interiorizamos a graça necessária que recebemos dos outros.

Quando as pessoas estão em ambiente em que há graça e realmente se confessam umas com as outras, suas partes ruins se tornam totalmente conhecidas, aceitas e integradas. Quando toda nossa maldade é conhecida e amada pela graça, ela perde poder. O objetivo é que a graça conheça todas as nossas partes ruins, e a confissão a Deus e aos outros faz isso. Por conseqüência, a culpa desaparece.

PADRÕES FALSOS

Além de receber a graça das pessoas do grupo, uma outra coisa aconteceu a Jake. Ele descobriu que seu padrão de pensamento, do tipo "já deveria ter superado isso a essa altura", era falso. Era fácil criticar-se quando se comparava com o padrão irreal que tinha em sua própria mente. Mas, quando entrou para o grupo, descobriu que os outros também sofriam, que não era o único. Ele não era defeituoso.

As pessoas que crescem com padrões irreais por parte dos pais, da mídia ou da cultura, em geral, têm uma pessoa "ideal" em mente com a qual se comparam, e a conseqüência disso é um sentimento de culpa ou de vergonha permanente.

Todo dia, elas perdem para os seus padrões perfeccionistas. A realidade é que nos empenhamos o quanto deveríamos, dado o que nos aconteceu. Como disse Jesus, somos imperfeitos e doentes e precisamos de um médico. Entretanto, as pessoas não conseguem aceitar a própria imperfeição, embora seja esse o padrão que a Bíblia nos diz para seguir. Davi disse:

> Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão dos que o temem; pois ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó (Sl 103.13,14).

Deus se lembra do padrão pelo qual nos mede; sabe que somos um bando de sofredores imperfeitos. Mas, com freqüência, nós nos esquecemos disso. Sempre que algum paciente meu diz: "não deveria me sentir deprimido" ou "deveria estar fazendo mais progressos", sei que ele está ouvindo a acusação interior de um falso padrão. Embora ele possa não querer passar o resto da vida naquela condição, é assim que realmente se sente naquele momento. E existe um motivo para explicar isso.

Como Jake descobriu, por mais que achasse que não "devia", ele tinha bons motivos para sentir-se deprimido. Então, quando conheceu melhor a realidade pelo contato com as pessoas, seus falsos padrões internos mudaram, e a culpa perniciosa desapareceu.

As pessoas que lutam para construir uma carreira ou qualquer outra coisa na vida, em geral, seguem falsos padrões. Esperam ser capazes de fazer coisas na primeira tentativa, quando a verdade é que, para se desenvolver habilidades e alcançar o sucesso, é preciso tempo e esforço. Ao ouvir as histórias dos outros, de que foi difícil obterem o sucesso e que tiveram de passar por muitos fracassos e falsas arrancadas, elas conseguem se conceder mais graça. Os testemunhos e grupos de apoio são uma ótima fonte de encorajamento. As pessoas descobrem que os outros não

"alcançaram" o sucesso simplesmente, mas que tiveram de dar duro e cair muitas vezes para chegarem lá. Em resumo, *a comunidade nos ajuda a ver que o fracasso é normal.*

A Bíblia está repleta de histórias de pessoas que eram verdadeiras "complicações". As pessoas citadas no *hall* da fama em Hebreus 11 eram reais, com problemas reais, mas Deus as cita como modelos que devemos seguir. Deus nunca quis pessoas perfeitas, apenas fiéis. O padrão bíblico não é de pessoas que nunca fracassaram, mas de pessoas que, depois de fracassarem, restabeleceram a ligação com Deus e continuaram na fé. Todas as pessoas deveriam se comparar com esse padrão, e não com o da perfeição. Solucionar a culpa e a vergonha sempre requer que as pessoas se vejam como iguais na tribulação, e não como super-homens. Como diz Paulo, não devemos experimentar o que não é comum ao homem (1Co 10.13). O problema é que, em nosso isolamento, dificilmente descobrimos que o que experimentamos é comum.

Quando as pessoas confessam umas às outras (Tg 5.16), fazem essa descoberta. Descobrem que não são estranhas nem diferentes, mas igual a todo mundo: companheiras de jornada, companheiras de luta. Isso já ajuda a acabar com boa parte da culpa. Se você está se divorciando, busque outras pessoas que tenham passado ou estejam passando pela mesma experiência. Se você é dependente químico, busque outros dependentes. Os aflitos precisam encontrar outros aflitos. E, na verdade, isso é o que todos nós somos.

CONSCIÊNCIA FRACA

A consciência fraca pode nos impedir de sentir o perdão. Na verdade, quando se fala em "consciência fraca", pensamos em algo que não funciona bem. Achamos que se trata de uma consciência muito fraca para lutar contra os seus impulsos. Mas, na visão da Bíblia, é exatamente o oposto. A "consciência fraca" é aquela que é *muito* rígida e está confusa

sobre o certo e o errado. Às vezes, a consciência fraca pode convencer as pessoas de coisas que nem mesmo são importantes (1 Co 8.7-12).

Em geral, a consciência fraca vem de um passado muito rígido, de ensinamentos errados, do medo de perder o controle ou de pouca segurança para descobrir o que é bom e real. Quando as pessoas se sentem culpadas por coisas que nem são importantes, é porque precisam da segurança e da graça de um ambiente com aceitação, ou seja, primeiro, descobrir o que a Bíblia realmente ensina e, depois, encarar seus próprios desejos e impulsos. Quando tiverem a força que se ganha com a maturidade e a comunidade, elas não precisarão de regras rígidas que as mantenham sob controle. O autocontrole assume o lugar da culpa como o guardião dos impulsos.

IDEALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Uma questão relacionada à consciência fraca é a idealização da consciência. Essa idealização também pode nos impedir de sentir o perdão. Se as pessoas pensam que são realmente más só porque se sentem mal sobre alguma coisa é porque idealizam a própria consciência. Elas aceitam cegamente o que a consciência lhes diz. Em outras palavras, pensam que sua consciência é ideal ou sem falhas.

Isso acontece especialmente nos relacionamentos controladores e nocivos. Uma pessoa controladora pode "fazer" aqueles que idealizam sua consciência se sentirem mal ao dizerem não, ao imporem um limite ou ao demonstrarem liberdade, e eles se afundam no sentimento de culpa. Sua reação imediata é: "Sou mau por dizer não" ou "sou egoísta". A verdade é que a outra pessoa está sendo controladora e enviando mensagens de culpa que deveriam ser confrontadas e combatidas.

As pessoas que idealizam sua consciência, entretanto, nunca questionam o que sentem ou pensam. Apenas aceitam

como verdade. Mas a Bíblia não afirma tal coisa. Como o apóstolo Paulo disse, sua consciência podia muito bem estar errada e cabe a Deus nos julgar (1 Co 4.4).

CONFUSÃO ENTRE CONSCIÊNCIA E ESPÍRITO SANTO

Outro problema relacionado acontece quando a pessoa sente culpa por alguma coisa e diz: "O Espírito Santo está me convencendo do meu erro". Ela atribui seu sentimento de culpa à voz do Espírito Santo. Pode ate ser verdade que o Espírito Santo a esteja convencendo, mas a culpa definitivamente *não* é obra dele. A culpa é um sentimento dela, e não dele.

O convencimento do Espírito Santo é uma coisa que ele diz e faz. E a sua maneira de comunicar a verdade a nós. O que ele sente quando faz isso é um sentimento dele, e não nosso. As vezes, ele fica triste, outras, preocupado. Mas o convencimento e uma forma de enviar uma mensagem. Porém, o que nós sentimos sobre essa mensagem é outra história. Podemos sentir culpa ou qualquer outra coisa.

Algumas pessoas não sentem nada porque ignoram o Espírito. Então, mesmo que ele as convença, elas não ouvirão e não sentirão culpa. No entanto, só porque elas não sentem nada, não significa que ele não esteja falando. Elas fecharam o coração para ele. Assim, fica fácil ver que o sentimento de culpa não é a voz dele.

Outras sentem-se extremamente culpadas quando o Espírito Santo chama sua atenção para algo. Essa culpa também não é obra dele. Ele está convencendo. O que elas sentem é sua própria reação à voz dele. Se for culpa, é sinal que ainda não entenderam que elas não estão condenadas pelo que ele está mostrando.

TRISTEZA SEGUNDO DEUS, TRISTEZA SEGUNDO O MUNDO

A tristeza segundo o mundo não permite que nos sintamos perdoados. A culpa não é a resposta apropriada para o convencimento do Espírito Santo. A resposta apropriada é a tristeza segundo Deus porque se baseia no amor. Paulo faz uma distinção entre os dois tipos de tristeza: "A tristeza segundo Deus não produz remorso, mas sim um arrependimento que leva à salvação, e a tristeza segundo o mundo produz morte" (2Co 7.10).

A consciência irada e condenadora é a tristeza segundo o mundo em ação. Não se baseia no amor e não produz uma mudança consistente e arrependimento. A tristeza segundo o mundo é do tipo que Judas expressou depois de trair Jesus. Ele se afastou e se matou. A tristeza segundo o mundo não se baseia no amor, mas na própria pessoa e em sua maldade. A tristeza segundo Deus é do tipo que Pedro expressou depois que negou a Jesus. Com o coração quebrantado pelo sofrimento que causou em alguém que amava, ele se voltou para o relacionamento e se reconciliou. Ele fez as pazes.

Sempre que falamos em nossos seminários e no rádio que a culpa é prejudicial, as pessoas se aborrecem. Elas acham que você precisa sentir culpa para manter as pessoas sob controle. 'As pessoas precisam sentir-se culpadas quando fazem algo de errado. E uma culpa saudável", dizem. Mas a Bíblia não diz isso. *A Bíblia diz que não devemos nos sentir culpados, mas tristes. Há uma grande diferença.*

Por um lado, a culpa converge para o eu, para o quanto sou mau, e não para o meu ato que prejudicou alguém. Se me sinto culpado, estou preocupado em me sentir bem de novo, e não com a fatalidade do problema ou com a dor que causei a alguém. A culpa é voltada para o eu.

Por outro lado, a tristeza segundo Deus converge para a parte ofendida. Aqueles que expressam a tristeza de Deus entendem como seu comportamento afetou uma outra pessoa. E por isso que a Bíblia fala da ira de Deus pelos não

crentes que ainda são realmente culpados e a compara com a "tristeza" que ele sente quando os crentes pecam. Não há menção ou cabimento para a culpa, a ira ou a condenação de um crente. Ele quer que, em vez de nos sentirmos culpados, nos preocupemos com a dor que lhe causamos com o nosso pecado. A tristeza segundo Deus é "voltada para o outro".

A diferença é incrível. Como Paulo diz, a tristeza segundo Deus produz arrependimento. Quando percebemos que magoamos alguém que amamos, mudamos. O amor e a empatia nos transformam. Tratamos os outros como gostaríamos de ser tratados. O amor nos impele. Mas a culpa realmente aumenta o pecado. Não mantém ninguém sob controle. Só serve para fazer as pessoas se revoltarem mais. Segundo Paulo, a lei aumenta o pecado (Rm 5.20; 7.5).

Isso aconteceu com Stephen. Quanto mais ele se sentia culpado e mais se colocava sob a lei, mais seu pecado aumentava. A culpa não o manteve sob controle. Se soubesse o quanto magoava as mulheres com as quais estava extravasando, teria mudado. Sua preocupação em não partir o coração delas, dividir suas almas e afastá-las de Deus teria feito com que ele mudasse. Mas ele estava muito preocupado com a própria "maldade".

A questão é que a culpa diz respeito à lei, e a tristeza segundo Deus diz respeito ao amor. E o convencimento do Espírito Santo e as nossas reações também são diferentes. O Espírito sempre implica em amor, enquanto Deus nos ama e quer que amemos os outros. Quando ele nos convence, não está tentando nos fazer sentir "maus e condenados", ou seja, "culpados". Está tentando nos fazer ver o quanto magoamos a Deus, os outros ou a nós mesmos com nosso comportamento ou atitude. E, se pudermos ver isso, o amor "produzirá o arrependimento".

Vejamos o exemplo de alguém que finalmente conseguiu conhecer a verdade e de como isso mudou seu comportamento.

Tom mentia para a esposa sobre sua condição financeira. Ele não pagava as contas e mentia sobre a situação econômica deles.

Então, aparecia uma notificação de atraso de pagamento ou a luz era cortada e ela explodia com ele por se sentir totalmente menosprezada e traída. Ele, por sua vez, se sentia horrivelmente culpado, dizia que era um mau marido e que nunca mais voltaria a fazer aquilo. Ele vivia fazendo promessas. Mas tudo sempre acontecia de novo.

Finalmente, quando eles fizeram terapia conjugal, a terapeuta teve o bom senso de se concentrar no que era importante. Ela fez Tom perceber o quanto estava magoando a esposa, e não o quanto ele era "mau". Ela fez ele sentir empatia pela esposa e compreender como era ter de viver do jeito que ela vivia, sem nunca saber como as coisas estavam porque ele mentia. Ela fez com que ele conhecesse o coração e o medo da esposa. Quando ele tomou conhecimento disso, não conseguiu mais mentir. Não podia mais magoá-la daquele jeito. Ele nunca tinha percebido aquilo antes, porque só pensava no quanto era mau.

Deus não está interessado em nos mostrar que somos maus (ele já fez isso), mas que o traímos e machucamos. Como diz Paulo: "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus" (Ef 4.30). Se você já teve um relacionamento com alguém que o decepcionou e que só pensa no quanto ele se sente mau, e não no mau que lhe causou, então sabe o que Deus sente. Pare de se sentir culpado e preocupe-se em saber como o seu comportamento afeta as pessoas. Isso é amor.

O CARÁTER DA CORREÇÃO

A nossa consciência nos diz o que é certo e errado e quando violamos um padrão, ela nos corrige. Entretanto, ela pode cometer vários erros. Às vezes, pode julgar mal o que é certo ou errado, como acabamos de ver. A consciência, que

tem um caráter emocional, também pode errar no tom corretivo.

O tom apropriado é firme, mas amoroso e gentil. Deixa claro o que é certo e o que é errado e não deixa a pessoa se desviar, mas também é gentil. E o que chamamos de "tom do Novo Testamento" porque, de acordo com suas palavras, corrige com "graça e verdade". Além de sincero, é gentil e acolhedor.

Se uma pessoa apanha interiormente de uma consciência dura, o condutor do crescimento precisa ajudá-la a mudar o tom de sua própria consciência fazendo-a conhecer seu caráter e interiorizar vozes diferentes, que sejam amorosas, em novos relacionamentos.

Vejamos o exemplo de Summer, uma mulher que participava de um grupo que liderei. Uma noite, ela compareceu à reunião do grupo e confessou um fracasso no caminho do seu crescimento. Ela voltara com um namorado destrutivo e passou a noite com ele.

— Sou uma completa idiota! — disse duramente — Sou uma *idiota]*

Repetiu isso várias vezes e estava muito brava consigo mesma por ter se deixado levar por ele. Também se chamou de nomes feios por ter dormido com ele.

O grupo imediatamente a ajudou tocando no problema dela ter voltado para esse relacionamento. Eles perguntaram como tinha acontecido, o que a tinha tentado, o que ela estava sentindo, por que ela permitiu que ele a seduzisse e por que ela não se lembrou de como ele realmente era.

— Sabe de uma coisa, aposto que ela tem consciência de tudo isso — eu disse — Aposto qualquer coisa como ela sabe de tudo isso. Já falamos muito sobre o assunto. Mas aposto outra coisa: ela não é capaz de colocar em prática.

O grupo parou de falar e olhou-me como se eu fosse louco. Eles não esperavam que cu menosprezasse todo o conhecimento dela.

— Acho que ela não é capaz de colocar em prática por causa do que acabamos de ouvir. As vozes em sua mente que a corrigem e advertem são piores do que o namorado dela. Não é de admirar que a voz sedutora dele seja mais atraente para ela do que aquele grito implacável.

— O quê? — todos perguntaram.

— A consciência de Summer é tão má que ela foge dela assim como foge da censura de seus pais. Estamos a vendo voltar aos anos de sua adolescência. Acho que o grupo deveria ajudá-la a aprender a controlar o tom com que as vozes de sua mente falam com ela; caso contrário, ela nunca as ouvirá.

Eu não estava introduzindo nenhuma idéia nova, pois já tinha falado com eles sobre o problema das vozes críticas. O que era novo a incapacidade de se relacionar profundamente e o seu comportamento sexual que havia dividido sua alma. Sua força e determinação faziam parte apenas de suas investidas sexuais, mas não de seus relacionamentos amorosos. Ele precisava usar sua força interpessoal nos verdadeiros relacionamentos, junto com o amor, e expressá-lo com alguém de quem se sentisse íntimo e querido. Mas isso era muito arriscado. Então, ele expressava sua determinação em relacionamentos sem amor e, com isso, selava seu destino e reforçava sua divisão. Assim, o sexo fora de um bom relacionamento conjugal o machucava, e esse e um dos motivos pelos quais Deus é contra o sexo sem amor. Para conhecer mais sobre o assunto, leia o livro *Limites no namoro.*

Esse era o problema que eu queria que ele entendesse em vez de se preocupar com a culpa. “Portanto, agora já não há condenação”, mas há muita confusão. E o Novo Testamento fala disso de muitas maneiras. Esqueça a culpa e

resolva os problemas porque, caso contrário, encontrará a morte.

O versículo sobre "não haver condenação" está no início de Romanos 8. Ele anula nossa culpa completamente, mas o capítulo não chega a dizer que não devemos nos preocupar com nada. De fato, é exatamente o oposto. Diz que temos de nos preocupar muito com o nosso estilo de vida e com o que fazemos, pois podemos tanto produzir vida como morte pelo que fazemos na vida. Isso não tem nada a ver com culpa, mas com o que o pecado faz em nós:

> Portanto, irmãos, estamos em dívida, não para com a carne, para vivermos sujeitos a ela. Pois se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão, porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: *"Aba,* Pai" (Rm 8.12-15).

Então, a Bíblia nos diz para não sentirmos medo de Deus nem culpa; para buscarmos a saúde e o crescimento espiritual em nossa vida. Os defensores da culpa não gostam de se livrar dela, porque temem que as pessoas farão o que bem entenderem se não tiverem um sentimento de culpa para impedi-las.

Mas a Bíblia é clara. A condenação não tem cabimento, mas sim uma verdadeira preocupação com o pecado. Quando Paulo pregou a total aceitação, incorreu no mesmo problema que nós, pois é um conceito radical: "E então? Vamos pecar porque não estamos debaixo da Lei, mas debaixo da graça? De maneira nenhuma]" (Rm 6.15). Então, ele fala da seriedade do pecado, e é isso que importa. A culpa não ajuda em nada. Mas é importante termos uma idéia do que o pecado faz em nós. E esse é um dos principais motivos para

ajudarmos pessoas como Trevor a verem que o problema não está na culpa, mas no pecado.

A CULPA É UMA VOZ DO PASSADO

— Simplesmente me sinto mal por ter dito isso a ela — Joyce contou.

Ela estava se referindo a uma conversa que teve com uma amiga sobre o casamento dela. A amiga não confrontava o marido sobre a forma como ele tratava o filho adolescente deles. Quando ele não ignorava o comportamento do filho, confrontava-o rudemente e o problema estava piorando. Joyce estava preocupada, e com razão, por sua amiga ficar sentada passivamente e deixar o marido magoar o filho. Por isso, teve de dizer à amiga que ela estava sendo muito passiva e que seu filho pioraria se ela não tomasse uma atitude.

— Por que você se sente mal? — perguntou um membro do grupo — Foi um ato de amor de sua parte e você o fez da melhor maneira. Gostaria de ter uma amiga como você que me dissesse quando não ajo como deveria agir com o meu filho. Ele se torna um pesadelo às vezes e eu receberia de bom grado essa ajuda. Você estava sendo uma boa amiga.

— Mas me senti horrível depois que a deixei. Senti que a tinha magoado.

— Ela demonstrou isso? — um outro membro do grupo perguntou — Ela ficou brava?

Não, ela reagiu bem. Na verdade, ela disse que eu estava certa e me pediu para ajudá-la a decidir o que ia dizer. Mas eu me sinto muito mal, como se fosse má — Joyce parecia ficar mais deprimida conforme falava.

— Bem, alguém a está acusando — disse outro membro — mas não é ela nem nós. E certamente não é Deus. Ele diz que devemos fazer o que você fez. Foi um ato de amor.

— O que você quer dizer com “alguém”? — ela perguntou.

Boa pergunta. Conforme falava, Joyce começou a perceber um padrão de comportamento. Sentia-se mal toda vez que era amorosa e franca com alguém (Ef 4.25). E ainda estava fazendo o que a Bíblia dizia para fazer: uma boa ação. Mas sua sinceridade não era vista com bons olhos no passado. Sua mãe não suportava a confrontação e, se Joyce lhe dissesse qualquer coisa negativa, a mãe a punia tratando-a friamente. Seus irmãos agiam da mesma forma. Como seu pai morreu quando ela estava com dez anos, Joyce realmente precisava da mãe e sucumbia diante das mensagens de culpa.

O que dissemos anteriormente vale também aqui: o que antes estava fora, agora está dentro. Em outras palavras, os relacionamentos externos são assimilados pela consciência (as “vozes interiores”) que pode nos acusar e condenar. Joyce tinha de contemplar a realidade de seus relacionamentos do passado e resolvê-los; precisava entendê-los, lidar com alguns sentimentos em relação a eles, culpá-los apropriadamente por seus pecados, perdoá-los, chorar por eles e superá-los. Depois, tinha de interiorizar as novas “vozes” de seu grupo de apoio e das pessoas que a amavam e a valorizavam por dizer a verdade. Quando fez isso, deixou de sentir-se culpada quando confrontava as pessoas que amava.

Essa é uma das dinâmicas mais importantes sobre a culpa. Impedimentos internos e antigos relacionamentos repetem-se na alma, e as pessoas sentem as mesmas coisas que antes, enquanto não resolvem o problema. E, normalmente, a culpa tem a ver com a expressão de algum aspecto da personalidade, corno no caso de Joyce. Ela sentia culpa por uma característica sua, que era a franqueza.

Vejamos alguns exemplos de aspectos da personalidade em torno dos quais as pessoas interiorizam mensagens de culpa:

- necessidades;

- fraquezas;
- fracassos;
- raiva;
- tristeza;
- sexualidade;
- talentos;
- força;
- sinceridade;
- sucesso;
- individualidade;
- autonomia;
- independência;
- dor.

Qualquer aspecto da pessoa que não é aceito ou atacado em um relacionamento significativo pode ser colocado sob "julgamento" e, então, a culpa atacará aquela parte da alma interiormente. Se o pai, por exemplo, menospreza a necessidade de afeto do filho, uma voz punitiva contra aquela parte da criança é interiorizada. Isso também afeta a formação da nossa consciência. Então, até que sua consciência seja modificada, essa pessoa sentirá culpa sempre que expressar uma característica sua, mesmo que seja boa. Então, em geral, as pessoas precisam se expressar em relacionamentos novos e seguros a fim de obter a cura e o encorajamento que Deus provê para restaurar sua alma. Uma nova consciência precisa ser interiorizada e desenvolvida em novos relacionamentos. Novamente, o Corpo de Cristo realiza sua função.

RAIVA

Acabamos de ver como as características da personalidade podem ser prejudicadas com mensagens de culpa e, certamente, a raiva é uma delas. Algumas pessoas se sentem culpadas quando percebem que estão com raiva. Mas a raiva tem outro problema.

A raiva é um estado de protesto e de luta. Deus criou essa emoção em nós para quando fôssemos "contra" alguma coisa. Usamos a raiva para combater a injustiça, a desonestidade, o mal e outras coisas ruins.

Como diz a Bíblia, ame o que é bom e odeie o que é mau. Odiar as coisas ruins é bom (Rm 12.9). A raiva é uma emoção que resolve problemas, criada para proteger o que é bom e valioso.

Mas, às vezes, as pessoas não expressam a raiva diante das coisas ruins que lhes acontecem porque estão numa situação na qual a expressão da raiva as comprometeria. Então, essas pessoas negam a própria raiva.

O problema é que a raiva é direcionada. Ela precisa de um alvo e deve ser dirigida a uma injustiça ou a uma pessoa que está sendo injusta. Mas, quando isso não é possível, por exemplo, no caso de crianças que sofrem abuso, ela se volta contra a própria pessoa. Crianças que sofrem abuso pensam: "Se isso está acontecendo comigo é porque cu não presto". Elas descarregam em si mesmas a raiva que deveria ser direcionada para o ofensor. Outros casos de relacionamentos opressivos, como uma criação severa, causam a mesma dinâmica. Como Paulo diz aos pais: "... não irritem seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor" (Ef 6.4).

Às vezes, a cura para a culpa não tem nada a ver com ajudar a pessoa a se sentir "perdoada", mas a resolver sua raiva, a direcioná-la para alguém ou alguma coisa que a mereça. Então, se essas pessoas fizerem isso, a culpa estará

resolvida porque se trata apenas da raiva contra si mesmas, que as faz parecer “más”, embora não sejam.

O grande problema no caso é o erro de diagnóstico. Muitas pessoas sofrem por um longo tempo nas mãos de outras que tentam fazê-las “acreditar” que estão perdoadas, quando deveriam estar tratando de resolver sua raiva. Mais uma vez, isso mostra o quanto a culpa é imprópria para o cristão. A raiva e a culpa são impulsos basicamente iguais, que vêm de lugares diferentes. Como Deus não está mais irado com os cristãos, a culpa não se aplica. Ele removeu a culpa na propiciação com Jesus, e ela desapareceu. Então não existe culpa.

O ESTADO INFANTIL

Às vezes a culpa não é um problema a ser resolvido, mas um sintoma do estado em que a pessoa se encontra. Se um adulto não cresceu emocionalmente até se tornar igual a (irmão de) outros adultos, como a Bíblia ensina (v. Mt 23.8,9), ele tratará as pessoas maduras como figuras paternas. Ele se sentirá “inferior” aos outros e, portanto, sujeito à sua aprovação ou reprovação. E um estado de “culpa” permanente, como se sempre estivesse sob julgamento. Para saber mais sobre o assunto leia a seção sobre a idade adulta no meu livro *Changes that heal [Mudanças que curam].*

As pessoas que se encontram nesse estado precisam ver a culpa como um sinal de que elas colocam os outros na posição de Deus-o-pai em sua vida. Precisam sair do estado infantil que necessita da aprovação dos pais e serem adotadas por Deus, sendo obedientes a ele (Gl 4.1 -5). Dessa forma, elas se livram da reprovação dos outros e, conseqüentemente, da culpa.

A comunidade do crescimento espiritual pode servir de ponte para a maturidade de pessoas que estagnaram. Normalmente, quando a pessoa passa pela adolescência,

encontra um grupo de amigos que encoraja a independência dos pais e serve de ponte para a vida adulta. No caso das pessoas que sentem esse tipo de culpa, essa transição é interrompida de alguma forma, em geral, por pais muito controladores. Então, elas se encontram essencialmente num estado "pré-adulto" do desenvolvimento. A comunidade espiritual é um bom lugar para se entrar na vida adulta e correr os riscos necessários para o crescimento.

Qualidades como determinação, sinceridade, sexualidade bem resolvida, descoberta de talentos, capacidade de tomar decisões e independência dos pais são essenciais para se sair do estado infantil. A comunidade espiritual e os passos para o crescimento que a Bíblia ensina (como os que citamos há pouco) são a fórmula para resolver esse tipo de culpa. Infelizmente, muitas vezes, a comunidade espiritual funciona como mais um pai controlador, e não como um ponto de partida para a maturidade. A comunidade deve ajudar as pessoas a crescer e a pensar por si mesmas.

Novamente, a questão é que o problema nem sempre é o problema. A culpa nunca foi o problema. A culpa é apenas o sintoma de uma pessoa imatura, e cuja tarefa é crescer. A responsabilidade da comunidade é fazer isso acontecer, em vez de se preocupar com a culpa.

ISOLAMENTO

Um dos aspectos menos compreendidos da culpa é o teológico, que acabamos de mencionar, ou seja, que a culpa é basicamente a separação do amor. Como disse João: "No amor não há medo; ao contrário o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor" (1 Jo 4.18).

A culpa e o conseqüente medo não dizem respeito a sentir-se "mal consigo mesmo", mas a estar separado do amor. Quando as pessoas sabem que são amadas, não têm medo de sua "maldade". Elas se sentem aceitas e seguras e

não precisam se sentir "bem" consigo mesmas para ficarem seguras. O amor faz isso. O amor e tudo. *Na Bíblia, o oposto de "mau" não é "bom". É amor.*

Então, se a pessoa está se sentindo mal consigo mesma, a resposta é nunca fazê-la se sentir bem. A viagem da "auto-estima" é um beco sem saída. A resposta é fazê-la sentir-se ligada ao amor. Se ela se sente amada e aceita, não precisa se sentir bem consigo mesma. De fato, ela pára de ficar tão preocupada consigo mesma e se abre para o amor. Adão e Eva não se preocupavam com a própria maldade antes de perder o amor. O sentimento da maldade não é algo a ser superado. E outro sintoma do problema básico de nossa dissociação do amor. Não caia na armadilha de tentar fazer uma pessoa com "maus" sentimentos desenvolver "bons" sentimentos. A solução não é essa. E ser amado.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Analise sua visão da culpa e veja se está de acordo com o que a Bíblia ensina. Há uma separação entre o que sua mente acredita e o que seu coração sente? Descubra por quê.
- Encontre a origem do poder da culpa como separação de Deus, do amor e das pessoas. Descubra quando isso aconteceu com você e o que a está mantendo.
- Analise possíveis doutrinas erradas que você pode ter aprendido.
- Veja de que forma você está desligado da graça: se está desligado das pessoas ou se não está aberto para a graça oferecida.
- Examine de que forma essas causas patológicas da culpa estão operando em sua vida: falsos padrões, consciência fraca, formação rígida, idealização da consciência, tristeza segundo o mundo em vez de segundo Deus, o caráter da sua correção, o problema

da falsa culpa em vez da verdadeira, não ver os problemas reais, vozes do passado, a raiva, o estado infantil, o isolamento.

- Determine que situações e atividades com Deus e com as pessoas podem ajudá-lo a reverter a separação do amor que está experimentando e encontrar as fontes necessárias de cura.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Examine cuidadosamente sua teologia da culpa. Descubra se na sua visão "não há condenação" ou se ela sutilmente ainda ensina e comunica a lei às pessoas para as quais você ministra.
- Crie meios e oportunidades para as pessoas superarem a separação de Deus, do amor e outras pessoas que acabam alimentando a culpa. Crie um ambiente no qual as pessoas possam confessar e sentir-se seguras e planeje atividades para promover a confissão e a segurança.
- Ensine a teologia na qual "não há condenação", destemidamente, como faz a Bíblia. Desconsidere a culpa como uma "coisa boa" e ensine o valor da tristeza santa e sua orientação para o amor.
- Confronte a tendência da pessoa de fugir da graça e de não estar aberta para ela. Encoraje a abertura.
- Forneça contextos e atividades que ajudem as pessoas a aprender a falar sobre a culpa e a encarar suas causas: padrões falsos que se seguem, consciência fraca, formação rígida, idealização da consciência, tristeza segundo o mundo e não segundo Deus, o caráter da sua correção, a falsa culpa e não a verdadeira, não ver os problemas reais que são o problema, vozes do passado, a raiva, o estado infantil, o isolamento.

Uma das causas mais destrutivas da "culpa" é o isolamento espiritual e emocional. A máxima que vale lembrar é: ninguém é feliz sozinho. Quando a pessoa se sente sozinha, se sente "mal". A solução não é "bondade" ou mais "auto-estima". A solução é o amor.

É por isso que temos um Evangelho da reconciliação do relacionamento com Deus e com as pessoas em vez de um Evangelho sobre ser uma pessoa "melhor". Se nos reconciliarmos, ficaremos melhores, e não obcecados com isso. A grande questão não será o "conhecimento do bem e do mal", mas o amor.

Para ajudar as pessoas a crescer na área da solução da culpa, assuma a missão de acabar com o isolamento interno. Se você encontrar pessoas que se sentem "mal" consigo mesmas, descubra a parte isolada de seus corações e lhes dê graça, amor e ligação afetiva. Se fizer isso, conseguirá curar muita culpa.

Esse é um dos motivos pelos quais as vítimas de abuso se sentem tão mal consigo mesmas. O abuso torna difícil a aproximação e a confiança nos outros, e o isolamento toma conta de suas almas. Conseqüentemente, elas acham que são "más", mesmo que isso esteja muito longe da verdade. O amor acabará com esse estado, enquanto as afirmações positivas, embora sejam importantes, não são suficientes. A reconciliação do amor é a solução para qualquer tipo de culpa.

A BOA NOTÍCIA

Jesus disse que não veio ao mundo para julgá-lo ou condená-lo (Jo 12.47). Se for verdade, como então a instituição a que ele deu início se tornou um dos lugares mais cheios de culpa da face da terra? E um grande problema. Ele veio acabar com a culpa, mas ela é servida a todo o momento em seu nome. Como vimos neste capítulo, a Bíblia ensina que não deve haver nenhuma culpa para o

cristão, mas a liberdade na qual “não há condenação” e uma grande preocupação com problemas e questões reais.

Então, quando lidar com a culpa das pessoas, lembre-se de que ela não e o problema, mas um sintoma. E um sintoma da separação do Amor. E a solução para esse problema é sempre a reconciliação com o Amor. E simples, porém parece muito difícil às vezes. Mas como o apóstolo Paulo disse: ele “nunca perece” (1Co 13.8).

Quarta parte

O CAMINHO DO CRESCIMENTO

10. O guia do agricultor: a Bíblia

A Palavra de Deus é vida e dá vida.

Anos atrás, quando era seminarista, fui ao restaurante no qual trabalhava como garçom. A recepcionista, uma garota chamada Cindy, me recebeu. Éramos amigos, embora não nos conhecêssemos muito bem. Ela era sempre gentil e alegre e fazia o meu trabalho ficar mais fácil.

Depois de nos cumprimentarmos, ela disse:

— Você é uma pessoa de Deus, não é?

— Sou — respondi. Não sei como ela sabia disso, mas imaginei que alguém devia ter mencionado para ela que eu estava fazendo seminário.

— Posso fazer uma pergunta sobre Deus?

Ora, se você quer fazer um estudante de teologia feliz, faça essa pergunta. Foi o céu para mim. Toda a minha existência estava fazendo sentido! Todo aquele estudo e agora alguém me pedia uma informação sobre uma coisa pela qual eu era obcecado! Na mesma hora, respondi:

— Claro.

Imaginei que ela me perguntaria alguma coisa que eu estava estudando naquele momento, como a natureza da Trindade ou como Cristo podia ser tanto humano como divino. Eu tinha um monte de verdades bíblicas sobre todos os tipos de assunto prontas para jogar sobre ela. Então ela disse:

— Quando o meu namorado usa muita cocaína, me bate. O que devo fazer?

Fiquei atordoado. Não sabia o que dizer. No meu coração, senti uma grande compaixão pela dor e confusão que Cindy devia sentir. Mas, em mente, estava esquadrinhando todos os versículos e princípios da Bíblia que conhecia, na esperança de encontrar alguma coisa que a ajudasse.

No fim, tudo que pude juntar foi uma paráfrase de Romanos 8.28 que diz que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que crêem em Deus. Cindy me agradeceu educadamente e, então, voltamos ao trabalho. Mas eu sabia, e achava que ela também sabia, que cu não a tinha ajudado muito.

Lembro que fui embora para casa naquela noite pensando: *Eu tive um momento divino e alguma coisa deu errado.* Então, achei que Deus devia ter arranjado para que Cindy e eu trabalhássemos no mesmo lugar, que devia ter plantado algumas sementes para que ela imaginasse que cu podia ajudá-la nessa situação terrível, que devia ter me preparado para ajudá-la a buscar a ele e a seu Reino. No entanto, nada de realmente santo aconteceu naquela noite.

O problema certamente não era que Romanos 8.28 não é verdade, porque é, mas hoje vejo que não era a verdade que ajudaria Cindy naquele momento.

E o problema não era que o seminário me ensinava as coisas erradas. Aprendi a estudar e a entender a Bíblia sozinho e ainda sou muito grato pelo treinamento que recebi e pelos relacionamentos que tive lá. Os benefícios que

experimentei naqueles anos foram essenciais para minha vida e meu trabalho hoje.

O problema era *eu,* ou melhor, *como eu via a obra da Bíblia na vida das pessoas.* Na minha cabeça, a Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4.12) e não volta para Deus vazia (Is 55.11J. Não tinha a menor dúvida do poder de Deus pelas Escrituras. E cria nas disciplinas bíblicas e praticava-as com o estudo, a leitura, a memorização, a oração, o compromisso e a entrega.

Entretanto, não tinha um conceito formado de como a Bíblia tratava do processo de crescimento espiritual. Como aconteceu com Henry, eu achava que compreender a teologia, a nossa posição em Cristo e o quanto Deus nos ama e valoriza era a chave para resolver os problemas e ser um cristão próspero e vitorioso.

No entanto, Cindy não ganhou muita esperança depois de nossa conversa e, pensando sobre isso, percebi que enfrentava o mesmo dilema. Embora a Palavra de Deus tivesse me dado esperança, segurança e fé, ainda tinha conflitos e defeitos pessoais que não tinham sido transformados profunda e completamente. Acabei lutando as mesmas batalhas, tentando resolver as coisas pela renovação do compromisso, pela luta e pelo esforço.

Então, busquei a Deus e pedi sua ajuda. Disse algo do tipo: “Deus, eu realmente acredito que tens a cura em sua Palavra, mas não a estou encontrando nem para mim, nem para os outros. Por favor, abra os meus olhos”. Com isso, embarquei num longo estudo da Bíblia, dessa vez sem nenhuma idéia sobre como o crescimento é ou não é. Queria apenas examinar as Escrituras com a mente aberta (At 17.11).

O que descobri com o meu estudo, e Henry e eu conversamos, é o que está por trás deste livro. Descobri que a

Bíblia é completa. Contém os princípios que precisamos compreender tanto para crescermos espiritualmente como para solucionarmos nossos problemas pessoais. E contém a mesma teologia que aprendi na escola. Entretanto, vi essa teologia sob uma nova luz, a luz do processo de Deus para o crescimento de seu povo.

Este capítulo fala do papel específico e único que a Bíblia exerce no processo de crescimento.

O PODER DA PALAVRA

A Bíblia é o único e perfeito guia de Deus para a vida e o crescimento. Pelo milagre de quase quarenta autores no curso de mil e quinhentos anos de produção de um conjunto magnificamente consistente de idéias e histórias, Deus apresentou todos os elementos para que compreendêssemos como as pessoas crescem. Como a Bíblia é uma obra escrita, pode ser esquadrinhada e analisada objetivamente. É um livro de vida valioso e digno de confiança para nós (Sl 119.138).

A Bíblia tem autoridade. Muitos estudiosos no decorrer dos séculos concluíram que as Escrituras são a Palavra de Deus. Mas este livro que você está lendo neste momento não é um bom recurso para se analisar essas conclusões. Uma boa livraria cristã ou de igreja poderá indicar esse tipo de material para você. De qualquer forma, se a Bíblia não fosse o que alega ser, seus ensinamentos não teriam todo o poder que as pessoas lhe atribuíram ao longo dos séculos. A vida e a luz estão na Bíblia.

Então, quando as pessoas se expõem às páginas da Bíblia, alguma coisa muda dentro delas. Elas entram em contato com o Deus do universo e com a forma como ele vê o mundo e as pessoas. Ler a Bíblia é uma das principais maneiras de Deus falar à nossa vida e ao nosso coração. Embora seja importante aprender os princípios e verdades, é

mais valioso aproximar-se de Deus pessoalmente pela Bíblia (Sl 119.27).

Uma amiga minha recentemente passou por um doloroso processo de divórcio que ela não desejava. Perguntei como ela estava passando:

— Não é fácil, mas estou bem — ela respondeu.

— Como assim?

— Bem, tenho muito apoio dos amigos. Eles realmente têm me ajudado muito. E, embora não queira parecer muito espiritual, a Bíblia está sendo muito importante para mim. Quando acontecia alguma crise no divórcio, eu me sentava para ler a Bíblia e Deus me falava o que estava acontecendo. Encontrava seu consolo e amor e também sua correção e sabedoria quando tomava uma decisão. Aproximei-me ainda mais de Deus nessa fase de grande aflição.

Minha amiga é psicologicamente sofisticada e adulta e fielmente apega-se às palavras de Deus como uma criança.

A Bíblia diz que Deus é a origem de todo crescimento

Mais importante que isso. A Bíblia atribui a Deus a origem de todo o crescimento. Em toda a Bíblia, vemos que tudo que precisamos na vida vem dele, e não de nós (At 17.28; 1Co 4.7). Essa realidade essencial e esclarecedora nos ajuda a sermos humildes e a depender de Deus. Por exemplo, leia Salmos 119 inteiro de uma vez. Você terá um retrato da nossa dependência em relação à Palavra e, acima disso, à Deus; "Salva-me, pois a ti pertenço e busco os teus preceitos" (v. 94).

Quando vemos que a Bíblia atribui a Deus todo o crescimento, compreendemos que *todo crescimento é espiritual.* Nos grupos que estudam a Bíblia, nos que lidam com relacionamentos, nos que ajudam as pessoas a superar

a depressão ou dependências, qualquer coisa que fomente o crescimento, em última instância, vem de Deus.

O crescimento pode ocorrer inclusive quando a Bíblia não é levada em conta, embora o processo tenha mais êxito ao contrário. Por exemplo, a pessoa pode estar envolvida em um grupo de apoio que não se baseia intencionalmente nos princípios bíblicos, mas inadvertidamente os pratica. Como membros confiam uns nos outros. Compartilham suas inseguranças e fraquezas. Com isso, descobrem que se sentem mais seguros e que seus mundos internos estão menos vazios e isolados. O grupo pode não saber, mas está aplicando a prática bíblica da confissão (Tg 5.16), que abre a alma para que seja amada pelos outros. Isso nos mostra o quanto os princípios bíblicos são maravilhosos, poderosos e espirituais. Ao mesmo tempo, seria muito melhor para o grupo se ele soubesse que o que está fazendo vem da Bíblia! Então, seria capaz de render-se mais aos desígnios Daquele que criou o processo de crescimento.

Entretanto, algumas escolas cristãs de pensamento ensinam que se você conhecer bem a Bíblia, automaticamente crescerá espiritualmente. Esses grupos em geral consideram o aconselhamento herético e dizem às pessoas para, em vez disso, "se dedicarem à Palavra". O estranho é que muitos desses grupos não praticam o que pregam. Em vez de dispensarem as pessoas exortando para que elas estudem mais, dão todo o apoio quando precisam, como ouvir, consolar e mostrar compreensão. Usam seu tempo tratando delas, reservando horas de sua semana para encontrá-las, dar-lhes uma estrutura para guiar suas vidas, como princípios sobre o certo e o errado e maneiras organizadas de tomar decisões, ajudá-las no processo de perdão e orar com elas. Todas estas coisas, diz a Bíblia, ajudam as pessoas a crescer e, no entanto, no púlpito eles sempre dizem: "Tudo que você precisa é a Bíblia". E um paradoxo interessante. Eles não pregam o que praticam.

A BÍBLIA PRESCREVE O CAMINHO DO CRESCIMENTO

A Bíblia apresenta claramente um processo para a busca da maturidade espiritual. Refere-se ao processo de diferentes formas, como a santificação (ser progressivamente destinado ao uso de Deus, Rm 6.19), a transformação (ser transformado interiormente, Rm 12.2) e o crescimento (amadurecimento espiritual, 1 Pe 2.2). Em essência, a idéia é que fomos criados para nos tornar cada vez mais parecidos com aquilo que fomos criados para ser(2Co 3).

Os **ELEMENTOS**. Conforme discutimos amplamente no capítulo 2, as Escrituras ensinam que o relacionamento, tanto com Deus como com as pessoas (Ec 4.9-12), a verdade (Ef 4.15) e o tempo (Mc 4.26-29) devem estar presentes para que uma pessoa cresça. Sempre que alguém cresce espiritual ou pessoalmente, esses elementos estão operando.

As **TAREFAS**. Além disso, a Bíblia identifica as tarefas requeridas para o crescimento. Como confirmará qualquer pessoa que esteja aplicando os princípios bíblicos há algum tempo, o crescimento espiritual não tem nada a ver com "desistir e entregar tudo nas mãos de Deus". E um processo difícil e às vezes doloroso; no entanto, sempre vale a pena, pois "produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados" (Hb 12.11).

Vejamos algumas tarefas necessárias ao crescimento:

- Submissão e obediência a Deus (Rm 12.1). Isso significa que devemos entregar nossa vida a ele e a seus desígnios, em vez de termos nossa própria idéia de como a vida deveria ser.
- Necessidade e dependência (Pv 3.5,6). Devemos buscá-lo continuamente como fonte de todas as nossas necessidades para a compreensão e o crescimento.
- Responsabilidade e domínio (Lc 9.23). Devemos assumir as tarefas e fardos daquilo que ele nos chamar a fazer na vida.

- Perdão (Mt 6.12-15). Isso significa tanto pedir perdão ao Deus e às pessoas como cancelar as dívidas que os outros têm conosco.

Essas tarefas devem ser feitas ao lado das disciplinas tradicionais do estudo da Bíblia e da oração.

Os **RECURSOS**. Finalmente, as Escrituras também apresentam os recursos disponíveis para o processo de crescimento. Deus, como acabamos de mencionar, é a fonte suprema de tudo o que precisamos; entretanto, também encontramos ingredientes para o crescimento em outros lugares. A Criação em si é uma fonte de coisas boas. Por exemplo, temos comida para nos sustentar (Gn 1.29), um trabalho para cumprir (Gn 1.28) e a natureza para nos mostrar a maravilha do Senhor (Sl 33.6). Muitas pessoas que buscam o processo de crescimento passam algum tempo perto da natureza regularmente para se sentirem mais próximas de Deus.

As pessoas são outro recurso importante do crescimento. A Bíblia ensina que o cristão que não estiver profundamente ligado aos outros e a Deus não é um cristão completo (como vimos no capítulo 7). Fomos todos chamados para administrar fielmente a graça de Deus uns para os outros (1Pe 4.10). Em outras palavras, as pessoas também são uma fonte da graça de Deus necessária ao crescimento.

A BÍBLIA AJUDA AS PESSOAS A CRESCER

A Bíblia, por si só, é um dos recursos para o processo de crescimento. Tem muito a ensinar *sobre* o crescimento e está ativamente envolvida *no* crescimento. Vejamos como promove diretamente o amadurecimento.

Uma passagem central na qual a Bíblia fala de si mesma é 2Timóteo 3.16,17: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto

e plenamente preparado para toda boa obra". Essa passagem apresenta quatro empregos da Bíblia com ênfases diferentes.

1. ENSINO. Os ensinos da Bíblia nos ajudam a entender os desígnios de Deus e seu relacionamento conosco. As pessoas precisam de estrutura para conhecer a Deus e saber como ele quer que o amemos e vivamos. Deus nos ensina as doutrinas e princípios sobre ele e sobre nós, como o Espírito Santo, a natureza do ser humano, o pecado e a salvação. Ele também ensina muitas realidades sobre os relacionamentos, valores e o processo de crescimento em geral. Assim, temos uma visão geral da essência da vida espiritual. Ele nos orienta para uma vida segundo seus desígnios. Um estudo regular e sistemático da Bíblia nos ajuda a entender essas verdades.

Por exemplo, um líder que fomente o crescimento espiritual de um grupo pode querer estudar o livro de Efésios sistematicamente, porque ele tem muito a ensinar sobre os relacionamentos. As pessoas que sofrem por sentirem que Deus está distante, podem achar proveitoso estudar a natureza de Cristo em Colossenses, especialmente a encarnação como pessoa, para conseguirem se identificar com ele.

2. REPREENSÁO. Entretanto, o ensino não basta para crescer. Nós nos perdemos, rebelamos, somos egocêntricos e estamos em negação. Nem todo o estudo é suficiente para curar essas tendências. Então, precisamos de repreensão ou reprovação, para sermos confrontados sobre as nossas transgressões. Da mesma forma que um pai precisa confrontar o filho clara e diretamente sobre uma má ação, precisamos ser repreendidos por nossos erros.

A Bíblia tem muitas passagens que realizam essa função. Naturalmente, elas são mais diretas e exortativas do que informativas ou confortadoras. Chamam a nossa atenção e a direcionam para um problema. Por exemplo, a Bíblia reprova a nossa tendência de limitar nosso amor e afeto para

com os outros (2Co 6.11-13). Jesus reprova os pecados da presunção e do orgulho (Lc 18.10-14).

De fato, Deus pode usar qualquer parte das Escrituras para nos reprovar quando é preciso, inclusive aquelas que não foram escritas com essa intenção, por causa da obra iluminadora do Espírito Santo (Jo 16.12-15; v. cap. 6 deste livro). Usando uma determinada passagem, o Espírito pode abrir os nossos olhos para uma certa área de nossa vida que seja preocupante e ajudar a nos arrepender e mudar de rumo. Muitas pessoas já passaram pela experiência na qual um versículo conhecido da Bíblia, que simplesmente "veio à mente", as reprovava em relação a algum problema com o qual estavam lidando.

Durante um período da minha vida, engajei-me em várias atividades religiosas, mas estava fazendo tudo por conta própria, sem consultar a Deus, sem contar conscientemente com sua ajuda e força. Era um modo de agir auto-suficiente. Um dia, li João 5.19: "Jesus lhes deu esta resposta: 'Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz". Já tinha lido essa passagem antes, mas dessa vez ela me mostrou o quanto Jesus era dependente, enquanto eu agia como um cavaleiro solitário. O versículo reprovava o meu distanciamento de Deus e me ajudou a mudar isso.

Tenha cuidado, porém, com a forma com que você usa a Bíblia para reprovar. Algumas pessoas foram seriamente feridas pelos "blasfemadores da Bíblia" que usam as exigências de Deus para colocar as pessoas ainda mais sob a lei. Como disse uma vez um professor que tive no seminário: "É fácil pregar a lei; difícil é pregar a graça". Use a Palavra gentil e fielmente, no momento apropriado e na medida certa. Ao mesmo tempo, às vezes, a reprovação é necessária. Já vi muitos processos de crescimento darem errado porque alguém teve medo de reprovar a pessoa por causa de suas próprias ansiedades. Seja brando *e* verdadeiro.

3. CORREÇÃO. A palavra grega *corrigir* significa "endireitar". No caso, quer dizer reparar o erro de alguém, não necessariamente um erro devido ao pecado ou à rebelião, mas o que é cometido por ignorância ou inconscientemente.

Como na reprovação, a Bíblia pode corrigir nossa forma de agir pelas passagens sobre correção ou simplesmente pela obra do Espírito. Um bom exemplo de uma passagem sobre correção é 1 Coríntios 5.12 e 13. Nela, Paulo corrige a idéia de que os crentes devem julgar os não crentes e diz que devemos ser mais rígidos com nossos semelhantes dentro da igreja.

A Bíblia também pode abrir os nossos olhos e nos corrigir com outras passagens. Eu estava num grupo com um homem que queria desesperadamente viver a vida de Deus e era muito comprometido com ele. No entanto, alguns hábitos prejudicavam sua caminhada com o Senhor, sendo que um deles era a pornografia. O homem tentou várias coisas para lidar com seu vício, inclusive render-se, orar, buscar grupos de responsabilização e de estudo da Bíblia sobre a luxúria. Tudo isso ajudava, mas o pecado sempre acabava voltando e, na melhor das hipóteses, durava pouco tempo. Ele estava desanimado.

Uma noite, quando falávamos sobre o seu vício, 1 Coríntios 13.11 veio à minha mente, que diz, entre outras coisas: "Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino". Citei o versículo para o meu amigo e expliquei como achava que ele se aplicava ao seu caso: "Acho que você está colocando a carroça na frente dos bois. Você quer se livrar desse vício, mas a sua capacidade de receber amor e apoio está debilitada. Essa debilidade impede que você se torne o homem pleno que Deus quer que seja. E uma parte ferida e imatura que você tem. Acho que você busca a pornografia para se apropriar do amor que não se sente seguro para receber das pessoas. Gostaria que você continuasse com todas as disciplinas que está praticando, mas também que tratasse do problema de se manter fechado

para a graça de Deus e das pessoas. Vamos ver o que acontece então".

Meu amigo compreendeu o que eu quis dizer imediatamente. Ele se esforçou para se tornar uma pessoa aberta e acessível. Por exemplo, quando ele se sentia solitário ou sofria algum estresse no trabalho, ligava para os amigos em busca de amor e apoio, em vez de extravasar sexualmente. Com o tempo, sua obsessão desapareceu completamente. Ele ainda fala dessa passagem da Bíblia como um momento decisivo para ele, no qual Deus corrigiu seu erro de tentar parar de pecar sem crescer.

4. INSTRUÇÃO NA JUSTIÇA. *Justiça* significa "retidão". Quando usada no contexto do crescimento, refere-se a nos tornarmos pessoas santas, maduras e retas. A Bíblia nos instrui nesse processo.

Devemos aprender a nos afastar do mal e fazer o bem (Sl 34.14). Ela produz o fruto da sabedoria e do discernimento (Pv 2.2). Ela consiste do aprofundamento e do amadurecimento (Hb 6.1,2).

Ao escrever este capítulo, perguntei aos meus filhos Ricky, de 11 anos, e Benny, de 9, o que faltaria se não existisse a Bíblia. Eles disseram: "Não saberíamos o que é certo e o que é errado". É um bom resumo do propósito da instrução na justiça!

A Bíblia tem outros empregos além desses quatro.

1. CONSOLO E FORÇA. Para crescermos espiritualmente, precisamos de encorajamento e apoio. Precisamos ser capazes de receber amor e consolo de fora para suportarmos tudo que for necessário.

Nossa responsabilidade pode ser aprender a falar e a dizer a verdade quando estamos com medo ou temos uma grande ferida, ou sofre mos uma perda que nos faz sofrer

muito. Seja o que for, não pode mos tolerar a dor e a aflição por muito tempo sem consolo.

Há séculos, quando as pessoas chegam ao fim das forças, encontram nas Escrituras a força para seguir em frente. “Lembro-me, SENHOR, das tuas ordenanças do passado e nelas acho consolo” (Sl 119.52). Da mesma forma que recebemos força de Deus na oração e com os amigos que nos ouvem e nos amam, podemos nos revigorar com as Escrituras.

2. IDENTIFICAÇÃO COM AQUELES QUE BUSCAM O CRESCIMENTO. Uma das maiores contribuições da Bíblia para o crescimento espiritual são as várias narrativas das pessoas que viveram na fé no passa do. As histórias de Abraão, de Sara, de Moisés, de Rute, de Davi, de Maria, de Pedro e de Paulo, só para citar alguns, nos ajudam a identificar nossas aflições, pecados e vitórias com as dos outros. Uma das realidades mais favoráveis ao crescimento de minha vida foi quando li sobre a vida de Davi e descobri todos os apertos pelos quais ele passou. Entretanto, ele é descrito na Bíblia como um homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13.14).

Cuidado para não desconsiderar as falhas de caráter dos heróis da Bíblia e cometer o erro de idealizá-los. Assim, você perderia um dos principais motivos de eles estarem ali: mostrar que Deus *não* cultiva pessoas perfeitas, mas imperfeitas. A idéia é ganharmos esperança com o que lemos sobre eles: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança” (Rm 15.4).

3. GUERRA ESPIRITUAL. A Bíblia é uma ferramenta importante para nos ajudar nessa área.

Jesus pensou nas Escrituras quando foi tentado pelo Diabo (Mt 4.1-11). Além disso, a Palavra é a única arma ofensiva do arsenal de Deus, para podermos “ficar firmes contra as ciladas do Diabo” (Ef 6.11-17). Satanás tem mais

poder quando há falta de verdade e de luz. A Bíblia traz a verdade e a luz a nós para que ele não ganhe muita vantagem sobre nós. Já passei por situações nas quais percebi que havia forças malignas em ação; quando citei as Escrituras, o ataque diminuiu ou cessou.

A Bíblia e o Deus da Bíblia

Algumas pessoas cometem o erro de se esquecer daquele para quem a Bíblia as direciona. Ficam ansiosas em aprender os fundamentos e as complexidades da Bíblia e se esquecem de que ela nos encaminha para Deus. Esse problema é tecnicamente chamado de "bibliolatria", que significa transformar a Bíblia num ídolo. Isso acontece em alguns círculos que salientam a doutrina ou o estudo da Bíblia a ponto de se descuidarem do relacionamento pessoal com Jesus, que disse que as Escrituras de fato são um testemunho a seu respeito (Jo 5.39).

Certa vez, um pastor disse que isso é como o homem que vai ao restaurante, lê o cardápio e depois de elogiá-lo, coloca sal e pimenta e o come. A bibliolatria também ressalta determinadas questões de caráter, como valorizar mais a busca intelectual do que os relacionamentos e precisar de conclusões e respostas absolutas para enigmas teológicos, em vez de se relacionar com o Deus do mistério. O que importa notar nesse caso é que, embora precisemos estudar diligentemente a Bíblia, ela não foi feita para satisfazer nossa curiosidade intelectual, mas para nos dar o caminho a Deus, à vida e ao crescimento. Mantenha esse objetivo e peça diariamente para Deus lhe dar vida por meio de suas páginas.

A Bíblia e a psicologia

A relação da Bíblia com a psicologia é motivo de muita controvérsia nos círculos cristãos acadêmicos, discipulares e

de aconselhamento. As pessoas questionam se cada uma trata de diferentes áreas da vida (espiritual e emocional), se são disciplinas paralelas, se as duas são necessárias para ajudar as pessoas a crescer, ou se apenas uma é essencial.

Muitos livros, artigos e sermões já foram dedicados a essas questões. Não cabe a este livro tratar exaustivamente do assunto, mas, de alguma forma, responder a essas questões. Tomemos a seguinte posição: *a Bíblia ensina tudo o que as pessoas precisam para crescer.* Todos os princípios e verdades necessárias ao crescimento espiritual e ao relacionamento com Deus e com as pessoas, ao amadurecimento e à resolução de conflitos pessoais e problemas encontram-se nela. Deus não deu maturidade apenas a partir do século XX. Ele guia, cura e instrui seu rebanho desde que nos criou. É por isso que enxergamos o crescimento pessoal como espiritual, seja no campo religioso, sentimental, relacional ou comportamental. Não vemos a psicologia e a Bíblia como duas disciplinas iguais que deveriam ser mescladas. A psicologia se rende às Escrituras.

Ao mesmo tempo, embora todos os processos de crescimento estejam na Bíblia e ela seja um guia completo para o crescimento espiritual, a psicologia pode e deve ajudar. Sólidas pesquisas e teorias podem servir para ilustrar e reforçar as realidades das Escrituras. Os profissionais das ciências comportamentais observam as pessoas e chegam a conclusões sobre suas motivações, o surgimento de problemas e as soluções para eles. Essas conclusões não se baseiam na Bíblia, mas em observações sobre a forma como as pessoas se comportam quando seguem as regras ensinadas na Bíblia.

Por exemplo, a Bíblia ensina que precisamos uns dos outros, que a vida não é tão boa quanto deveria ser quando nos isolamos:

> "Então o SENHOR Deus declarou: 'Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o

auxilie e lhe corresponda‟ (Gn 2.18).

Os psicólogos chegaram à mesma conclusão: as pessoas que não são saudáveis e não têm bons relacionamentos correm mais risco de desenvolver problemas emocionais e físicos.

Diversas pesquisas e teorias da psicologia são muito úteis para tratar os problemas das pessoas, mas servem apenas para ressaltar e reforçar os princípios do crescimento e da cura que sempre estiveram na Bíblia. Foi esse fato que iniciou o nosso próprio estudo e é a base de nosso aconselhamento, escrita e ensinamento cristãos.

IGNORÂNCIA BÍBLICA

Entretanto, há um assunto nos preocupa. Muitos cristãos que se engajaram no crescimento espiritual e emocional não são bem fundamentados na Bíblia. Embora creiam que a Bíblia é verdadeira e poderosa, não conhecem realmente as doutrinas, as passagens fundamentais, os temas dos livros e as formas de manuseá-la. Essa ignorância bíblica e um problema, porque a Bíblia é essencial para o processo de crescimento de Deus.

É um problema por dois motivos. Primeiro, porque algumas pessoas de formação conservadora aprenderam muito sobre o conteúdo da Bíblia, mas não de maneira prática. Elas experimentam o legalismo, a crítica e muita culpa com o estudo da Bíblia. Portanto, sofrem com ensinamentos equivocados do Livro que foi feito para curá-las. Mais tarde, recebem ajuda de círculos terapêuticos ou de crescimento não fundamentados na Bíblia e encontram a cura. Então, enfrentam um dilema: insistir na Bíblia e não melhorar ou largar a Bíblia e crescer. Conseqüentemente, algumas negam sua formação bíblica e não são capazes alcançar a Deus ou o crescimento por meio da Palavra. Tratamos desse triste dilema em nosso livro *12 “Christian”*

beliefs that drive people crazy [As 12 crenças "cristãs" que enlouquecem as pessoas].

Em segundo lugar é um problema porque algumas pessoas não têm uma sólida formação bíblica e, quando encontram um ambiente de crescimento e apoio, simplesmente não descobrem que os ensinamentos bíblicos se relacionam com a vida real. Elas freqüentam uma igreja na qual a Bíblia é pregada no púlpito, mas encontram pouco conteúdo bíblico nos grupos de apoio e no aconselhamento pastoral. Aprendem os princípios da Bíblia no culto de domingo, mas estes não são incluídos no seu processo de crescimento espiritual. Elas não são feridas, como no caso do primeiro grupo. Mas são ignorantes.

De qualquer forma, encorajamos todas as pessoas interessadas no crescimento pessoal ou em ajudar os outros a crescer a investirem tudo na Bíblia e em suas doutrinas. Muitas pessoas que se deram ao trabalho de estudar as Escrituras descobriram que esse simples esforço pode ajudá-las a realizar mudanças autênticas e profundas em suas vidas para sempre. Permanentemente, suas vidas são plenamente preparadas para toda boa obra (2Tm 3.17).

OPORTUNIDADES

Você pode conhecer a Bíblia de diversas maneiras. Cada meio citado a seguir tem seu próprio benefício. Essas sugestões tratam apenas dos pontos principais e é recomendável que você busque se aprofundar com outras fontes de informação.

- **Áudio.** Ouça as mensagens da Bíblia na igreja, numa fita, na Internet ou ouça o conteúdo da Bíblia em algum tipo de mídia. Faça uma pesquisa para ver se o orador é teologicamente confiável e respeitado. Peça a pessoas equilibradas que recomendem oradores cujo trabalho conheçam e no qual confiem.

- **Leitura.** Ler é o meio mais direto e simples de ter contato com a Bíblia. Faça um planejamento diário de leitura da Bíblia para o resto de sua vida. Encontre uma Bíblia para se estudar em um ano (criada com um programa de leitura dividido em doze meses) com uma tradução recomendada pelas pessoas que você confia. Tenho um amigo, empresário, que leu a Bíblia no ano passado pela primeira vez; ela transformou sua vida. Ele começou, por exemplo, a ver seu casamento como uma realidade espiritual e começou a abrir seu coração para a esposa, quando percebeu que essa era uma maneira não apenas de se aproximar mais dela, mas também de Deus.

- **Tempo de silêncio.** Também chamado de tempo devocional, é um momento que você reserva no dia para regularmente se afastar das coisas do mundo. Leia a Bíblia ou pense sobre a importância dela na sua vida. Ore sobre o que você está lendo e também pelo seu crescimento e pelo crescimento das pessoas que você ama. Em geral, as pessoas fazem um diário de seu tempo devocional. Escrevem suas observações, reações, emoções, experiências, problemas e dúvidas. Você pode encontrar muitos programas devocionais bem elaborados nas livrarias cristãs.

- **Estudo.** O estudo da Bíblia, no qual determinados assuntos são examinados e discutidos, nos ajuda a conhecer a Bíblia mais profundamente. Dois tipos básicos de estudo são o de livros e o de tópicos. O primeiro implica em entender os temas de um livro da Bíblia em particular, seu contexto, as necessidades abordadas por ele e sua aplicação na vida. O segundo aborda as várias passagens relacionadas a um assunto, como relacionamento, santidade, criação dos filhos, a pessoa de Cristo ou acontecimentos futuros. Alguns estudos já são organizados e apresentados com lições preparadas. Algumas pessoas gostam de estudar sem nenhuma orientação. Há também aquelas gostam de

estudar sozinhas e as que gostam de participar de um grupo. Seja qual for sua escolha, seria bom ligar-se regularmente às pessoas e à Bíblia de maneira profunda e pessoal.

- **Meditação.** Nessa disciplina espiritual, você personaliza intimamente uma pequena parte das Escrituras, que pode ser desde um versículo a um parágrafo ou frase. Leia a passagem várias vezes, talvez em diferentes traduções. Ore sobre ela, examine todas as coisas que ensina e peça a Deus para ele mesmo lhe ensinar pelas palavras.

- **Memorização**. A memorização das passagens da Bíblia traz grandes benefícios na medida em que você armazena as Escrituras em sua mente para que Deus faça você se lembrar das relevantes no momento certo de necessidade: "Guardei no coração a tua palavra para não pecar contra ti" (Sl 119.11). Para derrotar o Diabo, Jesus citou as passagens que tinha memorizado (Mt 4.1-11).

- **Estudo formal.** Muitos seminários, faculdades de teologia e igrejas oferecem cursos de estudo bíblico com crédito acadêmico. Você pode fazê-los no próprio *campus* de uma faculdade ou pela Internet.

Experimente métodos e opções diferentes. Veja o que melhor combina com seu estilo e tire o maior proveito. E escreva se você acha que seu coração, sua vida e seus relacionamentos estão sendo ligados a Deus e ao seu amor por você.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

Explore a maneira como você tem lidado com a Bíblia. Você a vê como algo ligado à religião, mas não à sua vida? Você já sentiu como se ela fosse um livro de proibições para

controlá-lo? Comece a ver a Bíblia como uma fonte de vida e de luz para a sua alma.

Faça um estudo da abrangência e da natureza da Bíblia, sua singularidade e poder na vida das pessoas no decorrer de vários milênios, a fim de compreender que ela é um recurso para a sua vida cotidiana.

Peça a Deus para revelar, não apenas informações, mas a si mesmo pelas Escrituras. Peça para ele lhe mostrar seus desígnios para ajudá-lo no seu crescimento e na sua caminhada. Compreenda que o ensinamento de que "tudo o que você precisa é a Bíblia" é, ele próprio, um conceito não-bíblico. Aprenda que a Bíblia ensina que, além de lê-la, precisamos praticar o que diz em nossa vida e relacionamentos.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Ajude as pessoas a verem que suas vidas e conflitos não são apenas retratados na Bíblia, mas também analisados por ela. Mostre que uma boa teologia e doutrina são muito relevantes para os conflitos e questões do crescimento.
- Mostre contextos em que elas possam incluir a Bíblia em sua vida e seguir a disciplina de aprender as Escrituras, com base na graça, e não no desempenho.
- Ajude-as a entender que a Bíblia contém os princípios do crescimento de que precisamos para a maturidade espiritual e pessoal e que a psicologia serve apenas para esclarecer o que as Escrituras ensinam.
- Ajude aqueles que foram feridos por ensinamentos distorcidos a respeito da Bíblia a descobrirem que a vida está em suas páginas e que não precisam ter medo dela. Ajude aqueles que têm pouca experiência com a Bíblia a perceber como a compreensão sistemática das grandes verdades oferecem mais cura

a eles.

DE VOLTA AO RESTAURANTE

Lembra-se da Cindy, minha colega do restaurante? Voltemos àquela conversa para eu mostrar o que teria dito hoje, sabendo o que sei sobre os ensinamentos da Bíblia a respeito da vida.

— Você é uma pessoa de Deus, não é?

— Sou.

— Posso fazer uma pergunta sobre Deus?

— Claro!

— Quando o meu namorado usa muita cocaína, ele me bate. O que devo fazer?

— Cindy, lamento que o relacionamento com o seu namorado seja tão difícil e doloroso. Deus se importa com a sua situação e tem uma solução para isso. Primeiro, você precisa buscar tanto a Deus como a pessoas atenciosas, porque precisa de apoio emocional e espiritual. Veja o que 2Coríntios 1.3 e 4 diz:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações.

— Em segundo lugar, você precisa ganhar força para impor limites para o seu namorado, porque o que ele está fazendo não é certo e provavelmente ele não mudará até que você seja forte o bastante para enfrentá-lo. Provérbios 19.19 diz: "O homem de gênio difícil precisa do castigo; se você o poupar, terá que poupá-lo de novo".

Depois, eu a convidaria para se reunir com amigos espirituais e solícitos que pudessem explicar o que eu tinha acabado de falar para ela.

CONCLUSÃO

A Bíblia mostra a vida de Deus de muitas maneiras. Investigue profundamente suas verdades e histórias inspiradoras. Você verá nos próximos capítulos que muitos elementos essenciais ao crescimento são ensinados na Bíblia.

11. SEM ESFORÇO, NADA SE GANHA: O PAPEL DO SOFRIMENTO E DO PESAR

... a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança (Rm 5.3,4).

O pesar é a dor que cura todas as outras.
É a dor mais importante que existe.

Odeio fazer ginástica, mas faço. Odeio levantar peso e pedalar na bicicleta ergométrica, mas faço isso. Faço porque, assim, serei mais saudável, viverei mais e me sentirei melhor. Além disso, eu (Henry) tenho uma filha de onze meses de idade que gostaria de ter um pai que viva o bastante para conhecer seus filhos. Meu amor por ela me estimula a fazer ginástica para ser saudável.

Por que falar de ginástica num capítulo sobre o sofrimento e o pesar? Bem, antes de tudo, isso mostra que sou naturalmente preguiçoso. Mas, agora falando sério, porque o exercício e o sofrimento físicos são comparáveis ao crescimento e sofrimento pessoais. *A dor pode promover a saúde.* Quando sofremos para exercitar nossos corpos, ganhamos força e outros benefícios. Mas, além disso, acontece uma outra coisa.

Os fisiologistas dizem que existe um motivo para sentirmos dor depois de levantarmos peso; de fato, enquanto escrevo isso, estou realmente dolorido, pois acabei de fazer levantamento de peso depois de vários meses de inatividade. Estou dolorido porque fiz meus músculos trabalharem além de sua capacidade; e forcei seus limites. Depois do exercício, eles se regeneram, se renovam e crescem. Eu destruo para reconstruir. E, nesse processo da dor, o crescimento acontece. Não é nada agradável, mas é bom.

O mesmo Deus que projetou e criou nossos músculos projetou e criou nossas almas. Ele também criou o processo de cultivá-las e regenerá-las de seu estado caído e danificado. Da mesma forma que forçamos os músculos para que fiquem mais fortes, Deus força nossas almas a crescer para que se tornem melhores e mais fortes. Às vezes, de fato, ele nos "fere" e nos cura (Is 30.26). E, na verdade, "os golpes e os ferimentos eliminam o mal; os açoites limpam as profundezas do ser" (Pv 20.30). Alguns sofrimentos revelam aspectos de nosso caráter que precisam ser destruídos e constroem novos aspectos de que precisamos para viver como fomos criados para viver. Então, o sofrimento pode ser bom. Pode fazer coisas por nós que mais uma temporada de "consolo" não faria.

Mas o sofrimento também pode ser terrível. Alguns sofrimentos não são como aquelas "feridas" que Deus "cura". São sofrimentos que infligem o mal no coração e na alma das pessoas e não têm nada a ver com o desejo de Deus. Embora Deus possa transformar a experiência em um bem, ela em si não faz nenhum bem.

Às vezes, faço uma analogia em minhas palestras:

Se você saísse desta reunião e, no estacionamento, no escuro, um homem mascarado se aproximasse de você com uma faca e lhe ferisse no estômago, levasse todo o seu dinheiro e o deixasse inconsciente, você o chamaria de ladrão. Alguém chamaria a polícia e ela tentaria encontrar o agressor.

Mas se você saísse, fosse de carro até o hospital mais próximo e um homem mascarado se aproximasse de você numa sala totalmente iluminada e, com uma faca na mão, abrisse o seu estômago, levasse todo o seu dinheiro e o deixasse inconsciente, você o chamaria de doutor e agradeceria a sua ajuda. No primeiro caso você foi assaltado e, no segundo, foi operado.

O sofrimento é igual. Existe o sofrimento terapêutico e o destrutivo, que está nas mãos das pessoas más. O segredo é

ser capaz de identificá-los e aplicar o tipo certo de experiência a cada um. Na igreja, costuma-se dizer aos "assaltados" que Deus está tentando ensiná-los uma lição ou que estão passando por aquela experiência por causa de seu próprio pecado ou porque isso faz parte do seu crescimento.

Foi isso o que aconteceu com Jó. Seu sofrimento não foi uma conseqüência de um pecado que ele cometeu; na verdade, ele sofreu porque estava sendo correto na vida. Deus usou Jó como exemplo de integridade (Jó 1.8) e permitiu que ele sofresse para cumprir seus propósitos (v. tb. Jo 9.2,3).

Mas seus amigos não sabiam disso. De fato, as coisas que eles lhe disseram em relação ao seu sofrimento são parecidas com as que ouvimos nas igrejas atualmente. Disseram que Jó tinha pouca fé, que confiava pouco em Deus, que havia pecado em sua vida, que conhecia pouco a Palavra de Deus e assim por diante. Todos os motivos de seu sofrimento se baseavam em alguma coisa "errada" em seu estado espiritual. E Deus ficou indignado com o conselho que os amigos de Jó lhe deram e declarou que eles não estavam certos (Jó 42.7).

Então, a primeira coisa que queremos fazer é distinguir os assaltos dos "sofrimentos do crescimento". Quando a vida assalta alguém, precisamos lhe oferecer cura, apoio, amor e consolo. Precisamos dar força e amparo àqueles que ficaram fracos por causa das coisas que lhes aconteceram (lTs 5.14). Devemos levar "os fardos pesados uns dos outros" (Gl 6.2) e nos ajudar em tempos difíceis (o cap. 14 trata do assunto com mais detalhes). Sofremos e precisamos de ajuda.

Ao lidar com o seu próprio sofrimento ou com o dos outros, portanto, primeiro investigue a ferida e o sofrimento que precisa de cura e auxílio. Consiga essa ajuda ou a ofereça àquele que você está ajudando. Certifique-se de não seguir o conselho errado, um conselho que não tenha nada a ver com a dor. É um remédio "que de nada vale" e seria melhor se seus amigos somente ficassem calados (Jó 13.4,5).

Além disso, trate de si mesmo antes de dar conselho aos que estão sofrendo. Cuidado para não acusar um erro, quando não existe nenhum. Deus não iria gostar disso e, muito menos, o paciente. Na verdade, isso poderia até afastá-lo de Deus. Como disse Jó: "Um homem desesperado deve receber a compaixão de seus amigos, muito embora ele tenha abandonado o temor do Todo-poderoso" (Jó 6.14).

A BOA DOR

Como acabamos de dizer, algumas dores "de nada valem" e não deveriam ser tratadas como se tivessem um propósito de valor. Nosso caráter não cresce da mesma forma, embora possamos desenvolver o fruto da fé, a perseverança e a enorme capacidade de compreender os outros.

Mas há outro sofrimento que tem valor e produz o crescimento. A este chamo de "boa dor". Dan é um exemplo de como a boa dor pode promover o crescimento.

Dan tinha uma vida bem-sucedida. Construiu um grande negócio, fez muitos "amigos" e tinha uma linda família. Era respeitado em sua comunidade e líder em sua igreja. Para muitos, Dan tinha tudo.

Então, duas coisas inesperadas o feriram profundamente. Primeiro, os negócios começaram a dar problema. Ele investiu alto em seu negócio aproveitando uma oportunidade de crescimento pouco antes de uma grande queda no mercado. De uma hora para outra, encontrou-se à beira da falência. Ele começou a se comportar de modo estranho. Perdeu a paciência com as pessoas com quem trabalhava. Preocupados com sua liderança, como amigo e como pessoa, seus colegas foram à direção para relatar que ele não estava bem. A princípio, o conselho administrativo hesitou em relação ao que fazer. Alguns membros eram do tipo "capacho" com Dan e relutavam muito em intervir para dizer-lhe que ele estava errado.

Mas então outra coisa aconteceu. A esposa de Dan, Abi, o deixou. No meio da crise no trabalho, o comportamento instável de Dan acabou afetando a sua casa. Ele vivia perdendo a paciência e acabou ficando cada vez mais fechado com a esposa. Há muito tempo, Abi estava insatisfeita com o casamento. Dan sempre trabalhou demais, era perfeccionista e uma pessoa de difícil acesso, mas ela achava que essas coisas não eram tão importantes para deixá-lo.

Entretanto, agora a situação tinha piorado muito. Quanto maior era a pressão no trabalho, mais ele explodia em casa com ela e com os filhos. Além de seu distanciamento natural, agora havia uma verdadeira muralha entre eles. Ela achou que não dava mais para salvar o casamento e, por isso, decidiu deixá-lo. Arrumou suas coisas, pegou as crianças e embarcou num avião para a casa dos pais, que ficava numa cidade a oito mil quilômetros de distância. Deixou um bilhete que dizia: "Estou bem, mas não dá mais para agüentar. Ligo mais tarde. Não ligue no meu telefone".

Por causa desses acontecimentos em casa, Dan ficou uma "arara" no trabalho. Então, finalmente, a junta interveio. Os membros lhe disseram que ele seria afastado de suas obrigações imediatamente, por causa do desempenho da empresa e também por causa das reclamações dos funcionários. Dan subiu pelas paredes. Gritou que isso era uma traição. Brigou e tentou convencer os membros a deixarem-no cumprir suas responsabilidades. Eles o acalmaram. Disseram que ele podia retornar, mas somente depois que voltasse a ser uma pessoa controlada.

A raiva de Dan transformou-Se em desespero. Ele não sabia o que fazer com uma situação que não podia controlar e da qual não podia se livrar. Seu charme e habilidade não estavam funcionando nem com o conselho administrativo, nem com a esposa. Ele argumentou e implorou. Mas ninguém lhe deu ouvidos. Dan tornou-se cada vez mais deprimido e finalmente parou de sair de casa.

Foi então que um dos consultores de Dan sugeriu que ele me ligasse. Quando o atendi, reconheci seu nome. Tinha ouvido falar sobre sua vida e carreira. Ele era uma pessoa impressionante. No primeiro telefonema, não perguntei o que estava acontecendo; apenas concordei em atendê-lo com a esposa quando ele me pediu.

Quando nos encontramos, vi que aquela reunião não tinha sido idéia da esposa. O consultor de Dan tinha pedido para Abi acompanhá-lo, mas ela não tinha muita esperança quanto ao relacionamento. Disse que tinha passado anos tentando aproximar-se dele, mas sem sucesso. "Por que seria diferente agora?", ela perguntou. Enquanto contava seu lado da história, ela mesma ficou surpresa com a tristeza, mágoa e desespero que sentia. Como sempre tentou ser a "boa esposa cristã", nunca se permitiu reparar no péssimo estado em que as coisas se encontravam.

Quando Dan contou seu lado da história, estava cheio de promessas para Abi de ser diferente e querer voltar. E um comportamento padrão para um marido negligente que agora estava chocado com a realidade de um possível divórcio.

Eu estava diante de um poço de depressão no qual aquele "pilar" de liderança tinha se transformado em questão de meses. Há pouco tempo, as pessoas buscavam sua amizade, seu conselho e sua empresa. Agora ele estava destruído. Fugia de todos os que se preocupavam com ele.

Quando perguntei sobre sua criação, comecei a entender os porquês. Seu pai tinha morrido quando ele ainda era pequeno e sua mãe era uma mulher brava e difícil. Desde pequeno, ele aprendeu a se virar sozinho e a usar seus talentos, inteligência e charme para sobreviver. O fato de ter sido um astro nos esportes, no colégio e na faculdade, ajudou-o a fazer boas conexões posteriormente. Tudo isso aliado ao trabalho árduo lhe rendeu o sucesso nos negócios. Por ter tido uma formação religiosa que valorizava o *status* mais do que a verdadeira maturidade espiritual, alcançou os cargos de liderança em sua igreja também.

Sua identidade, sua segurança e sua vida inteira foram construídos sobre um monte de areia. As areias do desempenho, da admiração e do *status.* Para a Bíblia, essas coisas são como madeira, feno e palha. Quando as dificuldades surgiram, os alicerces não conseguiram suportar os ventos e a chuva da tribulação, e a casa caiu (v. Mt 7.24-27). Era isso que tinha acontecido com Dan.

Então, apesar de sua natureza difícil, de sua conversa fiada motivada pelo pânico e de sua posição defensiva, senti empatia por ele. Sabia que ele havia se tornado o que era por tentar salvar as coisas da única maneira que conhecia. Mas sabia de outra coisa que, na verdade, era uma boa notícia.

Ao refletir sobre a pergunta retórica de Abi — "por que agora seria diferente?" — encontrei uma resposta. Embora Abi e Dan já tivessem enfrentado tempos difíceis no passado, que eu chamaria de "dor ruim", ou seja, a dor não produziu nenhuma mudança, dessa vez seria diferente, pois o que eles estavam passando agora era o que eu chamaria de "boa dor". Dessa vez, Dan se encontrava numa posição na qual seus antigos métodos de enfrentamento não funcionavam. Tinham acabado.

Dan costumava compensar o vazio interior empreendendo, ganhando e conquistando as pessoas para que o admirassem. As vitórias que ele conquistava o mantinham emocionalmente equilibrado, mas sempre arranjava outra batalha para lutar. Dessa vez, não haveria outra batalha e ele foi pego numa armadilha; a dor e a falta de vida interior sobrepujaram-no. Ele perdeu todos os recursos que o sustentavam até aquele momento. E Abi, que sempre estava a seu lado para consolá-lo e lhe dar segurança, apesar dele ser frio e fechado, não exercia mais seu papel apaziguador. Então, só lhe restou a dor.

Abi não precisava temer que seus antigos métodos de enfrentamento voltassem a assombrá-la. O antigo Dan estava morrendo. O próprio Deus o estava matando. Mas sempre que Deus crucifica a um de seus filhos, ele o ressuscita à

glória. Era isso que eu achava que aconteceria com Dan, com ela e com o relacionamento deles, se eles mantivessem o curso e deixassem a dor realizar seu trabalho.

A princípio, Dan queria que eu fizesse tudo isso passar. Tive de "convertê-lo" à idéia de que a única "saída" era "passar por isso". Ele teria de encarar algumas realidades dolorosas e, se o fizesse, nunca mais teria de fazê-lo de novo. No fim, ele não se apoiaria mais em areia, mas em rocha dura.

Então, começamos a trabalhar. Dan tinha de encarar a dor de seu isolamento. Tinha de encarar o medo de abandonar seu comportamento controlador. Tinha de encarar a dor das perdas e mágoas que escondia há anos. Tinha de lidar com um forte sentimento de inferioridade que sempre tentava compensar com o desempenho.

Levou algum tempo, mas, no fim, Dan chegou a um estado muito mais "completo" do que chegaria se não tivesse sofrido. Ele e Abi aprenderam a se relacionar num nível mais profundo. Pela primeira vez, ele encontrou mais satisfação em dar um passeio com ela do que em fechar aquele novo negócio. Também aprendeu a ser mais equilibrado no trabalho e a tratar melhor as pessoas. A maneira de lidar com o estresse mudou completamente. Por isso, ele pôde voltar ao trabalho e fazer tudo de uma forma completamente diferente dessa vez. Ele manteve seus talentos, mas perdeu seu antigo estilo impetuoso.

Lembrei-me das palavras de Tiago:

> Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem lhes faltar coisa alguma (Tg 1.2-5).

Dan não considerava a provação "motivo de grande alegria" quando se deparou com ela e sua vida se transformou numa série de provações. Ele achava que ia morrer. E estava certo, só que não no sentido literal. O que estava para morrer eram seus antigos defeitos de caráter. Deus havia planejado essa morte. Com ela, Dan ressuscitou para uma nova vida, que era realmente a "vida de Deus" (Ef 4.18). Em diversos sentidos, com a morte que experimentou, pela primeira vez, ele estava vivo.

Como Tiago disse, quando Dan perseverou diante da provação da destruição de seu antigo modo de ser, resolveu os problemas e se tornou "completo". Ele chegou num ponto no qual não "lhe faltava coisa alguma". Agora, ele tinha amor em seu coração e a capacidade de se apegar às pessoas, ser verdadeiro e encontrar a cura. A prova de fogo teve ação completa. Apesar de seus próprios defeitos terem causado sua queda, Deus criou as circunstâncias que o forçariam a encará-las.

Esse sofrimento é como aquele causado pelo médico, e não pelo ladrão. Dan não era um homem saudável. Foi esfaqueado e deixado para morrer, não fosse um Bom Samaritano. Dan era um homem doente e incompleto que precisava passar por uma grande operação. E foi isso o que Deus fez em sua vida. As circunstâncias foram as "feridas" do bisturi do médico; a grande obra na alma era a própria operação reconstrutiva. No fim, Dan se tornou uma pessoa muito melhor do que era antes.

APRIMORANDO A ALMA E FORÇANDO OS LIMITES

Todas as pessoas têm mecanismos de enfrentamento para encobrir a dor, lidar com o medo e com a incapacidade de se relacionar e não fraquejar. As provações e o sofrimento forçam esses mecanismos, além de sua capacidade e, então, descobrimos no que precisamos crescer. Assim, o crescimento espiritual começa a acontecer num nível mais

profundo e encontramos a cura. A justiça e o caráter vencem a resistência.

Esse tipo de sofrimento é bom. Rompe e aumenta o "músculo fraco" da alma, que é substituído por um músculo mais forte. Como disse Paulo:"... também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança" (Rm 5.3,4). O que se ganha com esse sofrimento é caráter, um prêmio realmente muito valioso.

Quando nos exercitamos, temos de forçar os limites. O corredor acha que não conseguirá dar outro passo, mas continua correndo para alcançar um nível mais alto. O halterofilista não acha que conseguirá levantar mais uma vez o peso, mas continua forçando para passar para o próximo nível.

O mesmo acontece no crescimento do caráter: nós forçamos o limite para crescer. Ultrapassamos os limites do medo, da fragilidade e da dor. Abraçamos o sofrimento para alcançar um nível mais alto. Temos de convencer as pessoas e nós mesmos a forçarmos alguns limites bastante dolorosos e apavorantes, como:

- buscar ajuda com o coração desprotegido;
- abrir o coração para que os outros o conheçam;
- confessar o pecado e o erro para si próprio e para os outros;
- encarar a mágoa e a dor e permitir que os outros as vejam e compartilhem delas;
- assumir riscos em novas áreas de atuação;
- assumir o risco de ser mais sincero;
- assumir riscos na confrontação relacional;
- lidar com um trauma e uma dor do passado;

- ser mais determinado;
- ser mais atuante na vida para suprir suas próprias necessidades;
- assumir a responsabilidade por suas próprias fraquezas e superá-las;
- aprender a sentir pesar;
- aprender a perdoar;
- aprender a pedir perdão e a reparar seus erros;
- aprender a reconciliar relacionamentos difíceis.

A lista não termina por aí. As áreas são tantas quanto os versículos do Novo Testamento! Deus exige muito de nós. Na verdade, ele exige tudo. A maturidade e a perfeição são os nossos objetivos. Ele diz que não os cumpriremos completamente, mas que sempre devemos nos esforçar para alcançá-los (Fp 3.12; Ef 5.13-16). Essa é a boa dor, a dor que tem um destino. Como já dissemos anteriormente, a disciplina pode não parecer motivo de alegria no momento, mas de dor. Entretanto, no fim, produz fruto de justiça e paz (Hb 12.11). O que servia para Jesus, serve para nós:

> Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão. Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu; e, uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem (Hb 5.7-9).

O sofrimento é o caminho que Jesus nos deu como exemplo e nos ensinou a trilhar da maneira correta. Ele suportou tudo sem pecar e sendo obediente. Essa é a diferença entre aqueles que sofrem por uma boa causa e aqueles que sofrem por nada que valha a pena.

Todo dia, um milhão de pessoas passam pelo tipo de sofrimento que Dan passou, sem que haja nenhum bom motivo. Não fazem isso conforme a vontade de Deus nem conforme Jesus ensinou, sendo obediente até a morte.

Como Dan descobriu, alguns aspectos de nosso caráter precisam morrer para encontrarmos a cura de que precisamos. Jesus nos ensinou a persistir, inclusive até a morte. Ele nos ensinou a encarar o sofrimento com os olhos voltados para o Pai, pois sabia que Deus poderia libertá-lo se ele desejasse, mas tinha um propósito maior ao fazê-lo passar por aquele processo. É assim que também devemos agir diante do sofrimento.

Então, ao tentar resolver os problemas de sua vida ou ajudar os outros a resolver, ensine e valorize esse tipo de sofrimento. Faça as pessoas enfrentarem as provações com uma pergunta em mente: "O que posso aprender com isso?". Como instrui Tiago 1.5, peça sabedoria a Deus para descobrir que medidas precisam ser tomadas para que a maturidade e o crescimento aconteçam. Se elas forem tomadas e se completarem, não será necessário enfrentá-las de novo.

DOR RUIM

A dor ruim vem da repetição de velhos padrões de comportamento e da fuga do sofrimento que seria necessário para mudá-los, porque, em geral, as pessoas sofrem por causa de suas próprias falhas de caráter. Então, aparecem indivíduos que lhes dão conforto ou encorajamento espiritual dizendo que Deus está com elas nesse momento de provação. Com freqüência, eles entendem a experiência como a provação de uma pessoa inocente. "Não perca a fé", eles dizem, "e Deus a recompensará por sua perseverança".

O problema é que esses indivíduos não dizem ao sofredor que o sofrimento é fruto de seu próprio caráter e que isso de nada vale a menos que ele o encare como um toque

de despertar. Trata-se do falso martírio, que acontece quando, por exemplo, o grupo de ajuda aos divorciados vai a socorro da "vítima" daquele "ex-maldoso", em vez de fazer a pessoa enxergar os padrões de comportamento que ela precisa enfrentar para não repeti-los em um novo casamento.

É o que acontece com o falso apoio que as pessoas recebem quando perdem o emprego por causa de problemas no desempenho e seus amigos e família enxergam-na como uma "vítima" de um mau patrão ou de uma má empresa. Seria muito melhor se os amigos dissessem: "Você já parou para pensar se existe alguma verdade no que eles disseram? Já parou para pensar se existe algum padrão de comportamento negativo em sua vida profissional e no seu trabalho? *Você* já pensou no fato de que é o denominador comum de todos esses 'maus patrões'?".

A dor ruim é basicamente *inútil.* É a dor que você passa para evitar o crescimento da boa dor que se alcança quando se força os limites. É a dor inútil que encontramos quando tentamos evitar o pesar e o verdadeiro sofrimento que precisa ser enfrentado. E a dor inútil de tentar forçar uma pessoa a nos amar ou apoiar, em vez de encarar a perda desse amor e seguir em frente.

Mas em muitos sistemas de apoio, as pessoas são consoladas de uma forma que não as faz encarar os passos do crescimento necessários para não cometerem os mesmos erros. Elas são tidas como vítimas e, assim, estão fadadas a um novo fracasso. Vejamos alguns exemplos da "dor ruim":

- A dor causada pela tentativa de se evitar a dor, por exemplo, a depressão psicológica em conseqüência da negação do pesar e a ansiedade causada pelo fato de não se enfrentar os próprios problemas da alma.
- A dor causada por não se enfrentar um padrão de comportamento que precisa mudar. As pessoas dependentes, por exemplo, que não têm limites e deixam os outros as usarem, sofrem uma dor inútil e desnecessária.

- A dor causada por se escolher o tipo errado de pessoa para ter um relacionamento, uma amizade ou uma relação afetiva. Essa dor, em geral, acontece quando a pessoa não encara os próprios padrões de negação em sua vida e não tem critério ao se envolver com os outros.
- A dor causada pela repetição de padrões malsucedidos de trabalho e de desempenho. Isso acontece quando a pessoa não reconhece alguma fraqueza, irresponsabilidade ou falta de habilidade e talento.
- A dor causada por vícios e outros distúrbios clínicos.
- A dor causada por se evitar o crescimento em geral. A vida requer obrigações e, se permanecermos imaturos, não viveremos bem.
- A dor causada por não se afastar dos padrões destrutivos da família de origem, os "pecados dos pais". Assim, os padrões são repetidos pelas gerações seguintes.
- A dor causada por se desejar coisas do passado que nunca se concretizarão.
- A dor causada pelo isolamento e por não aprender a ser independente.

A lista é longa. Mas a questão é que há muita dor que acontece por não enfrentarmos nossos próprios defeitos que sempre nos dão problema. Com diz a Bíblia: "Como o cão volta ao seu vômito, assim o insensato repete a sua insensatez" (Pv 26.11). Ou como disse Jesus:

> Quando um espírito imundo sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso, e, não o encontrando, diz: 'Voltarei para a casa de onde saí'. Quando chega, encontra a casa varrida e em ordem. Então vai e traz outros sete espíritos

> piores do que ele, e entrando passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro (Lc 11.24-26).

Como Jesus sugere, é preciso que alguma coisa aconteça dentro da casa desse homem. Ele precisa encher a sua casa de crescimento espiritual e, assim, não haverá mais espaço para a escuridão. O fato de não encararmos um crescimento necessário sempre gera sofrimento e, quanto mais fugimos, mais sofremos. Se a pessoa não enfrentar o que for preciso, a dinâmica, os sintomas e os relacionamentos piorarão cada vez mais.

COMO EVITAR A DOR RUIM E ABRAÇAR A BOA

Aqueles que estão em busca do crescimento e os que ministram para eles têm três chamados a atender. Primeiro, *não considerar uma "dor do crescimento" a dor e o sofrimento causados por padrões de comportamento. A* menos que seja usada como um toque de despertar, essa dor é inútil. Se você a encarar como um sofrimento válido que Deus quer que alguém passe, como uma provação de Deus para a fé de alguém ou considerar que uma pessoa é "vítima" dos erros dos outros, a dor será inútil e continuará ou retornará. Não é um sofrimento legítimo, mas fruto da falta de crescimento.

Há pouco tempo, esbarrei num amigo que me contou sobre alguém que eu não via há anos. Era uma história triste. Na última vez que nos vimos, ele estava praticamente estagnado na carreira depois de cometer alguns erros. O que me chamou a atenção foi um padrão de comportamento. Em quase toda conversa que tínhamos, ele culpava alguém pelo que estava acontecendo com ele naquele momento. Era o seu antigo chefe, seu professor do curso de pós-graduação, sua igreja, seus amigos, pessoas da comunidade, enfim, os outros sempre cometiam uma injustiça com ele. O erro *nunca* era dele. Nunca. Jamais o ouvi dizer que seus problemas tinham algo a ver com seu mau desempenho, sua postergação, sua

falta de iniciativa ou de ação. Fiquei triste por ele não ter aprendido a lição e não me surpreendi ao saber que continuava estagnado depois de dez anos.

Nenhuma das perdas ou dores que ele experimentou nos últimos dez anos foi redentora. Ele não aprendeu nada com elas. Mas teria aprendido, da mesma forma que Dan, se tivesse visto que podia tirar algumas lições com suas dificuldades. Parte da culpa provavelmente pertencia às pessoas ao seu redor, inclusive sua esposa, que nunca mostrou essas lições para ele. A Bíblia nos diz que se não confrontarmos as pessoas para que elas assumam seus problemas, teremos parte da culpa por esses problemas (Ez 3.18-21; Lv 19.17).

O segundo chamado é: *ajudar as pessoas a reconhecerem a dor inútil para que possa ser redimida e transformada em uma "boa dor".* Se as pessoas virem que seus padrões de comportamento estão causando a dor, elas os redimirão e mudarão. Assim que é reconhecido, o padrão pode ser mudado. Mas enquanto eles forem tidos erroneamente como um "sofrimento legítimo da vítima", nada de bom acontece.

Esse tipo de redenção ocorre com freqüência em dinâmicas de co-dependência. Quando os co-dependentes reconhecem que estão sofrendo por causa da falta de limites e das más escolhas, em geral, entram para um grupo no qual os membros podem ajudá-los a confrontar os padrões de co-dependência e controlá-los. Depois, eles passam pelo sofrimento legítimo de realizar mudanças difíceis em si mesmos e nos relacionamentos. Ao fazerem isso, transformam um sofrimento inútil num sofrimento a favor do crescimento e coisas boas acontecem.

Isso nos leva ao terceiro chamado: *ajudar a converter o sofrimento inútil em sofrimento redentor.* Em outras palavras, ajudar as pessoas a resolver seus problemas, ajudá-las a ver que não são apenas vítimas, como o homem da história do Bom Samaritano. Ajudá-las a entender que seu sofrimento é

gerado pela tentativa de fugir do sofrimento legítimo do crescimento e, finalmente, ajudá-las a resolver *esses problemas.* E uma característica tipicamente humana tentar evitar o sofrimento da disciplina e do crescimento. Todo mundo faz isso. Mas quanto mais sábios nos tornamos, mais valorizamos a dor do crescimento e desprezamos os padrões de fuga em nossa vida. Ajude as pessoas a encarar e lidar com o que for preciso.

PEDRO: O SOFREDOR RELUTANTE

Estava falando para um grupo de aproximadamente cem pastores experientes e líderes de igreja para o crescimento num seminário de treinamento. O tópico do dia era como ajudar as pessoas a crescer espiritualmente de forma que influenciasse a vida real. Apresentei um problema hipotético para eles resolverem:

— Se vocês tivessem de armar um grupo de membros para se protegerem do pecado, como fariam? Que tipo de arma vocês acham que funcionaria melhor? Como vocês acham que eles estariam mais bem equipados para não assumir padrões pecaminosos?

Alguns levantaram as mãos e falaram:

— Eu os ensinaria a orar.

— Bom — eu disse — Orar é muito bom.

— Eu os ensinaria a se manter na Palavra.

— Isso também é bom — eu disse — Ser forte na Palavra de Deus é uma parte importante do grande plano. Mais alguém?

— Comunhão.

— Não dar chance à tentação.

— Buscar muito apoio.

— Tudo isso é bom — eu disse — São aspectos muito importantes para o crescimento espiritual e para se fortalecer. Mas existe um aspecto em especial do crescimento espiritual que é citado no "arsenal" contra o pecado. Alguém sabe qual é?

Ninguém levantou a mão.

— Tudo bem! — exclamei — Eu também demorei um bom tempo para descobrir. Mas deixe-me ler para vocês. Está em 1 Pedro 4.1 e 2:

> Portanto, uma vez que Cristo sofreu corporalmente, armem-se também do mesmo pensamento, pois aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado, para que, no tempo que lhe resta, não viva mais para satisfazer os maus desejos humanos, mas sim para fazer a vontade de Deus.

Estava falando da história de Pedro, o sofredor relutante.

O apóstolo Pedro deixou de ser de um homem que evitava o sofrimento para se tornar um homem que o valorizava. No início, ele não gostava nem um pouco da idéia de sofrer. Quando Jesus contou que iria sofrer e morrer, Pedro lhe disse que isso não era necessário (Mt 16.21,22). Jesus prontamente lhe respondeu: "Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens" (v. 23).

Jesus não parou por aí. Ele ensinou uma grande lição sobre o valor do sofrimento: "Se alguém quiser acompanhar-mc, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará" (v. 24,25).

Bem no meio da tentativa de Pedro de fazer Jesus evitar o sofrimento que veio à terra para enfrentar, o sofrimento que seria o exemplo para nós do caminho da ressurreição, Jesus

nos exorta a não evitar o sofrimento, mas a abraçá-lo. Ele diz que precisamos abandonar a mania de tentar nos salvar, carregar a nossa cruz e morrer. Pense no que isso significa em termos de crescimento.

Dan passou anos tentando "salvar-se sozinho". Ele achava que podia continuar a agir do seu jeito e conseguir o crescimento que precisava na alma. Achava que podia evitar a dor de enfrentar mágoas, perdas e padrões de comportamento. Achava que venceria e encontraria a cura e a salvação de sua vida se dependesse de sua perspicácia e habilidade. A tentativa de salvar-se sozinho foi exatamente o que fez com que ele perdesse tudo. Sua tentativa de evitar a dor e salvar-se sozinho pelo esforço próprio acabou promovendo o crescimento do câncer que consumiu sua alma, sua carreira e seu casamento. E ele quase perdeu tudo.

Quando decidiu carregar sua cruz e seguir a Jesus, Dan "aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu" (Hb 5.8). Ao enfrentar sua cruz e passar pela experiência de morte das coisas que tinha perdido e das falhas de caráter que precisavam morrer, descobriu uma vida que não conhecia. Ao sofrer, pegar a sua cruz e ser obediente ao sofrimento do crescimento e da mudança de caráter, ele experimentou a salvação de seu pecado.

Foi exatamente isso que Pedro descobriu. O mesmo Pedro que, como Dan, achava que o sofrimento e a morte não deveriam estar incluídos no plano, posteriormente, disse:

> Portanto, uma vez que Cristo sofreu corporalmente, *armem-se também do mesmo pensamento, pois aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado,* para que, no tempo que lhe resta, não viva mais para satisfazer os maus desejos humanos, mas sim para fazer a vontade de Deus (1Pe 4.1,2; grifo dos autores).

Pedro passou a enxergar o sofrimento como uma *arma]* Passou a enxergar o sofrimento como uma *proteção* contra o pecado. Passou a enxergar que, se passarmos pelo sofrimento que precisamos para ter êxito, "rompemos com o pecado" (ou, pelo menos, o pecado que tinha a ver com aquele passo específico no crescimento). Quanto a Dan, ele não tinha nenhuma arma contra as pressões do casamento e o estresse. Como nunca havia passado pelo sofrimento necessário para o crescimento, tornou-se vulnerável aos fracassos das falhas em sua alma e caráter. Mas quando aprendeu a abraçar o sofrimento, rompeu com os padrões que estavam destruindo sua vida. Essa é a lição que eu esperava que aquele amigo que eu não via há dez anos aprendesse.

O VERDADEIRO SOFRIMENTO DE CRISTO

"Armem-se também do mesmo pensamento, pois aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado." Dificilmente, enfrentaremos uma execução tão brutal como a de Jesus. Então, como se identificar com o sofrimento de Cristo? Como se armar do seu pensamento e propósito? Como ajudar os outros a fazê-lo? Existem muitas maneiras, mas algumas estão intimamente ligadas ao processo de crescimento.

A *KENOSIS,* OU EXPERIÊNCIA DE ESVAZIAMENTO DA NATUREZA DIVINA

A primeira maneira de se armar com o pensamento de Cristo é "esvaziar-se". Jesus esvaziou-se desistindo de "ser igual a Deus". Paulo descreve esse esvaziamento *[kenõsis,* em grego) da seguinte forma:

> Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas

> esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. *E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz*[1]. (Fp 2.5-8; grifo dos autores)

Esvaziar-se do desejo de ser igual a Deus é uma experiência permanente de humildade e sofrimento. Vimos no capítulo 2 o que acontece quando tentamos bancar o deus. Não podemos "nos apegar" ao desejo de ser a nossa própria fonte de vida, de ter tudo sob controle, de ser o chefe, o juiz, de ditar as regras ou qualquer outro aspecto da natureza divina. Por mais que tentemos, nunca seremos Deus. *Humilharmo-nos constantemente e assumir o papel de servo obediente de Deus é o caminho para todo crescimento.* Quando nos tornamos servos e assumimos uma atitude obediente, crescemos nos diminuindo. Elevamo-nos nos rebaixando. É o começo de tudo. Assumir a condição humilde de obediência ao Senhor, em vez de tentar ser Deus, dá início a todo o processo. Primeiro, obedecemos ao Espírito da graça, aceitando seu amor e perdão. Depois, continuamos nos humilhando para obedecermos aos outros desejos e desígnios que ele guarda para nós.

Foi uma experiência de sofrimento e humildade para Rich e Stephanie (que vimos no cap. 3) abrir mão de "ser igual a Deus" para crescer. Mas isso salvou seu casamento, porque *Deus criou o casamento, e o resto da vida humana, para o ser humano e não para si.* A vida só é bem-sucedida quando agimos como seres humanos, e não quando bancamos o deus.

"... não seja feita a minha vontade, mas a tua"

A segunda maneira de se armar com o pensamento de Cristo é submeter-se à vontade de Deus. Podemos nos identificar com o sofrimento de Jesus se nos identificarmos com o que ele experimentou no jardim do Getsêmani.

Quando Jesus percebeu que a hora da crucificação estava próxima, transpirou "e seu suor era como gotas de sangue" e no auge de sua aflição pediu a Deus que seu sofrimento acabasse. Ele não queria enfrentar o que precisava passar. No entanto, submeter-se ao sofrimento foi a chave. Ele orou a Deus para ser poupado, mas disse: "... não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42).

Em todo crescimento, temos de nos curvar ao caminho de Deus para nós, em vez de seguir nosso próprio caminho. Assim como Jesus, nós também podemos ser poupados daquilo que temos de passar. E em geral somos. Mas, se não formos e se nos submetermos à vontade de Deus, então cresceremos.

O jeito mais simples de escolhermos nosso próprio caminho e não o de Deus é decidir não sofrer. Escolhemos nosso próprio caminho, aceitando a solução de Satanás e cedendo à tentação de remediar a dor, em vez de curá-la. Sexo, substâncias químicas (o pecado da carne), desempenho [o orgulho da vida) e materialismo (o pecado dos olhos) ajudam a evitar o sofrimento. Mas nada disso serve como a arma que precisamos. Eles geram um sofrimento que não é redentor e, depois, não seguram o peso dos problemas que tentam mascarar. Escolher a vontade de Deus, e não a nossa, é abandonar essas opções e tratar diretamente do problema.

Uma maneira mais sutil de seguirmos nosso próprio caminho e não o de Deus é contar com nossas antigas manobras defensivas. Adão e Eva usaram uma folha de figueira para ocultar algo que havia dentro de si (e se esconder do que estava fora) e continuaram a fazer isso. Seguir a vontade de Deus e não a nossa própria é reconhecer nossos mecanismos de defesa e abandoná-los. Quando o fazemos, descobrimos que temos de lidar com nossos problemas. Dessa forma realizamos uma profunda mudança de caráter.

Tony descobriu que isso era verdade. Ele nos procurou para descobrir por que nunca conseguia manter um relacionamento amoroso a ponto de casar-se. Ele teve namoradas maravilhosas, mas por algum motivo sempre perdia o interesse por elas e terminava o relacionamento.

Quanto mais examinávamos os padrões de relacionamento de Tony, mais coisas descobríamos. Sempre que era confrontado por uma namorada, ele discutia e ficava na defensiva. Para evitar a crítica, ele a taxava de "controladora" ou "exigente", ou "crítica". Observei seu comportamento em alguns relacionamentos e o padrão era evidente. Ele considerava "controladoras" e "exigentes" mulheres que não tinham nada a ver com essas descrições.

Quando esse padrão ficou claro, pedi a ele que olhasse atentamente para si. No início, ele resistiu. Disse que eu ainda não tinha percebido como suas namoradas realmente eram, porque senão concordaria com ele. Não consegui fazer Tony ver que estava distorcendo seus relacionamentos com as mulheres. Por isso, mudei de tática.

— Digamos que você está certo, Tony. Ela é muito crítica. E daí? Como isso explica sua atitude de ficar revoltado e terminar o relacionamento? Toda mulher fará alguma coisa que você não gosta.

— E, isso e horrível — ele retorquiu, tentando justificar seu padrão.

— Isso não muda o fato de que você está agindo como criança — eu disse — Por que você não agüenta ouvir uma crítica e lidar com ela? Por que você tem de sair correndo? Quem é o homem no relacionamento? Pensei que você era o lado mais forte.

Primeiro, ele tentou justificar o comportamento defensivo, mas finalmente o fiz perceber uma coisa importante: *só porque uma pessoa faz uma coisa errada, isso não significa que eu também tenha de fazer.* Jesus ensinou essa lição nos relacionamentos que teve. Ele não retribuía

“mal por mal”. Por pior que fosse tratado, ele respondia com graça e verdade.

Então fiz Tony ver que, mesmo que suas namoradas fossem críticas e controladoras, isso não justificava a forma como ele agia com elas. Se quisesse melhorar, teria de se tornar “correto”!

Mas Tony me disse que não queria se tornar saudável no relacionamento. Ele entendeu que eu estava lhe pedindo para se conformar com uma mulher crítica. Assegurei-lhe de que não estava lhe pedindo para se casar com ninguém. Estava apenas pedindo para ele ser como deveria ser e ver se podia tirar algum proveito disso. Expliquei que não importava se ele casasse com ela ou não. Ele ainda teria a obrigação de aprender a se relacionar da forma como Deus queria que ele se relacionasse.

Tony continuou na defensiva. Ele sofreria para dizer: “não seja feita a minha vontade, mas a tua”. Ele tinha de confessar que, não importava como a outra pessoa estivesse agindo, seu padrão de defesa não era o que Deus queria para ele.

Então ele sofreu, em muitas conversas. Tinha de confessar o padrão de separação quando uma situação ficava difícil e de afastamento quando as coisas ficassem desagradáveis. E, quando fez isso, descobriu outras coisas. Por trás de todos os padrões de defesa de seu cará ter estava o medo e a mágoa. Ele foi muito magoado e controlado quando era criança e, depois disso, três coisas aconteceram: nunca enfrentou a mágoa e o medo, teve de aprender uma forma distorcida de lidar com os relacionamentos, mantendo as mulheres à distância para ter uma falsa sensação de poder e nunca aprendeu a maneira certa de se sentir poderoso num relacionamento, que é persistir e ser honesto.

Quando decidiu sofrer e dizer não para os padrões defensivos de seu caráter, cumprindo assim a vontade de Deus e não a sua, Tony encontrou a sua alma. Mas não ficou contente no início. Ele encontrou uma alma que precisava

enfrentar suas mágoas, fraquezas e medos. Também tinha de enfrentar a incapacidade de lidar direta-mente com o conflito e tinha de desenvolver novas habilidades. Com o decorrer do tempo, ocorreram também outras mudanças.

Conforme se tornou mais forte e menos ferido, Tony passou a ver as mulheres de maneira diferente. Elas deixaram de ser tão ameaçadoras. Ele era capaz de aceitar uma crítica e enfrentar um conflito. Ele parou de se afastar como defesa e aprendeu a ser direto e honesto. Aprendeu até a reconhecer quando sua namorada estava certa e pedir desculpas, em vez de simplesmente achar que a crítica fazia parte dos problemas de uma "mulher controladora".

Pouco depois, Tony se apaixonou, dessa vez para valer. Conheceu uma mulher maravilhosa e casou-se.

O que acho realmente interessante é que a mulher com a qual ele casou era muito mais forte do que muitas namoradas que ele teve. Agora, quando ela ficava aborrecida ou se impunha, ele a achava graciosa ou demonstrava empatia pelo que ela estava sentindo e tentava fazer alguma coisa para ajudar. Mas ele nunca a considerava controladora ou exigente. Simplesmente a amava e compreendia todas as suas fortes reações. Além de não assumir a atitude defensiva de fugir, agora ele era forte o bastante para agir como Jesus agia em situações difíceis: "seja feita a vontade de Deus".

NÃO RETRIBUIR MAL POR MAL

A terceira maneira de armar-se com o pensamento de Cristo é não retaliar. Vimos a forma como Tony descobriu a dinâmica de não "retribuir mal por mal". O progresso dele não aconteceu porque eu tentei ajudá-lo a ver que suas namoradas eram boas e não más. Embora essa informação fosse relevante, não era a mais importante. Pois, mesmo que ele tivesse visto isso, o que não aconteceu (v. Mt 7.5), não seria de muita ajuda a longo prazo. O que teria acontecido se aquela namorada "boa" nunca fizesse nada para contrariá-lo

tanto? Ele acharia que tinha toda razão de agir daquela forma doentia, defensiva e até pecaminosa. Estaria fadado a ter outros relacionamentos malsucedidos no futuro, porque precisaria da "bondade" do outro para ser bom com ele.

O que ele precisava ver era que: o seu nível de saúde e maturidade não podia depender de ninguém. Caso contrário, ele seria um escravo da imaturidade dos outros.

Tive de mostrar ao Tony que não importava como fosse tratado, ele precisava retribuir com algo melhor do que o que tinha recebido. Ele precisava vencer o mal com o bem, e nisso estava a sua "salvação" em relação aos problemas dos outros. Não importava se as pessoas eram ou não "controladoras". Como disse Paulo: "Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem" (Rm 12.21).

A única coisa com a qual Tony precisava se preocupar naquele momento era com a sua capacidade de lidar com o conflito e com o relacionamento. O desafio que apresentei para ele foi: "Se você ficar na defensiva e fugir toda vez que uma mulher ficar aborrecida com você, nunca terá a chance de se casar. Você é uma criança dependente, e as crianças não podem se casar".

Em resumo, somos tão saudáveis quanto nossa capacidade de nos relacionar como Deus se relaciona. Ele é sincero, amoroso e generoso, comunica-se bem, e capaz de se abrir e assim por diante. Isso é ter saúde, é ser correto. Boa capacidade de se relacionar é igual à boa saúde. Então, se você assume padrões ou atitudes doentias com pessoas de padrões doentios é sinal de que não é nada saudável. E dependente e está à mercê de qualquer tratamento que por acaso receber.

Esse é um dos principais problemas com as pessoas que desfazem casamentos sem resolver sua parte dos problemas. Muitos casamentos terminam porque um dos lados conclui que o "outro" o faz infeliz, ou que é muito difícil, e decide ir embora. Então, duas coisas acontecem. Em primeiro lugar, essa pessoa nunca supera a necessidade de que o outro seja

saudável para que ela seja boa e se relacione bem. Depois, o casamento não tem uma chance de dar certo porque ela não resolveu seus padrões de comportamento, coisa que mudaria todo o relacionamento e reconquistaria seu cônjuge.

Já recebemos cartas com testemunhos e conhecemos milhares de pessoas que leram nosso livro *Limites,* aprenderam a se relacionar como Deus gostaria que elas se relacionassem e, portanto, salvaram um casamento sem esperança e uma família porque mudaram seu jeito de ser.

Jesus sofria com os desvios dos outros, mas não permitiu que isso o tornasse como eles. A Bíblia é clara sobre a necessidade de fazermos o mesmo e seguirmos seu exemplo de sofrimento:

> Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente. Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus. Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos. *"Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca."* Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça (1Pe 2.19-23}.

Jesus estava preocupado em fazer o que era certo, não importa o que tivessem feito para ele. Se nos identificássemos com esse sofrimento, ficaríamos bem e cresceríamos muito mais. Transcenderíamos a imaturidade ao nosso redor e cresceríamos, apesar do que passamos. E, além disso, ainda poderíamos salvar outras pessoas.

CARREGAR A CRUZ

Como acabamos de ver, quando Pedro tentou convencer Jesus a abster-se do sofrimento, Jesus disse duas coisas: que cada pessoa terá de carregar sua cruz e que, se ela tentar se salvar sozinha, morrerá, mas se morrer em nome de Jesus, ganhará vida. Essa é a essência do que vimos sobre o sofrimento de Cristo. Temos de nos identificar com essa cruz. Temos de ser obedientes ao sofrimento que nos aproximará da santidade. Temos de abandonar as tentativas defensivas e ofensivas de nos salvar sozinhos.

Identificar-se com o sofrimento de Jesus é uma idéia que foi entendida de muitas maneiras pelos crentes com o passar do tempo. Para alguns, isso significa abandonar tudo e morrer pela fé. Para outros, significa abandonar as comodidades do mundo e partir para lugares distantes e difíceis em missões. Há também aqueles que acham que isso significa ser perseguido de várias maneiras por assumir uma posição.

Mas todos entendem que, seja qual for o sofrimento causado pela "vida exterior", o sofrimento interior que promove o crescimento do caráter é uma constante para qualquer um que siga o exemplo de Jesus. Isso significa nos humilharmos e pararmos de bancar o deus, sermos capazes de dizer "não seja feita a minha, mas a tua vontade" e não retribuirmos o mal por mal, mas vencermos o mal com o bem (Rm 12.21). Todas essas respostas são muito importantes para o crescimento das pessoas.

PESAR: A CURA DE DEUS QUANDO ACONTECE ALGUMA COISA ERRADA

O pesar é a dor mais difícil que temos de enfrentar. Só não é a pior experiência do ser humano porque tem fim, mas é a mais difícil de se abraçar espontaneamente, que é a única forma de superá-la. As outras experiências humanas apenas acontecem "conosco". Mágoas, feridas, ansiedade, alienação e

fracasso, tudo isso nos atinge e nós sofremos. O pesar não "nos atinge". É algo que devemos abraçar.

Mas a natureza espontânea não é a única característica do pesar que o diferencia dos outros sofrimentos. Outra diferença é que *o pesar é a dor que cura todas as outras. É a dor mais importante que existe.* É por isso que somos chamados por Deus a abraçá-la espontaneamente, porque ela cura, restaura, muda o que é mau. Acima disso, *é a situação na qual recebemos conforto quando acontece alguma coisa errada.* Então, Deus e nossos conselheiros dizem: "Faça isso". Veja o que disse Salomão: "A tristeza é melhor do que o riso, porque o rosto triste melhora o coração. O coração do sábio está na casa onde há luto, mas o do tolo, na casa da alegria" (Ec 7.3,4).

Por que é assim? O que o pesar tem de tão especial? Por que ele é uma "dor que cura"? Porque o pesar é a maneira de Deus fazer com que nos livremos de uma coisa ruim em nossa vida. E o processo pelo qual a "superamos", a "abandonamos". E por causa disso, por ser um processo de "superação", é também um processo pelo qual podemos nos abrir para coisas novas e boas. A alma liberta-se da experiência dolorosa e prepara-se para uma experiência nova e boa.

A alma foi criada para consumar o que começou. Foi criada para o pesar. Da mesma forma que o computador é programado para seguir uma determinada seqüência de instruções, a alma foi criada para dar seqüência ao pesar. Portanto, por sermos criados dessa forma, Salomão nos diz em poucas palavras para "executar o programa". Fique triste e o seu coração ficará feliz. Chore e se livrará da tristeza. Tudo passará.

Então, o que é esse processo que fomos programados para seguir e que pode acabar com a tristeza de nosso coração? Como é? Vejamos.

A PERDA EM SI: UMA REALIDADE

Para que o pesar ocorra, é preciso que alguma coisa ruim aconteça. Todo mundo está programado para o pesar e é um candidato à cura, porque coisas ruins acontecem na vida. Como disse Jesus: "Neste mundo vocês terão aflições" (Jo 16.33). Ê uma realidade na vida de todo mundo. Vejamos alguns exemplos:

- morte de um ente querido;
- morte de um sonho;
- morte de uma fase da vida (se apegar demais aos filhos, ao
- emprego etc.);
- morte de um relacionamento;
- morte de um plano;
- fracasso;
- não receber amor ou aprovação de uma pessoa importante;
- não ser a pessoa que se desejava ser (perda do "eu" ideal);
- não ter algo que se quer;
- perda da saúde devido a uma doença;
- reveses no plano financeiro;
- morte de uma coisa que precisamos, queremos ou desejamos, seja boa ou má.

PROTESTO: NÃO QUERO QUE ISSO SEJA VERDADE

A segunda coisa que acontece é que protestamos contra a realidade. Uma maneira de protestar é tornar-se alheio ou negar o que está acontecendo. Em geral, quando as pessoas

perdem um ente querido, no início, têm a sensação de que aquilo é "irreal". Sentem que aquilo "não está realmente acontecendo". Suas emoções ainda *não* assimilaram a realidade. Esse sentimento é uma forma de protesto. Naturalmente, ela não quer que aquilo que está acontecendo seja verdade.

Outra forma de protesto é gritar: "Não. Isso não pode estar acontecendo!". Quem não viu uma pessoa traumatizada por perder alguém ter como primeira reação um grito: "Não! Não!". É o protesto natural contra uma coisa ruim. É a "fase da raiva" do processo de pesar.

Então, normalmente, tentamos mudar a realidade. Tentamos torná-la menos real. O protesto transforma-se em barganha. Tentamos barganhar uma forma de fugir da realidade. Fazemos o possível para que tudo aquilo não seja verdade. E comum a situação em que um médico, que tentava salvar uma pessoa, diz: "Acabou. Não há mais nada que eu possa fazer. Ele se foi". Então, um membro da família protesta contra a realidade: "Continue tentando. Continue dando o choque. Não pode ser verdade".

Todo mundo reconhece que é um protesto normal e comum. Nem tão comum é o protesto e a barganha de perdas menos tangíveis. Por exemplo, se a pessoa não se sente amada por um dos pais quando criança, ela pode passar muitos anos "barganhando" para que essa realidade não seja verdade. "Se eu fosse mais bem-sucedido, ele me amaria. Se eu fosse mais bonita, mais magra ou mais inteligente, ele me amaria." Então, ela encontra outras pessoas para fazer essa barganha, na esperança de fugir da realidade daquilo que perdeu há muito tempo.

DESESPERO OU DEPRESSÃO: RENDIÇÃO

Quando nossos protestos e nossa barganha não adiantam, vemos que o que aconteceu é realmente verdade.

Não há esperança. Nada mudará. É o começo do pesar apropriado; é a aceitação da perda.

O desespero nesse sentido não significa a perda total de esperança, o estado do desespero, mas a perda da esperança de que aquilo não esteja acontecendo. Percebemos que aquela realidade não mudará, por mais que barganhemos, desejemos ou nos esforcemos. É a realidade. Quando reconhecemos isso, chegamos ao fundo do poço.

Temos o desejo e a realidade ao mesmo tempo. Queríamos uma coisa, mas ela não existe mais. E a experiência da morte, da perda real. E desistir da esperança de que aquilo não seja verdade. E uma experiência pela qual ninguém quer passar. E a verdade. E a triste realidade cobrando seu preço.

Então, fugimos dela, barganhando ou protestando mais ou extravasando de alguma forma. Recorremos às drogas, a um novo relacionamento, retornamos a um antigo, nos esforçamos mais para sermos melhores ou usamos qualquer outro mecanismo que pudermos para fugir daquela verdade. O desejo se infla mais uma vez, quando deveria se curvar diante da realidade. Quando isso acontece, o balão murcha.

TRISTEZA, PERDA E PESAR APROPRIADOS: RENUNCIAR E DIZER ADEUS

Quando chegamos ao fundo do poço e percebemos que aquilo é realmente verdade, "perdemos". Desmoronamos e choramos. Essa tristeza é a aceitação da realidade. É dizer adeus ao que nunca acontecerá.

Mas também e o começo da verdadeira cura. E o aspecto a que Salomão se referiu quando disse: "o rosto triste melhora o coração". A pessoa desiste de investir suas emoções naquilo que perdeu. O desejo e a vontade são considerados "uma perda", como disse Paulo. Abrimos mão do que não pode ser. A realidade e nosso coração, mente e alma se juntam e choram. Depois de muitas lágrimas,

desistimos: “Como nunca terei o que quero, é melhor desistir desse desejo”. E como uma folha que cai no riacho, livre da árvore que a segurava, ela vai embora.

RESOLUÇÃO E RESSURREIÇÃO: COMPREENDER E SE ABRIR

A tristeza de fato vai embora. E, então, como disse Salomão, o coração melhora. Melhora porque fica aberto a novas coisas: novos desejos, novos relacionamentos, nova esperança, nova energia e tudo o que a primavera trouxer. O inverno já passou e é hora de plantar novas sementes de vida.

Também levamos para o novo ano a aprendizagem, a compreensão e a experiência que ganhamos no passado. Bom ou mau, aquilo que perdemos proporcionou uma experiência e com ela ganhamos entendimento e sabedoria para o resto da via. O processo está completo, a pessoa cresceu e agora o passado ficou para trás e não afeta mais o presente, a não ser no ganho de sabedoria ou nas boas lembranças de uma pessoa amada que se foi. A experiência de morte deu lugar à ressurreição de uma nova vida.

SE O PESAR É TÃO BOM, POR QUE NÃO O PRATICAMOS?

Se o pesar é a resposta para tantos problemas da vida, por que simplesmente não o praticamos? Se um rosto triste melhora o coração, por que não fazemos “comemorações tristes”? Ora, nós fazemos. São os funerais. São as reuniões nas quais podemos ficar tristes e começar a processar nosso pesar. Os funerais faziam parte das práticas da família de Deus com os filhos de Israel, e nós continuamos essa prática, embora eles sejam muito mais breves agora. Em Israel, havia um período estipulado para o luto e as pessoas deveriam cumpri-lo: “Os israelitas choraram Moisés nas campinas de Moabe durante trinta dias, até passar o período de pranto e luto” (Dt 34.8).

Em geral, fazemos funerais somente quando uma pessoa morre, mas também precisamos lamentar outras coisas. O problema é que não costumamos tratar essas experiências como perdas. Então, ficamos em estado de negação ou de protesto por um bom tempo. Tony, por exemplo, ainda protestava por não encontrar "a mãe totalmente amorosa" em cada namorada que tinha. Não saía da fase de protesto e de barganha e, por isso, não encontrava uma nova vida.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Examine sua concepção de sofrimento para ver se você compreendeu os "assaltos" e o sofrimento do crescimento. Descubra se você está culpando os assaltos da vida ou não está percebendo o valor do sofrimento do crescimento. Examine o conselho que recebeu.
- Certifique-se de incluir a "boa dor" em sua concepção de vida para que possa abraçá-la.
- Descubra se existe alguma mudança específica que você precise fazer com base na lista que mencionamos na página 239-40. Qual tem a ver com você?
- Determine se existe alguma dor ruim ou inútil em sua vida que você precise encarar e enxergar de outra maneira. Transforme-a num sofrimento construtivo. Descubra que problemas você deve abraçar.
- Cuidado para não procurar consolo por coisas que você precisa mudar.
- Procure padrões repetitivos em sua vida que precisam ser assumidos.
- Converta-se à atitude de Pedro em relação ao sofrimento: arme-se.
- Descubra se as funções do sofrimento de Cristo estão presentes em sua vida: *kenõsís,* "não a minha

vontade", encarar a dor e parar de remediá-la ou de usar defesas, não retribuir mal por mal.

- Faça uma relação dos pesares que você precisa enfrentar. Busque o apoio que você precisa e enfrente-os.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Examine sua concepção de sofrimento para ver se é equilibrada. Veja se ela dá lugar ao sofrimento que é totalmente inocente e ao que é necessário. Examine as experiências que as pessoas tiveram nas quais possam ter levado a culpa pelos assaltos da vida.
- Ensine o valor da boa dor e desenvolva uma cultura que esteja aberta para ela. Crie contextos e atividades para promovê-la.
- Ensine e crie contextos para enfrentamento dos problemas citados na lista que apresentamos nas páginas 239-40.
- Confronte a dor ruim diretamente. Forneça contextos e atividades nas quais possa ser confrontada e convertida em um sofrimento bom.
- Confronte os padrões repetitivos. Trate-os como destrutivos e mostre isso. Chame as pessoas ao arrependimento.
- Ensine o que Cristo ensinou a Pedro e o que Pedro nos ensina: que o sofrimento e a arma contra o pecado. Ofereça essa proteção.
- Forneça experiências e contextos para os sofrimentos de Cristo: *keriõsis,* "não a minha vontade", encarar a dor e parar de remediá-la ou de usar defesas, não retribuir mal por mal.
- Ensine o valor do processo do pesar e crie condições

para que as pessoas possam passar por ele. Trate o pesar como algo normal e ensine-o como uma ferramenta poderosa para a ressurreição. Proporcione os sistemas de apoio que permitam que isso aconteça.

Outro motivo importante que impede que as pessoas sintam o pesar que precisam sentir é a falta de condições. Em resumo, pesar é entrega e renúncia. E não dá para fazer isso se não tivermos algo no que nos apoiar. Se não houver bastante amor para nos sustentar, tanto no dar quanto no receber, não conseguiremos renunciar a nada, mesmo que seja algo ruim.

Essa é a resposta para a velha pergunta que todos se fazem diariamente: "Por que ela simplesmente não deixa isso para trás?". Ou: "Por que ele simplesmente não esquece?". A realidade é que eles não conseguem porque não têm condições, internas e externas, para isso. Uma boa analogia é o trapézio: o trapezista solta um trapézio somente quando há outro no qual se agarrar. Outra é a cirurgia: o paciente só é operado quando há um equipamento de sustentação da vida para mantê-lo vivo enquanto o cirurgião faz seu trabalho.

Duas coisas são necessárias para o pesar. Em primeiro lugar, precisamos de amor, apoio e consolo. Como diz Paulo: "... chorem com os que choram" (Rm 12.1 5). A Bíblia reconhece que o pesar só acontece em comunidade. Caso contrário, ficamos parados no desespero ou no desejo porque não temos o amor para nos sustentar e permitir que renunciemos ao que perdemos. Não se joga comida, mesmo que estragada, quando se tem fome. Mas se um novo caminhão de comida aparecer, você pode renunciar à comida que já morreu.

Em segundo lugar, precisamos de estrutura. Precisamos dar tempo e espaço para o pesar. Precisamos de atividades estruturadas. É por isso que um bom grupo de apoio que se reúna e pratique atividades regularmente é eficaz para ajudar as pessoas que estão passando pelo pesar. Existe uma hora,

um lugar, uma oportunidade e algumas tarefas que dão estrutura à experiência.

E por isso que digo às pessoas que Deus colocou os canais lacrimais nos olhos. O pesar é uma experiência relacional, e a nossa dor precisa ser vista claramente por outra pessoa. Alguém precisa olhar para nós quando choramos e nós precisamos olhar para alguém. Assim, saberemos que não estamos sozinhos e que nossas lágrimas são notadas e ouvidas. Então, como Jesus nos conta: "Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados" (Mt 5.4). Ser ouvido, compreendido e consolado é a sustentação de vida que precisamos para passar pela operação do pesar.

Queria ter entendido esse processo quando era mais novo. Quando perdi meu sonho de jogar golfe, não senti logo o pesar. Se tivesse sentido, seria poupado de muita dor. Mas tentei protestar, buscando uma nova vida sem renunciar à antiga. Tentei encontrar um novo sonho. Tentei encontrar um novo significado. Mas, enquanto não encontrei o Deus que criou o pesar e me deu o apoio e a estrutura de que eu precisava para enfrentar as minhas perdas, eu não tive perdas, eu *me perdi.* Depois, quando descobri o processo do pesar, com o apoio e a estrutura que Deus e seu Corpo me deram, finalmente pude ter as perdas. Pude processá-las e, assim, fui resgatado.

Portanto, na sua própria vida e na vida daqueles que você ajuda, o pesar pode ser a resposta para a sua ferida. Você pode estar negando uma realidade perdida há muito tempo. Você pode estar protestando por algo que nunca acontecerá. Talvez seja hora de desistir. Talvez seja hora de lamentar para que seu coração possa melhorar e voltar a ser feliz.

Para isso, porém, você precisa sair da estagnação. Precisa ter apoio e estrutura para conseguir uma nova vida. Assim, o morto realmente ressuscitará. Os que choram realmente serão consolados. O salmista estava certo quando disse: "... o choro pode persistir uma noite, mas de manhã

irrompe a alegria" (Sl 30.5). A Bíblia afirma e ordena isso, e a ciência comprova sua veracidade. De fato, existe uma coisa que se chama "bom pesar".

12. CULTIVANDO BONS FRUTOS: COMO SE TORNAR UMA PESSOA JUSTA

Precisamos buscar o Reino de Deus e a
sua justiça na vicia, não para sermos bons,
mas para continuarmos vivos.

Quando eu (Henry) cheguei ao fundo do poço, Mateus 6.33 transformou completamente a minha vida: "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas". Esse versículo me convidou a crer que Deus podia me ajudar a colocar minha vida em ordem. Pelo que entendi na época, dizia que eu devia buscar a Deus porque ele é a resposta para tudo o que eu pedir. Estava tentando resolver a minha vida sozinho e achei que, se buscasse a Deus, ele me ajudaria a fazer isso. Parecia um bom negócio]

De alguma forma, deixei escapar a parte do versículo que diz "sua justiça" ao criar a minha teologia sobre a mudança de vida. Não me lembro o que pensei da parte sobre "o Reino de Deus", mas tenho certeza de que não pensei muito sobre a justiça naquele dia. Pensei apenas em buscar a Deus e pedir para ele me ajudar.

Logo descobri que buscar a justiça de Deus significava que encontraria uma justiça legítima, o perdão diante de Deus, pela *fé,* e não pelas *obras.* Eu me tornaria "justo" com Deus, não pelo meu esforço, mas pela minha fé. Isso estava claro. Deus aceitou-me com base no que Jesus fez, e eu fui considerado "justo" por ele (Rm 10.4).

Porém, o que demorei mais para descobrir foi que, para que eu tivesse todas as coisas que precisava que "me fossem acrescentadas", eu também teria de buscar a justiça de uma outra forma. Teria de me tornar uma pessoa que, não apenas fosse justa aos olhos de Deus, mas também que vivesse essa

justiça em sua alma e em sua vida. Isso não fazia parte dos meus planos.

Quando alguém se volta para Deus para ter uma vida melhor, pensa no que pode receber dele. Se for um problema no trabalho, pede um novo emprego, uma carreira ou explicação para Deus. Se for um problema de relacionamento, pede para Deus conduzi-lo a um relacionamento ou mudar a pessoa com quem está. Se está deprimida ou é dependente química, pede a cura e a libertação a Deus. Todas as pessoas olham para o céu e pedem para ele tornar suas vidas melhores. E ele o fará. Mas a dura realidade é que, embora nos dê trabalho, relacionamentos e bênçãos, ele quer *nos* tornar melhores também.

Isso cria duas implicações. A primeira é que algumas coisas que queremos de Deus dependem de nos tornarmos mais maduros e justos por atuarmos com ele. Se não tivermos essas qualidades, o motivo pode ser não estarmos mudando e crescendo da forma como deveríamos. Por exemplo, eu quero um emprego, mas se não me tornar responsável, não terei nenhum. A segunda implicação é que Deus, em geral, só nos dá as coisas que temos maturidade suficiente para usar. Portanto, se não crescermos, não as teremos.

Uma das coisas que eu pedia a Deus era alívio para a minha grande depressão. Não sabia, na época, que estava deprimido; só sabia que, sempre que acordava de manhã, sentia um peso que não ia embora. Quando entrei na capela do *campus* da universidade, esperava que Deus pudesse fazer algo para melhorar aquele peso que eu sentia por dentro.

Embora esperasse que ele fosse apenas me “curar”, não foi isso o que aconteceu. O que aconteceu foi que Deus me colocou num processo de crescimento pelo qual me mostrou muitas coisas a meu respeito. Duas coisas em especial ficaram claras sobre a minha depressão. Primeiro, como contei no capítulo 7, eu carregava uma dor não resolvida,

mas depois que Deus me conduziu para a solução, melhorei. Em segundo lugar, embora eu fosse uma pessoa muito expansiva e comunicativa, na verdade, não deixava os outros se aproximarem de mim. Meu coração estava desligado das pessoas, embora eu achasse que tinha amigos "íntimos".

Naquela época, cu não sabia o que Deus estava fazendo. Agora, como psicólogo, sei que as duas maiores causas da depressão são a dor mal resolvida e a alienação emocional. Deus curou as duas, não como um raio que cai do céu, mas num processo que me fez mudar e me tornar uma pessoa mais madura. Quando cresci, ao buscar o seu Reino e a sua justiça, adivinha o que aconteceu? A saúde emocional me foi "acrescentada", exatamente como o versículo prometeu.

Encontrei os caminhos do seu Reino, como um relacionamento significativo e duradouro com os outros, mas tinha de realizar algumas mudanças na minha personalidade e no meu caráter para ficar mais parecido com ele e ser mais "justo". Quando consegui fazer isso, encontrei a cura emocional para a depressão. Com "mais justo", não quero dizer que me tornei uma pessoa santa e perfeita ou melhor do que as outras. Longe disso. Mas mudei muitas dinâmicas e padrões em minha vida que estavam contribuindo para os meus problemas. E as coisas melhoraram.

Num belo dia, o grupo que eu freqüentava voltou a atenção para mim. Alguém me perguntou alguma coisa sobre a minha vida e eu contei a história do problema que tive quando era criança, que tive de usar cadeira de rodas, aparelho nas pernas e que passei vários anos impossibilitado de andar.

Devo ter feito alguma piada sobre ser uma "criança aleijada" e, depois, continuei minha história. Mas o grupo não quis mais ouvir. Eles me confrontaram dizendo que eu me "desligava" dos meus sentimentos. Acho que eles perceberam que eu podia falar sobre coisas realmente dolorosas sem demonstrar nenhum tipo de emoção. Por isso, insistiram. Eles me perguntaram como era estar numa

cadeira de rodas e usar aparelho nas pernas e não sossegaram enquanto eu não parei de dar respostas impassíveis. Eles me fizeram encarar os meus sentimentos.

Foi uma experiência muito dolorosa, mas esse incidente e outros nos quais tive de ser mais sincero com os meus sentimentos me ajudaram a recuperar o meu coração. Aprendi que, em parte, a justiça a que Paulo se refere em Efésios 4.25 significa deixar de lado a falsidade e ser mais verdadeiro.

Mudar significava parar de fazer as coisas do meu jeito e fazê-las conforme os desígnios de Deus. Eu tinha de aprender a ser honesto comigo mesmo e com os meus sentimentos. Tinha de parar de esconder a minha dor. Tinha de me tornar mais responsável. Tinha de aprender a confrontar algumas pessoas e parar de controlar outras. Tinha de aprender a esperar pela recompensa e muitas outras coisas, pois nem naquela época nem agora estou livre de defeitos. Mas a questão é que, para termos a vida e o crescimento que desejamos, precisamos mudar e aprender a seguir os desígnios de Deus.

Há três passagens da Bíblia sobre a justiça que mostram as características do tipo de pessoa que devemos nos tornar:

> Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus *em justiça e em santidade provenientes da verdade* (Ef 4.22-24; grifo dos autores).

> Esta é a minha oração: Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do *fruto da justiça,* fruto que vem por meio

de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp 1.9-11; grifo dos autores).

Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz *fruto de justiça* e paz para aqueles que por ela foram exercitados (Hb 12.11; grifo dos autores).

Em outras palavras, as três características das pessoas que seguem os desígnios de Deus são:

1. abandonar a antiga maneira de viver e buscar a maneira de Deus fazer as coisas (arrependimento);

2. procurar cada vez mais compreender e discernir o que é melhor (conhecimento e percepção);

3. comprometer-se com o sofrimento da disciplina para crescer (disciplina).

Vejamos com mais detalhes cada uma das três características: arrependimento, conhecimento e percepção e disciplina.

ABANDONAR OS CAMINHOS DO MUNDO E SEGUIR OS CAMINHOS DO REINO

A primeira característica de uma pessoa que vive à maneira de Deus é o *arrependimento.* Já falamos com mais detalhes sobre como o arrependimento opera. Entretanto, é preciso dizer que, as pessoas só encontram a vida que desejam quando seguem os caminhos de Deus. Então, como mostrar para elas a importância de seguir os caminhos de Deus e como motivá-las a tanto?

Duas maneiras básicas de motivar as pessoas a mudar são: pelo caminho "religioso" e pelo da "realidade". No caminho religioso, dizemos que elas devem fazer o que é justo porque é o correto e seria errado não fazer o que é correto.

Mas ser "justo" nunca foi um bom motivo para fazer as pessoas mudarem. Elas sempre se interessaram mais em fazer as coisas a "seu" modo do que fazer o que e "justo". O outro problema com o caminho "religioso" é a reação humana diante do: "você deve". Quando dizemos às pessoas que elas "devem fazer isso ou aquilo" porque é correto, elas naturalmente se rebelam. Lembre-se do que disse o apóstolo Paulo:

> Antes eu vivia sem a Lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri. Descobri que o próprio mandamento, destinado a produzir vida, na verdade produziu morte. Pois o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, enganou-mc e por meio do mandamento me matou (Rm 7.9-11).

Os mandamentos, ou seja, o "você deve", inspiram a natureza pecaminosa de revolta. Quando alguém diz: "Você deve ser bom", encontramos uma forma de ser maus.

Paulo diz para abandonarmos essa atitude e reafirma o caminho da "realidade". Ele não diz para fazermos o que é justo apenas para sermos bons ou porque é o correto, mas para vivermos. Depois, ele acrescenta: "Pois se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão" (Rm 8.13). Para vivermos e termos a vida que desejamos, precisamos viver de acordo com os caminhos de Deus. E a realidade. E funciona!

E realmente incrível ver o que acontece na vida das pessoas quando elas param de encarar o que é justo como algo que "devem" fazer e passam a vê-lo como a única maneira de viver.

- Elas vêem a honestidade não apenas como uma virtude, mas como a única maneira de conseguir intimidade.
- Vêem o ato de encarar a dor e o sofrimento não como

algo que seu terapeuta quer que façam, mas como a única maneira de escapar da depressão e da dependência química.

- Vêem a confissão e a responsabilidade por seus erros não como algo humilhante e cheio de culpa, mas como uma maneira de crescer e alcançar seus objetivos.
- Vêem o conselho e a correção dos outros não como algo ruim, mas como um presente que lhes dará vida.
- Vêem a vida desfrutada na pureza sexual não como algo que devem fazer para evitar a ira de Deus, mas como a única maneira de encontrar o amor verdadeiro.
- Vêem o perdão dos outros não como uma lei, mas como um caminho para a liberdade e a reconciliação.

Em outras palavras, essas pessoas vêem o que é justo não como uma regra religiosa que Deus impôs, mas como um estilo de vida.

É sempre interessante ver pessoas não-cristãs mudarem de atitude por causa das conseqüências desse comportamento, e não porque Deus disse para mudarem. Por exemplo, muitos casais hoje em dia, antes do casamento, praticam a abstinência sexual e não moram juntos. Isso não acontece por motivos religiosos, mas porque eles vêem os índices assustadores de divórcio entre pessoas que moraram juntas antes do casamento. As pessoas não largam as drogas, o álcool e o cigarro porque são atos "pecaminosos", mas por causa da morte e da destruição que causam. As pessoas não gostam do divórcio por causa das pesquisas que indicam os efeitos negativos do divórcio a longo prazo sobre os filhos e por causa da alta taxa de divórcio num segundo ou terceiro casamento.

Para que qualquer pessoa se sinta motivada a crescer, é preciso que enxergue o "justo" como a única maneira de se viver bem. Caso contrário, fazer o que é correto será muito oneroso e, a curto prazo, menos compensador, como um homem que há anos sabe que "deveria ser mais saudável",

mas nunca faz nada até o dia em que tem um ataque cardíaco e quase morre. Então, ele vê a saúde não como um "dever", mas como o caminho para se manter vivo.

Portanto, a lição que fica para nós e para aqueles que ajudamos é entender a mensagem de "buscar o Reino de Deus e a sua justiça" não como algo a fazer para "ser um bom cristão", mas para encontrar o verdadeiro caminho da vida.

Como disse Jesus: "eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente" (v. Jo 10.10}. li como foi dito aos israelitas:

> No futuro, quando os seus filhos lhes perguntarem: "O que significam estes preceitos, decretos e ordenanças que o SENHOR, o nosso Deus, ordenou a vocês?". Vocês lhes responderão: "[...! O SENHOR nos ordenou que obedecêssemos a todos estes decretos e que temêssemos o SENHOR, o nosso Deus, para que sempre fôssemos bem-sucedidos e que fôssemos preservados em vida, como hoje se pode ver. E, se nós nos aplicarmos a obedecer a toda esta lei perante o SENHOR, o nosso Deus, conforme ele nos ordenou, esta será a nossa justiça" (Dt 6.20-25).

Deus deu aos israelitas todas essas "leis religiosas" para que tivessem uma vida boa e prosperassem. Ele faz o mesmo por nós. Essa é uma das coisas mais difíceis de se entender. Precisamos buscar o Reino de Deus e sua justiça na vida, não para sermos bons, mas para continuarmos vivos.

Para crescerem e terem uma vida proveitosa, as pessoas precisam fazer as duas coisas relacionadas ao Reino e à justiça. Precisam buscar os caminhos de Deus (a forma como o seu Reino opera) e precisam viver e assimilar esses caminhos. *Buscar* seus caminhos é buscar o Reino; *viver*

seus caminhos é buscar a justiça. No Sermão da Montanha, Jesus descreve esse caminho:

- Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.
- Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.
- Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.
- Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.
- Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.
- Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus.
- Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.
- Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.
- Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês (Mt 5.3-11).

As pessoas que querem experimentar o verdadeiro crescimento revelado na Bíblia farão uma volta de 180 graus e abandonarão os caminhos do mundo para seguir os caminhos do Reino, porque somente estes são válidos.

O Reino de Deus, que busca a fraqueza, a submissão, a justiça e a pureza de coração, e completamente diferente do reino deste mundo, que busca o poder e a vitória. Da perspectiva do crescimento, o único caminho que produz tudo isso é o caminho do Reino, e não o do mundo.

Se pudéssemos ver as coisas da forma como a Bíblia nos apresenta, não resistiríamos tanto à “vida santa”. De fato,

uma rápida passada de olhos pelo que Jesus ensina sobre os caminhos do Reino em direção às Bem-aventuranças é um bom projeto para uma vida boa.

Vejamos uma lista de ensinamentos do Sermão da Montanha:

- Tenha uma vida de boas obras na comunidade, onde elas têm efeito, e mostre como Deus realmente e.
- Mantenha-se nos caminhos de Deus e mostre aos outros como fazer o mesmo.
- Seja melhor do que os hipócritas.
- Não evite somente matar os outros; evite também as atitudes internas que matam, como a raiva, o ódio e os insultos.
- Faça as pazes com aqueles a quem você magoar e resolva seus conflitos com os outros.
- Pare de enganar não apenas o seu cônjuge, mas também o seu próprio coração, com lascívia e pornografia. Ame o seu cônjuge com pureza.
- Fuja de coisas que possam destruir sua vida.
- Mantenha o compromisso do casamento e cumpra-o. Não abandone o seu cônjuge simplesmente, sem nenhum bom motivo.
- Seja uma pessoa de palavra e os outros confiarão em você.
- Não retribua o mal por mal. Se alguém lhe fizer mal, não revide. Tente fazer alguma coisa boa.
- Não seja bom apenas com aqueles que são bons para você. Seja uma pessoa boa. Seja bom com todos.
- Não faça uma boa ação apenas para chamar atenção, mas para ajudar os outros.
- Não seja religioso para causar boa impressão. Seja

espiritual na privacidade do seu próprio coração.

- Ore a Deus com palavras verdadeiras de uma forma verdadeira. Venere-o, peça o que precisar, peça para que traga o bem ao mundo e o proteja do mal.
- Confesse seus erros e peça perdão. Depois, conceda esse mesmo perdão àqueles que erraram com você. Não há nada mais justo.
- Não seja materialista. Dedique seu tempo e dinheiro às coisas que duram para sempre, como os caminhos de Deus e o seu povo.
- Cuide da sua visão espiritual para enxergar a vida corretamente.
- Não se preocupe com a vida. Busque a Deus e seja a melhor pessoa que você puder ser. A vida que você terá em decorrência disso será exatamente como a vida que você gostaria de ter.
- Pare de julgar os outros. Antes, preocupe-se com o seu próprio comportamento.
- Proteja as coisas boas em sua vida e em seu coração daqueles que querem lhe fazer mal.
- Busque a vida e o que deseja e precisa. Busque a Deus e peça para ele guiá-lo e encontrará tudo isso. Confie no amor que ele tem por você.
- Trate os outros exatamente da forma como você gostaria de ser tratado. Se fizer isso, não precisará de uma série de outras regras na vida.
- Lembre-se de que o caminho para a vida plena não é fácil e não são muitas as pessoas que o encontram.
- Cuidado com os falsos mestres espirituais. Você pode distinguir os verdadeiros pela forma como eles vivem e pelo que acontece às pessoas que os seguem.
- Seja verdadeiro e honesto sobre sua vida espiritual

com Deus. Ele reconhecerá somente aqueles que assim forem.

- Construa uma vida sobre os ensinamentos de Jesus e terá um alicerce sólido sobre o qual pisar. Aconteça o que acontecer, você vencerá.

Isso não tem nada a ver com "religião", mas com uma vida saudável, com a realidade. Se todas as pessoas que buscam uma vida melhor fizessem exatamente essas coisas (sem mencionar o resto do Novo Testamento), não dá nem para imaginar o quanto elas seriam saudáveis. Essa é uma das mensagens deste livro: *ser saudável é exatamente ser justo e seguir os caminhos do Reino.*

CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO

A segunda característica das pessoas que fazem as coisas à moda de Deus é a busca do conhecimento e da percepção. Precisamos aprender o que e melhor e ter discernimento para fazer isso. Vejamos novamente o que Paulo diz:

> Esta é a minha oração: Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até 0 dia de Cristo, cheios do *fruto da justiça,* fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp 1.9-11; grifo dos autores).

As palavras "aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção" têm, pelo menos, dois significados. Um deles é que as pessoas deveriam sempre procurar aprender os caminhos do Reino e todas as coisas que Deus lhes diz para fazer. Elas precisam aprender os princípios dos relacionamentos, da cura e da vida. É por isso que cursos, estudos da Bíblia, grupos de crescimento, livros, fitas e

seminários são importantes no processo de crescimento. Precisamos saber o que Deus quer que façamos.

Mas conhecimento não é suficiente. Portanto, o segundo significado dessas palavras é que as pessoas precisam saber como aplicar esse conhecimento em sua própria vida, de forma profunda, para que possam desenvolver a pureza que as levará ao fruto da justiça. Discernir consiste de trabalho, parecer dos outros, correção, investigar o coração e a alma e orar, especificamente sobre as nossas dinâmicas e padrões de caráter.

Já falamos sobre todas essas coisas. No momento, a questão é que para se tornarem justas, as pessoas precisam ter mais discernimento sobre o que é melhor para elas. Seja qual for o sistema de crescimento que você aplica em sua vida ou na vida dos outros, deve incluir maneiras de se ganhar discernimento sobre as dinâmicas destrutivas, para que a pessoa possa se abrir e aprender a aplicar novas dinâmicas.

Como disse Davi:

> Quem pode discernir os próprios erros? Absolve-me dos que desconheço! Também guarda o teu servo dos pecados intencionais; que eles não me dominem! Então serei íntegro, inocente de grande transgressão (Sl 19.12,13).

Não somos capazes de nos ver e compreender sozinhos. A percepção vem de Deus e das pessoas. Davi pediu a Deus para mostrar-lhe suas condutas ofensivas e ensinar-lhe bons padrões de comportamento (Sl 139.23,24). Em outras passagens da Bíblia, ele diz que precisamos ganhar discernimento sobre nós mesmos e sobre os outros: “Os propósitos do coração do homem são águas profundas, mas quem tem discernimento os traz à tona” (Pv 20.5).

Patrick era um antigo presbítero de uma grande igreja e, de fato, criou vários ministérios diferentes. A maioria era

profundamente fundamentada na Bíblia. Ele tinha um forte compromisso com as Escrituras e achava importante que tudo fosse feito segundo "a verdade de Palavra".

No movimento de renovação, sua igreja criou alguns grupos de renovação para as pessoas que queriam se aprofundar mais e examinar seus "problemas". Falavam em aprender coisas sobre si mesmas e sobre Deus de uma nova maneira e de "crescer pessoalmente" pelo ministério. Como presbítero, Patrick ficou muito feliz com as notícias, ao ver que as pessoas foram tocadas pelo que estava acontecendo, mas ele próprio não se envolvia nesses grupos. Eles davam mais ênfase ao "aconselhamento" do que ele gostaria. Ele deixava esse tipo de grupo para "as pessoas com problemas". Estava contente por permanecer "firme na Palavra" e continuar com seu pequeno grupo de estudo da Bíblia que examinava as doutrinas que ele considerava importantes e que eram para pessoas realmente maduras.

Mas com o tempo, mesmo com todo o seu conhecimento da Bíblia, algumas áreas da alma de Patrick não estavam crescendo. Em seus relacionamentos, especificamente com a esposa, estava estagnado. Ele tinha adquirido muito conhecimento intelectual sobre a Bíblia e as grandes doutrinas, mas não era capaz de atender plenamente às necessidades sentimentais da esposa. Finalmente, seu casamento ficou numa situação complicada e sua esposa exigiu que ele fizesse aconselhamento com ela. Eles me procuraram.

Gostava de trabalhar com eles, juntos, e eles estavam indo muito bem. Mas o aconselhamento matrimonial era uma ajuda secundária, em minha opinião, com relação a um grupo de homens para o qual Patrick entrou. Vários homens do grupo há anos tinham se comprometido a dar um parecer difícil, mas sincero, sobre o que eles percebiam uns nos outros. Nesse grupo, Patrick foi forçado a encarar alguns padrões de seu estilo relacional que não honravam nem um pouco as Escrituras que ele gostava tanto de ensinar. Descobriu que nem sempre foi honesto sobre seus

sentimentos e escondia suas angústias dos outros, tentando agir como se nada estivesse acontecendo. Aprendeu que, às vezes, era duro e crítico. Quando confrontou e tratou esse problema, teve de admitir que era muito autocrítico e que não conseguia praticar a graça de Deus que ensinava há tantos anos para os outros.

Patrick também começou a reconhecer que ficava contrariado e na defensiva sempre que se sentia ameaçado ou era desafiado pelas pessoas. Essa dinâmica em especial estava afetando seu casamento, pois sempre erguia as defesas quando sua esposa lhe falava dos problemas do relacionamento deles. Seu grupo confrontou-o implacavelmente sobre seus mecanismos de defesa, sua imaturidade emocional e sua atitude arrogante de se esconder por trás da "fachada de líder".

O mais surpreendente para Patrick, e também para mim, foi que essas coisas eram realmente verdade. Ele era tão bem-sucedido como líder e um "homem tão bom" que os únicos que seriam capazes de fazê-lo perceber suas "partes injustas" teriam de estar próximos dele e enxergar por trás das aparências. Sua esposa encontrava-se nessa posição, mas ele nunca lhe deu ouvidos. O grupo foi capaz de alcançá-lo.

O importante para Patrick era descobrir que a justiça da qual a Bíblia fala não significa apenas instruir-se e evangelizar-se, mas também realizar-se como pessoa. Ele nunca esteve nem sentia necessidade de estar num contexto no qual pudesse descobrir isso. Tornou-se um pregador que falava para as pessoas conduzirem suas vidas interiores conforme a justiça de Deus.

Ninguém crescerá se ouvir um sermão uma vez por semana e, depois, for cuidar da própria vida. As pessoas precisam conhecer melhor os caminhos (o Reino) de Deus e também descobrir como esses caminhos se aplicam em seus próprios assuntos de vida (a justiça). Precisam descobrir o que é verdade sobre eles e obter uma opinião sobre seus

padrões e como mudá-los. Assim, elas crescerão. É por isso que somos grandes defensores dos grupos que aplicam os ensinamentos bíblicos em questões específicas, como relacionamentos. Os integrantes desses pequenos grupos recebem tanto conhecimento, como uma apreciação dos outros que os observam. Eles ganham discernimento e aprendem a melhor maneira de agir. É isso o que a Bíblia diz para fazermos, e as pesquisas mostram que realmente dá certo.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Examine suas próprias atitudes sobre a justiça. Examine seu coração para ver se você resiste ao conceito. Converta-se à idéia de que o "justo é bom para você". Esse é o caminho para você ter a vida que deseja e é muito mais do que apenas "ser bom". É o caminho para uma "boa vida".
- Faça uma relação de áreas específicas em sua vida que não sejam "justas". Encare-as como coisas que, no mínimo, o estão impedindo de ter o que deseja e, no máximo, podem destruí-lo. Arrependa-se da falta de justiça nessas áreas.
- Livre-se da idéia do "eu devo" e adote a idéia do "eu preciso" em relação à justiça. Você precisa ser "justo" diante de Deus, não porque é isso o que você "deve fazer", mas porque você realmente "precisa fazer".
- Desenvolva um contexto no qual você possa ter mais conhecimento e percepção de si mesmo e do que lhe falta em termos de uma vida justa. O processo é muito mais profundo do que apenas conhecer os conceitos. Os conceitos devem interferir no estado em que você se encontra e chamá-lo à mudança.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

Ensine a "justiça" como algo essencial para o estilo de vida, ao contrário da "lei". Crie um sentimento de que viver com justiça e ter uma vida e relacionamentos bem-sucedidos são a mesma coisa.

Forneça meios e oportunidades para que se veja o que ser "justo" significa nas áreas da vida que precisam ser mudadas. Proporcione experiências e contextos para que as pessoas possam enxergar-se melhor e ver o que precisam mudar em si mesmas.

DISCIPLINA

No capítulo 19, falamos sobre a disciplina como um processo que requer tempo no caminho do crescimento. Mas também é importante falar sobre esse "processo e tempo" disciplinadores em relação à busca da justiça.

Buscamos a "fórmula mágica". Queremos ter as coisas "agora". Queremos que nossa dor acabe, que nossa carreira deslanche ou que nosso relacionamento melhore. Mas o claro ensinamento da Bíblia, da vida e de todas as pesquisas é que o crescimento leva tempo. Vejamos novamente o versículo sobre a disciplina:

> "Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados" (Hb 12.11).

Todos queremos o "fruto da justiça". Queremos nos sentir bem e queremos que o fruto disso "nos acrescente" as coisas boas da vida, como diz Mateus 6.33. Mas precisamos entender que, para recebermos o fruto que queremos, precisamos assumir um compromisso com a disciplina. Precisamos freqüentar um grupo de ajuda por muito tempo.

Precisamos nos tratar com um terapeuta por algum tempo. Precisamos fazer um curso para aprendermos sobre a nossa profissão e prosperarmos. Precisamos visitar os clientes para incrementar as vendas. Precisamos investir no casamento para ganhar intimidade. Precisamos destrinchar nossas almas toda semana para mudar as dinâmicas que estão arruinando nossa vida. Tudo isso leva tempo e, certamente, não é nada divertido. Não parece "motivo de alegria". Mas o que o verdadeiro crescimento ensina, conforme falamos nos capítulos 11 (sofrimento) e 13 (disciplina), é que a dor é temporária e o fruto é duradouro.

Portanto, ao cuidar de si mesmo e dos outros, seja um divulgador do processo. Seja um divulgador do fato de que tudo leva tempo. Seja um divulgador da dor e do sofrimento. A dor é o caminho para a grandeza. Já se disse que a dor é como um problema que abandona o corpo. E assim com qualquer fraqueza ou doença que tivermos. E difícil passar por ela, crescer com ela e livrar-se dela. Mas esse tipo de dor é bom e não retornará. E as lições que aprendemos ficam para sempre.

LIGANDO TODAS AS COISAS

O relacionamento com Deus é a resposta para tudo que buscamos. Foi isso o que eu comecei a descobrir no dia em que entrei na pequena capela. Como disse Jesus, e como vimos nestas páginas, se buscarmos primeiro o Reino de Deus e sua justiça, todas as coisas que buscamos nos serão providas. Mas, como também vimos, isso não é simples.

Buscar a Deus, em primeiro lugar, significa que o conhecemos como o Deus da graça que está por nós. E ele quem nos proverá o que precisamos, e precisamos abandonar nossos próprios programas de auto-ajuda. Mas não podemos apenas alcançá-lo e ter tudo pronto. Também temos de nos transformar numa pessoa capaz de produzir o fruto da vida

que desejamos e, fazemos isso descobrindo seus caminhos e aprendendo a vivê-los.

Deus não é apenas o Deus da graça. É também o Deus da verdade. E, para ficarmos bem, precisamos descobrir muitas verdades e segui-las. Buscar a justiça realmente fecha o ciclo. E isso não é nenhuma conversa fiada religiosa. É tão verdade quanto dizer que um projetista de avião precisa conhecer as leis da física. Se não conhecer e não aplicá-las em seu trabalho, o avião cairá.

A vida e a justiça são exatamente assim. A vida foi criada com leis que governam os relacionamentos e a prosperidade. As leis governam a cura e o crescimento. Para que esses "aviões" decolem, precisamos aprender as leis que os governam. Buscar a justiça não tem nada a ver com uma viagem religiosa, mas com aprender e tornar-se a própria vida. E, no fim, o caminho da "justiça" é o único caminho.

13. A importância da poda! Disciplina

A disciplina proporciona a estrutura
para o amor nos fazer crescer.

Uma garota chamada Kara veio ao meu consultório para falar sobre sua vida doméstica. — O problema é o seguinte: sou um fracasso. Não consigo me organizar, sou péssima para lidar com dinheiro e estou sempre atrasada. Nunca me importei até me casar e ter filhos. Agora isso está realmente me incomodando.

— Você faz alguma idéia de como acabou ficando assim? — eu (John) perguntei.

— Bom, meus pais me amavam quando eu era criança, mas faziam tudo por mim. Nunca aprendi a lidar com horários e com dinheiro e nem mesmo a arrumar o meu quarto. Agora, estou casada com um homem amoroso e compreensivo e realmente gosto do meu casamento e da minha vida, mas por mais que me esforce, não consigo controlá-la. Tenho uma lista de afazeres que inclui meus filhos, limpeza e trabalhos domésticos, e não consigo terminar quase nada. A casa está sempre uma bagunça e nunca consigo completar as tarefas. E não é porque meus filhos dão muito trabalho ou as tarefas sejam impossíveis. Tenho amigas na minha situação que conseguem se virar. O problema sou eu. Acabo me cansando ou falando ao telefone com uma amiga e tudo fica por fazer.

— Então fracasso é a pessoa que não consegue se organizar, ser disciplinada e centrada?

— É. E realmente odeio ver a expressão de decepção do meu marido quando ele chega em casa depois do trabalho. Ele não é do tipo controlador, perfeccionista, nem nada disso. Ele me ajuda bastante. Tudo que ele quer é um pouco de

ordem na nossa vida. Mas nunca consigo completar minha lista. Acho que não estou pronta para o mundo adulto.

— O que você fez para tentar resolver o problema?

— Bom, fiz um exame para ver se tenho o distúrbio de falta de atenção e o resultado foi negativo. Oro muito, tomo decisões e assumo compromissos com Deus. Isso me ajuda um pouco, mas não dura muito.

— Se você dissesse para o seu filho pequeno tentar fazer o jantar, o que aconteceria?

— Ele não conseguiria — ela me respondeu com uma expressão confusa.

— Certo. Por quê?

— Porque ele não tem capacidade.

— Então, como ele pode adquirir capacidade?

— Acho que teria de treinar por um bom tempo — ela disse e parou por um momento — Você está querendo dizer que e isso que eu devo fazer?

— De certa forma. Estou dizendo que você não tem capacidade de ser disciplinada. A disciplina não está em você. Então, quando não há *autodisciplina,* precisamos buscar a *disciplina dos outros* fora de nós para desenvolver a nossa.

— Então, o que é preciso fazer?

— Bom, não me parece que você tenha alguma resistência desconhecida a ser organizada ou esteja cometendo uma sabotagem contra si mesma, portanto, sugiro que você peça para alguns amigos, e ao seu marido, para ligarem para você em horários determinados durante o dia para encorajá-la e para checar em que ponto está a sua lista de afazeres. Assim, o seu dia ficará dividido em várias partes viáveis e você terá em mente que logo precisará prestar contas para alguém, que não agirá de maneira autoritária, mas amigável. Tente isso por enquanto. Porém,

se depois ainda não for capaz de completar as tarefas, terei de passar para um plano no qual você perderá alguma coisa se não realizá-las. Você pode ter de lustrar os sapatos dos seus amigos ou levar sorvete para eles.

— Parece a forma como eu crio os meus filhos.

— E é, porque você é um pouco como os seus filhos por dentro. A única diferença é que você aplicará esse método em vez de deixar os outros fazerem isso por você.

Kara começou a se esforçar. Uma das coisas que gostei de ver nela foi que ela não achou difícil submeter-se aos seus amigos e ser sincera sobre seu "fracasso". Ela se preocupava mais em crescer do que em parecer boa ou certa. E Deus sempre respeita essa atitude, como na história do publicano e do fariseu (Lc 18.9-14). Por isso, não fiquei surpreso quando, pouco tempo depois, ela me ligou e disse que as coisas estavam muito melhores. Ela não precisava mais lustrar o sapato de ninguém e estava aprendendo a ter mais capacidade de realizar suas tarefas.

POR QUE SOFRER?

Nem todas as pessoas no processo de crescimento espiritual têm o problema de Kara. Entretanto, a Bíblia ensina que todo mundo precisa de disciplina e correção para crescer: "Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor nem se magoe com a sua repreensão" (Pv 3.11). Ao lado de todos os outros elementos de crescimento dos quais falamos neste livro, é necessário, ou melhor, é essencial que haja disciplina.

Vamos compreender o que isso quer dizer. A Bíblia tem muitos significados para a palavra *disciplina,* como castigar, corrigir, instruir, reprovar e advertir. A palavra *disciplina* refere-Se à pessoa no processo de aprendizagem. A idéia de nossa discussão é que a disciplina, no sentido mais amplo, significa *ensinar uma pessoa a ter autocontrole em uma determinada área da vida.*

Na verdade, a palavra *disciplina* descreve tanto o processo como o resultado. Deus nos disciplina para que nos tornemos disciplinados, ou seja, precisamos experimentar a correção e as conseqüências externas para que a disciplina faça parte de nossa vida e experiências internas. *Tornamo-nos disciplinados por meio da disciplina de Deus e dos outros.* Por que precisamos ser disciplinados para aprender a ter autocontrole? Porque não temos controle sobre nós mesmos. Como as crianças, nós nos perdemos e erramos e, por isso, precisamos de parâmetros. Um dos frutos do Espírito é o autocontrole (Gl 5.23) e ele nos é dado por Deus com o tempo para que possamos conduzir nossa vida sob o seu domínio. E, como as crianças, só sabemos que ele produziu frutos interiormente *quando não dependemos muito da estrutura externa para manter o controle.*

Então, a disciplina é um dos ingredientes necessários do crescimento espiritual. A necessidade de disciplina vai muito além de problemas, como o de Kara, de falta de organização e de estrutura. Abrange todas as áreas da vida que não desempenhamos adequadamente, desde atitudes a conflitos de relacionamento e falta de fé. Por exemplo, um indivíduo extremamente organizado e objetivo pode ter um problema no plano emocional. Quando está estressado ou aborrecido, fica frio com as pessoas que precisam dele. Para tornar-se mais consciente disso, ele precisa da correção amorosa e de lembretes dos outros para assumir a responsabilidade pelo problema.

O autocontrole fornece uma estrutura para o amor. As pessoa que têm uma disciplina interna aprenderam a governar a vida de uma forma que o amor de Deus flui nelas de maneira muito frutífera e compensadora. Elas mostram qualidades como honestidade, responsabilidade, fidelidade e lealdade. Não são escravas de seus impulsos. O *amor é o coração das pessoas, e a disciplina, o esqueleto que lhe dá forma e proteção.*

No entanto, a disciplina é dolorosa. Muitas pessoas entram em um grupo de crescimento, por exemplo, com a idéia de que serão amadas, ajudadas e compreendidas. E todo bom contexto de crescimento fornece isso. Mas se for somente isso que o grupo proporciona, os membros podem tornar-se crianças mimadas, incapazes de resolver os problemas da vida com o quais lutam. Isso acontece porque elas não têm os elementos necessários da disciplina e da correção.

Algumas pessoas temem que disciplina signifique castigo, condenação, julgamento ou mesmo abuso, porque foram magoadas no passado com a desculpa da disciplina. Por isso, evitam-na. Mas a visão de Deus sobre a disciplina é muito diferente disso. Uma das palavras gregas usadas na Bíblia para *disciplina* tem um significado que inclui "sustento". Quer dizer, a disciplina nos dá amor e amadurecimento. Ela não nasce da raiva ou do castigo, mas do desvelo: "... pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho" (Hb 12.6).

Por exemplo, não gostava quando meus pais me "faziam" arrumar a cozinha e me limpar. Eu achava que eles estavam sendo maus e sem amor. Entretanto, hoje essas coisas são automáticas e eu as faço sem que alguém precise me lembrar (a não ser, às vezes, pela minha esposa). Sou sinceramente grato pelo tempo que meus pais levaram para que esse incentivo externo à disciplina se tornasse parte de mim.

A disciplina está relacionada ao sofrimento, mas não é a mesma coisa que ele (v. cap. 11). O sofrimento é qualquer desconforto pelo qual passamos, seja tão sério quanto a perda de um ente querido ou tão trivial quanto receber uma multa no trânsito. Entretanto, embora o sofrimento tenha mais a ver com a *experiência* do que com o desconforto, a dor ou a perda, a disciplina é mais voltada para o *objetivo* do crescimento e do autocontrole. Por exemplo, você sofre com um regime de dieta e exercícios, passa fome, tentação, privação e fadiga. Embora sofra tudo isso, aprende a

disciplina de ser o dono de seu corpo. Ela é fruto, ou resultado, da sua submissão ao regime.

A submissão à disciplina é difícil porque precisamos permitir que algo nos aconteça, que *sejamos disciplinados.* Como Kara, não podemos fornecer disciplina a nós mesmos, pois ela não está dentro de nós. Temos de deixar que ela nos aconteça e, então, crescer com ela. Isso pode significar dar permissão a alguém para nos confrontar quando somos ríspidos ou concordar em entrar para um grupo que nos dirá a verdade sobre nós mesmos. É necessário que haja uma certa perda de controle e de autodefesa para aprendermos a ter disciplina. O crescimento de Deus não foi feito para que tenhamos total controle sobre ele. É preciso fé (Hb 11).

Embora a disciplina seja um processo que sofremos, isso não significa que sejamos passivos nele. E preciso que também tomemos a iniciativa e atuemos. Paulo diz o seguinte: "Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, cu mesmo não venha a ser reprovado" (1Co 9.27). *Temos participação ativa na disciplina que deixamos que nos aconteça.* Por exemplo, duas mulheres concordam em se analisar. Uma delas diz que, às vezes, a outra e indireta, e não sincera. Esta sofreu a análise. O próximo passo é começar a tomar medidas para ser mais emocionalmente honesta com a amiga. Esse é o aspecto ativo.

OS INGREDIENTES DA DISCIPLINA

Vários aspectos da disciplina operam em nosso coração e ajudam nosso crescimento espiritual. Alguns são qualidades da pessoa que está sendo treinada e outros, do processo. Quando a disciplina funciona como deveria, todos eles se somam para promover ainda mais o crescimento da pessoa.

A parte que cabe à pessoa em processo de crescimento:

1. RECEPTIVIDADE. Precisamos ser receptivos ao treinamento da disciplina. Quanto mais abraçamos as dores necessárias do crescimento, mais frutos a disciplina produzirá (Hb 12.11). A receptividade é extremamente importante. Conheço pessoas que receberam as lições da disciplina e cresceram com elas a ponto de dar grandes passos em direção à santificação. Também conheço pessoas que recusaram a disciplina e, por isso, suas vidas sofreram. O rei Davi humildemente recebeu a correção de Deus quando se desviou do caminho, e o seu reino foi estabelecido para sempre. Entretanto, o faraó do Egito, um homem com grande poder, endureceu seu coração contra a disciplina de Deus e teve um fim trágico.

Se você é um condutor do crescimento, promova essa receptividade no seu contexto de crescimento. Cuide para que a verdade e a confrontação com amor sejam partes obrigatórias do processo, e não exceções. Ajude as pessoas a verem que parte do amor é ser honesto e direto. As pessoas receptivas tomarão a iniciativa e pedirão um parecer de como elas influenciam os outros. As menos receptivas precisarão de encorajamento para examinar sua resistência à disciplina.

2. CONFISSÃO. "Confessar" é concordar com a verdade. Quando Deus ou os outros nos disciplinarem, precisamos concordar com a dificuldade ou o problema. Quando confessamos, nos conformamos ao processo de crescimento e cura (Tg 5.16). Quando não confessa mos, negamos os benefícios da disciplina.

Conheci um homem em um grupo de crescimento que queria ter mais intimidade com Deus. O grupo tentou encorajá-lo, mas logo viu que ele se fechava emocionalmente. Quando surgiam questões do coração, ele revelava seus pensamentos e opiniões, em vez de seus sentimentos, ou mudava de assunto. Ele discordou durante algum tempo, dizendo que seu problema era totalmente "vertical" e que o

"horizontal" não tinha cabimento. Assim, experimentou pouco progresso em sua busca por Deus.

Então, um dia, ele confessou que se sentia muito solitário, mas que ao mesmo tempo tinha medo que os outros o conhecessem por dentro. O grupo aproximou-se mais dele depois que soube o que ele sentia e foi compreensivo. Uma coisa maravilhosa aconteceu. Ele começou a sentir a presença tanto de Deus como dos outros interiormente. Não bloqueava mais as pessoas. Sua confissão iniciou o processo de cura.

3. ARREPENDIMENTO. Quando encontramos a disciplina de Deus, precisamos estar dispostos, não apenas a concordar com a verdade, mas a viver na verdade, ou seja, voltar atrás e nos arrepender. O arrependimento significa que mudaremos realmente o que precisa ser mudado. É importante notar que isso nem sempre significa resolver o problema em si imediatamente. Se fosse assim, não haveria necessidade de crescimento. O arrependimento simplesmente significaria fazer somente o que é e evitar o errado, o que é impossível, dada nossa condição imatura e pecadora (Rm 7).

É melhor encarar o arrependimento como o ato de largar o que não é bom para nós e buscar o que é melhor. Isso pode requerer uma mudança de estilo de vida. Por exemplo, uma pessoa que é esbanjadora e deseja mudar provavelmente não terá a estrutura interna para tornar-se econômica imediatamente. Mas o arrependimento pode significar que, quando se sentir carente ou má, ligará para um amigo que a ajude em vez de gastar dinheiro para sentir-se melhor. Esse arrependimento nos ajuda a passar da morte para a vida.

O que o processo deve fornecer:

1. UMA FONTE. Como mencionamos, a disciplina deve vir de fora até desenvolvermos o autocontrole e a maturidade. Deus fornece mais de uma fonte de disciplina.

Primeiro, ele nos castiga e corrige diretamente. Tudo começou quando ele teve de colocar seus primeiros filhos de castigo fora do jardim do Éden para sempre (Gn 3.23,24)! Foi uma experiência dolorosa para Adão e Eva, mas que, no fundo, visava o bem deles. Lembro de um amigo meu que perdeu um emprego com ótima remuneração em uma crise industrial. Essa perda não aconteceu por causa de um problema de desempenho de sua parte. Entretanto, foi numa época em que ele estava dando mais atenção ao seu trabalho do que à família e à sua vida interior. Ele me contou depois que acredita que sua crise no emprego foi um sinal de Deus para ele colocar sua casa espiritual em ordem, o que ele fez.

Depois, as pessoas precisam de uma fonte de disciplina. Nem é preciso dizer o quanto o Corpo é importante nesse sentido. Precisamos de pessoas atenciosas, sinceras e sensíveis que nos amem o bastante para nos corrigir quando nos desviamos. Davi teve Nata (2Sm 12.1-14) e Pedro teve Paulo (Gl 2:11)

Além disso, a realidade também é uma fonte de disciplina. Deus construiu o universo para operar determinadas leis. Quando desobedecemos essas leis, sentimos a dor das conseqüências (v. a lei do semear e ceifar no cap. 5 do livro *Limites).* Por exemplo, quando não ligamos para os sentimentos dos outros, eles se afastam de nós. Esse aborrecimento nos alerta para a tarefa de buscar o coração das pessoas.

2. EMPATIA DOS OUTROS. A disciplina também precisa ser administrada com mansidão e cuidado. A noção de que aquele que nos disciplina se preocupa conosco diminui o desconforto de receber a correção. Podemos suportar as conseqüências quando sabemos que Deus e os outros estão agindo daquela forma para nos corrigir, e não para nos punir. Procure não tomar atitudes autoritárias ou controladoras em relação àqueles que estão sendo disciplinados. Trate-os como adultos, com respeito e com

liberdade. Lembre-se de como nos sentimos quando somos repreendidos.

3. DOR. A disciplina, em geral, requer que a dor seja eficaz. Sinaliza um problema ao qual devemos dar atenção. Deus, as pessoas e a realidade administram a dor na medida certa para vermos o que está acontecendo e, então, nos corrigirmos.

O tipo e a dosagem da dor diferem de acordo com a nossa necessidade. Uma pessoa com um coração receptivo precisa de menos dor para entender a mensagem. O indivíduo egocêntrico ou naturalmente teimoso pode precisar de mais. Por exemplo, uma mulher diz ao marido que ele a magoa quando não dá atenção aos seus sentimentos e que essa é a única coisa que ele precisaria mudar. Ele vê que está lhe causando dor e não quer magoar a pessoa que ama. As palavras gentis da esposa administram toda a dor que ele precisa sofrer, e ele passa a dar mais atenção aos sentimentos dela. Entretanto, um outro marido pode ignorar as palavras da esposa a ponto de colocar em risco todo o relacionamento até acordar para a realidade de que precisa mudar. Então nossa atitude em relação ao crescimento e à aceitação da disciplina é uma característica decisiva do caráter que afeta drasticamente a dor que precisamos sentir.

Se você for um condutor do crescimento, cuidado para administrar a dor de maneira apropriada e cuidadosa. Eis algumas dicas:

- demonstre graça (amor e atenção) primeiro;
- cuide de si mesmo para ganhar o direito de dizer alguma coisa para os outros;
- use lembretes gentis;
- fale antes de aplicar as conseqüências;
- explique os detalhes à pessoa para que ela possa identificar o problema;

- procure não usar termos condenatórios ou reprovadores;
- seja direto e claro;
- saiba distinguir os acontecimentos dos padrões de comportamento (os acontecimentos não requerem muita disciplina, ao contrário dos padrões);
- tenha sensibilidade com o estado emocional da pessoa; só podemos suportar a dose correspondente de verdade;
- mostre à pessoa como o comportamento dela afeta os outros;
- se as palavras não funcionarem, administre conseqüências com cuidado (v. *Limites).*

Lembre-se também que há outros tipos de dor no mundo, além da dor da disciplina. Perder um ente querido, por exemplo, pode não ser um chamado de despertar, mas apenas a triste realidade de se viver num mundo imperfeito. As pessoas podem magoar umas às outras desnecessariamente se sempre atribuírem a dor à necessidade de disciplina, como: "Talvez você tenha perdido o seu marido porque não estava ouvindo a Deus".

4. TEMPO. Algumas vezes, a disciplina realiza seu trabalho rapidamente e outras vezes, não, dependendo destes fatores:

- a atitude da pessoa em processo de crescimento;
- a gravidade do problema com o qual se está lidando;
- o tempo que o problema existe;
- os recursos espirituais e emocionais disponíveis para ajudar.

Por exemplo, uma pessoa que desenvolveu recentemente um pequeno problema de desorganização, mas que tem uma

boa atitude e um grupo de ajuda atento que se preocupa com ela, pode precisar de pouco tempo para ganhar percepção e estrutura. Entretanto, uma pessoa que sempre teve graves problemas de estrutura, culpa os outros por isso e não tira proveito da ajuda levará muito mais tempo para fazer progressos.

5. INTERIORIZAÇÃO. A interiorização é um processo de aprendizagem emocional que significa que a pessoa assimilou a experiência. Ela não precisa mais da estrutura externa e da dor porque aprendeu a lição e cresceu com ela. E muito mais do que simplesmente memorizar uma lista, pois requer a mente e o coração.

Por exemplo, uma mulher que fazia parte de um grupo que liderei não percebia que dominava a conversa e sempre puxava o assunto para si mesma. Os membros do grupo lhe disseram gentilmente que isso a distanciava deles e que eles queriam muito superar esse fato para poderem se aproximar dela. Foi difícil ouvir isso, mas ela se submeteu ao processo e pediu-lhes que a avisassem quando acontecesse de novo. E eles fizeram isso fielmente. Com o tempo, ela aprendeu a se controlar nas conversas antes que qualquer um lhe dissesse alguma coisa. Mais tarde, conforme continuou a crescer, ela se tornou muito mais ligada ao grupo e não restou nenhum vestígio das tendências controladoras que tinha. Ela interiorizou muitas experiências da disciplina amorosa de seu grupo.

O QUE PRECISA DE DISCIPLINA?

Como saber o que devemos corrigir e o que devemos esquecer? É uma pergunta importante, já que existem muitos extremos nos dois lados. Algumas pessoas atuam como policiais e vivem reprovando os outros a ponto de magoá-los. Outras ignoram o valor da disciplina e procuram não

confrontar as pessoas. Vejamos algumas orientações para saber como encarar a disciplina.

1. PROBLEMAS POR CAUSA DA IGNORÂNCIA. Algumas pessoas sofrem na vida ou nos relacionamentos porque ignoram os problemas. Não é que o resistam ou neguem. Elas são mais inocentes, pois não sabem que têm um problema. Por exemplo, tenho uma amiga que fala alto. Ela não sabe disso, mas notei em lugares públicos. Quando a alerto, ela fala mais baixo, embora ache baixo demais. Ela encontra disciplina nos meus lembretes, mas não tem uma atitude negativa; ela aceita humildemente a ajuda dos outros.

2 PROBLEMAS DE FALTA DE ESTRUTURA. A questão da falta de estrutura aparece sempre nos círculos de crescimento espiritual. Como Kara, muitas pessoas descobrem que não têm estrutura interna para confrontar os problemas com os outros, alcançar objetivos, fazer boas escolhas e pensar a longo prazo. O processo de disciplina pode ser extremamente útil para indivíduos com esses problemas, porque a estrutura que proporciona compensa a carência que eles apresentam.

Tome, por exemplo, a criança que não consegue ficar mais do que dois segundos fazendo a lição de casa sem querer sair para brincar. Você pode chamar sua atenção o dia inteiro, que ela não conseguirá fazer a lição. Mas quando você cria uma estrutura disciplinadora que forneça amor, parâmetros e conseqüências apropriadas (por exemplo, uma hora específica reservada para o estudo e a conseqüência de não poder brincar se não fizer a tarefa), com o tempo, ela tem mais chances de desenvolver a capacidade de trabalhar continuamente. O mesmo acontece com todos aqueles que se identificam com os problemas de Kara.

3. PADRÕES DE CARÁTER. Precisamos ter consciência de padrões de caráter destrutivos. Algumas formas de

interagir com Deus, com as pessoas e com o mundo não dão certo. Esses padrões são, em geral, a causa de mais problemas externos, como depressão, ansiedade, conflitos conjugais ou no namoro, problemas financeiros ou abuso de substâncias químicas. Vejamos uma pequena lista:

- distanciamento emocional;
- passividade;
- depreciação do amor;
- controle sobre os outros;
- irresponsabilidade;
- egocentrismo;
- perfeccionismo.

Em essência, são imaturidades crônicas que cultivamos dentro de nós. Mas quando aceitamos discipliná-las, ficamos mais atentos a elas e ganhamos conhecimento para tratá-las e apoio para resolvê-las. Ou seja, elas amadurecem e deixam de ser problemas.

Vejamos um exemplo. Dave tinha um problema em desprezar a atenção dos outros. Quer dizer, quando estava sob estresse ou enfrentava algum fracasso no trabalho ou em casa, ele pensava: "Ninguém me apoiará. As pessoas vão pensar que sou choramingão e egoísta". Às vezes, ficava claro para os membros de seu grupo de estudo da Bíblia que ele estava com dificuldades. Dava para ver sua expressão de tristeza ou reparar que ele estava distante. No entanto, ele não aceitava os convites para falar sobre seus conflitos.

Quando o grupo soube disso, começou a confrontar seu padrão quando ele mudava. Uma noite, um membro do grupo disse: "Dave, quando você nos repele desse jeito, fica difícil para nós, porque não nos sentimos em condições de ajudá-lo". Dave ficou tocado pelo fato de ser tão importante para esse membro do grupo e por ser tão destrutivo para o relacionamento. Quando tomou mais consciência dessa

tendência, começou a se arriscar mais e a permitir que o grupo conhecesse o seu coração.

4. ERRO EM RELAÇÃO AO CONSOLO. Saiba, porém, que algumas áreas do crescimento espiritual precisam de mais amor do que correção. Por exemplo, as pessoas desiludidas e carentes podem beneficiar-se com lembretes desses problemas, mas o que elas mais precisam é de segurança, consolo e amor. Se você for um líder do crescimento, cuidado com isso para não machucar com disciplina alguém que precisa apenas de atenção.

Um exemplo disso é um homem que conheci, que lutava contra o sentimento de raiva. Seu grupo de crescimento só lhe dava correção. Ele tentava ter uma boa resposta, mas sentia-se mais desamparado e culpado cada vez que era corrigido. Finalmente, seu terapeuta diagnosticou que a depressão estava causando sua raiva. Tinha a ver com profundos sentimentos de tristeza por causa da perda. Quando foi consolado em seu pesar, a depressão e a raiva desapareceram.

DESTRUIDORES DA DISCIPLINA

Infelizmente, todas as pessoas tendem a sabotar o próprio processo de crescimento. Especialmente no caso dos condutores, é preciso reconhecer os vários meios de nos afastarmos dos caminhos de Deus para o crescimento, porque, antes de mais nada, podem acabar com o crescimento espiritual se não forem tratados. Vejamos quatro deles.

5. NEGAÇÃO. A negação é não admitir a verdade sobre um problema. Há dois tipos de negação. O primeiro é quando mantemos alguma coisa dolorosa longe de nossas

consciências, como um trauma. O segundo é quando não queremos admitir que somos responsáveis por alguma coisa, como o nosso próprio egoísmo. Este último é muito mais sério do que o primeiro. Um exemplo disso é a pessoa que tem o hábito de criticar os outros, mas quando alguém a alerta para o fato, ela responde dizendo: "Não, eu não faço isso".

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Faça uma relação sobre como o fato de não ter autocontrole afetou sua vida em alguma área, por exemplo: espiritual, relacional, financeira, sexual, profissional, alimentar, criação dos filhos, administração da casa.
- Investigue por que você não tem disciplina nessa área, seja por falta de responsabilidade com os outros, pela dura disciplina que recebeu ou pela resistência em se submeter ao processo. Crie um plano para ganhar disciplina num contexto de crescimento equilibrado e com amor.
- Compreenda que não se ganha disciplina com a força de vontade e com o compromisso, pois eles estão dentro de nós. Se o problema é a falta de autocontrole, você precisa absorver a disciplina do controle dos outros, quer dizer, das estruturas externas que nos ajudam a interiorizar a disciplina.
- Veja a Deus como uma figura atenciosa e amorosa, e não punitiva, quando ele lhe aplicar a disciplina.
- Acima de tudo, repare em qualquer tendência de negar, racionalizar, minimizar ou culpar os seus problemas de autocontrole. Assuma o problema e encontre boas fontes de disciplina.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Cuidado para apresentar a disciplina como uma expressão do amor e do crescimento de Deus, e não como uma dor ou castigo inútil.
- A importância da poda: disciplina 291
- Ajude as pessoas a verem o quanto a falta de ser corretamente disciplinado, a resistência em aceitar a disciplina por causa de orgulho ou medo e a falta de autocontrole afetam suas vidas.
- Ajude-as a fazer uma relação das áreas de suas vidas que precisam de disciplina e correção.
- Forneça experiências seguras em que elas aceitem a disciplina, que pode ser desde a confrontação até as conseqüências, para ajudá-las a entender como ela promove o autocontrole.
- Explique a tendência de equiparar a disciplina com maus-tratos ou controle e ajude-as a aprender a exigir disciplina em seus relacionamentos saudáveis.
-

6. RACIONALIZAÇÃO. Quando racionalizamos, criamos desculpas para o nosso problema para não sermos culpados pelos outros. Podemos admitir que o problema existe, mas não nos consideramos responsáveis por ele. Usando o exemplo anterior, a pessoa diria: "Eu sei que critico você, mas é uma crítica construtiva".

7. MINIMIZAÇÃO. Minimizar é reduzir ou suavizar a percepção do problema. Por exemplo, a pessoa diz: "Eu não o critico desse jeito que você diz. Você está exagerando".

8. CULPA. A culpa simplesmente tira a responsabilidade dos ombros da pessoa e a joga para os outros. Aponta o dedo

para qualquer lugar que não seja ela mesma. Por exemplo: "Critico você porque você me provoca; você sempre chega tarde".

No cerne de todos esses "destruidores da disciplina" está a tentativa de eliminar nosso lado negativo. É o que chamamos de "projeção" e é a isso que Jesus se referiu quando nos advertiu para retirarmos a viga de nossos olhos antes de pensarmos no cisco dos olhos dos outros (Mt 7.1-5). As pessoas projetam seus problemas nos outros para não ter de experimentar o desconforto de suas próprias fraquezas e pecados. Por causa da projeção, ficam com medo daqueles nos quais jogam seus aspectos negativos. Enxergam-nos como perigosos e, em último caso, como alguém que precisam controlar e manter à distância. É por isso que, quando se tornar consciente da negação, da racionalização, da minimização ou da culpa, você deve confrontar o problema diretamente. Essas projeções separam as pessoas e rompem o processo de crescimento.

O CASO EM QUESTÃO

Sou um testemunho pessoal deste capítulo] Enquanto escrevia uma seção deste livro, tive um problema com o tempo. Ocupado com outras tarefas e projetos, fiquei atrasado na programação. Nada que fazia me ajudava a ficar em dia. Reservei mais tempo, orei, resolvi me dedicar mais e bebi café até tarde da noite, sem sucesso.

Finalmente, liguei para as pessoas do meu grupo de crescimento e pedi que fizessem três favores para mim. Primeiro, pedi permissão para enviar-lhes uma cópia dos meus prazos de entrega, para que elas soubessem quando eu tinha de entregar as partes prontas do livro. Depois, pedi que me ligassem duas vezes por dia para verificarem se eu estava dentro do prazo. Finalmente, pedi para elas escolherem uma instituição de caridade para eu enviar dinheiro, que não

fizesse parte das minhas favoritas, para que não fosse muito fácil para mim. E funcionou. Saber que meus amigos estavam do meu lado e que me ligariam ajudou-me a cumprir minha obrigação.

Uma amiga que soube da minha tática disse: “Mas por que você não usou uma recompensa em vez da disciplina?”. É porque não podia me arriscar a essa altura, expliquei-lhe. De qualquer maneira, a recompensa do alívio veio depois, quando consegui cumprir meu prazo.

Conclusão

Deus disciplina aqueles a quem ama. Falta de disciplina significa falta de amor. Entretanto, se continuarmos no processo de correção “adequadamente”, cresceremos em amor, fé e responsabilidade.

A disciplina fornece uma estrutura para o crescimento. Porém, existe outro elemento importante que nos abre para o crescimento e a disciplina: a pobreza espiritual. Descubra esses benefícios no próximo capítulo.

14. ÁGUAS DE UM POÇO MAIS PROFUNDO: POBREZA ESPIRITUAL

Pobreza espiritual é experimentar a realidade da nossa condição.

Henry e eu estávamos num seminário de uma grande organização cristã e surgiu o tópico dos pequenos grupos de igreja. Nós defendemos veementemente e damos muito valor a eles. Falamos das necessidades que enfrentam, como operam e assim por diante.

Um dos executivos da organização, que é meu amigo, perguntou:

— Qual é a diferença entre os grupos para pessoas com problemas e os grupos para pessoas normais?

Henry e eu nos olhamos e dissemos:

— Só existe um tipo de grupo.

Essa história ilustra um problema antigo na visão da igreja sobre o crescimento espiritual. Quase todo mundo concorda que precisamos crescer espiritualmente. Precisamos nos aproximar de Deus, amar uns aos outros, ler a Bíblia e aplicar suas verdades. Mas muitos não acreditam que um grande motivo para o crescimento é que nos encontramos num estado profundo e crítico de necessidade e incompletude.

Entretanto, a Bíblia ensina que todas as pessoas se encontram nesse estado. A parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14) e angústia pessoal de Paulo sobre sua incapacidade de fazer o que é correto (Rm 7.1 5-24) ilustram o quanto as pessoas precisam da graça e da misericórdia divinas. Por natureza, somos seres imperfeitos, sem nenhuma esperança, a não ser Deus.

Nem todo mundo é consciente da própria necessidade, como os fariseus na parábola de Jesus que não reconheciam isso. Entretanto, algumas pessoas são. Jesus as chamou de *pobres de espírito:* "Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus" (Mt 5.3). No grego, "pobres de espírito" sugere um mendigo servil, totalmente dependente dos outros para sobreviver. Uma imagem nada bonita de nós! Ninguém se cumprimenta na igreja dizendo: "Nossa, você é mesmo um grande mendigo. Gostaria que fosse meu mentor". No entanto, o Reino dos céus pertence àqueles que experimentam essa dependência.

A pobreza espiritual implica em viver na realidade. Uma boa maneira de entender isso é pensar nela como o estado de incompletude que experimentamos diante de Deus, em conseqüência de fraquezas, necessidades não supridas, feridas sentimentais e mágoas causadas pelos outros, imaturidades e pecados. Tem a ver com as características que não são como deveriam ser c que não podemos reparar sozinhos. Quando as pessoas experimentam uma grande necessidade, incompletude e dependência, que é a sua condição real, em geral, são sobrepujadas. A pobreza espiritual é a cura para o narcisismo, para a arrogância e para vários outros problemas. Quando abrimos os olhos para a nossa imperfeição, não "nos sentimos melhor em relação a nós mesmos", mas sentimos que alguma coisa está muito errada.

Porém, Jesus diz que essa condição é "bem-aventurada" porque nos faz ficar mais perto de Deus. Nosso estado de incompletude nos faz buscar a Deus fora de nós como fonte de cura e de esperança. Quando ficamos confortavelmente independentes, é fácil evitar nossa necessidade de Deus.

O coração quebrantado está relacionado à pobreza espiritual. É o estado de ficar machucado ou devastado com alguma perda, pessoa, mágoa, injustiça ou circunstância. Quando uma pessoa fica abatida por causa de uma ferida emocional, relacional ou profissional, seu coração se parte.

Deus trata essa condição com carinho especial: "O SENHOR está perto dos que tem o coração quebrantado e salva os de espírito abatido" (Sl 34.18; v. também Sl 147.3; Is 61.1). O coração quebrantado sempre desperta a consciência de nossa pobreza espiritual pois revela nossa necessidade.

Quando converso com estranhos sobre o tema deste livro, junto informações sobre sua condição de pobreza espiritual. Quando conheço alguém no avião e conversamos sobre o meu trabalho, digo que escrevo livros e a pessoa pergunta:

— Que tipo de livros?

— Estou trabalhando num livro sobre crescimento espiritual, emocional e pessoal — respondo, tentando explicar.

Às vezes, a pessoa ergue a sobrancelha e diz:

— Que interessante.

Então passamos a falar de esportes ou política. Mas outras vezes meu companheiro de viagem se anima porque o assunto tocou alguma parte importante dentro dele. Então, começa a falar sobre alguns conflitos ou problemas que teve de enfrentar na vida e como, por meio deles, experimentou o crescimento.

Não estou condenando a pessoa desinteressada. Ela pode ter sido ferida em um grupo ou processo de crescimento ou pode ser uma daquelas pessoas "resolvidas" das quais falei. A questão é que todas as pessoas precisam encontrar uma condição de necessidade para que o crescimento aconteça.

POR QUE A POBREZA ESPIRITUAL É IMPORTANTE PARA AS PESSOAS CRESCEREM

Muitas pessoas que têm o coração voltado para Deus e para o crescimento têm o mesmo tipo de idéia sobre grupos

diferentes que aquele meu amigo tinha. Elas querem aprofundar sua caminhada, tornar-se mais parecidas com Cristo e conhecer a Deus mais intimamente. Mas sentem-se diferentes de pessoas com problemas de vida, como depressão, vícios, ansiedade, problemas no casamento, família ou relacionamento, ou obstáculos no trabalho. As que não têm esses conflitos podem sentir compaixão e preocupação pelas que têm, mas não identificação. Ás vezes, perguntam-se por que seus amigos não conseguem entender e se recompor ou confiar mais em Deus, já que essas soluções funcionam para elas. E quando aconselham os outros dessa maneira, correm o risco de desanimá-los tanto a ponto de se desesperançarem inclusive de sua confiança no próprio Deus: "Um homem desesperado deve receber a compaixão de seus amigos, muito embora ele tenha abandonado o temor do Todo-poderoso" (Jó 6.14).

Não estamos dizendo que todo mundo com problemas na vida é pobre em espírito. Alguns estão em negação, outros culpam os outros por seus problemas. Mas há aqueles que acreditam que, no tempo devido, eles resolverão seus problemas sozinhos. Esses ainda não chegaram no fim de suas forças, à aceitação humilde da realidade que os faz lamentar num sinal de que compreenderam sua condição (Tg 4.9,10). Na verdade, estamos dizendo que as pessoas com problemas de vida têm mais oportunidades de reconhecer a necessidade da cura divina, porque a prova está bem diante delas.

Também não estamos dizendo que os indivíduos que experimentam problemas estão em negação. Há muitos crentes que amam a Deus, têm bons casamentos e relacionamentos e vidas razoavelmente boas sem passarem por nenhuma tragédia. Eles não estão escondendo nada. Não são falsos nem mal-intencionados. Mas podem não conhecer a condição de seu coração quebrantado porque não têm a consciência de sua necessidade que a realidade indicaria.

Recentemente, encontrei um velho amigo que esteve na mesma organização cristã que eu, há muitos anos. Colocando o assunto em dia, ele me contou que passou por uma mudança espiritual radical. Consciente de que ele sempre teve uma fé muito forte e dedicada, fiquei curioso. Pedi para ele me contar a respeito.

— Fui a uma conferencia sobre crescimento espiritual que tratava de questões do passado. Não achava que aquilo tinha realmente a ver comigo, mas queria manter-me aberto. O orador ensinou que nossa história familiar pode afetar nossa vida espiritual. A versão menor é que tomei consciência de que o meu passado familiar afetou minha vida. Meus pais eram cristãos dedicados e responsáveis, mas críticos e frios. Cresci desligado de meus sentimentos e me entreguei ao meu trabalho e ministério. E eu tinha a tendência de criticar os outros injustamente. Percebi que isso afetava o meu casamento, meus filhos e meus amigos. De repente, mergulhei na tristeza e na dor por causa de minha própria ferida e da ferida que inconscientemente causei nos outros. Com o tempo, procurei me abrir mais emocionalmente e abandonei a mania de criticar e julgar a mim mesmo e os outros. A propósito, queria saber se, naquela época, eu também magoei você com minha distância ou meu julgamento.

Lágrimas caíram dos meus olhos, não porque ele tinha me magoado, mas porque vi o que ele guardava dentro de si esse tempo todo, tentando ao máximo seguir a Deus, sem saber de todos os seus problemas. Embora me lembrasse dele como uma pessoa gentil, dava para sentir que ele não era mais o homem que eu tinha conhecido. Era um indivíduo mais acessível, mais expansivo e mais aberto.

E assim que a pobreza espiritual pode ajudar as pessoas a crescer. Meu amigo tomou consciência de sua pobreza espiritual, de sua mágoa e vazio interior e de sua imperfeição, mudando sua vida espiritual completamente, sem mencionar seus relacionamentos e ministério.

A RIQUEZA QUE A POBREZA ESPIRITUAL TRAZ

A pobreza espiritual nos ajuda a crescer porque é, de fato, a pobreza *espiritual.* A palavra grega para "espírito" usada em Mateus 5.3 ("Bem-aventurados os pobres em espírito") indica a dimensão espiritual da vida. A consciência de nossa incompletude nos leva a Deus e a seus caminhos, e ele espera por nós com tudo que precisamos para crescer e nos restaurar.

A pobreza espiritual é uma passagem rica do processo de crescimento espiritual. Vejamos por quê.

1. A POBREZA ESPIRITUAL É NECESSÁRIA PARA A FÉ SALVADORA. Ninguém pode se tornar cristão se não admitir, de alguma forma, a própria perdição e incapacidade de se libertar da prisão e do castigo do pecado (Rm 3.23). Caso contrário, a morte de Jesus seria inútil e desnecessária. Então, para chegarmos à fé que salva, precisamos estar perdidos. Porém, o que sempre acontece é que aceitamos a Cristo como Salvador por causa da nossa perdição e, depois, vivemos nossa vida cristã como se fôssemos completos. Embora Deus habite em nós, ainda temos partes inacabadas que precisam amadurecer e se santificar. Ê por isso que a Bíblia ensina que devemos continuar no caminho da fé exatamente como começamos: "Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele" (Cl 2.6).

2. A POBREZA ESPIRITUAL DESPERTA A FOME POR DEUS. A pobreza espiritual nos ajuda a encontrar soluções para a nossa necessidade e, em última análise, a encontrar a Deus. As pessoas que têm consciência de sua verdadeira necessidade são mais motivadas a olhar para além de si mesmas e buscar ao Senhor. Por exemplo, os necessitados,

em geral, tornam-se humildes em espírito, devido à dificuldade de sua condição. A partir daí, basta um pequeno passo para encontrar a Deus de muitas maneiras. Há uma forte relação entre as pessoas humildes e as que buscam a Deus: "Os necessitados o verão e se alegrarão; a vocês que buscam a Deus, vida ao seu coração" (Sl 69.32).

Muitas pessoas que de outra forma não investiriam muito tempo nos caminhos de Deus buscaram soluções espirituais para seus problemas. A necessidade e o vazio as impulsionaram em direção a ele quando já haviam esgotado seus próprios recursos. Reflita sobre as fases difíceis de sua vida e veja se nelas você também buscou mais a Deus.

Isso ajuda a explicar por que a Bíblia passa tanto tempo abençoando os necessitados de espírito e confrontando o complacente espiritual. Sem pobreza, não existe a motivação da fome. A "mornidão" é sinal de que a pessoa ainda não se tornou pobre em espírito e, portanto, não tem fome. Jesus foi duro com a mornidão da igreja de Laodicéia: "Você diz: 'Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada'. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu" (Ap 3.17).

Existe um paradoxo no crescimento espiritual: as pessoas que têm mais problemas e são mais pobres em espírito tendem a crescer mais do que as que têm menos problemas e são menos pobres em espírito. Seria de se imaginar que as pessoas com mais problemas precisam lutar mais para crescer, e isso certamente acontece. Entretanto, a pobreza desperta a fome, e já vi isso acontecer muitas vezes em situações clínicas e de aconselhamento. Não se pode impedir uma pessoa necessitada de se apegar a Deus, enquanto muitas em circunstâncias menos graves facilmente se distanciam.

Uma vez, cuidei de um casal cristão que se encaixava nessas duas descrições. O marido tinha problema com a bebida, compulsão sexual e temperamento irascível. Ele estava péssimo, mas tinha fome. Quando compreendeu a

gravidade de seus problemas e de sua condição espiritual, passou por um longo e doloroso período de profundo pesar pelo que tinha feito a si mesmo, a Deus e à sua família. Procurou reparar tudo que podia. Fez terapia, freqüentou vários grupos de apoio semanalmente, leu vorazmente a Bíblia e todos os livros sobre crescimento que caíam em suas mãos. Ficou tão vulnerável, tratável e humilde quanto possível em seus relacionamentos de crescimento. O processo de crescimento demorou um longo tempo, mas ele se tornou um novo homem. É grato por toda a graça que Deus lhe deu e agora tem um ministério frutífero e ajuda os outros.

Sua esposa, porém, era atenciosa, estruturada e responsável, mas não tinha muita fome de assuntos espirituais. Freqüentava a igreja, lia a Bíblia, orava quando tinha tempo e vivia sua vida dentro da moral. Mas continua exatamente do jeito que era quando a conheci. Seu único problema naquela época, segundo ela, era seu marido louco. E agora ela acha que a vida é melhor porque ele está melhor. Tentei várias fezes falar com ela sobre suas próprias feridas e problemas, mas ela simplesmente se fechava. Simplesmente não tinha fome. Embora tenha uma vida relativamente boa, não toca ninguém profundamente e também não se abre para ninguém, inclusive Deus. Seus filhos se distanciam cada vez mais dela conforme crescem, porque a casa dela está vazia. Cada vez mais ela sai com as amigas para almoçar e para fazer compras.

Quanto mais imperfeitos formos, mais Deus poderá nos fazer crescer.

3. A POBREZA ESPIRITUAL NOS AJUDA A SUPORTAR A DOR DO CRESCIMENTO. O crescimento espiritual é um processo difícil. Requer sacrifício, sofrimento, perda e compromisso. É a porta estreita pela qual poucos entram (Mt 7.13,14). Isso significa perder a vida, inclusive todos os antigos e confortáveis padrões de comportamento, e encontrar a vida em Cristo (Mt 16.25). Ás vezes, é difícil reconhecer que

precisamos continuar em nosso pequeno grupo, encarar nossos problemas ou até mesmo orar e ler a Bíblia. Entretanto, o crescimento é a única solução para a nossa imperfeição. Em última instância, a dor do crescimento é mais suportável do que a dor da nossa pobreza.

A pobreza dificulta um retrocesso no processo. Depois que você descobre sua necessidade, fica difícil viver como se não tivesse nenhuma. É como se uma porta se abrisse e não pudesse mais ser fechada.

Cuidei de uma mulher que tinha assumido o compromisso de crescer espiritualmente. Durante o processo, ela descobriu que, embora se achasse amorosa com os membros de sua família, na verdade, ao poupá-los da dor, impedia que crescessem e assumissem seus próprios problemas. Ela percebeu que seu auxílio estava prejudicando a todos, inclusive a ela. Então, impôs limites para eles e sofreu muito por causa disso. Ela se dedicou mais à vida de oração e de estudo em grupo e descobriu que a raiz do seu problema de socorrer os outros tinha a ver com a dependência de sua própria mãe, pois ela sempre teve de ser o lado "forte". Quando tratou disso, começou a sentir a solidão e o isolamento que sentia quando era pequena e precisava de uma mãe madura, mas não tinha. Foram tempos difíceis para ela, tanto relacional como internamente. Porém, seu compromisso com o crescimento espiritual nunca foi abalado.

Quando a vi passar por tudo isso, perguntei:

Alguma vez você já pensou que seria melhor nunca ter entrado nesse processo?

Pensei, mas então percebi que não podia mais voltar atrás. É difícil para mim, mas pelo menos Deus, a realidade, a verdade e meus amigos estão do meu lado. Não sei mais como conseguia fingir que o que era errado estava certo. Então, acho que realmente sou abençoada por estar passando por isso em minha vida.

Ela suportou a dor do crescimento porque sua pobreza espiritual a manteve nos caminhos de Deus.

4. A POBREZA ESPIRITUAL INCENTPVA NOSSA VIDA RELACIONAL. A pobreza espiritual e o nosso coração quebrantado nos estimulam a buscar a ligação afetiva, tanto com Deus como com pessoas saudáveis. O fato de chegarmos ao fim de nossas forças nos reduz a um estado infantil de necessidade e desamparo, que Jesus disse que é bom: "Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele" (Mc 10.15). As crianças, por natureza, são voltadas para o relacionamento. Quando estão com problemas ou dor, a primeira coisa que fazem é buscar a proteção e o consolo dos pais. Instintivamente, buscam o relacionamento sem nem pensar nisso. Não dizem: *serei forte e me livrarei disso* ou *terei somente pensamentos positivos.* Pedem ajuda de fora e buscam alguém.

Uma das bênçãos da pobreza espiritual é que ela nos ajuda a resgatar o plano de Deus para uma vida fundamentada nos relacionamentos. Aprendemos a receber o consolo, o apoio e a aceitação dos outros, que nos dão força para continuarmos. O relacionamento é o combustível da vida. Precisamos interiorizar boas doses de relacionamento durante toda a vida para perseverar e crescer.

5. A POBREZA ESPIRITUAL NOS AJUDA A TER UMA VIDA MAIS PROFUNDA. Nosso estado de imperfeição também nos conduz da imaturidade espiritual para um caminho de fé mais profundo. Embora comecemos a vida espiritual como bebês (1Pe 2.2), a intenção de Deus não é que permaneçamos nesse estágio de desenvolvimento para sempre. Devemos sair das coisas elementares e alcançar a maturidade em Cristo (Hb 6.1). Esse caminho mais profundo nos leva para muitas áreas: o mistério da natureza de Deus, as maravilhas da Bíblia, as complexidades do nosso próprio caráter,

personalidade e problemas e as complicações dos relacionamentos íntimos com os outros.

6. A POBREZA ESPIRITUAL NÃO NOS PERMITE FICAR VAZIOS. Quando tomamos o caminho do crescimento, somos chamados a continuar e alcançar outros níveis: 'Abismo chama abismo" (Sl 42.7). Não "chegamos" na fé, embora haja amadurecimento e mudança. Estamos sempre nos movendo para frente ou para trás. Examine se você está desligado, complacente ou aborrecido com sua vida espiritual. Pergunte às pessoas se elas acham isso de você. Se for esse o caso, pode ser um sinal para pedir a Deus que o ajude a se tornar pobre em espírito para poder encontrá-lo de uma forma mais profunda.

7. A POBREZA ESPIRITUAL NOS CONDUZ A ÁREAS ESPECÍFICAS DO CRESCIMENTO. A pobreza espiritual nos ajuda a encontrar exatamente os problemas que precisam ser curados. As pessoas fisicamente famintas nem sempre têm fome das mesmas coisas. Elas podem querer comer carne, verduras ou frutas. Da mesma forma, as pessoas espiritualmente famintas nem sempre querem as mesmas coisas. A pobreza espiritual pode nos ajudar a encontrar as áreas carentes que precisam crescer.

É triste ouvir histórias de pessoas que levaram seus problemas e necessidades para um líder de igreja e ele disse algo como: "O seu problema [no bom sentido] é apenas falta de fé ou esconder pecado, falta de entrega ou falta de apego à Palavra etc". Embora precisemos cuidar desses assuntos, às vezes o problema é outro. Há um antigo provérbio chinês que diz: "Cuidado com o homem que só usa o martelo, pois ele enxerga todo problema como prego". Da mesma forma, cuidado para não tentar resolver sua pobreza espiritual usando uma fórmula "genérica".

Como a nossa pobreza nos mostra áreas específicas de necessidade e imaturidade? Provocando a nossa busca. Quando buscamos, costumamos olhar para todos os lados para encontrar respostas e ajuda. Oramos e pedimos a Deus que nos dê discernimento e sabedoria sobre a nossa condição. E Deus promete que, a seu tempo, encontraremos o que procuramos. Ele se apraz com a nossa busca. Jesus disse: "Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta" (Lc] 1.9).

Algumas pessoas podem descobrir que a pobreza as ajuda ver a sua incompletude ao receber amor e se relacionar emocionalmente. A Bíblia ensina que devemos estar "arraigados e alicerçados em amor" (Ef 3.17). Entretanto, as pessoas que não tiveram consolo e apoio na vida não possuem esse alicerce. Outras descobrem que são deficientes na área do autocontrole e da responsabilidade. Deixam-se controlar pelos outros ou não tem controle sobre uma área da vida, como a alimentação. São pobres em espírito ao assumirem o controle de sua vida. Além disso, há pessoas que se tornam conscientes do ódio que sentem de sua própria imperfeição e da autocondenação. Elas descobrem que não podem cometer erros sem ser duras consigo mesmas. A pobreza realiza sua função quando ajuda as pessoas a ter essas percepções e noções muitas vezes dolorosas. Quando as pessoas descobrem essas áreas carentes, podem resolvê-las no processo de crescimento espiritual que descrevemos neste livro. O ato de identificar essas áreas é um passo importante. São passos como:

- estabelecer um relacionamento afetuoso e de honra a Deus e a seus caminhos;
- manter relacionamentos abertos e fortes com as pessoas;
- ser livre para tomar decisões com base nos valores, e não na culpa ou no medo;
- saber pelo que somos e pelo que não somos

responsáveis;

- aceitar nossa maldade e fraqueza, assim como as dos outros;
- comportar-se como adulto, e não como uma criança, na vida e nos relacionamentos;
- ganhar competência na área do trabalho ou da carreira;
- seguir uma moral clara e equilibrada.

Alguns desses tópicos são tratados no livro *Changes that heal [Mudanças que curam]* e nos aspectos do caráter no livro *Criando filhos vencedores.*[*]

COMO DESENVOLVER A POBREZA ESPIRITUAL

Tornar-se pobre em espírito é uma das atitudes mais anormais que podemos tomar. E o oposto de ser vitorioso e ter tudo sob controle. No entanto, é a única esperança do crescimento espiritual. Na verdade, nossa tarefa é mais reconhecer nossa pobreza do que nos tornarmos pobres, pois, saibamos ou não, já estamos em necessidade. E melhor buscarmos essa qualidade espontaneamente do que sermos forçados a encará-la em circunstâncias difíceis.

Vejamos algumas maneiras de desenvolver essa capacidade interna.

1. PEDIR A DEUS. Entrar em contato com a própria pobreza espiritual é um dom de Deus, porque descobrimos coisas sobre nós que ele quer que conheçamos e porque ele realiza os seus propósitos. Ele lhe mostrará alegremente onde você é fraco.

[*] Publicado pela Editora Vida (N. do E.)

Ao ler este capítulo, talvez você se identifique com o meu amigo citado no início, que achava que havia dois tipos de grupos de pessoas na igreja: um "saudável" e outro "doentio". Você pode ser uma pessoa espiritual, amorosa, responsável que nunca lidou profundamente com seus pecados, fraquezas e imperfeições. Ou pode ser um líder da igreja, de estudo da Bíblia, de um pequeno grupo ou ministério no qual a norma é não ter problemas. Nesse caso, ajoelhe-se e faça o seu ministério ajoelhar-se também e peça a Deus para abençoá-lo com a sua pobreza espiritual, pois "deles é o Reino dos céus" (Mt 5.3). Ele dará a você e aos seus o sentimento de incompletude e necessidade que os mantêm próximos a ele.

2. TORNAR-SE UMA PESSOA HONESTA. Faça uma análise sincera do seu passado e vida presente. Procure padrões de evitar a dor, negar problemas, manter-se distante de pessoas verdadeiras e tentar dar um aspecto positivo às coisas negativas da sua vida. Seja honesto com a tendência de fugir da necessidade e caminhar com orgulho e auto-suficiência.

Examine atentamente as coisas negativas que você possa estar evitando. Ver a realidade do seu estado pode realmente promover o seu crescimento na pobreza espiritual. Peça a graça e o amor de Deus para ajudá-lo a tolerar o que você encontrar dentro de si (Sl 139.23,24). Vejamos algumas categorias de problemas:

- **Pecados.** Examine comportamentos e atitudes egoístas e rebeldes. Embora você seja perdoado pelo que faz, isso ainda requer a confissão e o arrependimento. Olhe além dos comportamentos, especialmente para as motivações obscuras do coração: frieza, vingança, inveja e culpa (falaremos mais sobre isso no cap. 16).
- **Mágoas** e **perdas.** Todos nós pecamos, mas também sofremos pecados e injúrias dos outros. Pense em pessoas importantes de sua vida que o magoaram.

Além disso, pense nos fracassos e perdas da sua vida, como na saúde, nas finanças e na carreira.

- **Fraquezas.** Identifique as falhas de caráter que prejudicam sua vida, as coisas que você faz e que não consegue parar de fazer. Isso pode incluir irresponsabilidade, controle, fragilidade, agradar às pessoas e perfeccionismo.

Tente não ser muito legalista com essa pequena lista, pois há muitas nuances entre as categorias. A irresponsabilidade, por exemplo, pode implicar tanto em pecado como em fraqueza e pode ser influenciada pela mágoa. Entretanto, para o propósito do crescimento, a lista pode ajudá-lo a ver sua necessidade de Deus.

3. LER OS ENSINAMENTOS DA BÍBLIA SOBRE O TÓPICO. Procure termos como *pobre em espírito, necessitado* e *coração quebrantado* e aprenda o que a Bíblia ensina sobre eles. Examine as dinâmicas do relacionamento entre Deus e Israel no Antigo Testamento. Quando Israel era complacente e rebelde, ele era duro. Quando Israel estava pobre e sofrendo, ele era bondoso. Estude as diferenças no modo como Jesus tratava as pessoas gananciosas e as que pensavam que tinham tudo sob controle (como os fariseus). As Escrituras apresentam provas arrebatadoras de que a pobreza espiritual é um elemento essencial do crescimento.

4. BUSCAR A OPINIÃO DOS OUTROS. Uma característica dos indivíduos famintos é que eles se cercam de pessoas que os ajudem com sua dependência. Para eles, a vida cristã normal é aquela na qual as pessoas se juntam, compartilham suas inseguranças e se completam. Porém, se você está começando a entrar numa posição de pobreza, pergunte às pessoas de sua confiança se elas acham que você condiz com a condição de necessitado e pobre em

espírito. As sinceras entenderão e, graciosamente, lhe dirão a verdade.

Minha esposa, Barbi, e eu criamos uma tradição na família que chamados de *momento do caráter.* A noite, quando estamos com os nossos filhos e conversamos sobre a semana porvir, resolvemos problemas, lemos a Bíblia e oramos, reservamos um momento para o caráter, no qual ajudamos uns aos outros a permanecer pobres em espírito. Cada membro da família, inclusive nossos filhos Ricky e Benny, tem seu próprio problema ou fraqueza que precisa da ajuda de Deus e dos outros para ser resolvido. A seguir, estão alguns problemas de caráter que apareceram com os anos:

- egoísmo;
- retraimento quando se está aborrecido e não se quer falar sobre isso;
- irresponsabilidade nos afazeres domésticos;
- trabalhar muito e não passar tempo suficiente com a família;
- atraso crônico;
- implicar com alguém e não parar quando a pessoa pede;
- não atender quando é chamado;
- comer as unhas;
- ficar bravo com facilidade;
- levar os filhos nas próprias incumbências e chamar isso de “tempo com qualidade”;
- não conseguir cumprir o tempo devocional regularmente;
- fazer promessas e não cumpri-las;
- brigar em vez de conversar sobre os problemas.

Espero que você não pense que somos doentes incuráveis quando ler essa lista! De qualquer forma, não apenas revelamos nossos próprios problemas de caráter, mas também precisamos perguntar aos membros da família: "O que eu faço que realmente incomoda você?". Então, conversamos sobre maneiras de resolver o problema e oramos uns pelos outros. Na semana seguinte, cada um fala de seu próprio progresso. Nesse caso também, não podemos excluir os outros da avaliação sobre o nosso progresso e perguntamos: "Como me saí esta semana?". Então, partimos desse ponto: passamos para um novo problema ou continuamos a trabalhar no mesmo. Na maior parte das vezes, demora um pouco para mudar.

Nossos filhos odiaram a idéia no início, pois achavam que era mais uma forma de seus pais controlá-los. Quando viram que a mamãe e o papai também participariam do processo, mudaram de idéia. E, como todo mundo tem seus problemas, isso realmente ajudou a família inteira a permanecer com o coração quebrantado na posição humilde de necessidade. Apoio mútuo, abertura e domínio próprio, tudo aconteceu no momento do caráter.

5. BUSCAR SINCERAMENTE UMA EXPERIÊNCIA DE IMPERFEIÇÃO. A pobreza de espírito exige mais do que apenas admitir racionalmente que somos incompletos e necessitados. Também afeta todo o nosso ser, especialmente o coração. Reconhecer nossa condição perante Deus e uma experiência emocionalmente arrebatadora, que mexe com sentimentos como dependência, pesar e remorso. Para os psicólogos, isso significa "estar integrado", unir o coração e a mente numa aliança. Busque essa experiência da mesma maneira que você busca a Deus: "E lá procurarão o SENHOR, o seu Deus, e o acharão, se o procurarem de todo o seu coração e de toda a sua alma" (Dt 4.29).

Deus nos lembra muitas vezes de que gosta da nossa pobreza. As nossas experiências de vida podem nos dizer

para evitar a necessidade. Nesse caso, cometa um ato de fé e abra sua alma para Deus e pessoas saudáveis. A pobreza espiritual é a única maneira de nos enchermos de tudo o que ele tem para nós.

Quanto mais conhecemos nossa condição espiritual, melhor compreendemos a importância do assunto que trataremos no próximo capítulo: a obediência.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Entenda que a pobreza espiritual, embora pareça negativa, na verdade, é um estado abençoado e a única maneira de receber o crescimento e a cura divina. Adote uma atitude em relação a si mesmo e a Deus.
- Analise as experiências de sua vida e veja de que forma você pode ter entrado na pobreza espiritual: por meio de perdas, fracassos ou simplesmente pela fome de Deus e a consciência de sua incompletude. Veja como Deus usou essas experiências para que você se aproximasse mais dele.
- Fique atento à sua condição de coração quebrantado e entenda que não se trata de um estado pecaminoso, mas do estado de sofrer o pecado dos outros ou simplesmente da mágoa por causa do sistema de um mundo caído. Saiba que o seu coração quebrantado não foi feito para ficar sozinho ou apenas com Deus, mas também com os outros.
- Revele a Deus e às pessoas de sua confiança suas fraquezas, imperfeições e imaturidade. Confesse e admita que você não pode mudá-las sozinho. Admita que você precisa de recursos externos para isso.

DICAS PARA OS CONDUTORES

- Ajude as pessoas a verem que a pobreza espiritual é necessária para o crescimento. Ajude-as a ver os benefícios de se experimentar a própria incompletude e necessidade.
- Ajude-as a resolver o pecado da auto-suficiência e a ver que, embora pareça certo, isso as desligará dos recursos de Deus para o crescimento. Confronte a mentalidade do tipo: "Estou bem, não tenho nenhuma necessidade ou problema". Quando o seu grupo estiver amadurecendo, use a opinião segura dele para ajudar aqueles que pensam dessa fornia a ouvir o que os outros realmente pensam sobre eles e suas vidas.
- Ajude a pessoa com o coração quebrantado a não se sentir culpada por estar magoada ou ferida. Mas ajude-a também a ser capaz de assumir a responsabilidade por suas mágoas e tomar a iniciativa de revelar suas feridas em contextos de crescimento. Não deixe que ela permaneça no estado de negação ou assuma o papel de vítima.
- Mostre que a pobreza espiritual nos leva a ter uma relação mais profunda com Deus e com as pessoas.

15. SEGUINDO O AGRICULTOR: OBEDIÊNCIA

A obediência, para os propósitos do crescimento espiritual, é estar sob o governo de Deus, e não autogovernar-se.

Obediência parece uma coisa simples. Você ouve as pessoas dizerem: "Apenas confie e obedeça", "Apenas siga a Jesus", "Apenas obedeça a Bíblia". Entretanto, a maioria das pessoas que passou algum tempo no processo de crescimento sabe que essas declarações são mais precisas quando não incluem a palavra *apenas.* Isso porque, embora Deus nos ajude a obedecê-lo, a obediência não é nada simples.

A HISTÓRIA DE TRÊS ESPOSAS

Como ilustração, vejamos a história de três esposas. As três eram cristãs bondosas e decentes que amavam a Deus e queriam ter um bom casamento. As três tinham problemas de comunicação e de controle no relacionamento com o marido. As três queriam obedecer a Deus e resolver seus problemas biblicamente. Mas as três tinham uma visão muito diferente do significado da obediência e de como ela afetava os problemas do casamento. Conseqüentemente, o final de cada história é completamente diferente.

JACKIE

O marido de Jackie impunha a lei sobre o assunto em questão (finanças, criação dos filhos, horário das refeições) e, então, recusava-se a abrir seu coração ou conhecer o coração da esposa. Por exemplo, uma noite, estavam trocando idéias sobre o que fariam na noite em que sairiam sozinhos. O

marido de Jackie queria sair para jantar e depois voltar para casa e assistir à TV. Porém, Jackie queria ver o seu musical favorito, que estava na cidade. Quando revelou o seu desejo, ele imediatamente disse: "Você decide: jantar comigo ou ir ao musical sozinha. É só dizer". Jackie ficou magoada, pois ia falar por que gostava tanto do musical, mas ele não lhe deu nenhuma chance.

Jackie queria aproximar-se e ele se afastava ou ficava bravo e se fechava. Passiva e complacente, ela não sabia como derrubar esses muros. Ela ficava arrasada, pois o amava e queria ser amada.

Jackie tinha um forte compromisso com Deus e com sua Palavra, e praticava fielmente as disciplinas espirituais, como a oração, o estudo da Bíblia e a confissão. Sua maneira de ajudar o casamento, pelo que ela entendia, estava fundamentada na Bíblia e ela contava com o apoio do pastor de sua igreja e de amigos cristãos. Seu método era, basicamente, dedicar-se à vida espiritual mais ativamente. Jackie envolveu-se mais na oração e no estudo da Bíblia. Entregou sua vida a Deus e lhe pediu que a guiasse. Confessou todos os pecados conhecidos e pediu discernimento sobre os que não conhecia. Passou a freqüentar vários cultos e grupos de ensino por semana. Revelou a Jesus todos os aspectos da sua vida.

Além disso, tentou obedecer a Deus especificamente como esposa. Procurava ser submissa, amorosa e atenciosa com o marido, pedir perdão por qualquer pecado que cometia contra ele, orar por ele e por sua vida, compartilhar suas descobertas espirituais com ele.

Agora, passado algum tempo, Jackie continua casada. Entretanto, seu marido ainda não a completa. Ele pensa que ela é uma fanática religiosa e moralista. Considera a dedicação dela nada mais do que o seu dever para com o marido, e não sente necessidade de retribuir. Jackie está se afastando cada vez mais dele e se refugiando na igreja e na vida religiosa. Ela se sente muito próxima de Deus e sente o

amor dele, porém, parece que toda a sua devoção não adianta nada. Está sofrendo de depressão por causa do vazio do casamento, mas tenta levar isso para Deus. É profundamente dedicada a ele e ao crescimento espiritual, mas não consegue transpor isso em sua vida diária com o marido.

A visão de Jackie sobre a obediência é devocional e externa.

KIM

Kim e o marido tinham basicamente a mesma dinâmica: ela era uma companheira boa e complacente e ele era frio e controlador.

Kim experimentou o método de Jackie por um tempo e concluiu que não funcionava. Achava os ensinamentos bíblicos legalistas, rígidos e irreais. Então, em vez de se entregar ao estudo da Bíblia e às devoções, buscou crescimento e ajuda em outras fontes. Leu livros sobre casamento e relacionamentos. Entrou para grupos de apoio para mulheres com problemas conjugais. Revelou seus problemas e conflitos, como o medo da confrontação e do abandono, e descobriu os medos do marido de ter intimidade e de perder a liberdade. Esses recursos ajudaram-na a entender melhor o que estava acontecendo.

Kim aplicou o seu conhecimento e discernimento em casa, com o marido, e sugeriu que ele fizesse aconselhamento. Ele se mostrou disposto a se tratar e fez aconselhamento por um tempo. O casamento teve uma certa melhora. Ele estava mais acessível emocionalmente; ela com mais iniciativa. Com o tempo, entretanto, o marido de Kim ficou cansado do tratamento e disse que tinha feito o bastante. Tinha melhorado como pessoa, mas não era tão dedicado ao processo de crescimento como ela, que ficou desanimada e pensou que sua vida e seu amor estavam sendo desperdiçados no casamento.

Além disso, aos poucos, Kim perdeu o contato com sua fé. Ela não tinha se revoltado ou se insubordinado, mas achava que o cristianismo fundamento na Bíblia não parecia real ou pertinente para ela e para suas experiências no crescimento e no casamento. Achava que suas amigas cristãs eram falsas e presas ao tradicionalismo e à rigidez. Também achava que eram servilmente dedicadas a casamentos pobres e que não tinham uma vida boa. Não conseguia entender como um Deus tão amoroso e atencioso podia relegá-la ao limbo de um casamento vazio.

Com o tempo, Kim conheceu um homem no trabalho que era atencioso e sensível. Eles tiveram um caso e ela acabou largando o marido para ficar com ele. Eles se casaram, mas o casamento não vai bem. Eles têm de lidar com muitas feridas e problemas que o caso entre eles deixou. Kim ainda busca o crescimento e a descoberta pessoal. Acredita que agora está em paz com Deus. Reconciliou sua antiga decepção com ele e passou a enxergá-lo de outra forma. Agora, acha que Deus a guia pelo coração e pelos relacionamentos que ela tem. Quanto mais cresce emocionalmente, mais alega conhecer melhor a Deus e sua natureza.

Kim fez muitas coisas boas. Cresceu no plano emocional e relacional. Entretanto, sua visão de obediência se concentra mais no papel de Deus em relação às suas emoções e relacionamentos. Para ela, seus caminhos e desígnios servem para ajudá-la a alcançar a realização pessoal. De certa forma, ela vê a Deus como o próprio processo de crescimento, e não como o Autor dele. Quer dizer, Kim não conhece a natureza pessoal nem a transcendência de Deus e muito menos os frutos do que Deus cria: amor, crescimento e ligação.

ALISON

Alison tinha os mesmos problemas no casamento e estava decidida a fazê-lo dar certo. Entretanto, tomou uma

atitude diferente em relação à obediência para tentar resolver os seus problemas.

Exatamente como as outras duas mulheres, Alison primeiro buscou ao Senhor e pediu sua ajuda; comprometeu-se a seguir os caminhos dele em sua vida. Como Jackie, passou muito tempo em oração, estudando a Bíblia, freqüentando a igreja e andando com pessoas solícitas. Colocou Deus no centro de sua vida e procurou ficar dentro de seus caminhos e com o seu povo. Também pediu perdão a Deus e ao marido por qualquer pecado que tivesse cometido no casamento.

Mas Alison foi além de Jackie em sua obediência. Ela buscou no próprio coração problemas de caráter, imaturidades, fraquezas e imperfeições que pudessem estar contribuindo para o seu problema conjugal. Ela orou, leu a Bíblia e livros sobre casamento e crescimento pessoal e entrou para grupos de crescimento espiritual em uma boa igreja, com pessoas que lhe deram consolo e uma opinião equilibrada. Como Kim, identificou seus próprios problemas por trás dos conflitos do casamento, como querer agradar as pessoas e o medo de decepcionar os outros. Assumiu a responsabilidade por eles e procurou resolvê-los. Com o tempo, Alison tornou-se mais independente, honesta e aberta com o marido.

O casal também começou a fazer aconselhamento, e o marido dela, como o de Kim, perdeu o interesse depois de algum tempo. Ela ficou desanimada. Queria desesperadamente ter um bom casamento, seguindo o caminho divino. Mas seu marido não tinha a mesma fome que ela.

Alison encontrava-se numa situação semelhante à das outras duas mulheres, mas seguiu uma outra direção. Por causa da decepção com o casamento, ela não mergulhou em atividades religiosas como Jackie. Também não fugiu para um novo relacionamento, racionalizando o seu pecado, como Kim. Alison permaneceu profundamente envolvida no

processo de crescimento com Deus pela oração, pelo estudo da Bíblia e pela confissão. Permaneceu envolvida e aberta aos amigos dedicados ao crescimento. Manteve o compromisso de ter um casamento sólido e permanente. Porém, ela também aprendeu a confrontar o marido quando ele a magoava, impôs limites para ele e parou de poupá-lo.

Alison ainda está casada. Embora não esteja tão entusiasmado com o crescimento como ela, seu marido a ama e respeita. Aos poucos, ele está se aprofundando mais nas questões do crescimento, mas num ritmo diferente. E, embora ela seja muito dedicada a ele, preenche sua vida com atividades e relacionamentos que promovem o crescimento, ministério e divertimentos que a mantêm equilibrada e satisfeita.

Seu maior desejo, de que o marido seja uma alma gêmea, ainda não se realizou, mas as coisas estão caminhando nessa direção. Se isso não acontecer, ela ficará muito triste, mas em paz. Sua vida não se resume em tê-lo por perto, mas em estar orientada para os caminhos e a vida de Deus. Essa meta a manterá firme, aconteça o que acontecer.

A visão de Alison sobre a obediência aproveitou o que a visão das duas outras tinha de melhor. Ela permaneceu nas disciplinas tradicionais e nos princípios de sua fé, mas também cuidou dos problemas de caráter e de relacionamento conforme a Bíblia ensina (Sl 139.23,24). Sua obediência abrange toda a sua vida. E esse caminho está lhe dando bons frutos.

Essas três mulheres exemplificam as atitudes em relação à vida cristã que vemos acontecer. As Jackies da vida esperam que a intimidade com Deus resolva seus problemas. As Kims crescem pessoalmente, mas não percebem o quanto a fé é relevante. E as Alisons acreditam que os dois processos, intimidade com Deus e crescimento pessoal, são espirituais e necessários ao crescimento. Concordamos com Alison e este capítulo falará dessa atitude.

A NATUREZA DA OBEDIÊNCIA

Poucos cristãos descordariam de que a obediência é essencial para o crescimento espiritual. Entretanto, como no exemplo acima, eles não compreendem o que a obediência bíblica realmente significa. Um dos principais significados de "obedecer", na Bíblia, é "ouvir". Ouvir e fazer o que Deus diz são coisas que estão intimamente relacionadas: "Sigam somente o SENHOR, o seu Deus, e temam a ele somente. Cumpram os seus mandamentos e obedeçam-lhe; sirvam-no e apeguem-se a ele" (Dt 13.4). Quando ouvimos o que Deus realmente diz, e não o que gostaríamos que dissesse, caminhamos na verdadeira obediência.

1. UM RUMO NA VIDA. Uma definição básica de obediência, para os propósitos do crescimento, é "estar sob o governo de Deus, e não autogovernar-se". A obediência é olhar para fora de nós mesmos, para os nossos propósitos, valores e decisões. Essa condição essencial da vida admite que Deus sabe guiar nossos passos melhor do que nós. E é o único caminho para a verdadeira vida, pois ele é a própria vida. "Amem o SENHOR, o seu Deus, ouçam a sua voz e se apeguem firmemente a ele. Pois o SENHOR é a sua vida" (Dt 30.20). Esse é um dos maiores desejos de Deus para nós. Portanto, não podemos crescer espiritualmente sem obediência. Não podemos viver separados de Deus. Ele é a nossa vida.

Para muitas pessoas, entretanto, obediência significa "reprimir-se e conter-se"; significa aderir a regras e ser autodisciplinado. Para elas, Deus está dizendo: "Seja realmente bom e não faça nada que seja divertido", que não traga nenhum benefício, a não ser, talvez, no céu. Jackie pensava assim.

Nada poderia estar mais longe da verdade. A obediência produz coisas realmente boas para nós. Conforme

avançamos nos caminhos de Deus em nossa vida, colhemos muitos benefícios. Na verdade, a sobrevivência e a prosperidade, que são aspectos importantes de uma boa vida, dependem da obediência:

> O SENHOR nos ordenou que obedecêssemos a todos estes decretos e que temêssemos o SENHOR, o nosso Deus, para que sempre fôssemos bem-sucedidos e que fôssemos preservados em vida, como hoje se pode ver (Dt 6.24).

O resultado da obediência e da desobediência são muito diferentes: "Se vocês estiverem dispostos a obedecer, comerão os melhores frutos desta terra; mas, se resistirem e se rebelarem, serão devorados pela espada" (Is 1.19,20).

Como isso acontece? Deus criou a vida para ser vivida de uma certa maneira. Quando seguimos o seu caminho, a vida fica melhor. Considere, por exemplo, a afirmação: "O inexperiente acredita em qualquer coisa, mas o homem prudente vê bem onde pisa" (Pv 14.15). Quem ainda não experimentou o sofrimento de confiar ingenuamente nas palavras de uma pessoa falsa? E quem não colheu o fruto de parar para pensar antes de tomar uma decisão? A obediência existe para o nosso próprio bem.

2. TUDO NA VIDA. Algumas pessoas compartimentam a obediência em sua vida religiosa e moral. Para elas, a obediência está relacionada a Deus e a fazer o que é correto. Entretanto, essa visão não entende o caminho abrangente de Deus em relação à vida. A Bíblia nos ensina e nos guia em todas as áreas: dons, ministério, dinheiro, sexo, amor etc. E por isso que as pessoas que buscam o crescimento espiritual sentem como se tivessem "ganhado vida" quando vêem, como Henry e eu vimos, que Deus fala para a vida emocional, pessoal e relacional também, além da espiritual.

3. TUDO EM NÓS. Além de lidar com tudo na nossa vida, a obediência também abrange tudo em nós, dentro e fora. E muito mais profunda do que apenas refrear-se dos pecados externos, como a mentira, o roubo e o adultério, embora certamente inclua isso também. A obediência também tem a ver com submeter os próprios valores, emoções e coração ao senhorio de Deus; ele pede nada mais do que o total compromisso: 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento" (Mt 22.37,38). Não existe nada mais importante e nada mais difícil. De fato, é uma tarefa que pagamos com a vida para, então, salvá-la (Mc 8.35).

Essa natureza externa e interna da obediência nos ajuda a crescer espiritualmente. Ajuda-nos a integrar as várias partes de nosso caráter que estejam em conflito ou alienadas. Tome, como exemplo, um homem que evita a intimidade porque não consegue confiar nas pessoas. Essa fuga lhe causa problemas no casamento, no trabalho e nas amizades. Parte dele quer abrir-se, mas ele tem medo de ser ferido ou controlado pelos outros. Outra parte dele quer ficar distante e segura, mas ele se sente solitário. Toda sua vida oscila entre esses dois extremos. Essa condição prejudica sua vida e magoa as pessoas ao seu redor.

Suponha que esse homem entre no processo de crescimento espiritual com algumas pessoas. Ele toma consciência das partes conflitantes de seu coração. Nesse ponto, os dois tipos de obediência o ajudarão na cura. Normalmente, quando se aproxima mais de uma pessoa emocionalmente, rapidamente ele se afasta, buscando alguma coisa para fazer ou assistindo à TV. É uma boa saída para não entrar em contado com suas necessidades. Então, ele é encorajado a ligar para um membro do grupo sempre que sentir necessidade de se isolar. Ele se compromete com um comportamento externo: permanecer em contato com as pessoas (Hb 10.25). Esse compromisso impede que ele se retraia e, com isso, evita a tensão de seus sentimentos.

Além disso, internamente, ele está obedecendo ao confessar seu medo de intimidade e seu desejo de ser livre e distante (Tg 5.16). Fazendo isso, a compreensão e a segurança dos membros do seu grupo de apoio ajudam-no a integrar as duas partes conflitantes. Ele aprende a impor bons limites para não ser controlado e aprende a ser aberto, mas livre, em seus relacionamentos.

Assim, a obediência externa mantém a tensão de seus sentimentos sob controle, num nível aceitável, enquanto a interna cura seus conflitos. É uma descrição simplificada do processo, mas que mostra o valor de se ter uma visão abrangente da obediência.

A obediência também ajuda a lidar com as causas e com os frutos da imaturidade ou da carência espiritual. Por exemplo, suponha que um casal esteja com problemas financeiros. O marido é um gastador compulsivo e a esposa é econômica. Para ajudá-los, se você se concentrar somente na obediência externa (criar um planejamento financeiro), o caráter deles sabotará qualquer medida. Se você se concentrar somente na dinâmica (ele gasta para acalmar a raiva, ela economiza para sentir o autocontrole), corre o risco de arruinar o casamento deles com o problema financeiro antes que os problemas internos sejam resolvidos. Para ajudar, é importante saber quando é preciso impor a estrutura interna e quando não é. Uma boa regra é estabelecer medidas de controle para os comportamentos inconseqüentes que não possam ser impedidos com apoio, confrontação e consciência.

4. AS TAREFAS MUDAM CONFORME A MATURIDADE AUMENTA. O crescimento espiritual também encontra outra dimensão da obediência. Somos exortados a seguir a Deus nas condições básicas da vida: amá-lo e amar as pessoas (Mt 22.36-40), buscar a Deus (Am 5.4), praticar a justiça, amar a fidelidade e andar humildemente com Deus (Mq 6.8) e viver pela fé (He 2.4). Todos esses grandes mandamentos, em

essência, dizem que devemos seguir o governo de Deus e seus caminhos, e não nós mesmos.

Todo mundo precisa obedecer a esses mandamentos. Entretanto, conforme crescemos, nossas tarefas nessas áreas mudam. O crescimento espiritual tem estágios e níveis de desenvolvimento (1 Jo 2.12-14). Tomemos como exemplo o crescimento no relacionamento. Uma pessoa muito fechada pode tentar apenas estar mais presente emocionalmente. Uma pessoa incapaz. *Is* ter intimidade pode tentar desenvolver sua capacidade de ser empático com os outros. A obediência não e uma proposta "genérica". Deus trata do nosso problema naquele momento e nos mostra o próximo passo no crescimento.

5. FRACASSO. Uma das conseqüências mais óbvias da Queda é que a obediência não é contínua. Pecamos e fracassamos de muitas formas. Entretanto, o processo de crescimento espiritual de Deus leva isso em consideração para que sejamos restaurados e continuemos no caminho. Além disso, Deus usa nossos fracassos para nos fazer amadurecer.

As duas realidades, quando vistas em conjunto, são más notícias para nós: o fracasso é inevitável e é nossa culpa. Essas duas realidades estão relacionadas à soberania de Deus e ao livre-arbítrio, uma grande questão filosófica que não cabe tratar aqui neste livro. Entretanto, vale a pena estudá-la quando for possível. Apesar de sermos crentes, por mais que nos esforcemos, fracassaremos. O pecado e a imaturidade nos impedem de seguir os padrões divinos para a vida. E, além de ser inevitável, o fracasso ainda é nossa culpa e um problema nosso. Pode parecer injusto, mas é a realidade.

Muitos métodos de crescimento espiritual tentam resolver esse dilema. Uma escola de pensamento diz que não temos de fracassar. Podemos ser sempre "vitoriosos em Jesus", tornando-o o verdadeiro Senhor de nossas vidas.

Portanto, se uma pessoa fracassa é porque não se entregou totalmente a Deus. Embora isso possa ser verdade às vezes, esse raciocínio nega a realidade de que somos pecadores a vida inteira (Rm 7.15-19). Os seguidores dessa escola de pensamento não reconhecem que esse problema é normativo e previsto.

Outro grupo ensina que a presença do pecado é sinal de imaturidade espiritual. Não é uma questão de entrega, mas de crescimento. Quanto mais se cresce, menos se peca. Portanto, o crente maduro não peca muito. Embora concordemos com o fato de nos tornarmos mais justos com a maturidade, a Bíblia ensina que o pecado pessoal sempre estará presente, como no caso do pior dos pecadores, segundo o próprio apóstolo Paulo (1Tm 1.15), que era muito maduro.

Outro grupo tenta resolver o dilema tratando da natureza do fracasso em si. Embora, admita que os fracassos aconteçam, diz que não são tão maus e que o pecado e os erros não têm tanto peso moral. Esse grupo tem o que chamamos de visão fraca do pecado. Ignora a gravidade do pecado e do fracasso (Rm 6.23).

Um ensinamento semelhante é que, embora fracassemos, a culpa não é nossa, mas daqueles que nos tornaram o que somos: nossos pais, maus relacionamentos, a sociedade, o Diabo ou até mesmo o próprio Deus. Então, quando a pessoa fracassa, deve culpar aos outros e tentar curar-se daqueles que a magoam. Quando se cura e perdoa, o fracasso fica resolvido. Sem dúvida, concordamos que as nossas experiências com os outros, tanto boas como ruins, influenciam muito a pessoa que nos tornamos e a nossa vida. Também concordamos que aprender a perdoar é importante. Entretanto, fracassamos simplesmente porque fizemos uma escolha errada e somos os maiores responsáveis por nossas decisões e escolhas (2Co 5.10).

Nossa visão do ensinamento bíblico é mais rigorosa do que essas quatro abordagens. Não é nada fácil reconhecer

que fracassamos, que o nosso fracasso é mau e que somos responsáveis. Entretanto, a boa notícia é que esse dilema nos leva direto para os braços de Jesus. Temos um problema que não podemos resolver. A morte dele é a solução para todo aquele que crer que Jesus se sacrificou por seus pecados. E por toda a vida e crescimento, aprendemos a ter fé em seu amor, perdão e graça sem recorrer aos nossos próprios artifícios. Nesse sentido, nosso fracasso frutifica em uma jornada mais profunda com ele.

Fracassamos de muitas maneiras. Pecamos em pensamentos, palavras e obras (Gl 5.19-21; Ef 4.31; Cl 3.5), como quando temos uma explosão de raiva ou seguimos a ambição egoísta (Gl 5.20). Fracassamos por causa da nossa ignorância (At 17.30), como quando inconscientemente nos metemos com as pessoas e invadimos seus limites pessoais. Fracassamos por causa da fraqueza (Hb 4.15), como quando não somos sinceros sobre os nossos sentimentos por medo da rejeição. No crescimento espiritual, precisamos ter consciência de todo fracasso quando ele acontece e nos colocarmos numa posição segura para tratá-lo.

6. ARREPENDIMENTO. Portanto, aprenda a esperar pelo fracasso no crescimento espiritual. Não fique surpreso diante dele, porque Deus certamente não fica. Pedro negou três vezes que conhecia a Jesus (Lc 22.34). Enfrente o fracasso da mesma forma que Pedro, pelo arrependimento. Quando pecamos e deixamos de obedecer, passamos a obedecer pelo arrependimento. O arrependimento, a resposta apropriada ao nosso fracasso, traz mais crescimento, amor, responsabilidade e plenitude. Pedro acabou tornando-se um dos maiores pregadores de todos os tempos. O arrependimento também era um marco nos ensinamentos de João Batista e de Jesus (Mt 3.2; 4.17).

O arrependimento, em poucas palavras, é *uma mudança de direção.* É um desvio do caminho destrutivo e a volta aos caminhos de Deus. Requer uma boa dose de humildade,

porque temos de admitir que estamos errados. De qualquer maneira, no arrependimento, abrimos os olhos para o nosso próprio pecado, fracasso e fraqueza, especialmente quando nos comparamos com a natureza de Deus e mudamos prontamente para seguir melhor os caminhos dele.

O arrependimento pode ser uma resposta para várias coisas que experimentamos:

- a natureza do Senhor (Jó 42.2-6);
- sua santidade e grandeza (Is 6.1 -5);
- sua provisão e amor (Ez 36.24-31);
- seu poder (Lc 5.8).

Algumas pessoas encaram o arrependimento como a simples mudança de pensamento ou opinião: *Estou errado em ter medo da confrontação.* Outras o encaram como remorso: *Lamento por tê-la magoado.* Também é encarado em termos comportamentais: *Vou parar de beber.* Entretanto, embora tudo isso seja essencial para o arrependimento, por si, é incompleto. Na forma mais completa, o arrependimento requer o envolvimento da pessoa por inteiro, mente, coração e comportamento.

Vejamos um exemplo de arrependimento da pessoa por inteiro. No grupo de estudo da Bíblia, um homem descobre que tem se dedicado demais ao trabalho e está fracassando como marido e pai. A luz se acende por dentro. Ele fica triste e com remorso quando pensa nas oportunidades que perdeu com a família e nas mágoas que lhes causou com o seu distanciamento. Ele ora e conversa com os amigos mais íntimos sobre o seu vício no trabalho e sua criação familiar direcionada para o desempenho. Ele percebe como tudo isso contribuiu para o problema e trata de sua antiga necessidade de ganhar aprovação e aceitação com o trabalho. Ele aceita a aprovação de Deus e de seu círculo de amigos. Sua compulsão começa a diminuir.

Por algum tempo, o homem se torna mais ansioso com os relacionamentos, pois não está acostumado a se aproximar das pessoas. Mas, com o tempo, isso passa. Ele se torna mais capaz de se relacionar no nível pessoal, e não prático. Sentindo-se mais livre, impõe limites no trabalho e abre o coração à família. Torna-se uma pessoa melhor depois de todo esse trabalho de crescimento. Usar o arrependimento como estilo de vida é a maneira certa de lidar com qualquer tipo de fracasso no crescimento espiritual.

FONTES DE OBEDIÊNCIA

A obediência requer um objeto, quer dizer, é preciso saber o que e a quem obedecer. Há várias fontes para nos ajudar a ser obedientes.

1. MANDAMENTOS BÍBLICOS. A Bíblia tem vários mandamentos e princípios universais para conduzirmos nossa vida. Entretanto, os Dez Mandamentos (Ex 20.3-17) e os dois grandes mandamentos de Jesus (Mt 22.36-40) resumem a Lei. Aprenda essas leis primordiais da mesma forma que os princípios mais específicos encontrados nas Escrituras. É por isso que o estudo e a leitura da Bíblia são tão importantes, pois nos revelam esses princípios de vida.

2. O ESPÍRITO SANTO. O espírito de Deus que habita em nós não apenas nos revela os versículos que devemos obedecer, mas também conduz aqueles que buscam sua orientação em casos específicos de obediência (Mc 13.11). Por exemplo, ele pode fazer a pessoa arriscar-se num relacionamento e aprofundar a intimidade emocional em alguma área.

3 AUTORIDADES. O crescimento tem uma hierarquia de autoridade. Devemos seguir a orientação de líderes e professores de igreja, entre outros, contanto que seja biblicamente apropriado. Pode ser uma parte saudável do crescimento espiritual. Por exemplo, um líder de estudo da Bíblia pode ter percepções e sugestões que nos ajudem a resolver nossos problemas pessoais.

4. AMIGOS. Deus fala conosco por meio de relacionamentos saudáveis que possam nos levar a confrontar uma situação, resolver um problema ou confessar um defeito (v. o nosso livro *Relacionamentos saudáveis}*. Certifique-se de que seus amigos são equilibrados, da mesma forma que os de Alison, e ouça o que eles têm a lhe dizer.

5. ORIENTAÇÃO CIRCUNSTANCIAL. Fique atento para o fato de que Deus pode provocar situações para guiá-lo. Leve em consideração as possíveis interpretações sobre o que está acontecendo em sua vida. Nesse caso, você deve sempre consultar um sábio mentor, conselheiro ou pastor.

Lembre-se de que esses diferentes rumos da obediência não estão em conflito nem fragmentados. Deus é único (Dt 6.4) e completo, sem conflitos nem contradições. Se você sentir algum tipo de conflito nas áreas mencionadas e não souber como obedecer, peça a Deus para ajudá-lo a reconhecer sua voz em meio à multidão.

TAREFAS DO CRESCIMENTO

A pessoa que está crescendo precisa compreender a importância da obediência. Vejamos algumas tarefas essenciais que deve cumprir.

1. RENDA-SE AO SENHORIO DE CRISTO. A vida fica melhor quando pertence a Deus. Quanto mais você colocar sua vida sob a autoridade e o cuidado dele, mais ela será como ele planejou. Para algumas pessoas, a decisão de tornar Cristo o Senhor de suas vidas é clara e definida. Para outras, é um processo gradual de entrega da vida a ele. Seja como for, o crescimento espiritual nos ajuda a colocá-lo no centro de nossa vida.

2. SIGA-O DIARIAMENTE. Encare a obediência como um processo diário e contínuo. Cuidado para não compartimentar o seu crescimento, pulando de uma reunião de pequeno grupo para outra. Mantenha o coração sempre atento ao que Deus possa estar dizendo a você na Bíblia, pelo Espírito, por seu povo ou pelas circunstâncias.

3. RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS DE CARÁTER. Uma das dificuldades da decisão de obedecer a Deus é conhecer as próprias falhas de caráter e resolvê-las. Obedecer a Deus é, por exemplo, assumir o próprio perfeccionismo, confessar a insegurança e o orgulho por trás dele, esforçar-se para ser aceito como você é, ser honesto com os outros sobre as próprias fragilidades e abandonar a posição segura de ser uma pessoa perfeita, que se protegeu da autocrítica e do convencimento do erro. "Levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo" (2Co 10.5).

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Entenda que a obediência é mais do que apenas seguir ordens específicas, é uma forma de vida que lhe trará bons frutos e êxito.
- Conheça as naturezas da obediência externa e interna. Quando se deparar com um problema pessoal, olhe

para os dois tipos de obediência para ver o que está errado.

- Peça a Deus para lhe dizer quais são suas tarefas específicas de obediência, para que você possa saber como segui-lo em sua jornada de amadurecimento.
- Encare a realidade de não ser obediente como normal e saiba como usar os processos da confissão e do arrependimento para voltar para o caminho.
- Encare a obediência de forma relacional: como sua vida está influenciando a Deus e os outros? Que tipo de obediência você deve ter para que sua reconciliação com eles seja mais completa?

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Ajude as pessoas a descobrirem que a vida de obediência é a única maneira de ter uma vida de crescimento, relacionamentos significativos, cura e sucesso. Ajude-as a perceber que a obediência é para o seu próprio bem.
- Ajude-as a encarar a obediência como algo necessário para se alcançar a Deus e que o desligamento da dependência dele é sempre a principal desobediência.
- Resolva a tendência das pessoas de perder os aspectos internos da obediência. Por exemplo, a pessoa pode não estar pecando sexualmente, mas seu coração está longe de Deus.
- Confronte a visão psicológica padrão de que somente o mundo interior é importante e lembre as pessoas de que elas são responsáveis pelos aspectos internos e externos da obediência.
- Ajude-as a fazer uma relação das áreas de suas vidas que precisam estar ligadas à obediência a Deus e a ver como elas podem começar esse processo.

RESPONSABILIDADES DO CONDUTOR

Se você está ajudando as pessoas a crescer, pode fazer várias coisas para que a obediência faça parte do processo.

1. APRESENTE A OBEDIÊNCIA COMO ALGO QUE ABRANGE TUDO NA VIDA. Ajude as pessoas no processo de crescimento a perceber que a obediência vai muito além da vida religiosa, moral ou ética, que se trata de ouvir a Deus em todos os aspectos da vida. Torne a obediência e a espiritualidade relevantes na vida cotidiana.

2. ENSINE QUE A OBEDIÊNCIA TRAZ BENEFÍCIOS PARA AS PESSOAS. Ajude-as a descobrir que a vida "reservada" a Deus não significa necessariamente martírio e privações, mas uma vida melhor, mais rica e menos perturbada.

3. CUIDE DO QUE ESTÁ FORA E DO QUE ESTÁ DENTRO. Observe as pessoas como Jackie, cuja obediência era apenas devocional e exterior, e pessoas como Kim, cuja obediência abrangia apenas o crescimento emocional, mas não os parâmetros absolutos da Bíblia. Use Alison como modelo. Ela não ignorava a obediência interior do coração nem menosprezava a importância de seguir os padrões bíblicos da vida. Lembre-se de que as duas coisas ajudam a criar uma estrutura interna que desenvolve o caráter e integra as partes isoladas da alma.

A obediência ou o governo de Deus é um processo constante essencial para o crescimento espiritual. Procure seguir o que Deus diz em relação aos seus caminhos, relacionamentos e problemas interiores. Aqueles que seguem a voz de Deus em geral acabam descobrindo que ela é o único

caminho a seguir, como fez o apóstolo Pedro, que disse: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna” (Jo 6.68).

Quando aprendemos os caminhos da obediência, entramos no caminho do crescimento. Entretanto, esse caminho não está livre de risco. Precisamos entender como lidar com os problemas do pecado e da tentação e é o que descobriremos no próximo capítulo.

16. Extraindo as ervas daninhas: o problema do pecado e da tentação

Além de sermos responsáveis pelos nossos pecados, somos incapazes de não pecar.

Na década de 1980, lembro de um pastor que deu a sua opinião sobre o movimento de renovação, que estava se tornando conhecido na igreja. Ele estava bravo. Segundo ele, as pessoas estavam escapando com muita facilidade e isso era inadmissível. Ainda posso ouvi-lo dizendo:

> Que história é essa de que as pessoas são "impotentes" em relação ao vício? Será que ninguém sabe? Não é isso o que a Bíblia diz! As pessoas são agentes morais livres e responsáveis por seus pecados! Não me venha com essa conversa de ser impotente. As pessoas decidem pecar e são responsáveis por suas decisões! Elas pecam e ponto final.

Obviamente, o pastor ficou aborrecido ao ver as pessoas em reabilitação falarem do primeiro passo do programa dos Doze Passos: "Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o controle de nossa vida". Para ele, a impotência era uma desculpa. Ele achava que isso estava eximindo as pessoas da culpa.

Elas precisavam admitir que tinham decidido fazer o errado e começar a fazer o certo. Elas estavam pecando e não deviam. Então, para ele, a resposta era clara: Parem!

Lembro que pensei em todos os viciados que eu conhecia e que estavam ouvindo aquilo e senti pena deles. Tinha certeza de que eles já tinham ouvido aquela mensagem antes e que isso não ajudava muito.

Ao mesmo tempo, pensei na verdade e no erro que o pastor estava falando. Ele não estava errado sobre a decisão de pecar do viciado; acho que todo mundo concorda cora isso. Mas sua afirmação de que "as pessoas são agentes morais livres e responsáveis por seus pecados" é exagerada. Nessa simples oração encontra-se boa parte do problema em relação à visão das pessoas sobre o pecado e sobre a forma como tentam ajudar os que lutam contra este. O pastor estava certo apenas em parte. As pessoas *são,* de fato, responsáveis pelo pecado e *são* agentes morais.

Mas isso é apenas parte da verdade. A Bíblia ensina que somos responsáveis e culpados pelo pecado. E um problema nosso e de mais ninguém. Mas o pastor ficaria surpreso em saber que a mensagem da Bíblia é muito *mais* devastadora e condenadora, pois além de dizer que somos responsáveis pelo pecado, também diz que somos incapazes de não pecar. Pare para pensar nisso: não podemos mudar e somos responsáveis por não conseguir mudar. Isso nos leva a uma única conclusão: alguém aí precisa de um Salvador?

Dá para entender o que o pastor estava pensando, pois a idéia de sermos impotentes e incapazes de mudar nossa vida nos isenta de culpa. E como o caso de uma doença genética (hemofilia) e uma que é causada por um estilo de vida prejudicial à saúde (cirrose hepática). Normalmente, sentimos mais empatia pela pessoa com o problema genético do que por aquela que fez uma escolha destrutiva e contribuiu para a própria doença.

Mas quando vemos o outro lado, de que somos responsáveis pelo que não podemos mudar, ficamos numa situação muito pior do que a da prisão, para onde o pastor queria enviar as pessoas. Para ele, as pessoas que fazem más escolhas devem ir para a "cadeia", mas podem evitar isso se realmente quiserem e fizerem uma escolha diferente. E elas podem sair da cadeia caso arrependam-se e sejam melhores. Sua "postura rígida sobre o pecado" tinha um tipo estranho de esperança. Se somos agentes com poder de escolha, então

vamos escolher outra coisa! Por que permitir que outro padrão de comportamento volte a governar nossa vida? Vamos simplesmente fazer o que é certo! Quase dá para ver o discurso motivacional incentivando as pessoas na igreja: "Não sejam bobas! Não deixem mais o pecado arruinar suas vidas. Escolham a vida! Façam boas escolhas e sejam vitoriosas".

Na visão da "impotência *e* responsabilidade", você vai para a cadeira e não tem a menor chance de sair porque é incapaz de agir corretamente. E é isso o que ensina a Bíblia e os grupos de ajuda a dependentes químicos. Por mais que uma pessoa com um comportamento compulsivo ou um problema interno de caráter tente "simplesmente fazer o que é certo", ela não consegue. Pergunte a qualquer um que tenha feito uma dessas dietas da moda; pode funcionar por um tempo, mas fatalmente fracassará. E essa pessoa ainda se considerará responsável pela realidade do problema e de suas conseqüências devastadoras no relacionamento, na saúde, na carreira etc.

A Bíblia diz que: não podemos evitar os problemas nos quais nos encontramos; não podemos mudar a nós mesmos quando eles surgem; somos totalmente responsáveis e culpados por eles. Em resumo, estamos presos ou, como diz a Bíblia, somos "escravos do pecado". Segundo Paulo explica:

> Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo (Rm 7.18,19).

Temos escolha, mas na verdade não temos liberdade. E somos responsáveis. É uma mensagem muito mais dura do que a do pastor. Mas felizmente a Bíblia não nos deixa nessa situação delicada, pois quando somos jogados na prisão sem nenhuma chance de livramento e nos perguntam: "Alguém aí precisa de um Salvador?", a Bíblia nos dá um. Pois é

exatamente dessa prisão que Jesus diz que nos tirará. E realmente uma boa notícia. Quando as pessoas reconhecem que são impotentes e responsáveis, passam de fato a buscar ajuda fora de si mesmas.

Então, para resumir:

1. Temos um problema: o pecado.
2. Somos responsáveis e culpados pelo nosso pecado.
3. Não podemos fazer nada a esse respeito, de maneira significativa ou decisiva.
4. Não adianta querer "fazer o que é correto"; portanto, considerando que o pecado prejudica a nós ou aos outros, precisamos de ajuda.
5. A ajuda se encontra no Evangelho.

O objetivo deste capítulo é mostrar como o problema do pecado funciona em nossa vida e que o Evangelho é a resposta para esse problema em todas as áreas do crescimento.

PRIMEIRO, UM AVISO

Sempre que falamos do problema do pecado no mundo do crescimento pessoal, temos de nos certificar de que você entende o que estamos dizendo. Não estamos dizendo que o pecado de uma pessoa é a causa de todos os conflitos e problemas que ela tem. Não raro, na igreja, as pessoas são culpadas pela dor e por problemas que elas não criaram.

Jó foi um grande exemplo disso. Ele passou por perdas e sofrimentos que não causou de nenhuma forma. Na verdade, era o oposto. Por causa de sua correção, ele foi inscrito na disputa cósmica de Deus contra Satanás. Ele não sofreu porque era mau, mas porque era bom. Quem sabe realmente qual foi o motivo do seu sofrimento? É uma questão muito complexa para entendermos completamente. No entanto, sabemos que ele sofreu porque perdeu a família, o trabalho e

a saúde. Essas perdas não foram obra sua. Como nós, ele vivia num mundo caído no qual existe um sofrimento que não podemos entender. Jesus disse certa vez: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele” (Jo 9.3). Algumas coisas nós simplesmente não entendemos.

Além disso, as pessoas sofrem por causa do pecado de outras. Todo mundo já passou ou conhece alguém que passou, por um longo sofrimento por causa do abuso dos outros. Na parábola do bom samaritano, Jesus disse como devemos reagir a esse tipo de dor. Na história, um homem caiu nas mãos de assaltantes que o espancaram. Um samaritano que passava, cuidou de suas feridas, levou-o para um quarto numa hospedaria, pagou por ele e pediu para o hospedeiro cuidar dele. Devemos buscar e ajudar aqueles que sofreram nas mãos dos outros (estudaremos a questão com mais detalhes na seção sobre o “pecado dos outros” no fim deste capítulo).

Então, tomando a questão do pecado, primeiro devemos entender que todo mundo sofre e, às vezes, não cresce por outros motivos que não o seu pecado. Se não entendermos isso, poderemos cair na armadilha de culpar a pessoa que sofre, como os amigos de Jó. Nesse caso, nós também seremos “médicos que de nada valem”, e a melhor coisa a fazer será ficarmos “calados” (Jó 13.4,5).

O QUE NÃO FUNCIONA

No capítulo 4, sobre o Deus da graça, vimos a fundo a lei e sua incapacidade de mudar a vida. Neste capítulo, gostaríamos de começar com um breve lembrete a respeito do que trata a “lei do pecado e da morte” e por que ela não funciona. Lidar com o pecado nos impede de repetir as coisas inúteis de novo e de novo.

Estar “sob a lei” é o sistema que funciona da seguinte maneira: se decidirmos seguir os mandamentos, seremos

bons e aceitáveis, caso contrário, seremos condenados. Essa simples fórmula não é problema. Se soubermos o que "devemos" fazer, devemos simplesmente fazer, e o problema do pecado será resolvido.

E isso *foi* verdade uma vez. Quando Adão e Eva estavam no Jardim, eram livres para fazer o que era certo e evitar o errado. Se tivessem feito isso, não teríamos nenhum problema, mas eles não fizeram e agora temos um grande problema. Parte dele é que *não somos mais livres* para fazer o que é certo sozinhos, por mais que queiramos. Agora, em vez de liberdade, temos uma "natureza pecaminosa" (Rm 7.5; nota de rodapé da NVI). Essa natureza tem paixão por coisas que não são boas para nós ("Sai pra lá, chocolate!"). Temos a tendência de não fazer nada que preste e, às vezes, de fazer logo o que prejudica.

Mas isso não é tudo. Além de termos uma paixão pelas coisas que contrariam a lei, a própria lei nos instiga a fazer exatamente o que não deveríamos (Rm 7.5, 8-10)! E um risco duplo. Temos a doença, e o fato de sermos *obrigados* a ser saudáveis nos faz extravasar nossa doença ainda mais. Veja o que o apóstolo Paulo diz: "Pois quando éramos controlados pela carne, as paixões pecaminosas *despertadas pela lei* atuavam em nosso corpo, de forma que dávamos fruto para a morte" (v.5; grifo dos autores).

Temos uma natureza pecadora e ela "revive" pelo mandamento (v. 9). Fica mais fácil de entender, quando pensamos nas primeiras vezes que uma criança ouve o "não". Proibir uma criança de fazer alguma coisa é quase o mesmo que "mandá-la" fazer. Não é tão óbvio com os adultos, mas se examinarmos bem de perto, encontraremos a mesma coisa. O adulto quer fazer exatamente o que não deve.

É um dos motivos pelos quais os três tipos mais comuns de "lei" nos círculos cristãos falham redondamente com aqueles que não conseguem parar de fazer o que fazem:

1. Um sermão duro e inflamado contra o pecado com a injunção do arrependimento;

2. Regras legalistas para manter as pessoas na linha;
3. Dizer (inclusive gentilmente) que a "saída" é fazer escolhas melhores.

Embora todos os tipos tenham uma certa dose de verdade, nenhum funciona, porque partem do pressuposto de que a pessoa é capaz de escolher fazer o que é certo. Mas a Bíblia ensina que esse fator sozinho não funciona pelos dois motivos mencionados (a natureza do pecado e o fato de que a lei em si incita a pessoa ao pecado). Portanto, para ajudar, não basta dizer às pessoas que elas estão erradas e que deveriam agir corretamente. É isso o que faz a lei, e ela não ajuda a mudar ninguém (Hb 7.18,19; Rm 8.3).

Para piorar ainda mais o problema, essas intervenções suscitam nas pessoas as mesmas reações que a lei: culpa (condenação), raiva (revolta) e medo. A lei produz essas reações nas pessoas e a Bíblia fala que devemos nos livrar desses efeitos (Rm 5.9,10,20,21; 6.14; 8.1,2; (Jo 4.18). Então, como podemos ver, se dissermos às pessoas simplesmente para fazerem o que é certo e não explicarmos todo o evangelho, teremos um resultado não desejado: fracasso e sentimentos negativos. Não é de admirar que muitas pessoas não gostem da igreja, pois devem ter ido a uma que produzia esse tipo de reação.

Lembra-se do amigo (Dirk, no cap. 4) do meu amigo que tinha um problema de obesidade? E fácil ver por que ele não conseguia perder peso. Tudo que tinha a seu lado era a lei, a norma, o "dever". Ele assumia o compromisso de emagrecer, fracassava e, depois, sentia-se culpado e condenado. Por causa disso, ele engordava mais em vez de emagrecer. Era um círculo vicioso. Esse é um bom retrato de como a lei e o pecado funcionam.

UM CAMINHO MELHOR: O ARREPENDIMENTO E A VIDA PELO ESPÍRITO

Mas a Bíblia nos dá um caminho melhor. Como diz Paulo:

> Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito.(Rm 8.3,4)

Embora a lei e todas as nossas versões não ajudem, Jesus nos ajuda. Em lugar da vida pela lei, ele nos dá a vida pelo Espírito. Essa é a resposta para todos os problemas que o pecado pode nos causar.

Portanto, embora a norma seja boa e a necessidade de fazer boas escolhas seja real, só existe uma forma de fazer isso: viver de acordo com o Espírito. Isso significa viver de acordo com um relacionamento e processo que nos fortalece (Gl 5.16,25). Então, voltamos à questão da dependência em relação a Deus.

Para mudar as áreas que queremos mudar, primeiro temos de assumi-las (confissão) e admitir que somos incapazes de mudá-las sozinhos: “Bem-aventurados os pobres em espírito” (Mt 5.3). Depois, temos de nos libertar estabelecendo um relacionamento com ele que resolve a culpa e a condenação da lei. Como disse Paulo, “não há condenação” para os que têm um relacionamento com Jesus.

Como dissemos no capítulo 9, a culpa e a condenação precisam acabar para que aconteça alguma mudança. Dirk só mudou quando se sentiu aceito e amado do jeito que era, com o problema do peso e tudo. Depois, ele teve de mudar de idéia e de posição em relação à seriedade do pecado.

Finalmente, Dirk percebeu que, se não emagrecesse, provavelmente teria um ataque cardíaco. *Sua mudança de idéia é o que a Bíblia chama de "arrependimento", uma mudança completa de atitude e de pensamento em relação ao problema.*

Portanto, como diz o versículo, para sermos livres precisamos viver de acordo com o Espírito. Mas o grande erro das pessoas e achar que elas só precisam confessar e contar com a ajuda de Deus. Porém, como vimos no capítulo 6, *viver de acordo com o Espírito é muito mais do que isso.* I lá muitas outras coisas que precisamos pedir para Deus fazer por nós por meio do Espírito, como:

- mostrar que ele está sempre conosco e que podemos confiar nele (Sl 139.7; Jo 14.18; 15.5-8);
- examinar nosso coração e mostrar o que precisamos mudar (Sl 7.9; Pv 20.27; Rm 8.27; 1Co 2.10);
- dar-nos a capacidade de fazer o que é preciso quando não a tivermos (Êx 31.3; Dt 34.9; Jz 14.6; 2Sm 23.2; Mc 13.11);
- guiar e instruir-nos na vida(lRsl8.12; 1 Cr 28.1 2; Ne 9.20; Sl 143.10; Jo 16.13; At 13.4; 16.6);
- revelar e ensinar-nos (Jo 14.26; 15.26; 16.13; 1Co 2.13; 1Jo 2.27);
- aconselhar e ajudar-nos (Jo 14.26; 15.26; 16.13);
- ajudar-nos a viver como devemos (Rm 7.6; 8.2,4-6,9,11,13,26);
- preencher e controlar-nos (Rm 8.6; Ef 5.18);
- completar-nos (Tg 1.4);
- corrigir e julgar-nos (Sl 139.23,24; Jo 16.8; Rm 9.1; 1Co 4.4; Fp3.15);
- transformar-nos (2Co 3.18; Gl 3.3; 5.16-25);
- dar-nos dons para ajudarmos uns aos outros e nos

unir ao Corpo (1Co 12.7-12);

- curar-nos inclusive usando os dons dos outros (Sl 147.3; Is 61.1; Ef4.16; 1Pe4.8,10).

Em outras palavras, a vitória na guerra contra o pecado depende de todo o processo de crescimento e de vivermos a vida que o Espírito provê. Precisamos fazer muitas coisas para alcançarmos a vitória que precisamos. Problemas sérios como vícios e outros padrões de comportamento não permitem fórmulas como: "Isso é pecado. Não farei mais isso". Para alcançarmos a vitória, precisamos mudar completamente e entregar nossa vida ao Espírito.

Essa verdade também explica por que os padrões de comportamento, que não funcionam com essas fórmulas, funcionam com o processo que descrevemos: quando admitimos que somos impotentes, pedimos a Deus e às pessoas que nos ajudem, arrependemo-nos, mantemos o contato com um ambiente encorajador, buscamos a cura para as nossas feridas, aceitamos o sincero perdão, perdoamos e obedecemos a Deus. Quando fazemos tudo isso, os antigos padrões problemáticos de comportamento mudam. É assim que a Bíblia descreve o processo que precisamos passar.

Os cristãos, em geral, têm uma visão muito superficial do pecado, tanto em relação à nossa capacidade de lidar com ele como a extensão em que devemos tratá-lo. Não conseguimos parar de pecar; precisamos ser salvos do pecado. E isso significa um processo de cura muito mais profundo do que apenas "parar de ser mau". Na realidade, trata-se de uma missão de "cura", igual à de Jesus: "Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lc 19.10).

A palavra traduzida "salvar" nessa afirmação, na verdade, significa "curar" ou "restaurar". Ser "salvo" do pecado significa ser restaurado e curado num nível mais profundo do que às vezes oferecemos aos outros. As pessoas precisam mais do que apenas: "Pare com isso]". Elas também

precisam saber que: “Deus e nós as ajudaremos”. O processo bíblico de sobrepujar o pecado fornece uma cura profunda. Todo o resto fica a desejar.

Então, o mandamento da Bíblia sobre o pecado é e sempre foi: arrependa-se. Mas as pessoas costumam pensar que “arrepender-se” significa parar de pecar, e não é esse o ponto. A verdade é que “arrepender-se” significa mudar de idéia completamente, pensar diferente, e isso requer uma mudança radical de vida, e não apenas de comportamento. Significa pensar diferente sobre o pecado, ver que ele é destrutivo e produz a morte. Também significa pensar diferente sobre como vamos lidar com ele. Significa mudar de mentalidade e começar a viver de acordo com a vida completa do Espírito, como acabamos de ver. “Arrepender-se” não é apenas um mandamento. É uma mudança de vida total, é viver no Espírito e em tudo o que isso implica.

REBELIÃO

Mas, para não nos sentirmos muito à vontade com a mentalidade de que “simplesmente somos doentes e impotentes, e queremos ser curados”, vejamos um outro lado do pecado. Não é apenas a nossa incapacidade de evitar o pecado que nos causa problema. Ás vezes, somos plenamente capazes de evitá-lo, mas decidimos não fazê-lo. Rebelamo-nos, como aconteceu com Adão e Eva *antes* que tivessem a natureza pecadora. Embora tenhamos essa natureza, há momentos em que temos controle sobre algumas áreas do nosso caráter, mas decidimos não exercitá-lo. E não existe outra palavra para isso a não ser *rebelião.* Peguemos o exemplo de Sara e Joe.

Sara e Joe tinham um relacionamento bastante tempestuoso há cinco anos, desde que se casaram. Eles se casaram logo depois da fase inicial da “paixão” e da idealização um do outro. Pouco depois, começaram a brigar.

Às vezes, discutiam sobre assuntos importantes, mas, em geral, brigavam por causa do temperamento de Joe.

Um dia, Sara disse, soluçando no consultório: "Não sei o que fazer. Não quero controlá-lo nem magoá-lo, mas ele vem para cima de mim cheio de ódio. Não agüento mais". Ela disse que o seu amor estava esfriando cada vez mais, pois ele a tinha magoado muitas vezes. Meu temor era que ela quisesse se separar.

Até então, Joe tinha tentado se defender, dizendo que ela era uma pessoa muito difícil de se conviver e que sua raiva era justificada. Ele disse: "Você também ficaria louco com ela". Eu procurava fazê-lo enxergar o outro lado das coisas, sem sucesso. Mas nesse dia, em especial, quando Sara revelou toda a sua dor, Joe ganhou uma perspectiva diferente. Nas palavras da Bíblia, ele "arrependeu-se". Ele mudou de idéia sobre seu próprio comportamento. Deixou de se considerar justificado e passou a se enxergar como destrutivo e maldoso. Ele estava magoando uma pessoa que amava e da qual precisava.

Então, finalmente, Joe concordou em tratar sua raiva. Durante meses, eles vinham ao meu consultório sempre que ele não conseguia controlar a raiva. Mas essas sessões eram diferentes das primeiras. Agora estávamos lidando com o verdadeiro problema da sua raiva e não com uma coisa que tinha de justificar. Ele estava freqüentando um bom grupo de apoio, encontrando-se com um companheiro de oração e explorando comigo a mágoa e a história que existia por trás da raiva.

Lentamente, Joe mudou conforme a "vida pelo Espírito" assumiu o controle. Como Paulo descreve, ele colheu o "fruto" do Espírito. Ele ganhou autocontrole, amor e paciência (Gl 5.22,23). É mais um exemplo de como o "fruto" funciona. Ele cultivou o jardim, a vida pelo Espírito, e agora ele estava dando frutos. Joe estava se tornando cada vez mais o marido amoroso que Sara queria.

Um dia, porém, aconteceu uma coisa. Eles tiveram um fim de semana difícil e uma briga feia. Sara obviamente estava magoada. Quando descreveu o comportamento de Joe, fiquei chocado, pois achava que tínhamos feito mais progresso do que aquilo. Minha primeira reação foi a de empatia, não apenas por ela, mas também por ele, pois ele fora "surpreendido em algum pecado" de novo (Gl 6.1). Não imaginava o que tinha acontecido dentro dele para ficar tomado daquele jeito.

Quando Joe falou, minha empatia desapareceu e deu lugar à raiva. Então, quando me perguntei por que estava bravo, tudo ficou claro. Nada tinha acontecido dentro dele. Nada tinha tomado conta dele. Ele era perfeitamente capaz de não agir daquela forma, mas agiu. Eu estava diante da pura e simples "maldade". Então confrontei-o:

— Não me venha com essa conversa fiada de "não consegui me controlar" — eu disse. — A verdade é que você simplesmente quis ser mau em vez de se conter. Não foi uma fraqueza. Foi uma escolha, e não passa de um grande pecado.

Nunca vou me esquecer do olhar e da expressão no rosto de Joe. Ele tinha sido pego. De repente, ficou envergonhado, um pouco acanhado, e disse:

— Você está certo. Você está certo. Eu estava louco da vida e descarreguei nela. Eu sei que errei — pude ver o seu espírito se amansar. — Desculpe — ele disse para Sara.

Sara também se acalmou. Aceitou as desculpas e eles resolveram o assunto. Porém, foi uma grande lição para ele que afetou vários outros padrões de comportamento dele. Ele aprendeu que alguns problemas na vida não acontecem por causa de coisas que somos "incapazes" de fazer, mas de coisas que "não queremos" fazer. Ele simplesmente se rebelou contra o que sabia que era correto e amoroso. Ele se sentiu melhor naquele momento, mas, como acontece com todo pecado, durou só um instante. Depois, ele pagou o preço com a alienação.

Ás vezes, não somos capazes de fazer o que devemos em um dado momento. Precisamos mais da obra do Espírito nessas áreas e precisamos fugir à tentação e correr para buscar ajuda. Mas, às vezes, não usamos as capacidades que possuímos e, intencional e deliberadamente, decidimos pecar. Como disse Davi: "Também guarda o teu servo dos pecados intencionais; que eles não me dominem! Então serei íntegro, inocente de grande transgressão" (Sl 19.13). Somos capazes de fazer a coisa errada de propósito.

A solução é a confissão, o remorso, o arrependimento, a reparação e a reconciliação com aquele a quem magoamos. Muita coisa se faz em nome do crescimento hoje em dia que não passa de um pecado carente de arrependimento. Não é preciso colher o fruto do "autocontrole", apenas exercitá-lo.

Quando Joe foi confrontado com essa realidade, ele assimilou minha confrontação e tornou-a parte de sua alma. Então, ele ganhou a capacidade de confrontar a si mesmo, de dizer para si: "não faça isso". Ele assumiu o seu pecado, desculpou-se, arrependeu-se e reconciliou-se com Sara. A partir de então, seu relacionamento ficou mais forte e Joe alcançou uma nova dimensão no seu crescimento: a percepção de que agora ele tinha mais liberdade e, portanto, mais responsabilidade.

SEM DESCULPAS

Um dia, um homem me contou sobre um caso que ele teve; estávamos lidando com a conseqüência disso em seu casamento. O caso tinha deixado sua esposa arrasada e parecia que ele não sabia muito como ela se sentia. Durante as sessões, ele teve uma idéia da dor que havia causado, mas exatamente quando íamos explorar mais o fato de o caso tê-la arrasado, ele mudou o rumo da conversa:

— Mas tudo isso me deixa triste por outro motivo — ele disse.

— Qual? — perguntei.

— Bem, se ela tivesse suprido minhas necessidades em nosso relacionamento, cu não teria de buscar o que precisava em outro lugar.

Pensei que ia vomitar. Não o condeno por seu fracasso. Com freqüência, enquanto tratava dele, me lembrava da reação de Jesus com a mulher pega em adultério. Jesus não demonstrou nada além de graça e aceitação. Então, não é por isso que eu estava me sentindo mal.

O que me deixou mal foi ele jogar a culpa. Ele praticamente disse que sua esposa era responsável pelo seu caso. Nunca passou pela sua cabeça que ele podia ter reagido de milhares de maneiras diferentes em vez de ser infiel. Ele poderia ter reagido de maneira redentora, e não destrutiva.

Mas, então, tive de me lembrar de outra coisa. Já culpei os outros pelo meu próprio comportamento também. Já pensei também: "Bom, eu não teria feito isso se você não tivesse feito aquilo". Então, com o coração mais humilde, lembrei-me de uma coisa sobre a história de Adão e Eva que me ajudou. Quando pecou e Deus veio confrontá-lo, a reação de Adão foi a mesma desse homem. Ele disse: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi" (Gn 3.12). Em outro momento, Adão culpou tanto Deus como Eva. Ele disse que não estaria com problemas se Deus não tivesse lhe dado a mulher ou se a mulher não tivesse lhe dado o fruto. Depois disso, vemos que a culpa não escolhe sexo. Quando Deus confrontou Eva, ela culpou a serpente.

A culpa faz parte da ordem natural de uma raça caída. Nós não "assumimos" o nosso comportamento, mas automaticamente jogamos a responsabilidade. Tenho uma amiga que, quando comete um erro, imita uma criança e diz: "Ninguém mandou", como se ela tivesse feito o seu dever se um outro tivesse feito o dele. Culpar é humano.

Mas a morte também é humana, e a Bíblia diz que, se permanecermos na culpa e justificarmos o nosso pecado, morreremos. O pecado mata, e a culpa dá vida ao pecado. A culpa mantém o pecado vivo e forte em nós.

A culpa é um tema corrente nos círculos de terapia também. As pessoas usam o passado, o que aconteceu ou deixou de acontecer na infância, para justificar algum comportamento: "Faço tal coisa porque minha mãe era assim e assado". Como veremos daqui a pouco, é muito importante chegar à raiz das motivações dos nossos comportamentos. Muitas motivações ou impulsos não acontecem por nossa culpa. *Mas isso não significa que nosso comportamento não seja nossa responsabilidade.* No caso de um homem que sofreu maus-tratos do pai na infância e que, agora, odeia e resiste a todo tipo de autoridade, a maldade do pai explicaria parte de sua motivação. Ele certamente teria raiva e mágoa. *Mas o seu passado não explica sua decisão de agir de maneira destrutiva em relação a essa mágoa. A* única coisa que pode explicar isso é uma natureza caída.

Uma reação espiritual seria submeter a mágoa e a raiva ao processo de cura que descrevemos e resolver a questão sem "retribuir mal por mal" (Rm 12.17,21). Se esse homem resolvesse o problema da maneira correta, conseguiria a cura para a sua mágoa, uma solução e perdão para a raiva e buscaria reconciliar-se da melhor maneira com o pai.

Então, quando enfrentar a sua própria mágoa, carências e outros motivadores do seu comportamento e do comportamento daqueles que você ajuda, lembre-se de que existe uma diferença entre o que nos acontece e como lidamos com isso.

O PECADO É MAIS DO QUE OBRAS EXTERNAS

Os exemplos anteriores nos levam a outra questão sobre o pecado. Ele não é apenas uma coisa que fazemos, não é apenas um comportamento. Abrange as raízes do

comportamento também. Em geral, pensamos no pecado apenas em termos externos, e não internos. Jesus advertiu: "Vocês, fariseus, limpam o exterior do copo e do prato, mas interiormente estão cheios de ganância e de maldade. Insensatos! Quem fez o exterior não fez também o interior?" (Lc 11.39,40).

Os dois exemplos que acabamos de citar, o homem magoado com a esposa e o exemplo hipotético de um homem magoado pelo pai, mostram a importância de se tratar das motivações internas. A raiva ou mágoa não resolvida pode se transformar em rancor ou luxúria. O ódio pela autoridade provavelmente arruinou mais carreiras do que a falta de preparo. E muitos outros monstros espreitam nas sombras do coração humano. Veja esta lista:

> O que sai do homem é que o torna "impuro". Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem "impuro" (Mc 7.20-23).

Muitas doenças, fracassos, vícios, dificuldades de relacionamento e comportamentos destrutivos nascem nesses motivadores. Como disse Jesus, o fruto vem da árvore (Mt 12.33-35). O segredo para que a obra externa seja boa é olhar para dentro e resolver esses problemas. Se você estiver cheio de "coisas sujas", exibirá um comportamento sujo; o mesmo vale para "coisas boas".

Mas a verdade é que todo mundo tem coisas sujas dentro de si. Faz parte da natureza caída, a "doença" do pecado, como Jesus explica (Mc 2.17). Para sarar, é preciso ter segurança para olhar para dentro, confessar, abandonar, arrepender-se e

> [...] despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade (Ef 4.22-24).

Temos de ser renovados de dentro para fora e isso começa quando encaramos as coisas feias que temos internamente.

Todo mundo precisa de um lugar no qual possa dizer: "Você não vai acreditar o quanto eu sou doente! Deixe-me falar sobre esse pensamento que tive hoje". Precisamos tornar esse tipo de confissão um ato normal. Então, poderemos começar a nos limpar interiormente.

DA MORALIDADE NEUTRA À MORALIDADE RUIM

Não só as coisas ruins, mas também as boas, podem nos levar ao pecado. Vimos anteriormente como o ódio e a revolta de um garoto contra o pai podem levá-lo a resistir à autoridade quando adulto. Mas e quanto à mágoa legítima na alma daquele jovem? Esqueça a raiva por um momento e olhe para a mágoa. E se essa pessoa não agir com raiva, mas também nunca resolver a mágoa? O que acontece?

A mágoa não resolvida continuará a fazer o seu serviço: magoar. Uma pessoa com o coração quebrantado que não se cura fica sofrendo. Provavelmente, fará alguma coisa para aplacar a dor. Ela pode ter um forte "desejo" por sexo, comida ou álcool para sentir-se melhor. Pode sentir-se impulsionada a trabalhar e prosperar e sacrificar as pessoas que ama. Pode desejar ardentemente coisas materiais ou lutar pelo poder para compensar seu sentimento de inferioridade. Seja qual for a "droga escolhida", a mágoa pode levar a pessoa ao pecado. Ela não é o pecado. O *pecado é a forma que a pessoa lida com a dor e o vazio.* É o que acontece quando se tenta suprir uma necessidade válida de maneira pecaminosa.

Em geral, esse aspecto da tentação sobre o qual a Bíblia fala é esquecido. Em Lucas 4, está escrito que Jesus foi levado ao deserto para ser tentado. Por quarenta dias, ele foi privado de todas as coisas humanas, companhia, comida e necessidades básicas. *E nesse estado de privação, Satanás o tentou.* Satanás ofereceu a Jesus maneiras de sentir-se "melhor" quando ele se encontrava mais fraco.

É exatamente assim que acontece. Satanás nos tenta em momentos de fraqueza e nas áreas mais vulneráveis. Precisamos de algo ou sofreremos. E a tentação resolve as duas coisas *momentaneamente.* Se uma pessoa precisa de amor ou se sente solitária, o pecado enganoso do sexo ilícito (a luxúria da carne) pode disfarçar-se momentaneamente de amor. Se ela precisa de validação, a sedução do poder e o "orgulho da ostentação na vida" podem ludibriá-la para que sinta que sua existência é digna de mérito por causa desse poder. Se a pessoa sente que "não é muito boa", a sedução do materialismo e da "cobiça dos olhos" podem amansar a dor momentaneamente. Nessas três áreas, João diz:

Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo (1Jo 2.15,16).

O mundo tem suas soluções para a necessidade e a dor, e podemos ser tentados a resolver nossas mágoas com elas. A antiga história da Bíblia é que tentamos suprir com nossos próprios ídolos as necessidades que deveriam ser supridas por Deus. Contamos com os deuses criados pelo homem, em vez de contar com o único e verdadeiro Deus. Novamente, trata-se de um problema de *dependência.* O *pecado é não depender de Deus e não aceitar a sua graça em todas as suas formas.* Suprir as nossas necessidades da nossa maneira é idolatria e nunca funciona. O nosso modelo é Jesus, que no estado de privação não supriu as necessidades com o pecado, mas pela dependência em Deus. Hebreus diz: "pois não

temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, *porém, sem pecado"* (Hb 4.15; grifo dos autores).

Então, às vezes, não compreendemos que a privação pode ser o estado de fraqueza que nos torna suscetíveis a fazer o que a natureza pecadora nos ordena. Os cristãos podem tentar resolver o pecado lidando apenas com o mau comportamento e não com a necessidade ou a dor que o causa. Lidamos com o "mal", mas não acrescentamos o "bem". *Vencer o pecado não é apenas acabar com a maldade, mas também acrescentar a bondade.* Jesus veio para acabar com a morte, mas também para nos dar vida. É por isso que a Bíblia diz para "despir-se do velho homem" e "revestir-se do novo homem" (Ef 4.24; Cl 3.10,14). Essa era a idéia de Jesus quando disse que não tinha vindo para julgar o mundo, mas para salvá-lo, ou seja, curá-lo e restaurá-lo (Jo 12.47).

Portanto, para reagir ao pecado das pessoas precisamos olhar além de sua natureza pecadora e ver o que motiva e suscita o pecado. A grande realidade é que o pecado é suscitado e perpetuado quando estamos "separados da vida de Deus". Essa fórmula motiva o comportamento pecaminoso, de acordo com o apóstolo Paulo. Ele diz aos crentes para não pensarem como as outras pessoas:

> Eles estão obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento do seu coração. Tendo perdido toda a sensibilidade, eles se entregaram à depravação, cometendo com avidez toda espécie de impureza (Ef 4.18,19).

Quando estamos "separados da vida de Deus", na verdade, não temos vida nenhuma e buscamos preencher o vazio de outras formas. A vida de Deus inclui, entre outras coisas, apoio, ligação, honestidade, talentos, cura, confissão, arrependimento, correção e disciplina. Então, uma pessoa

que está sofrendo precisa encontrar a cura que Deus provê, inclusive por meio de seu povo. Quando isso acontece, e a mágoa é sanada, a tentação é vencida. A necessidade desaparece e a capacidade de resistir aumenta. A força e a vida suprem a necessidade.

Se o coração e a mente das pessoas estivessem cheios da vida que Deus provê, não haveria muito espaço para a tentação. Uma mulher solteira de trinta anos contou-me, certa vez, que não conseguia se separar do namorado que a magoava. Estava dormindo com ele, mesmo sabendo que ele não era uma pessoa saudável. Ela disse que finalmente chegou ao fundo do poço e buscou a Deus. Então, o Espírito e seu povo começaram a suprir suas necessidades. Ela conseguiu terminar com o namorado destrutivo e a tentação sexual desapareceu. Deus e sua vida supriram a necessidade e curaram a dor. Ela resolveu o pecado, mas, para tanto, não apenas se arrependeu, mas também acrescentou as coisas "boas" de que precisava.

Portanto, afinal, a "maldade" não é de todo má. É um poço de necessidades, mágoas e dores boas que as pessoas tentam "medicar" de maneiras ruins. Isso não justifica nenhuma das reações pecaminosas que temos nem o Evangelho incompleto que damos às pessoas como resposta para o pecado. Para alcançarmos a vitória, precisamos buscar tudo o que Deus ofereceu e isso inclui cuidar de nossas necessidades e das dores que não estejam em contato com a sua vida.

EVITANDO O PECADO

Entretanto, isso não é nada fácil. E a tentação mora ao lado. Ela não desaparece e não devemos ficar sentados, esperando que ela se cale enquanto "nos recuperamos". A Bíblia oferece uma estratégia para evitar isso. Vamos lembrar como funciona.

Oração

> E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal (Mt 6.13).
>
> Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca (Mt 26.41).

Fuga e escape

> Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, ele mesmo lhes providenciará um escape, para que o possam suportar (1Co 10.13).
>
> Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo (1Co 6.18).
>
> Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor (2Tm 2.22).

Não precisamos falar muito sobre essas estratégias, pois são evidentes. O problema é que muitas pessoas não as praticam. Quão comum é ver as pessoas levarem o pecado tão a sério a ponto de orarem consistentemente para evitá-lo? E a fuga é extremamente subestimada. A Bíblia ressalta a fuga da tentação. Fala de fugir para não se tornar vítima do pecado. Isso significa que essa é uma situação perigosa e a melhor coisa a fazer é fugir dela. Embora devamos resistir à tentação quando a encontramos, o melhor é nem flertarmos com ela. Então, se você tem uma área vulnerável ou está cuidando de alguém que tem, encoraje a fuga.

As pessoas tentadas pelo sexo deveriam fugir de situações nas quais se sentem tentadas, como ficar sozinhas com alguém perigoso para elas. Os alcoólatras deveriam fugir dos bares. As pessoas com problemas de peso deveriam fugir das sorveterias. Os viciados em pornografia deveriam ficar longe da Internet em lugares privativos. São apenas alguns exemplos, mas o princípio é claro: Fique longe das coisas tentadoras *antes,* e não depois, da tentação. "Fuja" é o conselho da Bíblia. Se você não estiver lá, não será tentado. E quando se encontrar em perigo, não fique parado tentando vencê-la. Corra, fuja dela, trate-a como algo perigoso.

LEMBRANDO DO QUE É O PECADO

Finalmente, somos tentados a esquecer o que é o pecado. Lembra-se da lição de teologia no capítulo 2? Deus criou a raça humana para estar ligada a ele em papéis específicos. Devemos viver *em relacionamento* e *sob* seu senhorio, mantendo nossos papéis de criaturas, e não assumindo o do Criador.

Mas tentamos usurpar o papel de Deus e nos tornar deuses. E o pecado é basicamente isso, viver independentemente de Deus, tentando ser ele. Quando existe um problema de pecado, normalmente, encontramos dificuldades nas seguintes áreas:

- **Independência:** afastar-se da dependência em Deus como a origem da vida e tentar suprir nossas próprias necessidades, separados de Deus e de seu povo.
- **Perda de relacionamento:** isolamento em relação a Deus e aos outros.
- **Chefia:** não se submeter a Deus e não obedecê-lo.
- **Controle:** tentar controlar os outros ou as coisas que não podemos controlar, causando a perda do autocontrole e o fracasso em se render ao controle soberano e divino.

- **Julgamento**: deixar de ser verdadeiro e de experimentar a vida e as pessoas, e julgar a si mesmo e aos outros.
- **Autogoverno**: tentar planejar a vida segundo nossos próprios termos.

O pecado sempre aparece em alguma forma de independência em relação a Deus e na tentativa de assumir e usurpar seu papel. Portanto, não se deixe levar pelas distrações que os atos individuais podem causar. Existe uma doença mais seria que somente a humilhação diante de Deus pode curar. Com isso, o relacionamento é restaurado e mais uma vez voltamos a ser o que fomos criados para ser: seres humanos e não deuses.

MAIS UMA PALAVRA

Não é possível resolver o pecado e a tentação sem a confissão e o arrependimento (v. capítulo 9). Eles são pressupostos para tudo o que este capítulo fala, pois seria impossível superar o pecado e a tentação sem eles. No entanto, neste capítulo, vimos um significado mais profundo de arrependimento e reservamos dois capítulos inteiros para tratar melhor do processo da confissão e da obediência, que também faz parte do arrependimento. Portanto, lembre-se deles para entender o que acabamos de ver.

OS DOIS GRANDES MANDAMENTOS

Pensando no pecado, é mais fácil ser "religioso" em vez de espiritual. Mas a religião nunca contribuiu muito para vencer o pecado, como vimos. A Bíblia nos exorta a sermos verdadeiros espiritualmente na luta contra ele que, em última instância, tem a ver com o amor. Tornar-se espiritual é entender os dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo como a si mesmo (Mt 22.36-40). Na verdade, Jesus

disse que todos os mandamentos se resumem nesses. Então, o que isso tem a ver com o problema do pecado?

Bem, como vimos neste capítulo e em outros, amar a Deus significa começar a obedecê-lo *e.* fazer as coisas à sua maneira.

Isso já ajuda muito na cura para o problema do pecado. Mas, além disso, precisamos mencionar que amar o próximo também faz parte da cura para muitos pecados da alma. Costumamos achar que amar o próximo é cura para os pecados relacionados à forma como tratamos os outros. Por exemplo, se somos maus, como Joe, amar o próximo significa parar de ser mau. Isso é bastante óbvio.

O que não é tão obvio, porém, é a maneira que esse amor cura os nossos próprios problemas. Tomemos o exemplo de Dirk, no capítulo 4. Lembra-se dele? Dirk tentou emagrecer e resolver seu pecado com um sentimento de culpa e com um compromisso maior. Falamos sobre o arrependimento verdadeiro que era necessário para ele se libertar daquele comportamento e sobre todos os outros aspectos da graça que o ajudariam. Mas ainda existe um outro elemento que lhe traria a cura definitiva: o amor ao próximo.

Lembre-se de que Dirk tinha filhos. Seu peso estava se tornando um perigo para a sua saúde, por isso havia uma grande possibilidade de que um dia ele morresse de ataque cardíaco. Então, sugeri para o seu parceiro responsabilizador fazer Dirk parar de pensar na culpa e no programa de comprometimento e pensar no amor pela esposa e pelos filhos. Sugeri que ele pensasse como seria se seus filhos pequenos perdessem o pai tão cedo na vida. Pedi para ele fazer Dirk pensar que as filhas poderiam se tornar promíscuas mais tarde, buscando algo para substituir o amor do pai ou então fugir dos relacionamentos com os homens. Pedi para ele fazer Dirk escrever uma história contando como seria a vida de sua esposa e de seus filhos sem ele nos próximos trinta anos, o que aconteceria se ele desaparecesse. Como sua família sobreviveria? Onde

buscaria orientação? O que aconteceria com sua vida? Ele era capaz de imaginar sua dor e sofrimento?

A realidade era que o seu pecado de compulsão por comida e de não ser saudável não era apenas um pecado do seu "ser" que o prejudicava, mas um pecado que poderia devastar a vida de outros e inclusive afetar o casamento de seus filhos e netos. O medo do abandono que eles carregariam por causa da sua morte poderia afetá-los para sempre. Se Dirk começasse a pensar nas coisas daquela forma, a comida e a falta de exercícios se tornariam um pecado maior do que a preguiça e a gula. Seria um pecado de falta de amor para muitas pessoas.

Se Dirk pensasse assim, o amor o impediria da mesma forma que o nosso amor por Deus nos impede também de causar o pesar a ele.

Os programas carcerários, que colocam os criminosos frente a frente com suas vítimas, são uma prova de que isso é verdade. Quando o criminoso vê a dor que causou, ele muda. O amor faz a sua parte, enquanto as regras e o compromisso não ajudam. E por isso que Jesus disse que todas as outras leis e normas dependem do amor.

Portanto, na luta contra o pecado, seja ele qual for, lembre-se da lei do amor. Seja qual for o problema de uma pessoa, provavelmente alguém está sendo prejudicado por seu pecado. Os vícios machucam a família, a luxúria machuca o cônjuge, a irresponsabilidade machuca muitas pessoas e assim por diante. Não existe crime sem vítimas e, para ajudar as pessoas com o pecado, a Bíblia oferece uma grande mensagem: pense que o seu comportamento afeta as outras pessoas e isso lhe dará motivação para parar, enquanto as regras não dão. Lembre-se: toda a lei e os profetas repousam na grande lei do amor.

A BOA E VELHA RELIGIÃO

Ao ler este capítulo, pode parecer meio estranho ouvir psicólogos falarem tanto sobre o pecado. Afinal, não e a psicologia que justifica o pecado com a privação no início da vida e outros motivos para o comportamento, como maus-tratos, pesar e dor mal resolvidos e genética? A nosso ver, não. Acreditamos sinceramente que, para uma pessoa crescer espiritualmente, é preciso lidar com o próprio pecado, além do pecado dos outros. Pois, de qualquer maneira, nossa vida é afetada pelo pecado que cometemos e também que sofremos.

A fórmula para lidar com o pecado que cometemos foi apresentada há muito tempo: confissão, perdão e arrependimento pelas "coisas ruins" de nossa alma. Além disso, como vimos, o arrependimento nos faz viver em Deus e enche a nossa alma das "coisas boas" da vida.

Da mesma forma, a fórmula para lidar com o pecado cometido contra nós é semelhante: confissão, perdão para os outros, cura das feridas pela vida em Deus e, se possível, reconciliação. Os dois tipos de pecado requerem a graça de Deus, o enfrentamento da verdade sobre si mesmo e sobre os outros, a aceitação da vida que precisamos, o perdão que recebemos e damos e a reconciliação que pudermos fazer.

Não existe outra maneira de resolver o pecado, pois Deus nos deu o Caminho há muito tempo. Isso é muito encorajador quando olhamos para o prospecto do crescimento sob a perspectiva bíblica. Não existe nenhuma fórmula mirabolante, apenas o Evangelho. Mas é um Evangelho e tanto! É o remédio para a doença de todas as pessoas, e isso realmente é uma boa notícia.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Reconheça a sua impotência e responsabilidade em relação ao pecado. Esqueça qualquer tipo de raciocínio

que diga que a força de vontade é suficiente e que, se o pecado está tomando conta de você, basta "ser melhor". Isso é uma ilusão.

- Entenda a seriedade do seu pecado e sua capacidade de destruir. Veja de que forma você tem negado que ele o está impedindo de experimentar tudo o que você quer ter na vida, com Deus e com as pessoas.
- Assuma a responsabilidade pelo seu pecado, honesta e abertamente.
- Entenda que o pecado pessoal não é a causa de todas as coisas ruins de sua vida, porque você vive em um mundo caído. Veja também de que forma o pecado dos outros é responsável por essas coisas ruins.
- Livre-se da lei em sua vida e do círculo vicioso de se esforçar mais, fracassar, condenar-se e, então, se esforçar mais. Em vez disso, viva pelo Espírito.
- Use todo o processo de crescimento quando lutar contra o pecado, e não apenas a força de vontade, a confiança em Deus ou outras coisas boas, sem tudo o que ele nos dá na vida do Espírito. Lute contra o pecado, não apenas com algumas armas que Deus lhe deu, mas com o arsenal inteiro.
- Enfrente a rebelião diretamente. Ela e um dos piores pecados que existe e pode destruí-lo.
- Use o arrependimento como uma orientação para tudo.
- Não crie desculpas para o seu pecado.
- Tenha uma visão do pecado que não seja apenas externa, mas também interna, e encontre algo que o encoraje a resolver o pecado interno com Deus e com as pessoas.
- Enfrente e resolva as necessidades e privações que possam estar facilitando o pecado. Veja de que forma você se separou da vida de Deus.

- Pergunte a si mesmo em que você não foge ou não escapa da tentação. Deus prometeu um escape. Comece a fugir em vez de pensar que você pode resistir à tentação.
- Examine o pecado com mais cuidado, como no capítulo 2, e veja os efeitos do pecado original e como ele opera em sua vida. Veja onde você se desligou de Deus como a origem da vida ou como o chefe, do relacionamento como básico e dos papéis que a raça humana deve exercer. Resolva as raízes de sua vida.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Ensine uma visão abrangente do pecado. Apresente o pecado como algo sobre o qual as pessoas são impotentes, mas pelo qual são totalmente responsáveis. Não minimize sua gravidade. Elimine a idéia de que as pessoas podem "simplesmente parar" de fazer algo que as está controlando e coloque-as numa posição de impotência e pobreza.
- Forneça oportunidades na graça de encarar a seriedade e a destrutividade do pecado. Ensine sobre o poder da negação. Encoraje uma cultura na qual a responsabilidade pelo pecado seja vista como um estilo de vida.
- Evite a armadilha de jogar a culpa por todo sofrimento no próprio pecado e crie condições para as pessoas resolverem o pecado que sofreram dos outros e a dor do sofrimento que não é causado pelo pecado de ninguém, mas pelo fato de vivermos em um mundo caído.
- Ensine, como a Bíblia, a não se ver a lei como um método de mudança e sim como uma forma de reconhecer nossa necessidade de graça. Cuidado para não ensinar, sem querer, o raciocínio padrão:

confrontar o fracasso, perdoar e, então, simplesmente se esforçar mais, sem proporcionar o crescimento e o processo de ligação na vida do Espírito. Não cite o compromisso e a força de vontade como as únicas ferramentas disponíveis e evite outras visões truncadas para lidar com o pecado. Se não for possível resolver o pecado, veja se alguma coisa do processo está faltando, como apoio, lidar com a privação, confrontação, estrutura ou qualquer outro elemento da vida no Espírito. Confronte a rebelião diretamente e ensine sobre sua destrutividade. Forneça um contexto para enfrentá-la. Ensine que o pecado é tanto interno como externo e proporcione experiências, oportunidades e atividades nas quais as pessoas confessem e resolvam os dois tipos de pecado. Coloque a graça acima de tudo.

- Resolva as privações que estiverem suscitando o pecado e supra o que estiver faltando. Ajude as pessoas a entenderem que o pecado pode ser causado por uma carência delas e que essa parte carente precisa estar ligada à vida de Deus. Ensine sobre o valor de evitar e fugir da tentação. Observe como a visão mais profunda do pecado apresentada no capítulo 2 está operando na vida das pessoas. Torne essas questões um problema a ser superado e cuide para que elas sejam confrontadas: o desligamento de Deus como a origem da vida ou como o chefe, do relacionamento como básico e dos papéis que a raça humana deve exercer. Resolva as raízes de sua vida.

17. ENCARANDO A REALIDADE: COMO A VERDADE CONTRIBUI PARA O CRESCIMENTO

Quando vemos que a verdade é nossa amiga, o crescimento acontece.

Eu (John) recentemente tive um encontro com a verdade que me ajudou a crescer. Antes de sair para o trabalho de manhã, minha esposa me disse que eu parecia distante e preocupado. Ela se sentia excluída e queria saber o que estava acontecendo. Eu respondi que não estava acontecendo nada. No trabalho, um paciente me disse que sentia como se eu não estivesse emocionalmente presente na sessão. Respondi que era apenas impressão dele. Um amigo, no almoço, me disse: "Você está aqui, mas ao mesmo tempo não está". Respondi que nunca estive mais presente em minha vida. Aquela altura, eu já estava ficando irritado com a chatice das pessoas que faziam parte de minha vida.

À noite, ao ler a Bíblia, passei por 2Coríntios 6.12: "Não lhes estamos limitando nosso afeto, mas vocês estão limitando o afeto que têm por nós". Meditando sobre o versículo, percebi que tinha sido bombardeado com aquela verdade de várias fontes diferentes. Também percebi que ultimamente andava preocupado com um problema nos negócios e que, realmente, tinha mergulhado em mim mesmo e perdido o contato com as pessoas ao meu redor. Foi uma experiência humilhante ver como Deus usou várias pessoas para me dizer a verdade antes que eu entendesse o recado. Ao mesmo tempo, fiquei grato por ele não ter desistido de mim e ter continuado a enviar esses emissários até eu acordar.

Embora nem sempre a aceitemos graciosamente, a verdade é uma das principais ferramentas de Deus para nos

fazer crescer. Como veremos neste capítulo, ele nos dá muitos tipos de verdades necessárias por meios diferentes. Já mencionamos vários aspectos da verdade neste livro. O capítulo 10 trata do uso específico da Bíblia para obter a verdade que precisamos. O capítulo 13, sobre disciplina, mostra os valores da verdade na correção. Neste capítulo, falaremos da verdade em geral, que inclui a Bíblia e a disciplina, e de sua relação com o crescimento espiritual.

Se você foi magoado pela verdade não falada em amor ou tem medo dela, desejamos sinceramente que você aprenda a amá-la e a buscá-la. A verdade, às vezes, é dolorosa, mas é sempre nossa amiga, porque vem do Senhor, cujo amor e verdade nos protege (Sl 40.11). Ela nos é oferecida por ele com compaixão e graça. Como tudo o que vem de Deus, a verdade está *por* nós e não *contra* nós.

O QUE É A VERDADE?

Verdade é um conceito global difícil de explicar. A maneira mais simples de explicar a verdade é dizer que *a verdade é o que é;* quer dizer, a verdade é a realidade, o que existe. Uma coisa pode ser realmente boa (como o amor) e outra realmente ruim (como a decepção) e as duas fazerem parte da verdade. Entretanto, o que não existe não pode ser verdade, mesmo que queiramos que seja.

Esse último fato acontece com freqüência no crescimento espiritual, especialmente quando gostaríamos que uma coisa ruim não fosse verdade ou que uma coisa boa, que não existe, fosse. Por exemplo, uma pessoa pode não querer ver que tem características egoístas (uma verdade ruim) e se achar totalmente desprendida (uma inverdade boa). Ás vezes, tentamos forçar uma realidade e a verdade em nossa própria constituição. Mas nunca dá certo.

Os estudiosos da Bíblia categorizaram a verdade de diferentes maneiras para ajudar a explicar o conceito. Uma maneira de entender é assumir que existe uma verdade

"ontológica", que se refere a toda a realidade, e uma verdade "proposicional", que é um conjunto integrado de declarações sobre essa realidade. Por exemplo, a Bíblia é uma verdade proposicional que descreve as realidades ontológicas que Deus quer que conheçamos. No crescimento espiritual, quando uma pessoa do Corpo ajuda a um amigo aflito, o seu ato de zelo é uma realidade ontológica. Quando a Bíblia diz: "Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo" (Gl 6.2), é uma verdade proposicional que descreve esse processo.

Outra importante classificação da verdade é a *revelação.* Revelar significa "descobrir". Ela descreve as realidades que Deus quer que compreendamos para poder crescer. Os estudiosos citam a revelação especial, que compreende as verdades da Bíblia, e a revelação geral, que são as realidades da vida observada. Os dois tipos nos ajudam a saber o que é bom para nós.

AS VÁRIAS FACETAS DA VERDADE

A Bíblia usa a palavra *verdade* para descrever diferentes aspectos da realidade e o que é verdade em geral (1Tm 2.7). A primeira realidade é a do próprio Deus. Ele é chamado de "Deus da verdade" (Sl 31.5). Jesus diz que ele e o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). O Espírito Santo também é chamado de verdade (1Jo 5.6). Isso mostra a natureza profundamente pessoal e relacional da verdade. Ela é muito mais do que um conjunto de fatos e regras. A verdade vive e respira na essência de Deus.

Quando tomamos essa idéia sob a perspectiva pessoal, podemos chegar mais perto da verdade. É mais do que memorizar uma lista. Se a verdade faz parte da natureza de Deus e se fomos feitos à sua imagem, então a verdade faz parte do nosso coração também: "Sei que desejas a verdade no íntimo; e no coração me ensinas a sabedoria" (Sl 51.6). Não apenas devemos conhecer a verdade, mas também

experimentá-la. Por exemplo, na história que acabei de contar em que passei um dia inteiro absorto em meus pensamentos, pude compreender emocional e intelectualmente o que Deus queria me dizer. Essa é a natureza da verdade.

A Bíblia também refere-se a si própria como a verdade. Por exemplo, a Bíblia usa a expressão "a palavra da verdade" para descrever a si mesma (Sl 119.43; 2Tm 2.15). Jesus disse que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17). Quando lemos a Bíblia, entramos em contato com o guia completo de Deus sobre as verdades necessárias para a vida e o crescimento.

A Bíblia também descreve uma qualidade desejável de caráter nas pessoas que estão alinhadas com a verdade, que é a honestidade e a justiça. Por exemplo, Jetro instruiu Moisés a escolher "homens de verdade" (ARC, Ex 18.21), inimigos da falsidade e defensores da correção. Devemos pensar em tudo o que for verdadeiro, nobre e correto (Fp4.8); o amor "se alegra com a verdade" (1Co 13.6). As pessoas que amam a verdade, e não a falsidade, têm uma vida correta.

Finalmente, a Bíblia usa a palavra para referir-se ao corpo específico de fatos em relação *à* morte redentora de Jesus por nós, que nos reconcilia com Deus. Esse é o Evangelho, a verdade mais importante da vida: "a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação" (Ef 1.13; RC).

Então, a verdade é muitas coisas para Deus. Mas essas coisas não estão em conflito. A verdade é sempre consistente consigo mesma, pois Deus não mente (Tt 1.2).

SUAS FONTES

A verdade está em muitos lugares. Os lugares que Deus usa para nos ajudar a crescer nele são:

- seu Espírito e presença (1Jo 5.6);
- a Bíblia (2Tm 3.16);

- as pessoas (Pv 15.31)
- nossa consciência (1Tm 1.19);
- as circunstâncias (1Co 10.1-6).

O QUE A VERDADE FAZ

1. A VERDADE FORNECE UM CAMINHO PARA A VIDA. Ela tem várias funções no crescimento espiritual. A primeira é que fornece uma estrutura para o processo de crescimento. Para amadurecer, as pessoas precisam de um caminho ou orientação que possam seguir. A verdade é esse caminho: "Escolhi o caminho da fidelidade; decidi seguir as tuas ordenanças" (Sl 119.30). Sem a orientação da verdade, o crescimento não aconteceria. É como uma criança que requer instrução em todos os aspectos da vida: relacionamentos, tarefas, emoções e fé. A criança que não é exposta à verdade nem instruída nela, em geral, torna-se desequilibrada e permite que os outros a controlem.

Encontramos essa mesma idéia nos círculos do crescimento espiritual. Quando as pessoas recebem a verdade como guia, sabem como proceder em todo o processo. Por exemplo, para muitos, o mandamento de amar a Deus e o próximo (Mt 22.38,39) é uma maneira constante de pensar na condução da vida diária e nos valores pessoais.

2. A VERDADE ESTÁ CASADA COM O AMOR E COM A GRAÇA. Os relacionamentos requerem uma estrutura. A Bíblia sempre apresenta o amor e a graça junto com a verdade para mostrar a sua ligação (Sl 40.10; Jo 1.14; 2Jo 3). Se o amor for separado da verdade, as pessoas não crescerão. Por exemplo, um homem escreveu-me outro dia contando que seu casamento estava com problema porque ele amava a esposa profundamente, mas há anos não conseguia dizer a ela algumas verdades desagradáveis. Ele não dizia quando ficava frustrado ou magoado com ela, portanto, nenhum

problema ficava resolvido. Agora, ela havia perdido o respeito e o amor por ele, e o relacionamento estava abalado.

Às vezes, separamos o amor da verdade. E um problema, porque eles não foram feitos para isso. Nosso amor precisa ser sincero e nossa verdade precisa existir para o bem da outra pessoa. Como esse homem, algumas pessoas temem que ser sincero seja não ser amoroso. Entretanto, Deus não é assim. Ele é cheio de amor e cheio de verdade conosco. De fato, em um belo retrato do caráter divino que integra o amor e a verdade, Salmos 85.10 diz que sua justiça (verdade) e paz (relacionamento) "se beijam". O amor e a verdade não são inimigos. Precisam um do outro para se completar. Por experiência própria, sei que a pessoa mais espiritualmente madura, como o Senhor, é cheia de amor e cheia de verdade.

3. A VERDADE SALVA E DÁ VIDA. A verdade tanto preserva como provê a vida para nós. Protege-nos e também nos guia em atividades e relacionamentos vivificantes. Por exemplo, a verdade nos adverte do perigo de não seguir os caminhos divinos. Uma pessoa que ingenuamente confia nos outros sem diagnosticar o caráter deles pode se machucar seriamente. Se, no entanto, ela considerar a verdade e requerer os fatos sobre o passado da pessoa e de outros, provavelmente, não se comprometerá. Não tenha medo de perguntar sobre a vida das pessoas. Aquelas que se ofendem quando são questionadas, em geral, estão mais preocupadas com a aparência do que com a verdade.

Além de proteger nossa vida, a verdade também nos dá vida. Quando a buscamos, nos envolvemos no que é importante para nós. Estudamos a Bíblia para resolver problemas. Buscamos os amigos dignos de confiança para contar nossos problemas, sonhos e desejos. A verdade nos dá respostas, esperanças e soluções.

Pense na última vez que você consultou a opinião de um amigo que é muito importante para você. Lembro de um

homem que sofria muito porque não estava seguro do amor de Deus por ele. Vivia ansioso achando que qualquer falha sua faria Deus se desligar dele. Estudou as verdades do amor fiel de Deus, que ninguém pode nos arrancar das mãos dele (Jo 10.28,29), e as realidades de suas próprias experiências. As pessoas importantes para ele haviam-no abandonado e ele não conseguia confiar em ninguém que se aproximasse. Ao interiorizar as duas realidades, pôde ver melhor por que tinha aqueles temores. A verdade também permitiu que ele chorasse suas grandes perdas e recebesse o amor seguro de pessoas estáveis e de Deus. A vida dele se transformou e agora, com a certeza renovada do amor, ele tem muitos relacionamentos e ministérios significativos.

4. A VERDADE SEPARA O QUE É REAL DO QUE NÃO É. A verdade é um divisor ou separador. Ajuda a esclarecer o que é real do que não é (Hb 4.12). Por exemplo, um casal pensa que concorda sobre um assunto, digamos, finanças, porque um deles não emite sua opinião.

Quando a verdade emerge, o casal percebe que cada um tem valores e sentimentos diferentes e que pode resolver qualquer problema. Quando a verdade é encoberta, muitos problemas podem aparecer.

AS VERDADES IMPORTANTES PARA O CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Há várias categorias de verdade importantes para o processo de crescimento espiritual. Quando aprendê-las ou ajudar os outros a tanto, o crescimento dará frutos.

1. A VERDADE DO PLANO DE DEUS. Precisamos saber que Deus criou uma estrutura para o nosso crescimento espiritual que nos dará uma vida boa: "'Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês', diz o Senhor, 'planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano,

planos de dar-lhes esperança e um futuro""(Jr 29.11). Essa estrutura é o tema de estudo deste livro. Precisamos entender e viver as verdades do plano divino para o crescimento, por exemplo, buscando-o, sendo pobres em espírito e assumindo o controle de nossa vida.

2. A VERDADE DA NOSSA CONDIÇÃO. A nossa condição é que temos de crescer. Todas as pessoas têm fraquezas, pecados, imaturidades e imperfeições. A maioria tem consciência de que não é perfeita. Entretanto, o verdadeiro crescimento acontece quando somos capazes de descobrir quais são nossos problemas pessoais, que áreas de nossa vida precisam da cura e do amadurecimento divinos.

Em outras palavras, todo mundo precisa seguir o caminho da vida de Deus: depender dele, relacionar-se com os outros, ser produtivo no trabalho ou na carreira, ter um ministério e crescer em caráter. É universal. Ao mesmo tempo, precisamos descobrir quais são as nossas áreas frágeis ou passíveis de falha e incluí-las no processo de crescimento também (para obter uma análise mais profunda do assunto, leia *Changes that heal [Mudanças que curam]* e *Hiding from hue [Escondendo-se do amor]).*

3. A VERDADE DE NOSSOS RECURSOS. O crescimento espiritual precisa que alguns ingredientes funcionem corretamente. Vejamos algumas coisas das quais as pessoas precisam:

- um contexto espiritual no qual Deus seja visto como essencial para o crescimento;
- relacionamentos humanos seguros que sejam amorosos e verdadeiros;
- experiência e competência em determinadas áreas do crescimento;
- tempo suficiente para que o processo aconteça;

- uma estrutura ou esquema adequado ao crescimento da pessoa.

Se você é um condutor do crescimento, procure criar um ambiente de crescimento no qual os recursos sejam suficientes para as necessidades das pessoas.

4. A VERDADE DAS TAREFAS REQUERIDAS. Seja qual for o problema que estiver sendo tratado, as pessoas precisam aprender a praticar as atividades que promovem os frutos do crescimento. Precisam não apenas conhecer a verdade sobre si mesmas, mas também praticá-la (Tg 1.22-25]. O próximo capítulo tratará com mais detalhes as tarefas requeridas para o crescimento.

5. A VERDADE DOS OBSTÁCULOS AO CRESCIMENTO. Quem está envolvido no crescimento espiritual precisa ter consciência dos problemas que terá de enfrentar no processo. Conheça os artifícios de Satanás, as resistências do seu próprio coração e os problemas que aqueles que fazem parte da sua vida poderão causar quando você se tornar uma pessoa iluminada. É comum o desencorajamento e o desânimo no processo de crescimento espiritual quando surgem obstáculos (Mt 13.20,21). Lembre-se de que, às vezes, os problemas significam que você está fazendo o certo.

OS TIPOS DE VERDADE QUE PRECISAMOS PARA CRESCER

Como as pessoas têm diferentes necessidades, problemas e conflitos, a verdade também exerce um papel diferente na vida de cada uma. Vejamos os principais.

1. ILUMINAÇÃO. Precisamos de discernimento e sabedoria em nossa vida interior. Deus nos mostra todo tipo

de verdade para ajudar-nos a ver a melhor maneira de enfrentarmos a vida. Ás vezes, uma parte problemática de nossa vida precisa ser exposta para amadurecer ou não temos conhecimento de um problema que precisa ser examinado. Às vezes, a iluminação simplesmente faz parte do processo de aprendizagem, como é possível ver com um bom estudo da Bíblia. Outras vezes, é o que chamamos de experiência emocionalmente corretiva, na qual a pessoa tem uma revelação sobre o que está lhe causando o problema.

Por exemplo, um amigo meu que passava por problemas para se relacionar com os filhos começou a analisar a própria infância e descobriu, para a sua surpresa, problemas bastante semelhantes entre ele e seu pai. Foi como se uma luz iluminasse todo o seu mundo interior. Muitas emoções emergiram quando ele pensou nesses anos; ele experimentou a cura e aprendeu a abrir aquela parte de seu coração para os outros. A verdade de que Deus é um pai para os órfãos (Sl 68.5) ajudou-o muito e ele, finalmente, conseguiu dar a seus filhos o que tinha acabado de receber. Essa experiência poderosa da verdade iluminou sua vida.

2. CONSOLO. Consolo é o alimento emocional que recebemos de Deus e das pessoas, e depois passamos adiante para aqueles que precisam dele para suportar as dores da vida. As palavras de consolo podem nos ajudar a enfrentar muitas provações e a crescer.

Quando alguém realmente compreende nossa dor e luta e demonstra sua compreensão a nós, somos confortados. Uma vez, vi uma mulher em um grupo de crescimento dar o consolo da cura para um homem com três palavras. Ele estava falando de suas frustrações no trabalho e estava muito bravo. Reclamava da forma como era tratado pelos outros e que não ia mais aceitar esse tratamento. A mulher ouviu e depois disse: “Você está sofrendo”. O homem parou de praguejar e reclamar, ficou em silêncio por alguns segundos e, depois, começou a chorar. O consolo dela

ajudou-o a passar com segurança do estado de raiva para o de tristeza sobre a perda que ele realmente sentia. Embora não associemos naturalmente a verdade ao consolo, ele é muito bom para nos acalmar: “Este é o meu consolo no meu sofrimento: A tua promessa dá-me vida” (Sl 119.50).

3. ESCLARECIMENTO. Outra grande tarefa no crescimento espiritual é aprender a esclarecer as coisas em nossa vida. Precisamos entender quando um problema acontece por culpa nossa, quando é causado pelo pecado dos outros ou por vivermos em um mundo imperfeito. Precisamos esclarecer que parte do problema de um relacionamento é nossa e que parte não é. E nesse momento que a verdade entra em cena.

Por exemplo, suponha que uma mulher sofre porque permite que os outros a controlem e manipulem. Ao explorar sua alma, ela descobre as seguintes verdades esclarecedoras:

- Incapacidade de defender a verdade em relacionamentos de outras áreas importantes da vida, como sua família de origem (culpa do outro).
- Perda de uma igreja encorajadora e saudável quando teve de mudar por causa de problemas no mercado no qual o marido atuava (mundo imperfeito).
- Resistência em tornar-se verdadeira porque está mais acostumada ao padrão de acatar os desejos dos outros (culpa dela).

Esses esclarecimentos da verdade seriam de grande ajuda para o crescimento dessa mulher. Por exemplo, ela poderia iniciar um processo de perdoar a família de origem, poderia começar a chorar pelos relacionamentos que teve de deixar para trás quando se mudou e começar a fazer novos relacionamentos e poderia confessar a Deus e a amigos de confiança seu receio de ser franca. O esclarecimento nos mostra soluções para problemas de crescimento específicos.

4. ORIENTAÇÃO. Às vezes, a verdade nos indica uma direção que devemos seguir no crescimento e na vida. Com freqüência, tropeçamos na vida como crianças no escuro, sem saber como agir nos relacionamentos, no trabalho ou na fé nem como proteger nosso coração. Para muitas pessoas, a vida adulta é muito difícil e elas se sentem perdidas e inseguras, sem saber onde pisar. Deus fornece muitas verdades para nos mostrar o caminho: 'A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho" (Sl 119.105).

Algumas dessas verdades orientadoras são princípios gerais que se aplicam a tudo universalmente, como a lei da empatia pelos outros (Lc 6.31) ou o princípio de buscar o Reino de Deus primeiro (Mt 6.33). Muitos problemas complicados da vida podem ser resolvidos quando procuramos entender como esses princípios funcionam.

Em outros casos, Deus fornece orientação específica e individual, como um toque do Espírito, uma passagem da Bíblia que se aplica à nossa situação ou o conselho de um amigo confiável. Ninguém é um cavaleiro solitário, e as verdades orientadoras são aliados bem-vindos nos momentos de indecisão.

Recentemente, falei com uma amiga cuja filha adolescente afastou-se dela. Quanto mais ela tentava salientar o que era correto, mais a filha se sentia sufocada e mais se afastava. Finalmente, uma mulher sábia aconselhou a minha amiga: "Pare de intervir e deixe o seu marido participar mais". Não foi fácil para eles, porque o marido era uma pessoa mais orientada para as tarefas, e ela era solucionadora de problemas de relacionamento da casa. Em pouco tempo, a filha voltou a se aproximar da mãe e as coisas melhoraram. Essa orientação específica ajudou a reconciliar os corações.

5.CORRECÃO. As pessoas também precisam ser confrontadas com a verdade quando se desviam do caminho

da justiça de Deus. Infelizmente, precisamos sempre estar abertos à correção, como vimos no capítulo 13.

Uma palavra de advertência: se você for um condutor do crescimento, lembre-se de ajudar as pessoas a se exporem a todos os tipos de verdade. Alguns sistemas de pensamento usam somente um, especialmente o da correção, e criam uma forma desequilibrada de fazer as pessoas crescerem. Na verdade, a correção usada de maneira inadequada pode causar feridas graves. Quando a correção é aplicada sem bondade, por exemplo, a pessoa pode ficar desencorajada com a fé no Senhor: "Um homem desesperado deve receber a compaixão de seus amigos, muito embora ele tenha abandonado o temor do Todo-poderoso" (Jó 6.14). Use o *menu* completo da verdade, de acordo com o caráter, a maturidade e as circunstâncias das pessoas que você ajuda.

COMO DEVERÍAMOS TRATAR A VERDADE

Nossa atitude em relação à verdade faz toda a diferença do mundo no que se refere aos efeitos dela em nossa vida. Vejamos as condições mais propícias para os efeitos curadores da verdade, favoráveis ao crescimento.

6. AME A VERDADE. Quando as pessoas entendem que a verdade pode salvar e preservar sua vida, fica difícil não amá-la. Quando amamos uma coisa, a buscamos e a queremos por perto. Busque a verdade de Deus, ande com pessoas honestas, convide pessoas saudáveis para contar-lhes a verdade sobre si mesmo. Não assuma um papel passivo com a verdade: persiga-a. Use a oração de Davi: "Envia a tua luz e a tua verdade; elas me guiarão e me levarão ao teu santo monte, ao lugar onde habitas" (Sl 43.3).

Há dois tipos de pessoas com dificuldade para aprender a amar a verdade: as pessoas que foram feridas pela verdade sem amor, como as que cresceram sob duras críticas, e as que foram feridas pela verdade inconsistente e; por isso,

nunca sabem quando as ajudará ou castigará. Essas pessoas têm medo e receio da verdade. Precisam experimentar a verdade amorosa de Deus e dos outros para aprenderem a confiar nela e a amá-la.

Outras pessoas experimentam mais permissividade do que verdade. A verdade não desafiou suas vontades e percepções e elas acabam tornando-se voluntariosas e egocêntricas. Para elas, a verdade tem pouco valor porque apenas as impede de ver a vida da forma como elas querem ver. Essas pessoas precisam experimentar o fruto de se ter uma vida segundo suas próprias regras, em vez das verdades divinas; elas verão os danos que isso pode lhes causar. Isso as ajudará a ver que, embora a verdade nem sempre seja agradável, permite que suas vidas fiquem mais parecidas com o que deveriam ser.

7. SUPORTE A DOR DA VERDADE. A verdade pode ser dolorosa e desagradável. Como o bisturi do cirurgião, seu poder de cura vem com a dor. Uma das tarefas mais importantes para o crescimento espiritual e aprender a tolerar o desconforto da verdade, à luz de seu grande poder de ajuda. Vejamos algumas experiências dolorosas associadas à verdade:

- encarar a realidade de nossos fracassos;
- viver os caminhos de Deus, em vez de viver do jeito que gostaríamos;
- amar os outros, tendo consciência de suas imperfeições;
- falar francamente com as pessoas que se ama;
- apegar-se aos próprios valores diante do julgamento injusto dos outros;
- aprender novas maneiras — que não são fáceis nem naturais para nós — de tratar os relacionamentos.

É uma lista difícil. No entanto, lembre-se de que o fruto da verdade é: sempre vale a pena. Deus anda conosco quando andamos na verdade: "Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus" (Jo3.21).

8. RECONHEÇA QUE O AMOR ALIVIA A DOR. A dor da verdade traz algumas realidades promissoras. A primeira é a pequena fórmula: *quanto mais amor interiorizarmos, mais verdades suportaremos.* O amor nos dá o apoio e a graça necessários para tolerarmos as realidades difíceis. As pessoas bem-amadas podem encarar suas almas sem ficarem mal ou desanimadas, pois estão arraigadas e alicerçadas no amor (Ef 3.17). Se a verdade doer muito, pode ser preciso aumentar ou aprofundar sua base de apoio.

Essa fórmula também significa que, quanto mais somos amados, mais claramente vemos as coisas, mais somos capazes de olhar para dentro de nossas almas e enxergar imperfeições e pecados que antes não suportaríamos enfrentar. Você verá que, com o tempo, as verdades que tratamos são piores do que as que tínhamos no início. Por exemplo, as pessoas que buscam o crescimento espiritual, começam o processo por causa de uma crise externa: divórcio, namoro, problema financeiro ou médico. Aparentemente, são vítimas inocentes de circunstâncias infelizes ou de pessoas ruins. Entretanto, quando se tornam mais envolvidas, são instruídas nos caminhos de Deus, ganham força e seguem os passos do crescimento, assumem sua porção de responsabilidade pela crise e pela solução. A crise passa, mas o crescimento não pára. Elas olham mais para dentro e vêem que ainda têm muita coisa para se resolver. A verdade que, no início, era insuportável, torna-se motivadora do crescimento.

Além disso, quando somos mais amados, simplesmente não vamos aos lugares errados quando as pessoas que confiamos nos dizem a verdade. Um amigo meu contou que,

um dia, fui muito desagradável com ele. Ele foi bem direto, mas depois ficou preocupado se tinha me magoado e me perguntou o que eu achava do que ele me fizera. Eu pensei um pouco e respondi: "Nós somos muito amigos. Nem querendo, você consegue me magoar". Ele poderia ter dito algo que realmente me machucasse, mas seria difícil a essa altura. Estamos acostumados ao fato de que um "está para" o outro. Precisamos de relacionamentos que, com o tempo, se encham de amor e de verdade para podermos aceitá-los do jeito que são sem correr o risco de sairmos feridos: "Quem fere por amor mostra lealdade" (Pv 27.6).

9. SEJA SENSÍVEL À VERDADE E À INVERDADE. Quanto mais honesta, mais a pessoa ganha discernimento sobre a verdade e a inverdade. Deus nos criou para vivermos na realidade. Quanto mais nos envolvemos nela, mais claramente vemos o que é ou não verdade. A escuridão e a luz se tornam mais distintas uma da outra (Jo 1.5).

A forma como os caixas de banco são treinamos para detectar dinheiro falsificado é um bom exemplo. Eles passam tantas horas lidando apenas com dinheiro verdadeiro e estão tão familiarizados com ele que, quando pegam uma nota falsa, sabem que ela tem alguma coisa errada. O mesmo serve para o crescimento espiritual. As pessoas ficam tão apegadas à verdade que se tornam cada vez mais conscientes de quando não são honestas consigo mesmas, com Deus ou com os outros. Percebem quando alguém ao seu redor está sendo desonesto. E o inverso também é verdade. Por viverem na escuridão, as pessoas desonestas se enganam cada vez mais.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Examine os seus preconceitos em relação à verdade. Você considera a verdade dura, crítica ou condenadora? Reformule o seu conceito de verdade e

procure vê-la como aliada e vivificadora.

- Descubra maneiras de interiorizar a verdade, inclusive de ensinamentos bíblicos, sinais do Espírito, relacionamentos saudáveis e circunstâncias. Veja a sua relação com a verdade ao lidar com seus amigos e o seu crescimento.
- Tome consciência da sua resistência a certos tipos de verdade. Por exemplo, algumas pessoas se sentem mais à vontade ao lidar com a verdade de suas feridas ou fraquezas do que com a verdade de seu egoísmo e rebelião. Com outras, acontece o inverso.
- Aprenda tanto a ouvir como a dizer a verdade com graça e humildade. Entenda o valor de incluir a honestidade em seus relacionamentos mais íntimos.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Em suas oportunidades de crescimento, assuma a atitude de que a verdade é normal e importante para esse processo. Descubra tendências que devem ser consoladas e encorajadas e tendências que devem ser confrontadas com a verdade. Mantenha a verdade sem julgamento e a graça sem licença.
- Inclua a confissão de verdades dolorosas no processo e ensine a capacidade de aceitar as idéias e perspectivas dos outros. Ajude as pessoas não apenas a aprender a ouvir a verdade, mas também a buscá-la ativamente.
- Se uma pessoa ficar na defensiva por causa de alguma verdade sobre si mesma, pare e ofereça graça, consolo e empatia para ver se o problema é não ter amor suficiente dentro de si para suportar a verdade. Se mesmo assim o problema persistir, considere a tendência de ver a si mesma como uma pessoa “boa”, em vez de honesta e imperfeita.

- Procure ajudá-la a recuperar essa visão com o espírito da mansidão.
- Ajude as pessoas a viverem na tensão do mistério de Deus: elas não encontrarão todas as respostas para os seus problemas e não podem prever o que ele fará.

Conheço uma mulher que tinha tanto medo de conflito que era incapaz de ver os defeitos dos outros. Ela entrou no processo de crescimento e comprometeu-se a reconhecer e a aceitar a realidade, por mais difícil que fosse. As coisas começaram a mudar. Primeiro, ela tornou-se consciente de seu próprio engano ao tentar tornar a vida agradável para as pessoas ao seu redor. Depois, ela acordou para a irresponsabilidade financeira e a falsidade do marido, que nunca tinha sido capaz de enfrentar. Com o tempo, sua coragem e o amor havia tinha por ele estimularam-no a buscar ajuda. Chegou um momento em que, quando ele deslizava e mentia sobre o dinheiro, ela era capaz de perceber só de olhar para ele, o que era bom para ambos: "Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz" (Ef 5.8).

10. FIQUE ABERTO A TODOS OS TIPOS DE VERDADE. As pessoas aprendem e crescem de maneiras diferentes. Algumas maneiras têm a ver com suas experiências anteriores, outras com sua capacidade e outras com suas preferências. Por exemplo, algumas pessoas têm mais facilidade para entender as verdades lógicas e lineares, enquanto outras seguem mais a intuição. Ao entender estilos cognitivos, o que é bom, o mais importante é trabalhar em ser receptivo a todos os tipos de realidade. Isso dá a Deus e ao processo mais liberdade para trabalhar em nós.

11. APRENDA A VIVER COM O MISTÉRIO E COM AS VERDADES DESCONHECIDAS. Mais outro aspecto do papel da verdade no crescimento espiritual é aprender a viver com

o que não sabemos e talvez nunca possamos saber. Só Deus conhece toda a verdade e só ele pode suportar o peso disso. É uma bênção de Deus não sabermos tudo sobre nós mesmos e sobre o mundo. Ao mesmo tempo, somos uma raça curiosa e, às vezes, achamos que temos o direito de saber todas as respostas.

Essa atitude tem vários tipos de aplicação no crescimento espiritual. Existem várias incógnitas que precisamos aceitar, carregar e assimilar, como:

- todos os fatos sobre a nossa infância e passado;
- os motivos que levaram as pessoas de nossa vida a fazer o que fizeram;
- o motivo de Deus ter permitido que determinadas coisas acontecessem;
- exatamente quando conseguiremos superar um certo problema.

Alguns sistemas de crescimento espiritual dão a impressão de que tudo é preto no branco e que podemos ter as respostas para todas as questões. Porém, a Bíblia ensina que precisamos abrir espaço para o que ignoramos: "Percebi tudo o que Deus tem feito. Ninguém é capaz de entender o que se faz debaixo do sol" (Ec 8.17). Na verdade, precisamos orar por sabedoria, como Salomão (1 Rs 3.7-9). Mas também precisamos aprender a depender de um Deus amoroso que distribui verdades que curam nos momentos que mais precisamos.

CONCLUSÃO

Não é preciso ter medo da verdade, mesmo que ela machuque. Busque a realidade e torne-se uma pessoa da verdade.

No próximo capítulo, que fala da atividade, você verá como tomar a iniciativa nesse processo de busca e crescimento.

18. Preparando-se para a luta: a importância da atividade

O crescimento espiritual planejado por Deus
deve acontecer numa parceria ativa com ele.

Glenn e Anne, um casal na faixa dos 30 anos, procuraram-me (John) para fazer terapia. Eles não estavam em crise, mas queriam se certificar de que estavam tirando o máximo proveito do relacionamento que tinham um com o outro e com Deus. Estava mais para um *check-up* do que para um acondicionamento. Então, colocamos mãos à obra.

Um fato que sempre emerge quando um casal está lidando com o relacionamento é que, na verdade, o casal é formado por dois indivíduos distintos, cada um com suas próprias experiências, passados, mágoas e maneiras de enxergar a vida. O relacionamento não cresce enquanto ambos não entenderem os problemas que cada um tem. Seria como tentar melhorar uma receita para fazer espaguete sem saber nada sobre massa, molho de tomate e carne.

Com o tempo, as almas de Glenn e de Anne se tornaram mais distintas na terapia. Notamos duas grandes diferenças nelas.

Primeiro, elas diferiam no grau de seus conflitos com problemas de caráter. Glenn tinha algumas mágoas e conflitos, mas não eram grandes e não afetavam seriamente sua vida. Ele tinha dificuldade de ser aberto e sensível e de ser claro e decidido quando preciso. Mas amava Anne e os filhos, tinha bons amigos, gostava do seu trabalho e estava satisfeito com o seu envolvimento na igreja.

A situação de Anne era mais difícil. Na infância, seus pais foram distantes e frios. Também eram controladores e

manipuladores. Uma das conseqüências dessa criação foi que Anne tinha uma forte depressão, muita dificuldade para confiar nos outros e se abrir e não conseguia impor limites claros e definidos. Ela sofreu e teve mais dificuldades na vida do que Glenn. Mas, como ele, amava a família, os amigos, o trabalho e a igreja.

A segunda diferença entre Glenn e Anne estava no grau da busca pelo crescimento espiritual. Enquanto Anne buscava o crescimento espiritual e emocional, Glenn permanecia passivo. Eles também usavam os avanços no crescimento de maneira bastante diferente. Por exemplo, quando nos encontrávamos toda semana, Anne agia de acordo com o que tinha acontecido na sessão anterior. Sem dúvida, ela estava trabalhando em seu crescimento entre uma consulta e outra.

Numa sessão, quando contou que gostava muito de sua igreja, de repente, ela ficou muito triste. Não tínhamos tempo para ver o que estava acontecendo naquele momento, porque estávamos tratando de outros assuntos, mas reparamos que aquele sentimento tinha surgido repentinamente. Na sessão seguinte, Anne mencionou o incidente. Ela tinha orado e investigado a sua alma desde o nosso último encontro e, a partir dessa experiência, descobriu o fato de que, quando era pequena, Deus era o seu único refúgio em um mundo vazio e cheio de dor. Ela usou esse discernimento para descobrir seu sentimento mais profundo de não ser amada e revelá-lo a Deus, a Glenn e às pessoas que a queriam bem e que consolavam o seu coração.

Anne também participava de um grupo feminino de estudo da Bíblia, mas nunca se sentiu satisfeita com o estudo da teologia como um fim em si mesmo, pois sempre quis saber o que as passagens tinham a ver com o seu crescimento. Ela se expôs bastante falando essa verdade às pessoas, quer doesse ou não, porque sabia que tinha de viver à luz da realidade. Cercou-se de pessoas que buscavam o

crescimento e que lhe deram apoio e seguraram sua mão na escuridão.

Entretanto, embora Glenn fosse um homem bom e fervoroso na fé, estava menos envolvido no processo de crescimento. Não era fácil para ele chegar às nossas sessões no horário e, com freqüência, cancelava por causa do trabalho. Dificilmente, lembrava-se do que tínhamos falado na sessão anterior ou de como os seus problemas estavam associados. Às vezes, sentava-se na cadeira, me olhava e dizia: "Então, sobre o que vamos falar hoje?". E eu respondia: "Vamos falar da sua necessidade de me perguntar isso".

Como o tratamento estava chegando ao fim, fizemos uma revisão do seu crescimento, do que tinha sido feito e do que eles precisavam fazer no futuro. Anne tinha mudado bastante. Sem dúvida, não era perfeita, mas progrediu muito desde que começou sua jornada. Sua ligação emocional com Deus e com as pessoas estava muito mais forte; ela também conseguia ser mais clara sobre seus valores e sentimentos quando tinha algum conflito com os outros. Estava colhendo muitos frutos.

Embora mostrasse progresso, as mudanças de Glenn não eram tão evidentes. Ele estava mais aberto emocionalmente e mais decidido, mas basicamente era a mesma pessoa passiva que deixava a vida acontecer em vez de assumir o controle.

Não estou querendo pintar o retrato de que Glenn era o mau rapaz e Anne era a boa moça. Entretanto, é interessante ver que a pessoa que tinha mais danos na alma cresceu mais do que a que tinha menos danos. A verdadeira diferença estava no nível de envolvimento ativo de cada um.

DEUS AGE, NÓS AGIMOS

Atividade, estar ativamente envolvido num empreendimento, faz parte da pessoa de Deus e de nós que

fomos feitos à sua imagem. Deus está constantemente atuando em seus próprios compromissos e tarefas. Como disse Jesus: “Meu Pai continua trabalhando até hoje, e eu também estou trabalhando” (Jo 5.17). Mesmo quando a Bíblia diz que Deus “descansou” depois de concluir a criação, a palavra hebraica que descreve esse descanso refere-se a realização, e não a cansaço (Gn 2.2).

Deus está sempre amando e ajudando ativamente as pessoas que o buscam. Amo as palavras de 2Crônicas 16.9: “Pois os olhos do SENHOR estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aqueles que lhe dedicam totalmente o coração”. Elas mostram como Deus toma a iniciativa de procurar e ajudar aqueles que ama. A atividade tem a ver com a parte da vida ligada ao “desempenho”, em oposição ao “relacionamento”. Deus criou a vida para realizar basicamente duas tarefas: trabalhar e amar.

Adão e Eva foram criados para se relacionar profundamente com Deus e um com o outro e para governar e subjugar a terra que lhes foi confiada. Uma vida boa sempre reflete essas duas dimensões. As pessoas espirituais e relacionais também tem vidas ativas e significativas com propósitos. Elas têm fortes ligações emocionais e trabalhos, ministérios e *hobbies* para preencher suas vidas.

A atividade e o amor estão interligados. O amor é o combustível da atividade; também é o seu propósito e objetivo. Amar a Deus e os outros é a finalidade e o propósito de basicamente toda boa atividade. Estar emocionalmente ligado a Deus e às pessoas requer esforço e iniciativa. Não é fácil encontrar pessoas saudáveis, abrir-se para elas, confessar quem você é e ouvir e dizer a verdade e a realidade para elas. Os relacionamentos não são nada passivos. Como se sabe, os relacionamentos mais preciosos são aqueles nos quais investimos grande energia.

O CRESCIMENTO ESPIRITUAL REQUER AÇÃO

A ação faz parte do crescimento. O crescimento espiritual não "acontece" conosco; requer uma grande dose de sangue, suor e lágrimas, como vimos com Anne. Ela dedicou tempo ao processo e sua vida colheu bons frutos por isso.

Isso não significa que devemos agir totalmente sozinhos ou que Deus fará tudo por nós. Às vezes, as pessoas acham que ser ativo é o contrário de ser espiritual e pensam: "Tudo isso é resultado do *meu* esforço? Não estou confiando em Deus?". Esse processo criado por Deus não deve seguir nenhum desses extremos. Nossa santificação é um esforço conjunto entre Deus e nós. Temos tarefas a realizar, que discutiremos neste capítulo. E ele tem as dele também, como preparar nosso coração, criar circunstâncias e provocar os resultados do esforço do crescimento. A Bíblia fala sobre a nossa parceria da seguinte forma:

> Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém, muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Fp 2.12,13).

Nós pomos em ação a nossa salvação, quer dizer, executamos diligentemente as nossas responsabilidades no crescimento. Enquanto isso, de maneira misteriosa e muitas vezes invisível, Deus opera em nós para os seus propósitos. Ele faz muitas coisas que não podemos fazer por nós mesmos, motivo pelo qual dependemos dele. Essa colaboração não é como se Deus simplesmente fizesse as coisas para nós, como um cirurgião que opera um paciente anestesiado e deitado na mesa de operação. É mais como alguns tipos de cirurgia cerebral, nos quais o paciente fica

acordado e coopera com o cirurgião, dizendo o que está sentindo enquanto o médico sonda e corta de um lado e depois do outro. Somos parceiros em nossa própria cirurgia cerebral.

O LUGAR DA ATIVIDADE NO CRESCIMENTO

Voltemos ao nosso próprio papel na parceria. Quando crescemos espiritualmente, realizamos muitas tarefas. Explorar as profundezas de nossa alma e descobrir o que precisa ser feito é um trabalho duro e, às vezes, assustador. E uma tarefa que requer o amor e a ajuda de Deus e das pessoas. O amor é como um combustível para nós. Abastecidos pelas pessoas que se importam conosco, somos capazes de realizar nossas tarefas.

Em geral, o crescimento requer ação. O único período de nossa vida no qual podemos ser totalmente passivos, abertos e dependentes é aquele que passamos no útero. Durante nove meses, o feto é desenvolvido, protegido e alimentado. Mas já no primeiro ano de vida, os bebes fazem a sua parte para que suas necessidades sejam atendidas.

Eles choram para mostrar que precisam de consolo, comida, troca de roupa ou calor. Aprendem a esticar os braços, espernear para mostrar satisfação ou desconforto e a estabelecer contato visual com a mãe. Com o tempo, eles assumem a responsabilidade de atividades mais complexas para suprir as exigências da vida.

1. RECONCILIAÇÃO *VERSUS* COMPENSAÇÃO DO ERRO. Ter uma postura ativa diante do crescimento também significa dar mais importância à reconciliação do que à compensação do erro. Em vez de esperar que a pessoa que nos magoou nos procure, precisamos tomar a iniciativa de reconciliar. Se alguém tiver alguma coisa contra nós, devemos procurá-lo (Mt 5.23,24). Se tivermos alguma coisa

contra alguém, também devemos procurá-lo (Mt 18.15). Deus nos procurou e resolveu a nossa alienação em relação a ele, embora tivesse todo o direito de não fazer mais nada em relação a nós. Ele deixou de exigir compensação pelos erros, por amor ao relacionamento.

2. RESPONSABILIDADE. Quando atuamos em nosso crescimento, assumimos mais responsabilidade por nossa vida. As experiências de se envolver, aprender, assumir riscos e falar com os outros sobre a nossa vida aumentam o grau de controle que temos sobre o processo. Quando as pessoas são passivas em relação ao crescimento, deixam os outros controlá-las e acham que as forças externas governam sua vida.

Lembro de uma mulher que assumiu um papel passivo em seu casamento. O marido era controlador e insensível em relação a ela. Ele tomava decisões financeiras e fazia planos, como viagens e férias, sem consultá-la. Ela não assumia a responsabilidade pelos problemas do casamento porque achava que ele nunca mudaria e que tudo sempre seria igual.

Então, ela começou a freqüentar uma boa igreja e um grupo de apoio saudável e viu que a situação continuaria a mesma enquanto ela permitisse. Ela assumiu a responsabilidade, não pela vida dele, mas pelo próprio crescimento e por sua atitude em relação a ele. Começou a dizer que gostaria de ter mais participação na relação deles e, caso ele continuasse a controlar tudo, ela teria de consultar o pastor ou mesmo um conselheiro que a ajudasse com seus direitos em relação às transações financeiras dele. Ela amou-o sem poupá-lo, confrontou-o sem importuná-lo e respeitou-o sem declarar o seu pecado. Quanto mais ela percebia que fazia parte do problema, mais o resolvia. Finalmente, seu marido começou a mudar, deixou de ser controlador e desenvolveu um relacionamento mais íntimo com ela. A grande verdade é que, exatamente neste momento, enquanto você lê estas páginas, ninguém vai parar o que está fazendo

para encontrar um meio de tornar sua vida melhor. Entretanto, quanto mais você assumir a sua própria vida, melhor ficarão as coisas.

3. APRENDER COM OS ERROS. Sermos atuantes no crescimento também significa que, às vezes, fracassamos. Quando as pessoas buscam o crescimento espiritual, logo percebem que experimentarão novas maneiras de se relacionar com Deus e com os outros, fundamentadas no amor e na verdade. Essas novas maneiras podem levá-las a uma vida mais abundante conforme Jesus prometeu (Jo 10.10). Os nossos antigos estilos de vida podem ser mais confortáveis, mas em geral se baseiam no medo ou no hábito, e não na fé nos caminhos de Deus. No entanto, o fato de as novas maneiras serem novas pode ser confuso. Como Abraão, que "quando chamado, obedeceu e dirigiu-se a um lugar que mais tarde receberia como herança, embora não soubesse para onde estava indo" (Hb 11.8), as pessoas descobrem novas idéias, sentimentos e partes de si mesmas. Como não se conhecem muito bem no começo, cometem vários erros.

Por exemplo, há muitos anos, descobri que era muito fechado com as pessoas. Achava particularmente difícil falar sobre meus problemas e dificuldades. Era mais fácil atuar na vida dos outros do que na minha. Com a ajuda de amigos amorosos e sinceros, comecei a ver que não era bom ser tão fechado e que estava deixando passar muita coisa da vida que Deus pretendia que eu tivesse com os relacionamentos. Decidi tornar-me uma pessoa emocionalmente honesta. Percebi que daria um passo do crescimento espiritual em direção à autenticidade. Era um passo para o envolvimento ativo em minha jornada.

Sempre que encontrava alguém, inclusive casualmente, e a pessoa perguntava "como vai?", levava o cumprimento ao pé da letra e contava sobre os meus problemas nos relacionamentos, minha vida íntima e assim por diante. As conseqüências foram duas. A primeira foi que, com essa nova

maneira de me relacionar, tive a oportunidade de conhecer melhor algumas pessoas. Estreitamos o nosso relacionamento, elas também se abriram e pudemos crescer juntos. A segunda conseqüência foi que algumas pessoas ficaram constrangidas com a minha resposta ao que, para elas, era um simples e amigável cumprimento. Elas acharam estranho e acho que isso não ajudou muito o nosso relacionamento. Algumas tentavam entender o que eu estava dizendo e outras mudavam de assunto ou não diziam nada porque não tinham a menor idéia do que dizer!

Então, embora eu realmente tenha crescido com essa experiência, também tive de reparar alguns relacionamentos ao tango do caminho em minha ânsia pela honestidade emocional. Desde então, aprendi a discernir a melhor hora, lugar e pessoa certas para abrir o meu coração. Esses erros me ensinaram tanto quanto os bons contatos que fiz. Alguns amigos podem ter achado muito esquisito, mas aprendi muitas coisas.

AS TAREFAS DO CRESCIMENTO

Se você estiver envolvido no crescimento pessoal ou estiver ajudando as pessoas nesse processo, é importante saber que você precisa promover o seu próprio crescimento espiritual. O processo exige muito esforço, mas produz muitos frutos.

1. HUMILHE-SE DIANTE DE DEUS. Humilhar-se é ver-se como Deus o vê. A humildade nos leva a assumir a nossa condição de necessidade, dependência e obediência, que permite a Deus promover melhor o crescimento.

2. ENCONTRE AS ÁREAS QUE PRECISAM DE CRESCIMENTO. Deus nos criou para que nos envolvêssemos no processo da descoberta e do crescimento espiritual. Você

precisa tomar a iniciativa de encontrar as suas fraquezas, imperfeições e imaturidades. Peça a Deus para sondá-lo e conhecê-lo (Sl 139.23,24), usando a presença dele, verdade, circunstâncias ou pessoas. Nossa tendência natural é evitar a dor e não balançar o barco, mas a pessoa espiritual deve permanecer na busca do crescimento.

3. BUSQUE AMBIENTES DE CRESCIMENTO. Assim como as plantas precisam de um bom solo, nós precisamos buscar e procurar pessoas e lugares nos quais o crescimento espiritual aconteça. Procure boas igrejas e grupos saudáveis, cheios de graça e verdade, que tenham experiência e êxito na área que você deseja trabalhar. Um homem que conheço, que tinha o péssimo hábito de gastar dinheiro, freqüentava uma igreja que não tinha muito conhecimento para ajudá-lo a resolver esse problema. Então, duas vezes por semana, ele passava duas horas numa igreja de outra cidade porque ela oferecia a ajuda e o grupo de que ele precisava. Peça o conselho de seu pastor em relação a um bom ambiente para o seu crescimento.

4. PEÇA PARA CONHECER A REALIDADE E A VERDADE. Tome a iniciativa de obter informações com Deus e com as pessoas sobre os seus problemas. Cuidado com a tendência do ser humano de minimizar a seriedade da própria condição ou querer parecer que tem tudo sob controle. Jogue tudo isso sobre a cruz e esteja aberto aos conselhos dos outros.

5. ABRA O SEU CORAÇÃO NO RELACIONAMENTO. Estar emocionalmente presente requer ação. Não é fácil manter o coração aberto e exposto. A tendência humana é fechar-se e proteger-se. No entanto, o fruto do crescimento aparece quando deixamos os outros entrar: “Não lhes estamos limitando nosso afeto, mas vocês estão limitando o afeto que têm por nós. Numa justa compensação, falo como a meus

filhos, abram também o coração para nós" (2Co 6.12,13). Encare a mágoa e a dor. Com o amor e a ajuda de Deus e dos outros, enfrente as realidades do seu passado, dos seus pecados e das suas mágoas. Compartilhe todas essas coisas no relacionamento para poder chorar por elas, aceitá-las, arrepender-se e consolar-se. Não espere as mudanças acontecerem. Tome a iniciativa de enfrentar o que você tem medo de saber.

6. ARRISQUE-SE NAS ÁREAS QUE PRECISAM CRESCER. Isso pode significar ser mais honesto do que você está acostumado, estar disposto a se aproximar mais, embora não se sinta à vontade para tanto, e assumir um sentimento doloroso que normalmente você evitaria. Essas atividades são como o trabalho de uma pessoa com uma lesão muscular na fisioterapia, são alongamentos e movimentos dolorosos que trazem a cura.

A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA PASSIVIDADE

Muitas pessoas não conseguem buscar ativamente o crescimento espiritual. Como Glenn, são passivas, e não ativas. Quando as pessoas assumem um papel passivo na vida, permitem que as coisas lhes aconteçam e apenas reagem aos outros, em vez de tomar a iniciativa. As pessoas passivas que também têm necessidade de dependência encontram mais dificuldade de crescimento. Elas desejam e apreciam os relacionamentos e a ajuda, o que é bom, mas buscam-nos somente para encontrar afeto, consolo ou segurança. São menos capazes de usar os relacionamentos como combustível para resolver problemas, assumir riscos ou executar responsabilidades.

Algumas pessoas com tendência à passividade e à dependência, no início, acordam para a vida quando se juntam a um grupo de crescimento, porque encontram apoio e aceitação em relação aos seus problemas. Estabelecem uma

boa ligação com os membros do grupo; entretanto, a reserva torna-se um fim em si mesma. Elas não fazem grandes progressos no que diz respeito a confrontar problemas, aprender novas maneiras de se relacionar, arrepender-se dos antigos hábitos etc. Usam o amor que recebem para proteger-se da vida, em vez de participar ativamente dela. Às vezes, desenvolvem uma fome insaciável de amor e, por mais que o recebam, nunca estão satisfeitas. Esse é o problema da postura passiva.

Vejamos as causas e as soluções do problema.

NÃO ENTENDER A MENSAGEM DA BÍBLIA

Deus trata da passividade como um problema, e não uma virtude. Na parábola dos talentos (Mt 25.14-30), um homem dá dinheiro aos seus três servos antes de sair de viagem. Dois deles investem ativamente o dinheiro, enquanto o terceiro o enterra, passivamente. Quando retorna, o homem repreende o terceiro, dizendo:

> Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros. Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez. Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado (v. 27-29).

Por que o homem foi duro com o terceiro servo? Porque ele não recebeu nenhum retorno do seu investimento. Deus nos dá tempo, talentos e tesouros na vida para que o glorifiquemos de muitas formas, como ao expandir o seu Reino, aproximar-nos dele e dos outros e termos um trabalho frutífero. Para desenvolvermos nossa alma (seu investimento), precisamos assumir riscos e tomar iniciativas. A passividade nega o risco, a iniciativa e, portanto, o

crescimento. A postura passiva nos dá segurança, como Glenn tinha, mas não dá tudo o que Deus tem para nós.

Quando somos passivos, fugimos dos riscos da própria vida de fé. A alma de Deus não se agrada nisso (Hb 10.38). Ele próprio continua ativamente envolvido conosco, mesmo quando o que fazemos o deixa triste (Ef 4.30), porque ele valoriza seu papel em nossa vida. E a obediência ativa de Jesus é um exemplo para nós dessa mesma atitude.

Entretanto, alguns professores de teologia acreditam que a atividade é um perigo para a espiritualidade. Eles ensinam que, se "atuamos", é porque não confiamos em Deus, e que é muito melhor repousar nele: "Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus!" (Sl 46.10). Conheço muitas pessoas que são espiritualmente passivas por causa disso. Os solteiros não saem em busca de um namoro, porque acreditam que estariam assumindo a tarefa de Deus de estabelecer relacionamentos. Pessoas com relacionamentos problemáticos, ficam caladas e submissas, em vez de dizer a verdade com amor. Outras, que sofrem de depressão, esperam que Deus lhes dê alívio e não buscam uma pessoa santa e sábia que tenha experiência para tratar desse problema.

Esse princípio carrega muita verdade e por isso é perigoso. A Bíblia realmente ensina que existe uma hora para parar de lutar e ouvir a voz de Deus. O relacionamento é sempre mais importante do que o empreendimento. Essa era a mensagem de Jesus para Marta, quando ela ficou presa com ocupações (Lc 10.38-42). As pessoas crescem quando cuidam de seu relacionamento com Deus e com os outros, e isso geralmente requer que paremos, demos atenção e permaneçamos calmamente abertos. Mas o problema não e que a atividade em si seja ruim. A atividade é ruim quando rouba o lugar do relacionamento, em vez de servir aos propósitos dele. A atividade foi criada por Deus para nos envolver na obra da vida, e não para substituir a intimidade.

Em geral, o problema que esses professores tratam é real. Deus tem a sua função, e nós temos a nossa. Quando tentamos assumir a função de Deus ou exigimos que ele realize a nossa, encontramos problemas. Um exemplo do primeiro caso seria um alcoólatra que tenta usar a força de vontade para parar de beber, em vez de se submeter ao processo de crescimento espiritual. Um exemplo do segundo caso seria a pessoa que espera que o outro perceba que a está magoando, sem que ela diga nada.

Essa confusão de responsabilidades sempre precisa ser esclarecida. Veja o exemplo de pessoas da Bíblia que experimentaram muitos milagres e encontros com Deus. Eles viram e se encontraram com Deus de diversas maneiras. A idéia de "desistir e entregar tudo nas mãos de Deus" certamente se aplicaria; no entanto, eles também eram muito ativos, dedicados e atuantes. Moisés julgou os problemas legais das pessoas, Davi traçou planos de batalha, Paulo viajou para longe para pregar as boas novas. Suas vidas são cheias de esforço e empenho. Eles não eram contemplativos. Experimentaram a santidade e o mistério de Deus, criaram laços fortes com as pessoas e viveram ativamente no mundo real.

MEDO DO FRACASSO

Algumas pessoas são passivas porque têm medo de errar. A dor interna que sentem quando cometem erros é tão grande que ficam paralisadas e são incapazes de tomar decisões. Os perfeccionistas, em geral, enfrentam esse problema. Eles se sentem mal, se autocensuram ou se sentem um fracasso total. Por isso, permanecem numa zona de segurança do crescimento espiritual e raramente se arriscam fora dela.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Veja todas as formas como Deus opera ativamente para que você melhore. Use isso como exemplo para tomar a iniciativa do seu processo de crescimento.
- Analise sua vida e pense nas vezes em que foi passivo ou temeroso e perdeu as oportunidades que Deus lhe ofereceu. Investigue os motivos por trás disso e supere-os.
- "Cuidado com a tendência de enxergar o crescimento espiritual como algo que cabe somente a Deus, e veja como você poderia tornar-se um parceiro dele. Livre-se de atitudes depreciativas em relação à atividade, como: "ser ativo é não ser espiritual" ou "ser ativo é não confiar em Deus".
- Nos relacionamentos, tome a iniciativa de se reconciliar com as pessoas, em vez de esperar que elas o procurem, peçam desculpa e assim por diante. Troque a justiça pela atividade reconci-li adora.
- Descubra qualquer desejo passivo que você possa ter em seu coração. Trate-o como uma coisa prejudicial, procure livrar-se dele e assuma sua parceria com Deus e com as pessoas.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Dê oportunidade para as pessoas entenderem que a atividade serve aos propósitos do amor e do crescimento, e não deve ser separada deles. Caso contrário, será uma mentalidade que se baseia nas obras. Lembre-os da natureza relacional da atividade e da iniciativa bíblicas.
- Apresente uma abordagem do crescimento que inclua a iniciativa das pessoas e de Deus. Combata o tipo de passividade orgulhosa, que consegue se passar por

"espiritual".

- Ajude as pessoas a entender que o crescimento exige riscos e erros, e que a graça de Deus e o consolo do Corpo as ajudarão a correr esses riscos e aprender muitas coisas com eles.
- Quando elas encontrarem algum conflito relacional, ensine que, onde quer que ele tenha se originado, elas precisam tomar medidas para resolvê-lo da maneira como Deus o faz.

Deus tem uma solução para esse problema. Quando experimentarmos esses erros inevitáveis no crescimento espiritual, precisamos saber que o fracasso é nosso amigo. Deus não nos condena nem nos julga, mesmo quando nosso coração nos condena (1Jo 3.19,20). Isso significa apenas que estamos fazendo um retorno de aprendizagem. Não tenha medo de errar quando experimentar caminhos diferentes em sua vida. Deus pagou o preço necessário para que pudéssemos continuar a crescer sem sofrer nenhuma perda de amor ou de segurança.

Se você for um condutor do crescimento, encontre maneiras de mostrar que o fracasso faz parte do processo e que o melhor é dar risada e seguir em frente. Conte histórias pessoais. Mostre como o fracasso aproxima, em vez de afastar mais as pessoas.

O pastor titular de minha igreja tem essa habilidade. Ele usa seus defeitos como exemplos em seus sermões. Em uma mensagem, ele contou que não tinha sido muito atencioso com a esposa naquela semana. Foi um exemplo típico do "marido distraído". Aconteceu que todos os seus filhos tinham compromissos e iam passar o dia inteiro fora de casa, deixando-o sozinho com a esposa. Ela disse que queria aproveitar o tempo que passaria a sós com ele e ele respondeu: "Ótima idéia! Há muitas coisas que precisamos arrumar na casa!". Vários casais riram e se cutucaram, pois podiam identificar-se com a história do pastor, sem medo.

Quando as pessoas começam a viver na graça sem medo do fracasso, começam a experimentar a liberdade. Essa liberdade gera mais atividade, porque a paralisia da condenação foi superada.

DESEJO DE SER SOCORRIDO

O desejo de ser socorrido é o desejo básico e imaturo, no processo de desenvolvimento, de querer que alguém cuide de nós. Todo mundo sente isso, em maior ou menor grau. Mas, quando se torna uma forte necessidade de ter alguém que cuide de nós, que nos proteja e dê conforto, esse sentimento é problemático. Em geral, isso acontece porque a pessoa recebeu um amor inconsistente no passado e agora anseia ardentemente pela constância do amor. Ou porque ela teve relacionamentos nos quais não conseguiu se impor e, por isso, não acredita que possa ser competente no mundo.

Esse desejo pode deixar a pessoa inativa no processo de crescimento espiritual. Ela se apega à idéia de que os outros adivinharão seus pensamentos e sentimentos, sem que seja preciso dizer nada. Ou confunde *ajuda* com *socorro* e espera que os outros não apenas ofereçam ajuda, mas também resolvam os problemas por elas.

Por exemplo, a mulher espera que o marido perceba que ela fica magoada com a insensibilidade dele. Ela quer que ele fique tão atento a ela a ponto de saber o que ela está sentindo. Ela acha que, se for preciso contar a ele, é porque ele não a ama. Entretanto, se ela assumir esse desejo de ser socorrida e deixar o marido conhecer seu coração, ela certamente terá mais amor e a intimidade de que precisa.

Esperamos que *você* esteja descobrindo os benefícios de tomar a iniciativa no crescimento espiritual.

Mas, cuidado? Às vezes, as pessoas ativas ficam impacientes e querem resultados para ontem! No último

capítulo, veremos que precisamos nos submeter ao processo do tempo em nosso crescimento.

19. Esperando a época de colheita: tempo

O tempo que passamos no caminho do crescimento
dará o fruto de uma nova vida.

Robin procurou-me por causa do casamento, de maus hábitos alimentares e porque sentia um pouco de depressão. Na primeira entrevista que fiz com ela, descobri que era contadora e tinha mestrado em administração de empresa. Era uma profissional gabaritada no mundo dos negócios.

Como você já deve ter adivinhado, Robin esforçou-se muito no seu crescimento espiritual e emocional. Ela levou tudo a sério e encarou muitos medos e problemas.

Mas notei que sua perspectiva sobre o funcionamento do crescimento em relação ao tempo não era adequada. Por exemplo, ela descobriu que vários problemas seus (o casamento, a comida e a depressão] tinham a ver com uma antiga incapacidade de chorar por eles, aceitar a perda e aceitar o consolo, em vez de ser onipotente e perfeita. Quando percebeu isso, ela me perguntou:

— Agora que sei disso, o que devo fazer a respeito?

— Você terá de aprender a deixar as coisas para trás, parar de querer ser tão forte e experimentar suas fraquezas sem fugir delas — respondi.

Ela pensou um pouco e depois disse:

— Certo. Até a próxima sessão já terei feito isso. E depois, o que acontece?

— Você não pode aplicar os princípios de administração no crescimento espiritual — eu disse rindo — Não é como fazer um planejamento de negócios e depois implementá-lo,

esperando que dê resultados imediatos. Isso tem mais a ver com o processo de crescimento das plantas.

Robin adorava jardinagem. Conversamos sobre o tipo certo de solo para cada planta, a rega, o adubo, a melhor temperatura e luz e métodos para evitar as pestes. Ela notou que só se vê os resultados depois de um longo tempo e, então, de repente, a vida começa a emergir do solo. Robin entendeu a analogia e disse:

— Acho que preciso me acostumar com essa coisa do tempo.

E foi o que fez. Parou de esperar que o crescimento fosse imediato, acalmou-se e, finalmente, obteve os resultados que desejava.

A pergunta mais comum que as pessoas me fazem sobre o crescimento espiritual é: *por que demora tanto?* Elas entram no processo de crescimento cheias de esperança e ânimo e, depois, em algum ponto no meio do caminho, ficam desanimadas por não estarem alcançando os resultados esperados com a rapidez que queriam. Os problemas no casamento continuam, elas ainda são incapazes de se abrir emocionalmente com Deus e com as pessoas, não conseguem impor limites apropriados ou continuam atormentadas pelas mágoas do passado.

Os condutores do crescimento espiritual sentem-se perdidos, confusos ou culpados por não verem a vida das pessoas de seu grupo dar frutos. Eles se perguntam se fizeram alguma coisa errada, se estão falhando com as pessoas que ajudam ou até mesmo quanto tempo é “tempo demais”.

O crescimento espiritual, de um jeito ou de outro, dá frutos com o tempo. Se não der, é sinal de que aconteceu alguma coisa errada no meio do caminho. O propósito deste capítulo é examinar o papel do processo e dos passos dados no caminho do crescimento espiritual.

O PROCESSO DO TEMPO

As pessoas que buscam o crescimento imaginam que, se lerem a Bíblia e fizerem tudo certo, mudarão instantânea e definitivamente. Depois, ficam decepcionadas quando isso não acontece. Podem até pensar que Deus as abandonou ou que estão fazendo alguma coisa errada, quando na verdade tudo pode estar correndo como Deus havia planejado. O tempo é um ingrediente necessário ao crescimento.

Originariamente, Deus não incluiu o tempo em seu plano, pois ele existe além do tempo, na eternidade. Ele experimenta passado, presente e futuro, tudo de uma vez (Ex 3.14). Nós também fomos criados para viver num estado eterno de relacionamento e alegria; entretanto, quando Adão e Eva pecaram no jardim, a Criação maravilhosa de Deus foi danificada. Ele viu o problema que tínhamos arranjado e conhecia a gravidade de nossa condição. E sabia que, para resolver o problema, teria de fazer duas coisas. A primeira era uma morte redentora para satisfazer os requisitos de sua santidade. A segunda era um processo de reparo de sua Criação de redimi-la e curá-la daquilo que tinha atraído para si mesma.

Esse processo chama-se tempo. O tempo tira a Criação do estado eterno, como a quarentena que isola o doente da comunidade. E necessário para que a doença do pecado não contamine a eternidade. Quando a Criação se cura do pecado, o tempo desaparece, porque sua função foi cumprida. E assim voltamos ao estado eterno com Deus. Não haverá uma progressão de dias e noites na eternidade, apenas um único dia contínuo e iluminado por Deus (Ap 22.5).

O dom do tempo também se aplica ao ser humano. Quando a pessoa passa a ter fé em Cristo, a culpa do pecado é removida e ela passa a ter um relacionamento com Deus. Entretanto, ela não renasce como adulta, mas como um bebê espiritual. Como criança, agora ela precisa entrar no processo de crescimento com o tempo e receber os elementos

do crescimento que um dia a tornarão madura. Foi isso o que Pedro quis dizer com crescermos na salvação (1Pe 2.2).

Isso não significa que estamos negando os milagres. A Bíblia e nossa própria experiência mostram que Deus realmente faz coisas maravilhosas acontecerem. E precisamos pedir por elas, aceitá-las quando acontecerem e agradecer a Deus. Por exemplo, Deus pode e de fato cura instantaneamente uma pessoa viciada em álcool ou com depressão. Porém, ao mesmo tempo, a norma ensinada na Bíblia é um modelo para o crescimento (Mc 4.26-29; Ef 2.20,21; 4.15,16; Cl 2.19; 2Pe 3.18). Os ensinamentos que enfatizam apenas as libertações, por exemplo, podem criar pessoas que não sabem lidar com a vida real, que não dependem de Deus e de seus caminhos maduros, mas de um acontecimento que as cure. Por isso, a nossa sugestão para as pessoas que você está ajudando é que trabalhem no processo e fiquem abertas aos milagres. Deus está para nós de qualquer jeito.

ENTÃO, O QUE DEMORA TANTO TEMPO?

Se você é um condutor do crescimento, certamente, já lhe perguntaram: "Por que está demorando tanto?". Embora você tenha uma idéia geral do processo de crescimento, é sempre bom que você e aqueles que você ajuda conheçam os caminhos específicos nos quais o tempo é uma parte necessária do crescimento. E muito melhor remir o tempo do que desperdiçá-lo, pois os dias são maus (Ef 5.16).

1. EXPERIÊNCIA *VERSUS* APRENDIZAGEM INTELECTUAL. O crescimento espiritual acontece com a pessoa por inteiro. Todo o nosso ser precisa ser exposto ao amor e à cura divina, coração, alma e entendimento (Mt 22.37). Isso significa que o crescimento é muito mais do que a compreensão cognitiva ou a memorização de um fato, uma idéia ou um princípio. Compreender e memorizar são funções

específicas da mente, um componente necessário, mas insuficiente para o crescimento. Caso se resumisse a isso, o processo de crescimento seria muito mais rápido, claro e simples. Bastaria decorar uma lista para estar curado.

Alguns círculos do crescimento ensinam que, se você conhecer a Bíblia ou seu conjunto de idéias, se tornará maduro. Embora concordemos que a profunda compreensão dos caminhos de Deus seja um requisito básico, a própria Bíblia ensina que o conhecimento da verdade não é suficiente (Tg 1.22-25; v. cap. 10 deste livro).

Precisamos acrescentar experiência ao entendimento intelectual sobre o crescimento e preencher o espaço que separa a mente do coração, como se costuma dizer. Experiência, por definição, leva tempo. Por exemplo, uma pessoa do seu grupo tem um coração frio. Ela não consegue se relacionar de forma profunda com os outros. E incapaz de confiar nos outros e se abrir. Precisa de uma coisa que não possui dentro de si: amor. E, certamente, ela precisa aprender sobre a graça e a segurança de Deus e sua dedicação a ela. Mas também precisa experimentar o zelo de Deus em sua alma diligentemente. Pode ser preciso criar um contexto seguro no qual possa expor seu coração carente a pessoas que se compadeçam dela e a consolem. Pode ser preciso permitir que ela experimente o medo e a desconfiança sem condenação, para que saiba que está segura. Pode ser preciso deixar que ela confesse sua dor e distanciamento dos outros para, em troca, receber a graça e o carinho que não pode desenvolver sozinha. Tudo isso leva tempo, muito mais do que é necessário para se aprender alguns fatos, mas é essencial.

2. ACEITAR A GRAÇA E O PERDÃO. De todos os princípios do crescimento, a interiorização da graça e do perdão de Deus requer a maior parte do tempo. É muito mais natural para nós tentar ganhar o amor de Deus, adquirir um hábito ou aprender um ritual. É a nossa herança na lei

divina. Viver pela graça e pelo perdão não é natural para nós. E tudo que não é natural exige mais tempo.

Tem um homem no meu grupo de crescimento que, há muito tempo, não conseguia "entender" que quando fracassava, Deus não ficava bravo com ele. Então, ele extravasava de várias maneiras e se afastava de Deus e do grupo. Quando se sentia mais controlado, reaparecia e achava que estava "tudo bem" para Deus e para o grupo. Finalmente, ele descobriu que as pessoas que mais o amavam queriam saber quando fracassasse, para poder ajudá-lo a se recuperar (GI 6.1). Mas essa realidade levou tempo, pois ele era dominado pela lei.

3. VÁRIAS EXPOSIÇÕES AOS ELEMENTOS DO CRESCIMENTO. Outro motivo de precisarmos de tempo para crescer é que precisamos demais de uma "inoculação" para amadurecer. Uma única lição ou experiência (como a descrita há pouco) não e suficiente. O crescimento requer repetição para penetrar em nosso coração e caráter. É o que a Bíblia chama de "exercício": "Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal" (Hb 5.14). E os psicólogos chamam isso de curva da aprendizagem.

Por que a repetição é necessária para o crescimento? Há vários motivos. Um deles é que nossa alma possui muitas partes e o crescimento pode acontecer em apenas algumas. Por exemplo, suponhamos que está ensinando o valor da confissão para o seu grupo. Um homem que costuma ficar afastado do grupo compreende isso e confessa: "Às vezes, me sinto um peixe fora d'água". Depois de estar algum tempo no grupo, entretanto, ele se abre mais e entra em contato com suas partes mais íntimas e confessa: "Quando sinto esse vazio por dentro, é como se caísse num abismo dentro de mim e isso me assusta". Obviamente, ele começou a trabalhar num nível mais profundo.

Um segundo motivo é que temos medo da verdade e da luz e costumamos fugir delas. Negamos algumas realidades sobre nós mesmos até nos sentirmos bastante seguros para lidar com elas. Por exemplo, a mulher que não queria ver que estava casada com um homem colérico, com o tempo, pode acabar admitindo. Isso tem a ver com as folhas de figueira que usamos para nos proteger. As folhas que ela usa podem ser a racionalização ("ele não é tão mau"), a culpa ("ele fica bravo porque eu o provoco") ou a esperança defensiva ("sei que ele vai melhorar se eu orar e pensar positivamente"). Para saber mais sobre o assunto, leia *Hiding from love [Escondendo-se do amor].*

Acrescente a isso a realidade de que, antes de tudo, tomamos um caminho que não é o de Deus. Contando com nossos próprios recursos, a nossa tendência é levar a vida do nosso próprio jeito, em vez de nos curvarmos aos caminhos de Deus. Então, avançamos em uma direção, só que é a errada. Quando descobrimos os princípios do crescimento, às vezes, é preciso fazer uma virada de 180 graus. E, da mesma forma que um barco demora para fazer a volta na água, nossa alma também leva tempo para mudar de rumo. Precisamos de várias experiências, riscos e fracassos.

Conheço muitas pessoas corajosas que conquistaram várias cicatrizes porque fracassaram, repetida e obstinadamente, ao experimentarem um novo caminho em sua vida. Uma delas me mandou um *e-mail* recentemente dizendo que sempre tentou agradar os outros, em vez de a Deus (Gl 1.10). Agora que está no processo de crescimento, procura viver pelos caminhos de Deus, sem medo de decepcionar os outros. Às vezes, ela ainda se desculpa por suas palavras verdadeiras ou nem chega a falar o que pensa, mas está constantemente aprendendo com seus fracassos. É preciso tempo, e tempo é um investimento que vale a pena. Não tenha medo de fazer seu grupo ou ministério rever os mesmos princípios. Pelos motivos que acabamos de falar, ele pode precisar de mais uma rega para crescer.

4. MUDANÇA INTERNA *VERSUS* MUDANÇA EXTERNA. Se estiver ajudando as pessoas no processo de santificação, lembre-se também de que você está lidando com mudanças internas do coração e da vida. Essas mudanças produzem um verdadeiro crescimento de caráter. Acontece de dentro para fora, e não o contrário. Quando o coração se transforma, a vida externa também se transforma. Mas isso leva tempo.

É fácil nos concentramos na mudança externa, comportamental. Embora nossas obras sejam realmente importantes e sejamos responsáveis por elas (Mt 16.27], em última análise, o crescimento do caráter precisa concentrar-Se em nosso coração.

No meu grupo de crescimento, havia uma mulher que lutava contra o peso. Seu peso a incomodava muito e, para resolver o problema, ela fez diversas coisas, a maioria externas: dietas, exercícios e pílulas para emagrecer. Mas isso não adiantava muito. Então, no grupo, ela resolver seu medo da intimidade e da fragilidade. Ela nunca tinha deixado ninguém conhecê-la realmente, e seu peso a ajudava a manter a distância das pessoas. Com o tempo, ela expôs seus medos e se abriu para os outros. E, dessa vez, a dieta que estava fazendo teve um resultado permanente. Dessa vez a perda de peso tornou-se uma parte constante de sua vida. O trabalho interno demorou mais, mas teve um efeito mais duradouro.

Se você está trabalhando com um grupo e encontrar uma crise, que pode ser de um vício, um pecado, uma separação ou coisa do tipo, não a ignore para cuidar dos assuntos internos. Trate das duas coisas ao mesmo tempo. Forneça recursos para ajudar a resolver a crise, como pessoas e lugares que tenham experiência no assunto, e continue trabalhando no problema da alma que estiver causando esses conflitos.

A DURAÇÃO DO PROCESSO DE CRESCIMENTO

Provavelmente a segunda pergunta que mais me fazem é: "Como saber quanto tempo tudo isso vai durar?".

Minha primeira resposta é: *geralmente leva mais tempo do que você imagina* (como Henry mostrou no cap. 1). Muitas pessoas que entram no processo de crescimento esperam encontrar logo uma resposta e consolo para poder voltar à "vida normal". Entretanto, esse não é o caminho de Deus. Par ele, a vida normal é passar a vida inteira no processo de crescimento. Os problemas e conflitos podem e devem mudar com o tempo, mas o crescimento não é uma fase. O crescimento é a própria essência da vida: "Nele vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito" (Ef 2.22). Então, ajude o seu grupo a esquecer a idéia de que, depois de resolver um problema, "acabou". Pode ser apenas o começo.

Além disso, vários indicadores podem nos ajudar a ter uma idéia de quanto tempo levaremos para resolver um problema específico de crescimento ou reparação. Juntos, esses indicadores podem ajudar as pessoas a ter uma noção do tempo que precisarão trabalhar.

1. GRAVIDADE DO PROBLEMA. As pessoas que começam o crescimento podem se encontrar em vários estágios de imaturidade e dano. Em geral, quanto pior for o problema, mais tempo será necessário para resolvê-lo. Por exemplo, uma pessoa que é ligeiramente perfeccionista pode ter de enfrentar a tendência de ser autocrítica e achar difícil aceitar a própria maldade. Entretanto, uma pessoa com problemas mais sérios nessa área pode experimentar uma autocondenação tão forte que a deixa paralisada e pode ser incapaz de olhar para o seu lado mau sem ficar emocionalmente abalada. E de se esperar que a pessoa com a batalha mais difícil leve mais tempo.

2. INÍCIO DO PROBLEMA. Quando começar a conhecer as pessoas do seu grupo, descubra quando seus problemas começaram. A vida encontra uma forma de continuar a machucar feridas já existentes e pode ficar difícil descobrir onde tudo começou. Em geral, quanto mais antigo for o problema, mais tempo será necessário para eliminá-lo completamente.

Por exemplo, um homem que acabou de sair de um doloroso divórcio tem dificuldade para confiar nos outros e se abrir. Ele se afasta e se fecha. A primeira vista, parece que as feridas do divórcio são a única causa. Porém, conforme ele revela sua vida, você descobre que o relacionamento dele com a mãe na infância era marcado pela distância, e ela se preocupava mais em cuidar de sua vida, e não dele. Isso acabou criando a dificuldade de se relacionar, e o divórcio exacerbou uma ferida já existente. Esse homem certamente conseguirá curar-Se; porém, seu caminho pode ser mais intrincado do que o de uma pessoa que se divorcia, mas que teve uma infância segura no amor.

3. RECURSOS DISPONÍVEIS. Embora o trabalho do crescimento espiritual seja, em essência, um ato milagroso de Deus, requer recursos, como um sistema de apoio saudável, uma igreja equilibrada, bom material de estudo, liderança apropriada e reuniões freqüentes. Quanto mais recursos disponíveis, menos tempo será necessário.

Ao ajudar as pessoas a crescer, você verá que muitas passaram um bom tempo tentando resolver suas fraquezas e problemas sem muito sucesso. Em geral, elas não têm os melhores recursos. Algumas se encontravam em um ambiente legalista e outras viviam relacionamentos danosos. A disponibilidade dos recursos é um fator importante.

Uma mulher que conheço vivia numa cidade na qual ela simplesmente não conseguia encontrar bons recursos que a ajudassem a crescer. Finalmente, ela se mudou para uma cidade que tinha mais a lhe oferecer. Há pouco tempo, nos

encontramos e soube que sua vida está florescendo. Ela me contou que achava que jamais conseguiria fazer o que conseguiu se não tivesse feito aquela mudança radical. Sem dúvida, a mudança de cidade não é uma regra, mas você deve ajudar as pessoas a descobrir e usar os bons recursos de crescimento de sua cidade.

4.POBREZA ESPIRITUAL. Já tratamos desse componente no capítulo 14, mas é preciso dizer que, de todos os fatores, este é o que mais afeta o tempo que o crescimento demora para acontecer. As pessoas que realmente têm consciência de sua necessidade e fome de Deus e do crescimento, como a mulher que acabei de citar, a buscarão. Elas fervorosamente pedirão a ajuda de Deus. Lerão a Bíblia e todo material saudável sobre o assunto. Encontrarão ambientes de crescimento e participarão dele regularmente, sem deixar que nada as impeça. Elas revelarão sua alma, exporão suas fraquezas, aceitarão consolo e correção e farão de tudo para crescer nos caminhos de Deus. E de fato crescerão e resolverão seus problemas!

As pessoas que não sentem essa fome, mesmo que tenham problemas menores, podem levar mais tempo para resolvê-los. Por um período exageradamente longo, podem acabar atoladas na mornidão, culpa, negação ou fuga da dor. Ajude-as a enxergar o valor da pobreza espiritual e a reduzir o tempo necessário para o crescimento.

O LUGAR DO PASSADO

O tempo também é importante em relação ao papel que o passado exerce em nosso crescimento. Como no caso do homem que sofreu feridas no campo relacional tanto na infância como no divórcio, é muito importante entendermos o passado nesse processo. Vejamos alguns princípios importantes.

1. UM PROBLEMA NÃO RESOLVIDO PODE SIGNIFICAR QUE PARTE DA ALMA DA PESSOA CONTINUA "NO PASSADO". Quando uma pessoa está com problemas, encontra alguns aspectos fragmentados e perdidos de si mesma em um estado de dor ou carência. É como se ela crescesse por fora, mas deixasse uma parte de si mesma para trás, abandonada, ferida ou subjugada.

Por exemplo, conheço um homem que sofria duras críticas de seus pais. Eles o amavam, mas não lhe deram graça quando ele era pequeno. Quando se tornou adulto e foi trabalhar, não suportava críticas de seus superiores. Se o seu chefe o criticasse, imediatamente ele se sentia desprezado, perseguido e atacado. Dizia aos colegas: "Sinto-me como um garotinho que levou uma surra". A parte dele que precisava de segurança e aprovação não era adulta, mas infantil. O problema lhe rendeu muitas oportunidades de carreira perdidas.

Felizmente, o grupo foi capaz de ajudá-lo a compreender que seus problemas de carreira tinham raízes no passado. Ele expôs o seu lado atacado e perseguido nos relacionamentos de ajuda. Descobriu que Deus sempre esteve com ele, desde que era garoto até agora, quando ainda se sentia magoado. Em seu grupo, recebeu a graça que não conheceu quando era criança. Com o tempo, foi capaz de aceitar críticas sem deixar de se sentir amado e seguro.

Com esse exemplo, espero que fique claro que não acreditamos que, para uma pessoa resolver o seu passado, tenha que realmente "voltar ao passado". Isso é impossível, embora algumas escolas de pensamento ensinem que é o que acontece. Tudo o que precisamos resolver está no presente: "... encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama 'hoje'" (Hb 3.13). Seria mais correto dizer que você ajuda as pessoas a trazer para o presente, para um ambiente de cura, as partes de si mesmas que ainda vivem no passado. Esse ambiente dá início ao processo que

ajudará essas partes da alma a sair do estado imaturo e ferido que se instalou no passado e amadurecer e se recuperar para que façam parte da vida presente.

Imagine que os membros do seu grupo, quer saibam ou não, têm partes dentro deles que ainda se encontram no passado. Ajude-os a entender que eles precisam crescer nessas áreas. Um bom livro que explica esse conceito é *The mom factor* [O *fator mãe].*

2. QUASE TODOS OS PROBLEMAS ESPIRITUAIS, EMOCIONAIS E RELACIONAIS TÊM UM PASSADO. Ninguém arranja os problemas à toa. Os problemas de criação, os sentimentos de culpa e as dúvidas da fé, tudo começa no passado. Para ser compreensivo e ter uma perspectiva, você precisa conhecer as histórias das pessoas.

É muito importante ter essa informação, para ver os padrões de comportamento emergirem na vida delas. Conhecer os padrões pode ser muito útil para ajudar a pessoa a crescer nas áreas de fraqueza. Não raro, a compreensão de um padrão ajuda a pessoa a dar grandes passos no crescimento.

Uma mulher solteira entrou para um grupo de crescimento porque não conseguia arranjar um namorado de caráter. Seus namorados eram sempre controladores e egoístas. Ela temia ter um futuro infeliz no amor. Depois de algum tempo no grupo, um dos membros disse:

— Charlene, você sempre foi passiva no passado: com seus pais, com sua igreja, com seu chefe, com seus namorados. Você sempre deixou que os outros decidissem sobre os seus valores e a sua vida. Essa declaração transformou a vida de Charlene. Ela enxergou o padrão de passividade em sua vida; ela deixava que homens controladores se aproximassem dela. Essa consciência lhe deu forças para mudar.

3. O PERDÃO PRECISA DE UM PASSADO. Um dos elementos mais importantes que ajuda as pessoas a crescer é o perdão, do qual falamos com detalhes no capítulo 9. Quando perdoamos uma pessoa, cancelamos sua dívida e ficamos livres para viver sem a necessidade de exigir vingança. Quando somos perdoados, Deus nos liberta do pecado e da culpa.

Entretanto, se o passado não for relevante, não existe nada para perdoar ou ser perdoado. Alguns círculos cristãos ensinam que devemos esquecer o passado e cuidar da vida. Eles se baseiam na história pessoal de Paulo: "... esquecendo-mc das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante..." (Fp 3.13). Mas, na mesma passagem, Paulo fala sobre todas as coisas de seu passado que teve de enfrentar, como vaidade, orgulho e desprezo pelos outros (v. 4-8). Ajude as pessoas a reconhecerem que é essencial entender o passado, tanto factual como emocional, para perdoar.

4. TRAUMA. Freqüentemente, conforme as pessoas se sentem seguradas num contexto de crescimento, seu passado vem à tona com muito ímpeto. A segurança do amor, da graça e a estrutura tornam possível a elas suportar o que antes era impossível. Traumas de feridas antigas, sentimentos, memórias e horrores podem reaparecer. Elas podem experimentar esses sentimentos, não como algo antigo, mas como se fossem atuais, como num *flashback.*

Esse é um grande exemplo da importância do passado. Quando um trauma é revivido, o passado e o presente se fundem. Se uma pessoa do seu grupo der sinais disso, encaminhe-a para alguém com muita experiência nessa área. O objetivo é ajudá-la a transformar os *flashbacks* do passado em lembranças que não sejam destruidoras ou assustadoras. Os problemas de trauma são tratáveis, e as pessoas podem resolve-los para poder cuidar de sua vida.

O CAMINHO DO CRESCIMENTO

A passagem do tempo é um instrumento de crescimento que Deus usa com o seu povo. Com o tempo, o crescimento segue uma ordem definida que mostra que a progressão espiritual está acontecendo. Não acreditamos que se trate de um processo desestruturado, obscuro e incompreensível. Deus quer que colaboremos com esse processo (Fp 2.12,13). Vejamos os aspectos essenciais desse caminho para que os condutores do crescimento saibam o que esperar.

1. NECESSIDADE OU UM MAU FRUTO. O processo do crescimento espiritual, em geral, começa com a reconhecida necessidade em relação a Deus ou ao crescimento, ou com um conflito, ou problema que precisa da ajuda dele (Mt 7.18). Como vimos no capítulo 14, as duas coisas são formas legítimas de iniciar o processo. Elas costumam iniciar o processo porque indicam que *não possuímos tudo que precisamos.* Portanto, as pessoas que você ajuda terão um desses indicadores ou os dois. Por exemplo, algumas dirão: "Minha vida é boa, mas quero ter certeza de que estou no caminho certo". E outras dirão: "Tenho um problema que não posso resolver sozinha". Todas elas estão no processo de crescimento.

Vejamos uma lista parcial de conflitos que são "frutos", o tipo de conflito que as pessoas podem apresentar em um ambiente de crescimento e que, na verdade, é fruto de um problema espiritual mais sério:

- conflitos no casamento ou no namoro;
- depressão;
- dúvida;
- vícios;
- problemas familiares;
- ansiedade;

- fracassos no trabalho;
- sentimentos perturbadores;
- mágoas do passado.

Lembre-se, porém, de que os sintomas não são o problema, mas sinal de um problema mais profundo da alma.

2. ESPAÇO RELACIONAL PARA O CRESCIMENTO. O crescimento espiritual não acontece sozinho, mas com relacionamentos íntimos e abertos com Deus e com pessoas saudáveis (Ec 4.9-12}. Para uma pessoa se abrir, confessar e receber tudo o que precisa para poder seguir os caminhos de Deus, ela precisa de alguém que a ajude em tudo isso. Se você for um condutor do crescimento, certifique-se de que o seu grupo saiba valorizar as relações. Se as pessoas não se sentirem ligadas umas às outras, você não conseguirá fazer nada de significativo.

3. IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS. As falhas e imaturidades de caráter são questões centrais que reforçam o fruto ou os sintomas. Vejamos os principais problemas que você deve ajudar as pessoas a identificar:

- falta de união e confiança;
- dificuldade em ser independente e impor limites;
- tendência de controlar os outros;
- incapacidade de lidar com a própria maldade;
- dificuldade em aceitar os erros dos outros;
- dificuldade em atuar no mundo como adulto.

Para conhecer uma abordagem mais ampla sobre esses problemas, leia *Changes that heal [Mudanças que curam].*

Como você pode ver, as pessoas têm problemas diferentes e precisamos tratá-los individualmente (1Ts 5.14).

Um grupo que trata todo mundo como se tivesse o mesmo tipo de problema, seja de auto-imagem, posição em Cristo, co-dependência, não e eficaz. E importante entender também que problemas diferentes podem causar o mesmo sintoma. Por exemplo, a depressão pode ser fruto de um dos fatores dessa lista citada. Então, sempre procure o problema por trás do que acontece externamente na vida.

4. RESPONSABILIDADE. A partir do momento em que reconhece seus próprios problemas, a pessoa precisa assumir a responsabilidade por eles. Compreender o passado e importante para identificar as partes que lhe cabem (negação, socorro, medo da perda), as partes que cabem aos outros (controle, privação do amor, falta de aceitação) e as que são produto da vida num mundo caído (morte de um ente querido, uma doença crônica). Sejam quais forem as porcentagens de culpa de cada um, para ser responsável, a pessoa precisa reconhecer que sua vida é problema seu e que o crescimento é a solução. Esse processo acontece quando ela entende o que sente em relação à natureza e à causa do seu problema. Seja paciente com ela nessa fase.

DICAS PARA O CRESCIMENTO:

- Mude a mentalidade de conseguir resultados instantâneos e aprenda o processo bíblico do crescimento que produz frutos com o tempo. Entenda por que o crescimento leva tempo e qual o propósito do tempo nesse processo.
- Confesse e arrependa-se da tendência de se basear no desempenho, no perfeccionismo ou na grandeza para ter controle do tempo necessário para o seu crescimento.
- Entenda o papel do tempo de transformar um “entendimento” intelectual em um “entendimento” do

coração.

- Use o ingrediente do tempo para se dispor a passar pelas mesmas experiências de crescimento repetidamente até conseguir interiorizá-las.

DICAS PARA OS CONDUTORES:

- Ajude as pessoas a não assumir a mentalidade de que "o tempo cura tudo". Sem envolvimento nas tarefas do crescimento, o tempo será apenas um contador da estagnação espiritual.
- Ajude-as a usar o tempo do seu crescimento de maneira responsável. Explique que elas podem acelerar ou retardar o processo dependendo do seu envolvimento no crescimento, mas que ainda assim levará tempo.
- Apresente um panorama que explique por que o crescimento levará um determinado tempo conforme a gravidade e a origem do problema, a disponibilidade de recursos e a fome espiritual.
- Apresente uma perspectiva bíblica sobre o passado. Elas precisam entender o papel que exerce em suas vidas para serem capazes de aprender, pedir perdão e perdoar, mas também precisam aceitar, lamentar e cuidar do dia de hoje.

5. REDEFININDO AS TAREFAS. NO caso, as pessoas começam a usar o amor, o apoio e a estrutura dos outros para desenvolver o que elas não possuem dentro de si. Por exemplo, uma pessoa fechada aprende a experimentar a necessidade de amor em seu grupo, e uma pessoa dependente aprende a defender o que é correto. E como fazer fisioterapia para tratar de um músculo lesionado.

Exercitando, expondo e praticando as partes lesionadas no contexto de relacionamentos saudáveis, as pessoas crescem.

6. PERDÃO E PESAR. Chega um momento em que, depois de assumir seus problemas, as pessoas precisam cancelar dívidas, lamentar o passado e as perdas que não podem mudar e receber o perdão pelo que contribuíram. Isso é sinal de que elas estão chegando perto de resolver seu problema, pois o pesar significa que agora elas assimilaram bastante amor para conseguir abandonar alguém ou alguma coisa que perderam.

7. BONS FRUTOS. Conforme as pessoas crescem por dentro, o que está fora também cresce. Os relacionamentos, as experiências sentimentais e a ligação com Deus, tudo fica melhor. Não é sinal de que o crescimento terminou, mas de que as coisas estão andando na direção certa.

8. APROFUNDAMENTO. O crescimento na terra nunca termina. As pessoas encontram novas áreas de crescimento quando Deus as ajuda a sondar seu coração (Sl 139.23,24). Em geral, o processo começa com uma crise externa, como um conflito conjugal ou emocional. Passadas as crises, algumas pessoas podem achar que o crescimento acabou. Mas as sábias saberão que a verdadeira obra apenas começou, olharão firmemente sua face no espelho (Tg 1.23-25), sondarão ainda mais a sua alma e a iluminarão cada vez mais com a graça vivificante de Deus.

FIM